

DUETO
INDECENTE



RICOS INDECENTES

LIVRO 1

Autora best-seller do New York Times
LAURELIN PAIGE



Autora best-seller do New York Times
LAURELIN PAIGE

RICOS INDECENTES

LIVRO 1

Tradução:

Alline Salles

1ª edição – 2019

Rio de Janeiro

ALLBOOK
EDITORA

Copyright © 2017. Dirty Filthy Rich Men by Laurelin Paige.
Copyright © 2019. AllBook Editora.

Diretora Editorial: Beatriz Soares.
Tradução: Aline Salles.
Preparação e Revisão: Clara
Taveira e Raphael Pelosi Pellegrini.

Designer de capa original: Laurelin Paige
e Jenn Watson.
Designer de capa Brasil: Flavio Francisco.
Projeto gráfico de miolo: April Kroes.

Esta obra foi publicada perante acordo com a Bookcase Literary Agency
e RF Literary Agency.

Todos os direitos reservados pela AllBook Editora para publicação no
Brasil. A reprodução, transmissão ou distribuição não autorizada de qualquer
parte deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal. Nenhuma parte
desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou
processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia,
gravação, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e
incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com
pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera
coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Produzido no Brasil.
contato@allbookeditora.com

SUMÁRIO

SUMÁRIO

PARTE 1: GAROTOS

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Epílogo

PARTE 2: HOMENS

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Nota Importante](#)

PARTE 1

GAROTOS



CAPÍTULO 1

Ninguém no mundo sabia beijar como Weston King.

Quando seu rosto se aproximou do meu, minha respiração ficou presa no fundo da garganta. Quando sua boca encontrou a minha, saiu faísca. Quando sua língua deslizou entre meus lábios, encontrei o paraíso. Meus dedos do pé literalmente se flexionaram, exatamente como essa expressão banal sugere. O coração martelou contra a caixa torácica. Senti um frio na barriga. Cada célula, cada fibra de meu ser sentia a invasão dele. Seu beijo transformou um corpo de carne, sangue e osso em algo muito maior. Algo carregado. Algum combustível. Algo inflamável.

Pelo menos era assim que eu imaginava o jeito como seus beijos eram.

Minha única prova era baseada em observação e, disso, eu tinha bastante.

A garota com quem ele escolhera sair naquela noite definitivamente parecia prestes a se arder em chamas, pelo jeito que ela se esfregava e se contorcia contra ele. Nichette? Era esse o nome dela? Ou Nikita? Foi difícil ouvi-la acima do ruído da festa quando se apresentou a ele há uma hora, e ele só tinha falado o nome dela uma ou duas vezes desde então. Era meio incomum, e um pouco pretensioso, e se misturava a todos os outros nomes pretensiosos e incomuns de suas ficantes anteriores.

Um cara que eu reconhecia de minhas aulas de economia passou cambaleando, rindo com os amigos, e me pressionei mais à parede, segurando com mais firmeza o copo, para não derramar a bebida. Embora não me importasse tanto com qualquer que fosse a cerveja artesanal servida naquela semana, era uma das minhas coisas preferidas das festas na Fortaleza. A principal atração sempre eram as cervejas e licores artesanais. A maioria dos outros alunos ricos de Harvard gostavam de chamar o público para suas festinhas com prescrição de receitas e remédios tão experimentais, que ainda nem haviam tido tempo de ser aprovados para comercialização.

Os garotos da Fortaleza mantinham tudo simples e — com exceção de uma boa quantidade de menores bebendo — legal. “Para aqueles que podem não querer manchar seu passado”, eu tinha ouvido Brett Larrabee, o

autodesignado administrador da casa, declarar mais de uma vez, geralmente quando estava tentando convencer alguém a chupá-lo com seu “um dia serei senador” de sempre. Tinha que lhe dar crédito — normalmente funcionava.

Minha outra coisa preferida das festas na Fortaleza era Weston King. Era, na verdade, o único motivo para eu ir a algum desses arrasta-pés. Era absolutamente intrigada em relação a ele por nenhum bom motivo além de ele ser gostoso, encantador e rico. Ele era meu vício. Minha obsessão. Meu *crush*.

Amava meus hormônios.

Tinha visto Weston no primeiro dia de Introdução à Ética na Administração. Tinha me sentado na frente (porque era esse tipo de garota), e ele havia chegado atrasado (porque ele era esse tipo de cara), dando um sorrisinho para algo em seu celular. O sorriso permaneceu em seu rosto enquanto guardava o celular no bolso de trás, o brilho ainda em seus olhos azuis. Olhos azuis-claros. A aula era em um auditório, então demorou muitos segundos para ele atravessar a sala, e não consegui parar de encarar. Observei-o pelo caminho inteiro. Observei-o passar a mão pelo cabelo loiro-escuro que caiu na testa. Observei-o dar uma piscadinha para o assistente do professor, que o estava olhando desafiadoramente por estar atrasado. Esse cara era confiante. Presunçoso. Exatamente como todos os riquinhos que entravam em Harvard por causa das doações monetárias significativas e de um sobrenome. Ele era o garoto que eu queria odiar, e eu tinha chegado em Cambridge com minha bolsa e as economias da vida inteira de meu pai, que planejou que eu fizesse exatamente isso.

Mas, então, seu olhar se cruzou com o meu, e acho que ele não me viu na verdade, porém *eu* o vi, e o que vi foi fascinante. Era calmo, e um encanto, e um privilégio e me fez arrepiar. Me fez *respirar*. Me fez corar com pensamentos safados demais para uma aula de Ética. Definitivamente, me fez esquecer todo objetivo que eu tinha de detestar aquele garoto.

Em vez disso, queria saber mais.

Não era difícil descobrir sobre ele. Seu pai era Nash King, coproprietário de King-Kincaid Financial, uma das maiores corretoras de investimento do mundo e, sem nem ter que perguntar, as pessoas falavam dele. Logo, descobri que ele era calouro, como eu, e que morava com um

monte de caras em uma casa de quatro andares a dez minutos do *campus*, que tinha sido passada por algumas famílias ricas por tanto tempo, que ninguém se lembrava por que eles a chamavam de Fortaleza. A casa era famosa pelas festas que eles davam todo fim de semana. E, embora agora fosse fim de outubro e Weston nunca tivesse falado comigo ou me olhado diretamente e nem indicado que sabia que eu existia, eu tinha comparecido a todas.

Toda vez, eu passava a noite em um canto, observando-o dar em cima de alguma menina. Sempre em um canto diferente. Sempre uma menina diferente. Havia tentado identificar se ele tinha um tipo, mas não encontrei um padrão. Essa era ruiva. Na semana anterior, foi uma loira. Na outra semana, a garota tinha o cabelo de um tom de castanho quase igual ao meu, mas era cheia de curvas. Essa ruiva era tão magra quanto eu, porém tinha, obviamente, comprado um par de peitos. Outra vez, ele tinha ficado com uma menina ainda mais reta do que eu. Não tinha padrão. Não tinha tipo. Isso me levou a acreditar que tudo que eu precisava fazer era reunir coragem para falar com ele e, então, talvez...

Mas e aí?

Eu não era iludida. Sabia que não tinha nada de especial a oferecer. Não havia armadilha que seria acionada no instante em que o pau de Weston estivesse dentro de mim. Ele transaria comigo e acabaria. E, então, minha obsessão por ele seria ainda mais patética porque eu não seria apenas uma garota com um *crush* — seria uma doida que não conseguia seguir em frente.

Mesmo assim, eu sonhava que seria diferente. Que, naquele dia, ele me notaria e haveria aquele brilho, que seria o tipo eterno de brilho, e quando descobrisse que eu estive me guardando para alguém exatamente como ele, se esforçaria para me merecer e o faria. E seria doce e romântico, e viveríamos felizes para sempre.

Para uma estudante de Administração, eu sempre tive uma imaginação fértil. Sabia bem disso.

— Ei, sexy! — Um dos caras que moravam na casa, eu realmente não fazia ideia de quantos eram, puxou uma garota com uma blusa que chegava até a coxa e leggings estampada para um abraço, bloqueando minha visão. — Faz tempo que não te vejo. Quer entrar na próxima rodada?

Dei a volta na mesa da piscina que os meninos tinham no lugar de uma

mesa de jantar, estreitando os olhos pelas pessoas até ver Weston e sua presa da noite. Quando os vi de novo, foi bem na hora. Estavam perto das escadas e ele estava se inclinando a fim de sussurrar algo no ouvido da ruiva. Ela reagiu com uma risadinha e assentiu.

Era isso. A Saída. O instante em que os dois saíam de fininho para levar as coisas ao próximo nível. A parte que eu passava a semana inteira imaginando nos mínimos detalhes — só que, na minha imaginação, *eu* era a garota e, normalmente, seguia sonhando acordada com a mão dentro da calcinha.

Sério, talvez eu só precisasse transar.

Dei outro gole da minha cerveja artesanal não-muito-boas e me encolhi. Geralmente, quando Weston saía com sua ficante da noite, eu terminava minha bebida e ia para casa. Ele subiria para seu quarto agora. Pelo menos, eu achava que aquele era seu quarto. O andar superior era fora do limite, a porta das escadas ficava trancada e, mesmo se não ficasse, eu nunca invadiria o espaço privado deles.

Mas, daquela vez, quando Weston e sua ficante subiram, ele não fechou bem a porta. Do outro lado, meus olhos se concentraram no trinco aberto, e algo me possuiu. Algo inexplicável. Porque, em um minuto, eu estava em pé apoiada na parede como sempre e, no outro, estava me movimentando na sombra e subindo a escadaria escura até o último andar da Fortaleza.

A escadaria estava em silêncio e vazia e, quando cheguei ao topo, parei. As luzes estavam apagadas em todo o último andar, e meus olhos demoraram um pouco para focar. Parecia ter um banheiro à minha frente. À direita havia um corredor, à minha esquerda havia um quarto com uma porta entreaberta. Ouvi risadinhas vindo do quarto, e andei na ponta dos pés naquela direção, me xingando a cada passo. Que porra eu estava fazendo? Estava planejando espiar enquanto Weston fodia outra garota? Ou queria que ele me visse, de repente, na porta e me convidasse para entrar? Queria que me convidasse para me *juntar*?

É, isso era zoadas.

Quase dei meia-volta.

Deveria ter dado meia-volta.

Mas, então, Nicorette inspirou alto e eu tinha que saber o que era. Tinha que ver.

Eu me aproximei mais, olhando para dentro do quarto, e quase pulei quando vi o casal diretamente diante de mim em um frenesi de lábios travados. Então percebi que, na verdade, estava olhando um reflexo em um espelho na parede. Eles estavam do outro lado da cama e a lua estava brilhando pela janela, iluminando a cena.

E, nossa, era excitante.

A ruiva já estava sem blusinha e sem sutiã, e Weston estava sobre ela, sugando um seio, beijando seu mamilo pontudo enquanto apertava o outro seio.

Nikita jogou a cabeça para trás e gemeu. Inconscientemente, massageei meu próprio seio por cima da blusa, e quase arfei quando vi que meu mamilo estava sensível e ereto. Tive que morder o lábio para não fazer barulho. Precisei cruzar as pernas a fim de amenizar a palpitação entre elas.

Observei Weston tirar a camisa, o ângulo me dando uma visão de suas costas lindas e musculosas. Ele era da equipe de remo. Claro. Muito certinho. Muito garoto rico. Mas aqueles músculos... *Deus abençoe a equipe de remo.*

E agora ele estava desabotoando a calça jeans. E ela estava tirando o pau dele da calça. Podia sentir meus olhos se arregalando, tentando olhar melhor. Ousei me inclinar mais um pouquinho. Ainda assim, tudo que eu conseguia ver era uma sombra escura na mão pequena da ruiva conforme ela o massageava.

— Isso, Nicky, assim mesmo. — O tom baixo da voz de Weston fez meus joelhos vacilarem. Conseguia ouvi-lo apenas acima da batida da música vinda de lá de baixo.

— É Nichelle — ela corrigiu. Certo! Era isso.

— É, Nichelle. — Ele colocou a cabeça dela para trás para poder devorar sua boca. Ele a beijou por alguns minutos, vorazmente, depois se afastou e seguiu para o reflexo... na *minha* direção.

Eu me encolhi no canto onde a dobradiça encontrava o batente, certa de que estava prestes a ser descoberta. Mas tudo que Weston fez foi fechar a

porta.

Apoiei as costas na porta fechada e expirei demoradamente.

Afinal, que porra era aquela?

Eu poderia ter sido pega. Poderia ter sido expulsa da Fortaleza para sempre. Poderia ter perdido qualquer respeito que Weston poderia ter tido um dia antes mesmo de ganhá-lo.

E por que eu estava tão a fim desse cara, de qualquer forma? Eu nem o *conhecia*! Precisava endireitar minha cabeça. Precisava me lembrar por que meu pai se esforçou todos aqueles anos na loja de móveis e por que o dinheiro do seguro de vida de minha mãe foi economizado e guardado. Foi para eu poder entrar na faculdade dos meus sonhos. Não para passar todo meu tempo sonhando acordada com um playboy de rostinho bonito.

Mas ele tinha um rosto bem bonito.

Deus, eu estava encrencada.

— Ele nunca vai querer você — uma voz veio do escuro diante de mim.
— Não enquanto for virgem.

Semicerrei os olhos e, quando olhei mais atentamente, vi que havia outro quarto no fim do corredor com a porta totalmente aberta e, embora não conseguisse muito bem identificar a pessoa, conseguia ver que havia alguém sentado em uma poltrona, fumando um cigarro. Ou um charuto, talvez.

Dei um passo à frente. Com certeza, ele não estava falando comigo, mas não parecia ter mais ninguém ali.

— O que disse?

— Weston nunca fica com virgens. É uma das regras dele.

O calor subiu por meu pescoço e se apossou de minha face.

— Ahn...

— Você se ofendeu.

— Sim. Me ofendi. — E fiquei constrangida. Há quanto tempo esse cara estava me observando? Era bem seguro presumir que ele tinha me visto xeretar Weston. E isso era... humilhante. Ainda bem que estava escuro

demais para ele ver meu rosto.

— Pode explicar?

Dei outro passo à frente. Depois muitos mais. Passos que eu deveria ter dado para descer as escadas enquanto ainda era uma anônima no escuro.

Mas havia algo em ser observada em segredo por outra pessoa que me fazia sentir uma afinidade que nunca tinha sentido. Todo aquele tempo em que observei Weston, era como se eu estivesse guardando um segredo. E a primeira pessoa a descobrir o tinha feito ao *me* observar secretamente.

Ou talvez fosse apenas uma desculpa e eu só estivesse solitária. Ou bêbada. Ou idiota.

— Então. — Parei na porta do quarto dele. — Primeiro de tudo, não pode saber do que seu amigo gosta ou não. E, segundo, minha virgindade não é algo que possa simplesmente supor.

Ele soprou seu charuto — no fim, não era cigarro — e a fumaça preencheu o quarto com um cheiro doce amadeirado que me lembrava de lareiras e antigas bibliotecas.

— Tenho que discordar. De ambos.

Bufei audivelmente. Afinal, o que mais eu poderia dizer para algo tão presunçoso quanto isso?

Na verdade, bastante coisa.

Coloquei os ombros para trás, pronta para falar, quando ele o fez primeiro.

— Olha. Conheço Weston desde que ele usava fraldas. Conheço-o melhor do que a própria mãe, melhor do que aquela garota que está chupando o pau dele no momento e, com certeza, o conheço melhor do que você.

Percebi que ele *realmente* conhecia Weston. Eu também conhecia esse cara. Ele era assistente do professor de minha aula de Ética. Não o tinha reconhecido de primeira, mas agora o reconhecia. Era Donovan Kincaid, filho do sócio do pai de Weston. Não sabia que ele morava ali. Nunca o tinha visto em nenhuma das festas da Fortaleza.

Minhas mãos começaram a suar, e meu pulso acelerou.

Donovan era muitos anos mais velho do que a gente e estava, atualmente, fazendo MBA. Era uma lenda no *campus* por ser brilhante e implacável. Era o tipo de homem que governaria o mundo. Alto, atraente, firme, poderoso e forte. Perceptivo. Ele me intimidava, em geral.

Naquele momento? Ele me dava muito medo.

— Quanto à sua virgindade — ele continuou —, você a anuncia como se usasse um distintivo.

— Não é verdade. — Meio que fazia isso, sim. Naquele instante, estava em uma festa de faculdade usando moletom e jeans. Meu cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo solto. Meus coturnos eram Doc Martens, que a amiga que morava comigo disse que tinham saído de moda há uma década. Não era que eu *tentasse* me vestir toda largada. Eu simplesmente gostava de estar confortável. E, sendo a irmã mais velha sem mãe por perto, nunca tive alguém para me ensinar a agir como uma menina.

— Não tem motivo para se sentir ofendida — Donovan disse, dando um gole em sua bebida. Achava que era uísque. Algo me dizia que não era seu primeiro drinque da noite. — Não estou criticando. Na verdade, estou oferecendo ajuda.

Demorei um segundo para entender exatamente o que ele queria.

— Oh, por favor.

— Não estou brincando. Vamos falar sobre os prós e contras?

Inclinei a cabeça para o lado e o analisei, como se conseguisse estudá-lo no escuro. Ele estava realmente propondo dormir comigo? Obviamente, ele não fazia ideia de quem eu era.

— Eu, ahn, acho que não. — Puxei a ponta do meu rabo de cavalo, uma mania de quando estou nervosa. — Tenho certeza de que é porque não tem luz aqui ou porque tem muita gente na sala, mas estou na sua aula de Ética na Administração. Sou sua aluna.

Ele se esticou para o lado e puxou uma corrente, acendendo um abajur ao seu lado. Pisquei várias vezes no quarto recém-iluminado. Ele usava uma blusa simples e preta e jeans. Estava descalço. Seu cabelo bagunçado ficava mais vermelho na meia-luz, seus olhos verdes tinham mais tons de castanho.

Faziam ele parecer mais cruel do que o normal. Mais intenso. Sua mandíbula acentuava esse efeito. Estava delineada com a barba por fazer, como se não se barbeasse desde a aula da manhã anterior e, apesar de nunca ter tido essa vontade, me vi querendo passar a mão em sua barba. Queria saber exatamente qual era a sensação de a sentir na minha pele. Era macia? Arranhava? Quem foi a última mulher que passou a mão em seu maxilar? Ele a amou?

— Sei quem você é, Sabrina Lind. — A declaração de Donovan me chocou, me trazendo para o aqui e agora. — Média de noventa e sete ponto três. Você é bolsista, então isso importa. Nunca faltou um dia na aula. Sempre se senta na frente do lado direito. Chad Lee cola de você, mas você não sabe disso. Suas redações são detalhadas, mas criativas, e respeito isso. Gostei de sua resposta à demissão de Peter Oiler na Winn-Dixie Stores, mas sua perspectiva quanto à decisão de Ford em não modificar as primeiras versões de Pinto foi simplista.

Fiquei boquiaberta. Era coisa demais para reagir. Escolhi a mais fácil para responder primeiro.

— A decisão de Ford matou pessoas.

— Trouxe dinheiro à empresa. É chamado de utilitarismo. — Mesmo que ele fosse cruel, sua voz era suave, como o uísque chique que eu imaginava tocando sua língua.

Pensei, rapidamente, em como seria prová-lo em minha língua.

Tão rápido quanto, me obriguei a esquecer isso.

— E eu pensava que a aula se chamava *Ética* na Administração. — O caso a que ele se referia me incomodava bastante. Em 1970, Ford descobrira um erro enorme com o Pinto, que provavelmente causaria centenas de mortes e ferimentos. Em vez de consertá-lo de algum jeito, a análise do custo-benefício deles determinou que seria mais barato fazer acordos com os supostos processos. Então não fizeram modificações.

— Acho que ensinei que ética precisa ser pessoalmente definida. — Donovan se recostou e cruzou o tornozelo sobre o joelho. Buscou meu rosto antes de soltar outra nuvem de fumaça de seu charuto. — A proposta está de pé.

— Que proposta? — Pisquei uma vez, depois percebi a qual proposta ele se referia. — Perdeu a parte em que você é meu professor? — E por que eu ainda estava ali conversando com ele? Já deveria ter saído dali. Mas estava grudada no lugar, tão fascinada com a discussão quanto eu estivera por Weston King.

— Não sou realmente seu professor. Sou assistente do professor. — Isso era tecnicamente verdade. O sr. Velasquez dava aula oficialmente às segundas, quartas e sextas. Mas só dava metade da aula e, mesmo quando o fazia, Donovan ainda ficava sentado à sua mesa no canto e corrigia trabalhos ou lia ou fazia o que quer que fosse enquanto o resto de nós assistia à aula.

Aparentemente, uma das coisas que fazia era nos observar.

Ou só observava a mim?

Uma onda de arrepios percorreu minha pele ao pensar nisso. Eu me abracei e esfreguei as mãos nos braços, para cima e para baixo.

O lábio de Donovan se curvou para cima, como se ele soubesse exatamente a reação que estava causando em mim.

— Não é oficialmente contra a política da faculdade confraternizarmos com alunas.

Estremeci.

— Por minha definição pessoal, seria antiético.

— E por quê? — A voz dele não era mais suave, era quente. Persuasiva, mesmo com o toque de aspereza.

— Você corrige meus trabalhos.

— E? — Ele me encarou diretamente. Intensamente.

E aquela conversa era ridícula. Eu não estava pensando em fazer isso. Estava?

Olhei para cima, só para desviar meu olhar do dele por um minuto, e meu olhar pairou em um porta-retrato em cima de sua lareira. Era uma foto de Donovan com uma mulher, ambos rindo como se estivessem em uma conversa franca. Não poderia ter sido tirada há muito tempo — Donovan parecia ter quase a mesma idade de agora, mas seu cabelo estava curto e

recém-cortado. E eu nunca tinha visto a mulher. Talvez ela fosse alguém que o esperava voltar para casa. Ou alguém com quem ele tivesse terminado. Ou alguém que ele estava traindo ao flertar comigo.

Olhei de volta para ele e percebi que tinha me visto olhar para a foto.

— Se eu me engraçar com você, meus pontos podem ser afetados — eu disse, respondendo à sua última pergunta.

— Se você *não* se engraçar comigo, seus pontos podem ser afetados. — Seu tom pareceu duro agora. Frio.

Sorri, rígida, e troquei o peso de um pé para outro, tentando decidir se ele estava brincando.

Sua expressão dizia que não estava.

Engoli em seco.

— Você é um cretino.

— Será? Foi você que veio aqui tentando tirar algo de mim.

— Como assim? — A conversa tinha saído totalmente do meu controle e, para onde quer que fosse, eu tinha certeza de que não queria continuar.

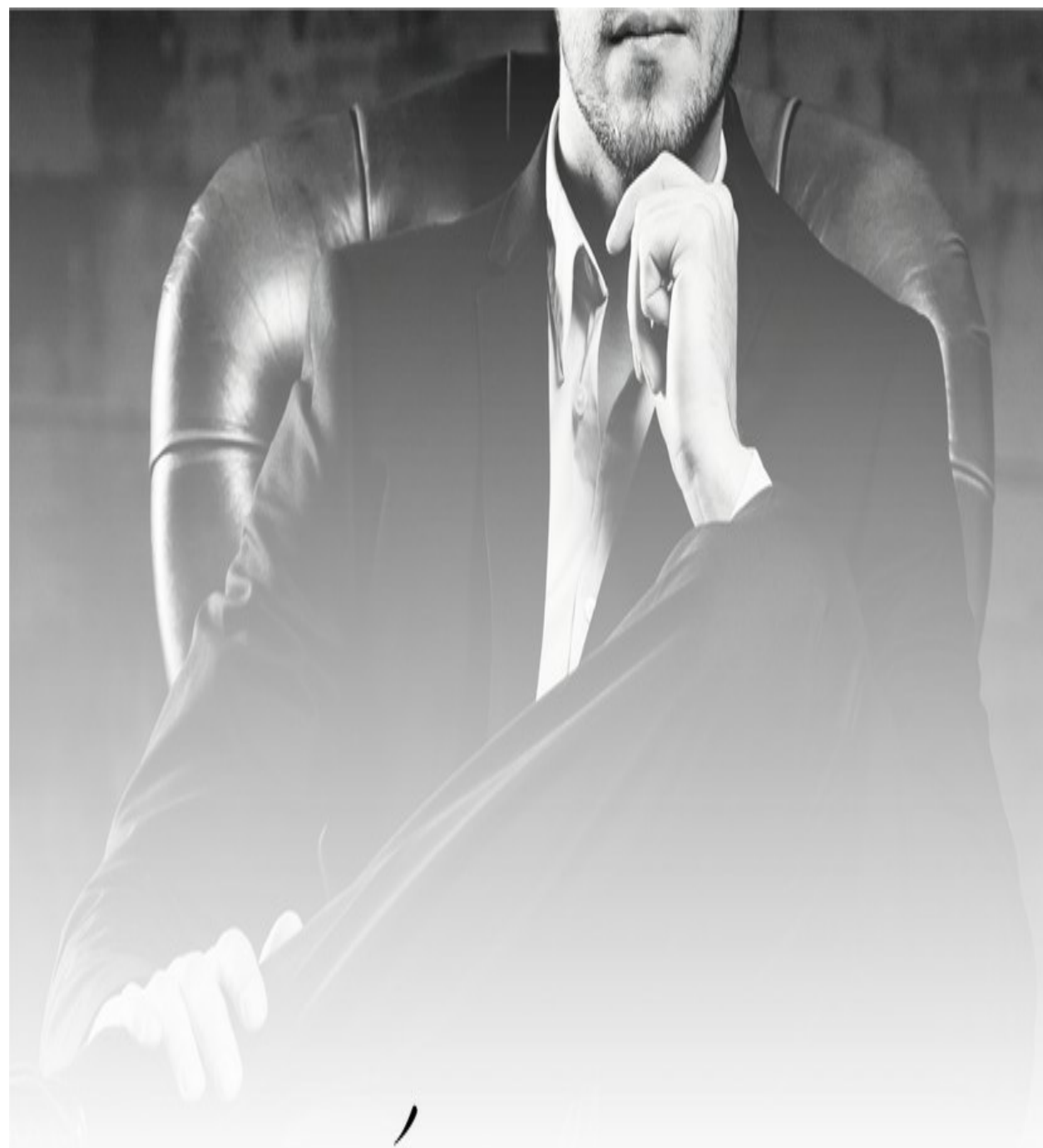
— Está sozinha comigo em meu quarto. O que mais devo pensar que está procurando?

Um arrepio me percorreu. Os cabelos em minha nuca se arrepiaram. O sangue foi drenado de meu rosto.

Donovan colocou a bebida na mesinha de canto e se inclinou para a frente para apoiar os antebraços nas coxas.

— Saia daqui, Sabrina. Este andar está fora de questão durante nossas festas. Da próxima vez que vier a uma, talvez pense sobre a ética em obedecer às regras da casa.

Eu me virei e desci correndo sem hesitar nem um segundo.



CAPÍTULO 2

Peguei meu casaco no quarto do andar principal, onde todo mundo empilhava os casacos, e corri para fora, abotoando o cinto enquanto descia cambaleando os degraus da frente da Fortaleza. Peguei meu celular do bolso e olhei a hora. Era tarde demais para arriscar voltar a pé para meu apartamento sozinha. Não era longe, mas ali era território do *campus*, e eu preferia ficar segura a arrependida. Usei o aplicativo para arranjar uma carona, guardei o celular e esfreguei as mãos a fim de me aquecer.

Era uma noite fria. O outono se instalou bem na hora em Massachusetts. Mas nunca que eu iria voltar lá para dentro. Preferia congelar.

O que era burrice. Só estava me punindo quando realmente queria punir Donovan. Que porra foi aquilo?

Repassei toda nossa conversa enquanto andava de um lado a outro na calçada, tentando descobrir exatamente o que acontecera entre nós. Tudo tinha sido estranho e além do limite de forma inapropriada, mas *tinha* alguma coisa rolando. Não tinha? Algo que eu não conseguia identificar direito. Nunca deveria ter me envolvido, não teria me envolvido em centenas de outras situações similares e, ainda assim, seria atraída por ele. Ele tinha me atraído *para* ele. Essa era a questão sobre Donovan Kincaid, o motivo pelo qual ele era famoso — era conhecido por ser um mestre da persuasão. Era um homem que puxava as cordinhas, e tinha me levado até ele.

Mas por que ele ficou tão frio no final?

Obviamente, era esse o jogo dele o tempo todo. Estava mexendo comigo. Ele me viu lá, onde não deveria estar, e me fez pagar por isso. Eu merecia. Não significava que gostava. E definitivamente não significava que gostava de Donovan.

Olhei para cima, para a janela dele, e estremeci. Será que ele estava ali em pé agora? Me observando através do vidro?

Eu quase conseguia ver a luz de seu charuto no escuro. Quase conseguia sentir seus olhos rastejando por minha pele. Imaginando-o que me fazia sentir mais quente e mais fria ao mesmo tempo. Como se estivesse menos sozinha e

mais sozinha do que nunca.

Então a porta da frente se abriu, chamando minha atenção para aquela direção. Theo, um cara que eu tinha visto poucas vezes, atravessou a varanda e inspirou o ar.

— Caralho! Está frio de congelar as bolas.

Ginger Baldwin o seguiu para fora com um cara com quem eu achava que ela iria para casa, com base na forma que eles estavam se abraçando.

— Está esfriando suas bolas? — ela perguntou, rindo. — Isso é normal?

— *Minhas* bolas não estão frias — seu ficante da noite se intrometeu, como se a ideia fosse fazê-la brochar. — Você tem problema com sua anatomia.

— Ha, ha. — Theo se endireitou. — Minha anatomia está ótima. Vamos colocar para fora e comparar?

— Você sempre querendo que eu coloque para fora. Tem certeza de que não está tentando me contar alguma coisa?

Theo bufou, bravo.

— Quer saber? Vá se foder.

Abaixei a cabeça e me escondi nas sombras na lateral da escada. Socializar casualmente não era meu forte quando todos os participantes estavam sóbrios, imagine quando alguns estavam tão bêbados quanto eles obviamente estavam. Não estava no clima de falar com ninguém no momento, de qualquer forma.

Infelizmente, o movimento deve ter chamado a atenção de Theo.

— Quem está ali?

Peguei meu celular e fingi estar enviando uma mensagem para alguém, fingi não estar ouvindo, mas pude sentir os olhos deles em mim.

— Eu a conheço. Ela está em minha sala de Estatística — Ginger disse baixinho. Depois, mais alto, enquanto descia as escadas. — Ei, Bree. Você está bem?

— Estou. — Guardei meu celular. — Só esperando minha carona. —

Como uma perdedora. Sem ninguém para me acompanhar até em casa como as garotas legais. Tinha conseguido arrastar minha colega de quarto para uma das primeiras festas, mas não era o estilo dela. Além disso, Sheri e eu não éramos tão próximas, por nenhum outro motivo além de nossos horários não baterem e de ela ter um namorado que ocupava seu tempo.

Ginger sorriu um pouco amplamente demais, e eu podia imaginar o que ela estava pensando, *Graças a Deus, não queria realmente conversar com você, então fico feliz que não precise*, enquanto disse, gentilmente:

— Legal. Que bom que usou o *app*. — Ela seguiu seu ficante para o carro dele, estacionado em frente à casa.

Seu acompanhante, como um cavalheiro, abriu a porta para ela, depois chamou o amigo ainda parado no último degrau.

— Theo, você vem?

Theo passou ambas as mãos no cabelo e deu de ombros.

— Não, vou andando. — Mas, em vez de descer para a calçada, ele veio até mim. — Primeiro, vou ficar com Sabrina enquanto ela espera. Tudo bem para você, certo, Bree?

Eu não o conhecia, exceto por tê-lo visto em festas anteriores. A proposta foi esquisita e fora de contexto.

— Não é necessário.

— Boa ideia — o encontro de Ginger disse, em pé, com a porta aberta do lado do motorista. — Não deveria estar aqui sozinha. Nunca é demais ser muito cuidadoso.

Eu não estava sozinha. Havia uma casa cheia de gente atrás de mim e uma carona a caminho. Mas, se Theo se sentia como um bom samaritano esperando comigo e se era um jeito fácil de Ginger e seu ficante se livrarem da vela, que seja.

— Certo. Verdade. Obrigada.

O carro mal tinha saído quando percebi que não era em conversa que Theo estava interessado.

— Sabrina — ele disse, se aproximando mais de mim. Mais do que eu

gostaria. — Você é muito mais bonita do que deixa transparecer. Tenho certeza de que te falam isso o tempo todo, não é?

— Não. Não falam. Mas obrigada. — Puxei a ponta do meu rabo de cavalo e virei a cabeça a fim de olhar para a calçada. O problema com o serviço de carona era que tinha pouca gente trabalhando. Principalmente nas noites de sábado. Não tinha como saber o quanto demoraria para chegarem. Talvez eu devesse ter esperado do lado de dentro, afinal. Não era tarde demais para mudar de ideia.

— Por que esconde toda essa beleza? — Theo esticou a mão e puxou o cinto do meu casaco, abrindo-o.

— O quê? — Virei a cabeça rapidamente na direção dele e puxei meu casaco de volta, mas ele não largava.

— Aposto que também tem um corpo lindo.

— Theo, obrigada, mas estou desconfortável com o que está dizendo. E com o que está fazendo. — Ele estava bêbado. Era isso. Estava só brincando.

Só que não estava só brincando. Ele se aproximou mais.

— Não dou a mínima se está confortável com o que estou dizendo, Sabrina. — Sua respiração cheirava um pouco a cerveja, mas suas palavras não estavam arrastadas. Ele estava com total controle de si mesmo. Sabia o que estava fazendo.

Tentei dar a volta nele, mas ele colocou uma mão na parede atrás de mim. Eu não tinha mais para onde ir. Tinha cometido um erro ao me esconder nas sombras mais cedo porque agora estava no canto onde as escadas se encontravam com a casa, e Theo estava bloqueando minha passagem.

— Theo. Por favor. — Engoli o nó no fundo de minha garganta.

Ele fungou, era a segunda vez que o ouvia fazer isso, ou era o frio ou estava bufando, eu não tinha certeza.

— Por favor o quê? — ele disse como se realmente não fizesse ideia do que eu estava pedindo.

— Me deixe ir.

Ele fingiu pensar, depois balançou a cabeça como se sentisse muito por não poder atender meu pedido.

— Olha. — Ele pressionou o polegar em meu lábio inferior, que estremeceu sob seu toque indesejado. — Não quero me estender, então é assim que vai ser: vou te foder. Você pode facilitar ou dificultar. De qualquer forma, nós dois sabemos quem tem a força aqui.

Nem pensei. Simplesmente abri a boca e comecei a gritar.

— Soc...!

Theo estava preparado. Colocou a mão sobre minha boca — me interrompendo antes de eu conseguir emitir som de verdade — e sorriu de orelha a orelha.

— Eu estava, na verdade, torcendo para você escolher dificultar. Gosto quando as garotas lutam. Será melhor para você também. Vou gozar muito mais rápido.

— Vá se foder — eu disse, abafada contra sua mão. E, embora detestasse lhe dar o que ele queria, embora ele tivesse, no mínimo, um e oitenta e provavelmente uns noventa quilos, embora eu não tivesse nenhuma chance de me livrar dele, lutei. Empurrei seus ombros com toda minha força. Dei joelhadas nele. Me contorci. Chorei.

Theo apenas deu risada.

— Exatamente assim, baby. — Ele pressionou seu corpo com ainda mais força no meu, usando as coxas para impedir que a parte inferior de meu corpo se contorcesse. Com a mão livre, abriu a calça e tirou seu pau.

Comecei a chorar mais. Já tinha visto um pênis. Era virgem, não pura. Tive um namorado no Ensino Médio. Tinha feito boquetes e batido punhetas para ele e ele tinha feito bastante coisa comigo em troca, tanto que eu nem sabia se meu hímen ainda era intacto.

Mas ver o pau de Theo me fez querer vomitar. Era a coisa mais feia que eu já tinha visto. Tudo em relação a ele era nojento. Não o queria perto de mim. Definitivamente, não o queria dentro de mim.

Tinha que sair dessa.

Ergui as mãos para seu rosto e o arranhei o mais forte que consegui.

Arranhei até sair sangue.

Theo xingou e soltou seu pau para poder prender minhas mãos. Quando as prendeu debaixo de meus seios, moveu a outra mão para me cobrir o nariz e a boca.

— Posso manter minha mão assim e, em alguns minutos, você não vai ter energia para lutar comigo. Prefere assim, Sabrina? É assim que quer fazer isso? — Ele travou os olhos com os meus, me encarou para ter certeza de que eu entendia o que estava dizendo. Para ter certeza de que estava me dando a escolha de me deixar ou não respirar.

Balancei a cabeça.

— Então vai ficar boazinha?

Eu tinha escolha? Os pulmões já estavam doendo. Os olhos já estavam enxergando pontinhos pretos. O cérebro já estava entrando em pânico com o desejo de respirar.

Assenti.

Ele não mexeu a mão.

Assenti mais. Chorei mais. Desesperada.

Finalmente, ele abaixou a mão, tão pouco, que somente minhas narinas foram descobertas. Inalei o ar frio demoradamente, ofegante, inspirando o máximo que conseguia pelo nariz. Meu peito se erguia e abaixava a cada respiração ofegante.

Devagar, Theo soltou minhas mãos, me dando outro olhar de alerta conforme começou a massagear seu pau.

Entendi. Ele tinha a força. Eu não. Lição aprendida. Lição aprendida, cacete.

Eu ainda lutava. Não podia evitar. Era como um reflexo. Como aquela vez em que fui à pedicure e não consegui evitar chutar a moça porque senti cócegas. Eu me dispus a cooperar com Theo, mas, ainda assim, meu corpo lutava contra ele.

— Abra sua calça — ele ordenou depois de ter se masturbado por um minuto, com a voz tensa.

Não. Por favor, não, não me faça fazer isso. Não me mexi. Não conseguia.

Ele subiu a mão da minha boca um pouco na direção do nariz — ameaçando —, mas eu já estava abrindo a calça. Abrindo o zíper.

Lágrimas escorreram por minhas faces conforme Theo tirou as mãos. Ele lambeu dois de seus dedos e disse:

— Não quero entrar seco. — Então os enfiou em minha calcinha, procurando o buraco que queria.

Um soluço borbulhou profundamente em meu peito, e fechei os olhos, desejando poder estar em outro lugar, me rendendo a um dilúvio de pensamentos incompatíveis que apareciam aleatoriamente. Um fluxo de pânico da consciência. *Não estou aqui. Estou em outro lugar. Estou na praia. Estou na Riviera Maya. Não posso contar para meu pai. Ele vai ficar muito bravo. Não me depilei. Dá para ficar congelado em outubro? Aquela ruiva tinha seios bonitos. Qual era o nome dela mesmo? É só a minha virgindade. É só sexo. Será que vou contar para minha irmã? Isso é tão constrangedor. Deveria ter esperado lá dentro. Está muito frio. Quem era a loira naquela foto no quarto de Donovan? Aquela última viagem que fizemos com minha mãe para a Riviera Maya foi em outubro. Faria cinco anos em dezembro. E se ele me machucasse? E se ele realmente me machucasse? Espero que ninguém saia e veja isso. Não posso contar para minha irmã. Não posso contar a ninguém. Nichelle. Continuo esquecendo o nome dela de propósito. Sinto falta da minha mãe. Por favor, Deus, traga alguém aqui para impedir isso!*

Eu ainda estava consciente de tudo ao meu redor. Superconsciente. Sabia que seria capaz de identificar o cheiro do shampoo de Theo para sempre. De seu perfume. Seu relógio fazia tique-taque no silêncio, e cada segundo soava após uma eternidade enquanto a ponta de seus dedos esfregava minhas paredes internas.

Mas acho que não estava tão atenta quanto pensei, porque não ouvi a porta se abrir e nem os passos descenderem as escadas. Não vi Donovan pegar Theo por trás de seu casaco e tirá-lo de cima de mim, mas o vi socar Theo bem no nariz, ouvi-o se quebrar, vi o sangue jorrar.

— Que porra é essa? — Theo gritou, com uma mão segurando o nariz

enquanto subia a calça rapidamente com a outra. — Jesus, Kincaid!

Meus joelhos quase cederam de alívio. Eu estava livre de Theo, livre de sua mão suada e seu corpo opressor. Saí do canto em que estava presa, com medo de, alguma forma, poder ficar aprisionada ali de novo, e fechei a calça o mais rápido que consegui. O choque fez minhas lágrimas pararem e, embora eu me sentisse estável, podia ver minhas mãos tremendo.

Theo, parecendo ver que poderia se encrencar, deu um passo para trás, mas Donovan segurou seu braço e o trouxe de volta.

— Eu disse que tínhamos terminado? — Theo era mais alto do que Donovan, mas Donovan não parecia nada preocupado.

Mordi o lábio trêmulo e me abracei. Donovan podia não estar assustado, mas eu estava. Assustada demais para sair e chamar ajuda. Adormecida.

— Ei, não sei o que você acha que aconteceu... — Theo começou a falar, mas Donovan o cortou.

— Não é para você falar. — Donovan puxou o braço de Theo de novo. Forte. — Sabrina que decide se vai prestar queixa. Sabrina? — Donovan olhou para mim, seus olhos verdes fixos nos meus, procurando como se temesse que eu estivesse perdida.

Talvez eu *estivesse* perdida.

Pisquei. Ele tinha me feito uma pergunta.

— O que disse? — consegui falar.

— Quer prestar queixa contra Theo?

A realidade da situação voltou com força total. Eu tinha sido abusada. Aquele cretino tinha colocado os dedos dentro de mim. Se Donovan não tivesse aparecido, ele teria me estuprado.

Sufoquei com a bile voltando.

Claro que queria prestar queixa. Mas...

Pensei de novo. Repassei rapidamente a situação — riquinho branco acusado de assediar uma ninguém. Álcool envolvido. Não houve estupro realmente. Bolsa em risco. Não tinha como isso acabar a meu favor, por mais que eu quisesse. Por mais que o mundo precisasse de guerreiras corajosas

para mulheres violentadas, não era o que eu queria para mim. Me envergonhava, mas era minha verdade.

— Tudo bem — resmunguei, uma lágrima escorrendo por minha face. Só queria esquecer tudo aquilo. Ir para casa, tomar um banho. Fingir que nada disso tinha acontecido.

— O quê? — Donovan perguntou, me obrigando a repetir.

— Não vou prestar queixa — eu disse mais alto. — Desculpe. — Eu nem sabia para quem estava pedindo desculpa. Para mim mesma. Para toda vítima de abuso que nunca teve chance de encarar seu atacante de algemas.

— Certo. — Donovan soltou os braços de Theo, mas, quando Theo se virou para encará-lo, Donovan deu uma joelhada no saco dele. — Você merece coisa pior, seu babaca. Infelizmente, o sistema legal dos Estados Unidos não te faria pagar muito por isso. Porém, as penalidades na Fortaleza são mais severas. Você não é bem-vindo aqui. Não vai fazer negócio com nossas famílias. Seu investimento na King-Kincaid será cancelado. Agora saia da porra da minha propriedade. Está sangrando em meus Ferragamos.

Theo limpou o sangue escorrendo do nariz com as costas da mão e inclinou um ombro para a frente como se fosse desafiar Donovan. Então pareceu pensar melhor e deu um passo para trás.

— Tudo bem. Tudo bem, Kincaid. Não sabia que você estava guardando essa aí para si mesmo.

— Sai daqui, porra — Donovan não ergueu a voz, mas seu tom, seus olhos e sua postura diziam tudo. Theo foi embora.

Eu ainda estava tremendo, ainda chorando. Enxuguei as lágrimas dos olhos e comecei a me virar para agradecer Donovan, quando um carro estacionou na guia. Voltei minha atenção para lá. Era minha carona. Boa hora.

Quando voltei a olhar para Donovan, ele já estava subindo as escadas para a porta da frente sem se despedir. Sem nem um “Você está bem?”.

Chorei o caminho inteiro para casa. Chorei por uma hora no chuveiro. Só horas depois, quando estava encolhida na posição fetal na cama que percebi que as Ferragamos de Donovan eram botas. E estavam amarradas.

Ele tinha visto minha situação da janela de seu quarto, então tomou seu tempo para amarrá-las antes de descer para me resgatar.



CAPÍTULO 3

Não fui para as aulas na segunda-feira.

Disse que estava gripada e fiquei na cama, encarando a parede. Sheri me trouxe sopa de micro-ondas e bolachas de água e sal do posto Shell, e eu disse a ela que só estava chorando porque estava com dor de cabeça.

Na terça, consegui me recompor. Nada realmente aconteceu. Theo não me estuprou de verdade. Eu era a mesma garota de antes. Não era como se eu precisasse vê-lo de novo também. Não tinha aulas com ele. Ele era veterano, e não frequentávamos os mesmos lugares. E ninguém mais sabia o que tinha acontecido — eu decidira não contar a nenhuma alma —, então eu só tinha que sorrir e fingir que nada havia acontecido. Facinho.

Se não fosse exatamente fácil, era, no mínimo, possível de fazer. Tão possível quanto foi quando minha mãe morreu cinco anos antes e os outros alunos da escola apontavam e cochichavam pelas minhas costas. Eu tinha colocado um sorriso no rosto e agido como se não significasse nada. Como se não doesse. Aquela experiência com tragédia me ensinara uma lição importante de como lidar com tempos difíceis — você sorri, assente e segue em frente.

Era assim que eu tinha planejado lidar com a aula de Introdução à Ética na Administração também. Sabia que seria diferente por causa de Donovan, porque ele sabia. Porém, não era como se ele fosse trazer esse assunto à tona na aula. Nunca tínhamos nem conversado antes daquela noite na Fortaleza. Ele era meu professor. Eu olhava para ele a fim de aprender coisas. Ele me olhava como outro trabalho para corrigir. Não pensei que seria um problema.

Entrei no auditório, cedo como sempre, e segui para um assento na primeira fileira. Normalmente, eu entrava pela porta de baixo, mas, daquela vez, entrei pela de cima, já que parei para encher uma garrafa de água antes da aula e tomei um caminho diferente para chegar lá. Conforme descia as escadas, olhei para a mesa do professor, e talvez estivesse um pouco nervosa por ver Donovan porque silenciosamente esperava que fosse Velasquez a dar a aula de hoje.

Não era.

Donovan estava sentado com seu laptop, usando sua calça de alfaiataria cinza e uma camisa e gravata debaixo de seu pulôver preto e, apesar de ele poder sentir que eu tinha entrado, olhou para cima só naquele instante e flagrou meu olhar.

Congelei, incapaz de dar outro passo.

Meus joelhos fraquejaram. O suor escorreu por minha testa. Era como se ele fosse um gatilho. Todo meu fingimento desmoronou, e eu fui transportada de volta para aquela noite. Jurava que podia sentir a mão de Theo na minha boca. O som de seu nariz se quebrando ecoou em meus ouvidos. A emoção tomou conta de mim.

Entretanto, não era só terror e humilhação que eu sentia. Havia algo ainda pior debaixo de tudo isso. Algo feio, mas inegável.

Assim que o reconheci, corei em pânico. Donovan deve ter percebido, porque seus olhos se estreitaram e seu queixo se ergueu com curiosidade. Eu queria dar meia-volta e sair correndo da sala de aula, porém isso só chamaria atenção para mim mesma. Além do mais, minhas pernas pareciam uma geleia no momento, então me sentei em uma cadeira na fileira em que tinha parado e abaixei a cabeça, fingindo não perceber que meu comportamento poderia ser esquisito ou que ele ainda estivesse me observando.

Na verdade, eu não estava fingindo — não *me importava* se ele estava me observando. Nem me importei em ficar atenta para ver Weston, como geralmente fazia. Tinha que descobrir que porra havia de errado comigo. Meu coração estava acelerado, minhas roupas estavam quentes demais, eu me sentia agitada e inquieta.

Mas não foram pensamentos de Theo que tinham me incomodado. Era Donovan. Da forma como ele me provocou no quarto dele até o jeito que ele comandou a situação com Theo até a forma como sua mandíbula ficava tensa quando ele me analisava com aqueles olhos intensos.

Deus, aqueles olhos...

Olhei para ele discretamente conforme se levantou para começar a aula, e outra onda barulhenta e confusa percorreu meu corpo. Eu me mexi na cadeira, mas não ajudou. Quando ele começou a falar, foi ainda pior. Sua voz provocou arrepios por minha espinha. Absorvi cada palavra, ainda assim, as

frases passavam sem que eu compreendesse uma única palavra.

Estava seriamente encrencada.

O que quer que estivesse acontecendo, tinha que haver uma explicação perfeitamente natural. Tipo, eu estava tendo um surto psicótico. Minha mente estava tentando alterar a coisa terrível que tinha acontecido comigo ao associar Donovan e sensações prazerosas com aquela noite, em vez de com Theo e aquelas sensações horríveis.

Só que essas sensações não eram exatamente agradáveis. Eram doentias e atormentadoras. Eram ferozes e turbulentas. Tive que cruzar as pernas e descruzá-las, no mínimo, umas cem vezes só para conseguir aguentar sua aula inteira, o tempo inteiro me odiando porque não conseguia ficar quieta.

Tudo isso me deixava brava. E desconfortável. E brava de novo. Por inúmeros motivos. Eu estava brava com Donovan, de qualquer forma, por causa de tudo que ele sabia. Não apenas sobre o que Theo fez, mas aquelas outras coisas que ele disse sobre mim em seu quarto. Aquelas coisas que ele tinha desvendado sobre mim com tanta facilidade. Eu não gostava de ele me conhecer tanto assim. Parecia invasivo. Como uma violação.

E eu estava brava por ele ter demorado para me resgatar.

E como ele nem pareceu realmente se certificar de que eu estava grata por ele ter me salvado.

Mais ainda, estava brava com os pensamentos que estava tendo sobre ele, apesar de isso não ser realmente sua culpa. Mesmo assim, se ele não tivesse sido tão idiota com a forma como me tratou naquela noite, provavelmente eu não estaria tão puta como me sentia agora. Então, talvez, fosse certo culpá-lo por aquilo também.

Não importava de quem era a culpa. Era eu que tinha de lidar com isso. Era como se ele não se importasse em como eu ficaria depois daquele pesadelo. De alguma forma, ficaria bem.

Depois do que pareceu a hora mais longa da minha vida, finalmente a aula terminou. Saí no segundo em que fomos liberados, com cuidado para fugir de Donovan ao subir as escadas de novo em vez de sair por baixo. Tinha planejado almoçar com uma amiga, mas precisava correr para passar em meu apartamento primeiro a fim de trocar minha calcinha antes da

próxima aula. Estava muito ruim mesmo.

Assim que fiquei livre da presença de Donovan, eu tinha certeza de que toda a coisa estranha seria esquecida. Pensei em Weston para clarear a mente. Era dele que eu era a fim. Era quando pensava nele que sentia frio na barriga. Mesmo agora.

Ao longo do dia, no entanto, vi minha mente voltando a Donovan de vez em quando, me vi imaginando finais diferentes para a noite na Fortaleza. E se ele tivesse me convidado para entrar de novo depois que Theo partira? E se eu não tivesse saído de seu quarto, em primeiro lugar?

Estava envergonhada de mim mesma.

Mas foi de onde tirei a ideia de como lidar com os pesadelos que tinha desde que tudo aconteceu. Naquela noite, quando acordei suando frio com o fantasma do toque de Theo tocando minha pele, deslizei a mão para dentro de minha calcinha e apaguei a lembrança com pensamentos de Donovan.

— Ele te machucou muito? — ele perguntou, segurando minha face conforme Theo cambaleava pela rua. Sua mão era quente contra minha pele, hesitante sem ser gentil.

— Não muito — sussurrei, olhando em seus olhos cor de mel. Minha carona chegou e nós dois nos viramos para o carro, mas, em vez de se afastar, Donovan me puxou para seus braços.

— Deixe eu cuidar de você esta noite. — Assentindo, ele mandou o carro embora. Então se ajoelhou e puxou minha calça para baixo, tirou minha calcinha, sem pedir permissão nem se desculpar por sua ansiedade.

Mas eu o queria ali, então era diferente de quando Theo me forçara.

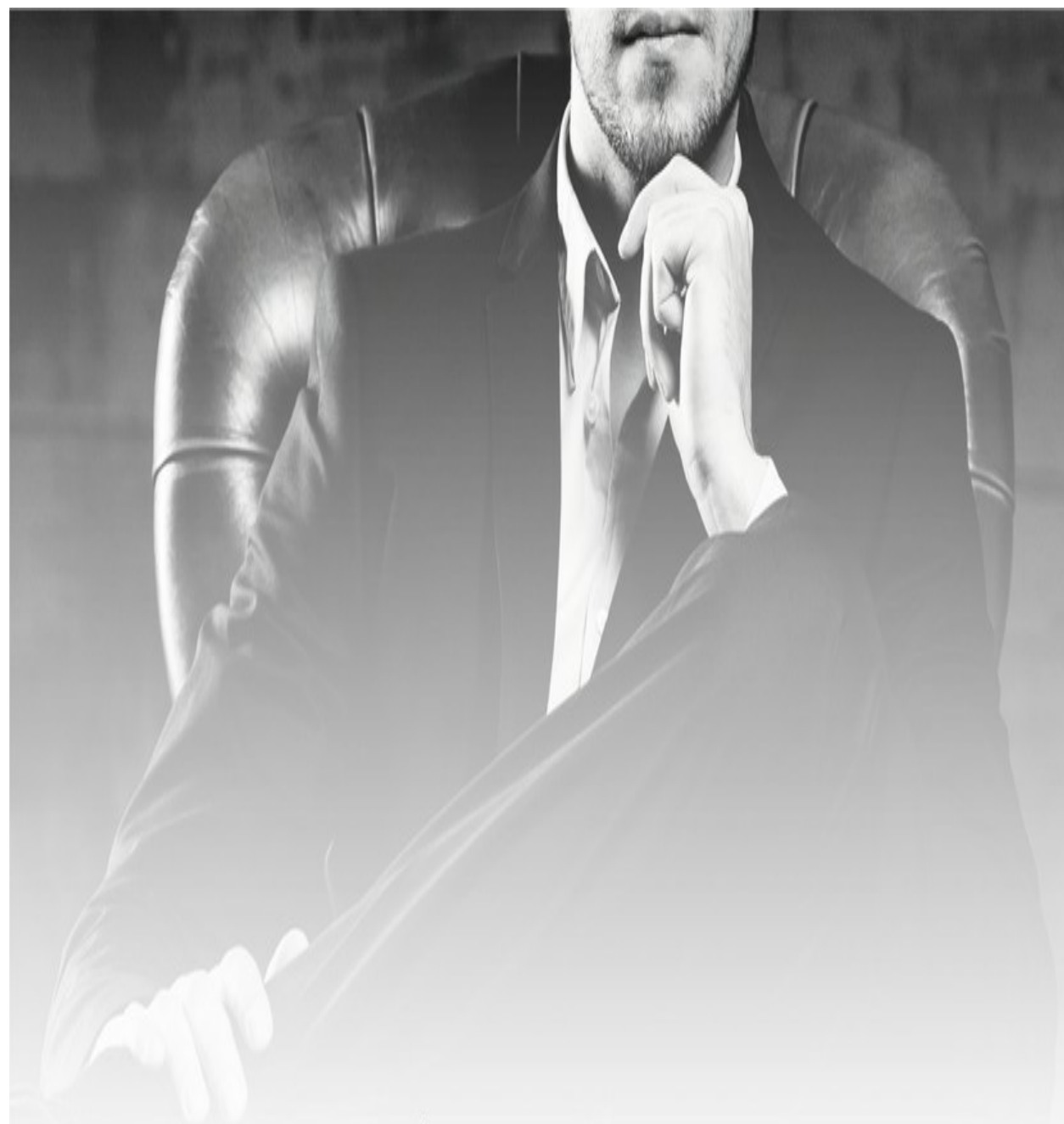
O ar estava frio em minhas pernas nuas, mas, logo, senti o calor de sua língua entre meus lábios. Ele lambeu minha fenda agressivamente muitas vezes, então cutucou a língua em um ponto e a inseriu dentro de mim.

Gozei quase imediatamente e dormi profundamente até de manhã.

Seja lá o que Donovan tivesse feito comigo, não desapareceu, mas melhorei ao lidar com isso. Aprendi a não olhar no olho. Parei de sentar na primeira fileira na aula. Fiz o que sempre fazia — sorri, assenti e segui em frente.

E, à noite, continuava a acalmar meus sonhos com fantasias dele colocando o dedo em mim e transando comigo, normalmente em uma versão estranha de abuso. Às vezes, acontecia depois de ter tirado Theo de cima de mim. Às vezes, Theo nem estava lá. Às vezes, eu pedi para ele. Às vezes, implorava.

E, às vezes — muitas das vezes —, ele era tão insensível e cruel quanto Theo tinha sido.



CAPÍTULO 4

— Foi mal.

— Sem... — Dei uma segunda olhada no cara que bateu em mim ao se sentar ao meu lado. Weston King — ... problema — terminei.

Eu me endireitei na cadeira e olhei para baixo, para ver o que eu usava. Jeans. Moletom. Rabo de cavalo. Que tédio. Aff. Bom, o que eu esperava? Era meio que difícil me esconder de alguém como Donovan enquanto ainda tentava ser notada por alguém como Weston. Ambos eram impossíveis, tinha decidido nas três semanas desde o incidente de Theo, porque parecia que eu sempre via Donovan, e Weston nunca me via.

Até hoje, quando, por um milagre, Weston acabou se sentando ao meu lado.

Meu coração estava acelerado com milhares de batidas por minuto, meu joelho não conseguia parar de balançar. Eba! Nossos cotovelos estavam praticamente se tocando. Então ali estava a alegria a mais que senti quando ele tirou um caderno de espiral da mochila. Era um garoto que fazia anotações no estilo antigo! Demais!

Isso foi quase suficiente para me distrair da aula que Donovan estava dando antes de Weston chegar. Infelizmente, Donovan ainda me atraía de uma forma que eu não conseguia negar. Principalmente quando falava sobre questões que me deixavam irritada, como a que estava discutindo hoje — desregulamentação na indústria financeira.

Tinha estudado bastante sobre isso em meu pouco tempo em Harvard. Por mais que conseguisse enxergar as barreiras e os obstáculos que a regulamentação impõe a corretoras de investimento, como a King-Kincaid, eu ainda era uma garota que tinha vindo do outro lado. Não eram os bilionários perdendo suas pensões na Grande Recessão. Não eram os ricos perdendo suas casas, carros e vidas. A regulamentação era como a ética era implementada, até onde eu sabia, e tinha falado o máximo possível disso em meu último artigo.

Por mais que eu acreditasse em regulamentação, sabia que, como sempre, minha irritação quanto a Donovan tinha muito menos a ver com o

que ele estava pregando e mais a ver com o que ele fazia comigo em meus pensamentos diariamente no quarto. O que ele estava até fazendo agora, por mais que odiasse admitir, que era me atrair para ele. Exigir minha atenção. Exigir meu foco.

Droga, eu o detestava.

— Babacão — eu disse baixinho.

Weston se mexeu na cadeira ao meu lado.

— O que disse?

Ah, meu Deus. Meu rosto ficou vermelho.

— O quê?

Ele se aproximou para que eu pudesse ouvi-lo sem atrapalhar a aula.

— Acabou de chamar o Kincaid de babacão?

— Não deveria ter dito isso. — Mas, se era disso que precisava para Weston se inclinar para mim e sussurrar em meu ouvido, então pensaria em falar de novo. Talvez. Depois que meu constrangimento passasse. Tipo, no próximo século.

— Não se desculpe! — Weston exclamou baixinho. — Foi incrível! Adorei.

Virei a cabeça para ele.

— Vocês não são amigos ou...? — Cara, os olhos dele eram ainda mais azuis de perto. E ele tinha sardas, clarinhas, no nariz.

— É mais como se fôssemos família, e eu o amo como um irmão. Mas ele é um completo babacão. — Ele ergueu a sobrancelha. — E acho que nunca o chamei disso. Tem uma caneta para emprestar?

— Ahn... tenho. — Procurei na minha bolsa.

Weston espiou por cima de meu ombro.

— Essa aí. Essa Sharpie seria ótimo.

Nós a pegamos ao mesmo tempo, roçando os dedos, e tive que morder o lábio para não arfar.

— Obrigado — ele disse, sorrindo apenas o suficiente para mostrar aquela covinha provocante. Jesus, eu poderia cair naquela covinha e nunca mais sair. Aquela covinha seria meu fim.

Observei conforme ele folheou seu caderno. As folhas tinham palavras únicas escritas em letra grande, todas em formato de paisagem. *Mala, Merdinha, Imbecil, Cretino, Bundão, Cuzão*. Ele parou em uma página em branco e segurou a parte de cima da Sharpie preta com a boca. Eu iria seriamente me divertir com aquela tampa da Sharpie mais tarde. Então ele começou a escrever: *Babac...*

— O que vai fazer? — perguntei, de repente tanto nervosa quanto empolgada, como se eu fosse virar cúmplice de alguma coisa que poderia ser meio ruim, mas não tanto a ponto de se falar em *expulsão* ou *polícia*. O tipo de ruim que sempre parecia poder ser divertido, mas também viciante.

— Sempre escrevo recados para Donovan quando ele dá aula para avisá-lo de como está indo. Nunca escrevi *babacão*. — Quando ele terminou de escrever a palavra, ergueu o caderno como se estivesse pontuando um evento.

Fiquei realmente indignada.

— Você faz isso toda aula?

— Quando Velasquez não está aqui. Bom, às vezes, quando ele está, tento enviar um bilhete também. — Alguns outros alunos na fileira do outro lado do corredor sinalizaram para Weston mostrar para eles o recado de hoje.

Como eu nunca tinha visto isso?

Weston voltou o caderno à sua frente e o acenou algumas vezes para Donovan, que nem piscou em nossa direção. Se estivéssemos sentados em um lugar mais alto, imaginaria que ele não conseguisse ler, mas não estávamos tão longe da frente, e a Sharpie preta tinha ficado bem legível.

Genial.

— Alguma vez ele falou alguma coisa? — perguntei, admirada em como Donovan permanecia impassível.

— Não. — Weston fechou o caderno e o guardou na mochila. — Mas nunca me canso. Devo ter o senso de humor de um garoto de nove anos. É como quando vamos ao Palácio de Buckingham e tentamos fazer os guardas

sorrirem, sabe?

O mais longe que já tinha ido de casa era ali. Até nossa viagem em família para o México foi mais próxima.

— Nunca fui ao Palácio de Buckingham.

Ele olhou para mim, depois realmente me analisou. Me julgando, talvez, por nunca ter ido à Inglaterra — um dos lugares mais básicos do mundo para os ricos. Isso importava para alguém como ele?

Um sorriso se abriu em seus lábios. *Ah, aquela covinha.*

— Então vou ter que te levar lá. — Ele se inclinou para perto de novo e puxou meu rabo de cavalo. — Sou Weston.

Quase me esqueci de respirar.

— Sei quem você é. Vou às suas festas. — Ou costumava ir. — Sou Sabrina.

Quase que simultaneamente enquanto me apresentava, meu nome soou do outro lado do corredor com o timbre grave de Donovan.

— Sabrina. Quer compartilhar sua opinião sobre regulamentação e ética? Sei que tem algumas.

Meu estômago caiu. Detestava falar diante da classe, mas, mais importante, Donovan nunca chamava os alunos. *Nunca*. Qual era o problema dele? Não éramos os primeiros flagrados conversando durante a aula dele, com certeza.

— Babacão — Weston sussurrou ao meu lado, provocando risadinhas nervosas em mim.

Felizmente, Donovan viu a hora.

— Salva pelo gongo imaginário. Parece que a aula acabou. — O ressentimento era claro em seu tom. — As notas para o trabalho de estratégia corporativa e consciência ética de vocês estarão no portal até o fim da semana. Lembrem-se de que esse trabalho vai contar metade da nota de vocês. — Ele pareceu estar me encarando ao falar isso, muito provavelmente porque ainda estava magoado por eu ter interrompido sua aula.

Fiz uma careta. Detestava quando ele me olhava daquele jeito, mas

fiquei pensando se sentiria falta se de repente parasse. Tinha a sensação de que sim.

Pensei se ele sentiria falta se eu parasse de encarar de volta.

— Você tem outra aula agora? — Weston perguntou.

Eu me obriguei a parar de fitar o olhar perfurante de Donovan e vi Weston segurando minha bolsa.

— Obrigada. E não. Intervalo até as duas. — Saí para o corredor, atrás dele. — E você?

— Normalmente me encontro com um amigo para almoçar.

Assenti. Tinha pensado, por um instante, que ele quisesse chegar a algum lugar com a pergunta. Acho que só estava sendo educado.

Mas então ele inclinou a cabeça na minha direção.

— Quer ir junto?



Acabou que o amigo era Brett Larrabee. Eu conhecia Brett das festas na Fortaleza, mas nunca tínhamos nos conhecido oficialmente, e fiquei feliz pela apresentação. Afro-americano extremamente extrovertido, politicamente conservador, abertamente homossexual, Brett era oxímoro, e eu o achava absolutamente intrigante.

Ele também era bem tagarela. Tinha nos levado a um pequeno café vietnamita, que estava surpreendentemente vazio, considerando como a comida era boa, e continuou a monopolizar a maior parte da conversa enquanto comíamos.

Não me importei. Estava feliz só de ser incluída no passeio. De vez em quando, precisava me lembrar de que estava acordada, de que não era um sonho. De que eu realmente estava sentada a uma mesa me fazendo de boba com hashis diante de Weston King.

— O DOW está em baixa, o DOW está em baixa, o DOW está em baixa — Brett disse, aflito e cansado conforme deslizava a tela no *app* financeiro de seu celular. Embora ele falasse bastante, ainda conseguia comer muito rápido. Tinha terminado de comer e estivera mexendo no celular nos últimos cinco minutos. — É melhor o Sistema de Reserva Federal não aumentar as taxas de juros. Não é o momento.

— Meu pai disse que aumentarão em breve — Weston disse, afastando seu prato.

— Oh! — Brett ergueu a cabeça com a notícia de algo que ele acabara de se lembrar. — Ficou sabendo do Theodore Sheridan?

Theo. Larguei meus hashis com a menção de seu nome. Felizmente, tinha os deixado cair tantas vezes, que ninguém percebeu. Esperava que ninguém percebesse as mãos tremendo quando bebi um gole de água, pois minha garganta de repente ficou seca.

Weston pensou por um minuto.

— Nada interessante, que eu me lembre.

Então não soube que ele quase estuprou uma garota na frente da sua varanda? Pelo menos era reconfortante saber que Donovan não tinha contado aos seus colegas de quarto. Não que eu achasse que ele fosse do tipo que compartilhava tudo.

Brett se debruçou na mesa e baixou a voz.

— Ele foi pego com mais de um quilo de coca.

— E você só conta isso agora? — Weston perguntou, como se lesse minha mente. Talvez Theo não fosse um amigo tão próximo dele para considerar isso importante, mas era para mim.

Mas não era algo que eu queria que alguém soubesse, então mantive a cabeça baixa, mexendo o macarrão em minha tigela. Tinha perdido a fome que restava no instante em que ouvi aquele nome.

— Huh — Weston disse, passando a mão no cabelo. — Eu sabia que ele cheirava, mas que porra ele estava fazendo para chamar atenção?

— Não sei, mas foi acusado por intenção de *vender*.

— Theo não precisa de dinheiro. Tem um fundo financeiro desde os dezoito.

— Ele está falando que são acusações todas forjadas ou algo assim. Enfim. Papai Sheridan vai tirá-lo, mas ele vai perder o ano aqui.

— Que loucura.

Por mais que fosse um alívio pensar que Theo não estaria mais ali, não fiquei tão empolgada ao pensar que ele pegaria um tempo de prisão. Brett tinha razão... Seu dinheiro e sua regalia o tirariam de lá. Independentemente se fossem drogas ou estupro, ele conseguiria o passe livre da prisão.

Brett, parecendo ter finalizado o escândalo de Theo, estava pronto para outra fofoca.

— O Doidão que deu aula hoje? — ele perguntou, inclinando sua cadeira para trás, se apoiando apenas em duas das quatro pernas.

— Na verdade — Weston disse, erguendo uma sobrancelha na minha direção —, foi o Babacão.

— Esse é bom. — Brett voltou sua admiração para mim. — Não gosta de Donovan? Preciso saber disso.

Se eu gostava de Donovan? Era uma pergunta complicada. Meus sentimentos em relação a Donovan eram como cliques de papel — não conseguia pegar um sem que outros viessem junto. Eu era grata, mas ressentida por ele. Brava e preocupada.

Não era algo que conseguia explicar nem para mim mesma, que dirá para alguém que acabara de conhecer. Puxando meu rabo de cavalo, tentei pensar como uma aluna entediada típica.

— É que ele... vocês sabem. É um sabe-tudo egoísta e pomposo. O que vocês acham? Vocês moram com ele.

Weston trocou olhares com Brett.

— Moramos mesmo. E, como eu disse, amo Donovan como um irmão. Mas, às vezes, irmãos são difíceis de amar. Você tem algum?

Era uma troca suave de assunto, a qual eu não iria contrariar. Brett voltou a mexer em seu celular, então foquei minha resposta apenas para

Weston.

— Tenho uma irmã. Audrey. Mas ela é fácil de ser amada. Tem treze anos, é esquisita e adorável.

Weston se recostou na cadeira, cruzou os braços à frente do peito e a perna na altura do tornozelo.

— Provavelmente ela coloca a irmã de dezoito anos no pedestal.

— Dezessete — corriji.

— Dezessete?

— Me formei cedo no Ensino Médio.

— Uau. Impressionante.

— Obrigada. Desviei o olhar, constrangida pelo elogio, e suspirei. — Ainda não sabia se havia feito a coisa certa ao decidir entrar na faculdade tão longe de casa.

— De onde você é? — ele perguntou e quase pareceu mais do que apenas um bate-papo, como se ele realmente quisesse saber.

— Colorado, mas a questão não é realmente a distância. É que minha mãe morreu quando eu tinha doze anos, e me sinto mal deixando meu pai e Audrey sozinhos. — Eu sabia que, provavelmente, ele não entendia. Era de um mundo de babás, choferes, governantas e tutores. Não existia isso de ficar sozinho. — E você? Tem irmãos? Não como Donovan, mas de sangue?

Ele começara a assentir antes de eu terminar a pergunta.

— Tenho uma irmã. Ela tem dez anos, e vivemos em mundos totalmente diferentes. — Ele franziu os lábios ao pensar, o que era ridiculamente injusto, já que eu estava com uma sobrecarga hormonal. — Realmente cresci perto de Donovan, embora ele seja quatro anos mais velho do que eu. Remamos juntos. Nossas famílias tiram férias juntas. Sempre o admirei. — Ele se endireitou, inclinando-se para mim como se me fizesse uma confissão. — Acho que o idolatrava.

— Mas não mais?

— Agora é diferente.

Ele deixou aquilo no ar, e eu busquei as palavras certas para incentivá-lo a falar mais, enquanto, ao mesmo tempo, tentava entender exatamente *por que* queria saber mais — por que a resposta revelaria algo sobre Weston? Ou porque revelaria algo sobre *Donovan*?

Decidi não incentivá-lo.

Mas, então, Brett disse:

— Ele não é o mesmo desde que Amanda morreu. Sou do segundo ano, então não o conhecia há muito tempo antes disso.

— Amanda? — Ok. Eu estava definitivamente interessada.

— Brett... — Weston alertou.

Brett o olhou desafiadoramente.

— O que foi? Nunca podemos falar sobre isso? Ele nem está aqui.

Weston pausou por um segundo.

— Amanda era a namorada de Donovan. Ela morreu em um acidente de carro há um ano. Mais ou menos nessa época do ano. Voltando para a faculdade depois do Dia de Ação de Graças, na verdade.

O ar saiu de meus pulmões.

— Ah, meu Deus! O que aconteceu?

— Outro motorista não conferiu o ponto cego. Entrou na faixa dela e a empurrou para a pista na contramão. Disseram que ela morreu instantaneamente. Estava mais perto do *campus* quando aconteceu, então foi Donovan que precisou identificar o corpo dela.

— Isso é horrível. Me sinto péssima. — Era o tipo de coisa que eu diria depois de ouvir esse tipo de história trágica, mas realmente queria dizer isso agora, de uma forma que, normalmente, não queria. De uma forma que não conseguia explicar.

— Eles namoravam sério — Weston continuou. — Ele queria casar, filhos, o pacote completo. Tinha planejado pedi-la em casamento no natal. Acho que até deve ter comprado o anel.

Ela devia ser a loira na foto em sua lareira. Ele tinha me visto olhar para

ela logo antes de ficar frio.

— É por isso que ele é tão...? — Procurei a palavra certa. O que exatamente Donovan era? Distante? Grossoiro? Sozinho?

Weston pareceu entender o que eu queria dizer.

— Ele nunca foi o que eu chamaria de simpático antes disso, mas está mais frio agora. Mais firme também. De certa maneira, acho que ele se tornou um homem de negócios melhor, se é que faz sentido.

— Acho que faz. É como quando se perde um sentido e os outros se tornam mais acentuados. — Eu tinha a morte da minha mãe para contar como experiência, mas era no meu abuso em que estava pensando no momento. Como eu tinha mudado desde então? Estava mais fria ou mais firme ou mais experiente para os negócios?

E quanto aos pensamentos que eu tinha à noite, os pensamentos obscenos com Donovan?

— É. Tipo isso — Weston disse enquanto o garçom trazia a conta.

Peguei minha bolsa, mas Weston balançou a cabeça.

— Não. Pode deixar. — Ele mostrou a covinha para mim ao entregar seu cartão.

— Obrigada. É muito gentil. — Mas falei meio hesitante, porque ainda estava pensando em Donovan. Estava angustiada pela dor dele, por qualquer que fosse o motivo bobo. Ele, certamente, não tinha demonstrado nenhuma preocupação comigo. Mas, mais interessante, eu estava *fascinada* pela dor dele. Conseguia imaginar como ele a carregava, onde guardava os detalhes de seu tormento. Dentro de sua garrafa de uísque. Atrás dos comentários frios. Atrás daquele muro de indiferença.

Ele sabia o segredo que eu escondia por trás de sorrisos e balançar de cabeça, e agora eu sabia a agonia que ele escondia por trás do gelo e do aço.

Talvez finalmente estivéssemos quites.

— Bom — eu disse, forçando a atenção de volta a Weston —, parece que você é um bom amigo para ele.

— Por que escrevo recados para ele enquanto ele dá aula? — Seu tom

foi sarcástico, mas ouvi o toque de desamparo por trás. Ele realmente não sabia como ajudar o amigo, o irmão.

Não que eu tivesse as respostas, mas poderia reafirmar isso para ele.

— Exatamente por causa disso.

Ele olhou para cima assim que passou o cartão de crédito e assinou e me analisou.

— Sabrina, acho que fez a coisa certa em vir para Harvard. Tenho certeza de que seu pai vai ficar bem com sua irmã. Ele parece ter feito um bom trabalho com você.

Dei uma risada desdenhosa.

— Você nem me conhece.

— Claro que conheço. Sei que é forte. Que é resiliente. Que é inteligente... provavelmente mais inteligente do que Brett e eu juntos. E obviamente é linda. — Ele se esticou para puxar meu rabo de cavalo. — E sei que vai à minha festa no sábado comigo.

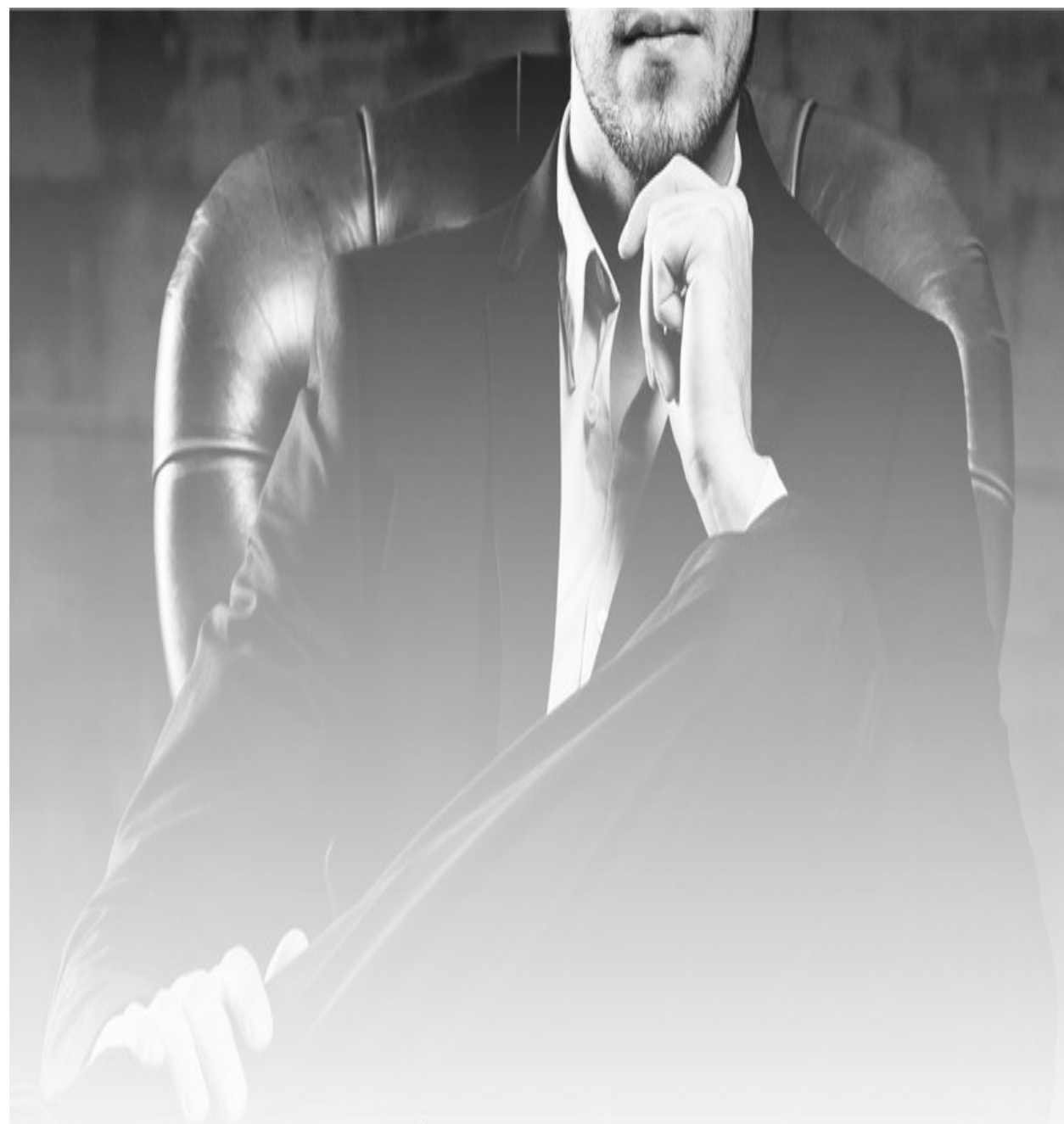
O frio na barriga estava de volta, embora estivesse parecendo um furacão dentro de mim. Isso era tudo que eu queria, tudo que eu torcia para acontecer. Um encontro com Weston King. E todos os sentimentos sombrios e confusos dentro de mim no momento provavelmente eram relacionados apenas a ir à Fortaleza pela primeira vez, desde Theo.

É, tinha que ser isso.

Então. *Sorria. Assinta.*

— Acho que me conhece, afinal de contas.

Mas como ele poderia quando eu estava só começando a me descobrir?



CAPÍTULO 5

Audrey: O papai não faz recheios se você não está aqui.

Eu: Então faça você mesma.

Desviei os olhos da caixa de mensagens no canto da tela de meu computador de volta à planilha de Excel em que estava trabalhando, estudando Estatística. Era o início da tarde de quinta, dois dias antes da festa de Weston, um dia depois de ele ter me convidado para ir com ele, e eu ainda estava vacilando entre tantas emoções quanto a isso, que me sentia ansiosa. As tentativas de minha irmã de tentar me fazer comprar uma passagem de última hora para casa para o Dia de Ação de Graças não estava ajudando.

Outra mensagem surgiu.

Audrey: Mas não sei fazeeeeerr!!!!

Como uma verdadeira adolescente, minha irmã era tão dramática em suas mensagens de texto quanto era em qualquer conversa.

Eu: Você tem 13 anos. Cooktop é simples.

Audrey: Mas quem vai colocar azeitonas nos dedos e fazer monstros de azeitona comigo?

Uma notificação apareceu na parte de cima de meu laptop avisando que eu tinha um novo item no Portal Acadêmico.

Eu: Coloque azeitonas no Bambi.

Ok, Bambi era o cachorro. Mas, sério, eu tinha lição de casa para fazer. E muita lição.

Cliquei no Portal Acadêmico e encontrei a nova adição à minha pasta de Introdução à Ética na Administração. Meu trabalho de estratégia corporativa e consciência ética que Donovan disse que seria corrigido nesta semana. Abri o boletim e esperei que carregasse.

Audrey: Muito engraçado. Venha para casaaaaaaaa!!!!

Eu: Não está na aula agora ou algo assim?

Apertei para voltar e, então, congelei. Ali, na tela, onde meu **A** deveria estar, havia um grande **F**.

Não pode ser.

Não era possível.

Nunca tirei **F** na vida.

Abri os comentários para mais detalhes.

As conclusões da aluna desprezam as responsabilidades econômicas da empresa em relação aos acionistas. A aluna fala de grande moral com sentimento poético sem considerar como as ações sugeridas serão financiadas. A aluna não tem um entendimento total do conceito de estratégia corporativa.

Caramba, Donovan.

Eu só conseguia enxergar nota baixa. Entendia o conceito de estratégia corporativa. Era Donovan que não conseguia entender o conceito de uma opinião contrária.

E isso não era apenas meu orgulho ferido. Contava por mais da metade da nota da matéria. Eu não conseguiria tirar mais que **D** se isso não mudasse, e minha bolsa exigia média de **B**.

Não. Independentemente do que Donovan achasse de mim, ele não podia ferrar minhas notas.

Em alguns minutos, tinha verificado as horas de escritório de Velasquez e descoberto que ele deveria estar disponível por mais uma hora. O tempo estava bom para novembro — não tinha nevado recentemente. Eu conseguiria chegar, se me apressasse. Se ele desse uma olhada, tinha certeza de que veria que meu trabalho merecia outra nota e que Donovan era um cretino imbecil.

A janela de mensagens apitou de novo.

Audrey: Estou estudando.

Eu: Depois a gente se fala, Audrey.

Fechei meu laptop e fui para o *campus* a fim de lutar por minha nota.



Trinta e cinco minutos depois, estava do lado de fora da sala de Velasquez. Tinha tentado me acalmar na caminhada até ali para conseguir apresentar todos meus argumentos de maneira racional ao meu professor, mas, em vez disso, só tinha ficado mais irritada. O trabalho tinha quinze páginas. Eu deveria ter tirado **C** só por ter entregue a quantidade de páginas exigida. Quanto ao meu desprezo em relação aos acionistas — eu tinha anexado um plano financeiro detalhado. Se minha matemática estivesse errada, deveria contar um ou dois pontos, mas não notas inteiras.

Era óbvio que isso não se tratava de meu trabalho — tratava-se de Donovan. Por que ele estava fazendo isso comigo? Parte de mim pensava se eu deveria ir para a Fortaleza, se deveria ser na porta *dele* que tinha que estar batendo.

Não. Eu não ia entrar no jogo dele. Velasquez consertaria minha nota e, se Donovan se encrencasse por me dar uma nota ruim, então era porque merecia.

A porta estava fechada, mas eu conseguia ver a luz através do vidro fosco. Bati e balancei o quadril impacientemente enquanto esperava meu professor responder.

— Está aberta.

Virei a maçaneta e entrei no escritório. Era do tamanho de uma caixa de sapato, decorado com prateleiras que não combinavam, no estilo de biblioteca, tão apertado, que a porta não abria totalmente, e tive que fechá-la para ver a mesa de Velasquez.

Então, *porra*, era Donovan que estava sentado na cadeira dele.

Tudo foi pelo ralo.

O filho da puta nem olhou para cima de seu laptop.

— Como posso te ajudar, Sabrina?

Minhas mãos estavam tremendo. Enfiei-as nos bolsos de meu casaco. Não poderia falar com Donovan. Não assim. Não quando ele tinha me dado nota baixa.

— Onde está Velasquez?

— Você tem que marcar horário para falar com ele. — Sua camisa era branquinha e seus músculos ficavam apertados no tecido.

Não vou olhar para ele.

— Então gostaria de fazer isso.

— Pode marcar on-line, pelo portal.

Jesus. É claro.

Coloquei a mão na maçaneta, pronta para ir embora.

— Ele está aqui às sextas às três — Donovan disse para minhas costas.

Fiz uma verificação mental de minha agenda.

— Tenho aula essa hora.

— Então vai ter que matar aula. Ou vai ter que conversar comigo. — Finalmente, ele olhou para mim... me prendeu, me *aprisionou* com aqueles olhos perfurantes e penetrantes. — Com o que posso te ajudar, Sabrina?

Eu não queria falar com ele. E não queria ir embora.

— Com minha nota — respondi.

Ele inclinou a cabeça para o lado, como se não fizesse ideia do que eu estava falando, aquele filho da puta desgraçado.

— O que tem ela?

A raiva me deu coragem. Tirei as mãos dos bolsos e andei até ele.

— Não é justo, e você sabe disso. Entendo que não concorde com minhas conclusões, mas meu argumento foi justo e claro, e coloquei referências de várias fontes verossímeis e confiáveis...

Ele assentiu para a cadeira de frente para a mesa.

— Sente-se, Sabrina. Você está terrivelmente irritada.

Ele nem me pediu para sentar. Ele *falou* para eu sentar. Era autoritário e enfurecedor.

— Quero ficar em pé. — Mas eu estava ficando com calor. Desabotoei meu casaco e o joguei na cadeira, em vez de me sentar nela. — Meu trabalho não valia F.

Ele assentiu e mexeu sua mandíbula algumas vezes, como se estivesse pensando. Depois de um tempo, ele disse:

— Discordo.

— Isso não é subjetivo! — berrei.

— Na verdade, é. — Seu tom permaneceu estável, em perfeito contraste ao meu. — Infelizmente, para você, é minha opinião que importa.

Deus, quanto mais ele ficava calmo, mais eu me irritava. Ele estava me provocando de propósito. Era melhor eu ir embora. Sabia que era.

Comecei a pegar meu casaco, depois parei.

— *Por que* está fazendo isso?

— É triste, de verdade. — Donovan fechou seu laptop e o colocou de lado. Então uniu as mãos silenciosamente como se estivesse rezando e as apontou para mim. — Você mostrava ser uma promessa e tanto no início do ano, Sabrina. Mas este último mês se tornou uma pessoa diferente. Chegou atrasada na aula. Não está interagindo. Está perturbada. O trabalho que está entregando, este artigo, é menos que aceitável. É uma pena você deixar os acontecimentos de uma noite mancharem o resto de sua vida.

Sua última frase foi pesada e cheia de indireta.

— Está...? — Eu estava indignada. Ele estava *mesmo* colocando a culpa disso no que aconteceu com Theo? — Oh, e você é um exemplo perfeito de como não deixar uma tragédia manchar o resto de sua vida.

Suas sobrancelhas se uniram.

— O que disse?

Além do mais, eu não tinha mudado por causa de *Theo*. Tinha mudado por causa *dele*. Não que fosse contar isso para ele.

— Minhas mudanças no comportamento não se traduziram em uma mudança no padrão de meu trabalho.

— Como seu professor, sou eu que decido, e decido que se traduziu, sim. — Sua indireta dizia *caso encerrado*. Principalmente quando se recostou na cadeira e apoiou os pés na mesa, cruzando nos tornozelos.

Semanas de sentimentos guardados me percorreram. Cada célula de meu corpo vibrou com ódio e desejo e horror e vergonha.

— Vá se foder — eu disse no tom mais claro e controlado que consegui. Ia embora. Falaria com Velasquez. Denunciaria Donovan. Tinha um caso sólido. Nem precisava me preocupar com isso. Eu conseguiria.

Peguei meu casaco da cadeira e virei de novo para sair.

— Não quer adicionar *babacão*?

Estava com a porta aberta, estava a um *triz* de sair, mas fechei de novo porque precisava saber.

— É por *isso* que está fazendo isso? Por causa de Weston? — Ele estava com *ciúme*?

Por meio segundo, pensei que tivesse acertado. A expressão dele se endureceu e uma pontada estranha de calor apareceu em minha barriga com a ideia de Donovan ter ciúme. De *mim*.

Mas, então, ele riu friamente.

— Não. Só estava brincando com você. Não consegue aguentar estar do outro lado da brincadeira?

É isso que era para ele? Uma brincadeira?

— Isso é sério! — Eu estava tão brava, que deixei cair meu casaco e empurrei a porra de seus pés da mesa. — Isso é minha bolsa!

Em um instante, ele estava em pé e tinha dado a volta na mesa, ficando diante de mim.

— Eu já te disse como consertar suas notas, se está preocupada com isso.

Ele estava se referindo à sua proposta em seu quarto. Quando ele tinha sugerido que poderia *me ajudar* com minha virgindade. Era outro jeito de poder banalizar minha situação, mas também uma chance de brincar com meus sentimentos. Detestava como parecia que ele segurava uma isca. Como ele fazia aquela jogada como se soubesse que em algum lugar, lá no fundo, eu o queria.

Isso me deixava irritada em outro nível. Bati nele tão forte, que a palma de minha mão queimou.

Donovan esfregou sua bochecha, e seus olhos brilharam.

— Foi assim que lutou com Theo? — ele perguntou tranquilamente.

— Não — respondi.

Algo mudou entre nós.

— Lute comigo como lutou com ele.

Eu poderia ter dito que não. Foi um pedido muito estranho e distorcido, mas eu estava brava e pronta para lutar. E, depois de semanas de todos aqueles pensamentos, semanas de desejo e vontade reprimidos, eu não *queria* falar não.

E será que realmente era um pedido estranho e distorcido se, em algum lugar em meu âmago, eu entendesse o ímpeto por trás disso?

Sem insistir mais, empurrei o peito de Donovan com as duas mãos o mais forte que consegui. Ele tirou minhas mãos, mas foi bom. Tanto empurrar quanto ser empurrada. Como conseguir pegar um peso pesado e o alívio de soltá-lo.

Donovan assentiu, encorajando-me a atacá-lo de novo.

Empurrei-o de novo, mas ele segurou meu braço e o colocou às minhas costas. Tentou pegar meu outro braço. Dei uma joelhada em sua lateral, depois empurrei seu rosto de novo enquanto ele estava agachado. Ele era forte demais para mim, e segurou meu punho com facilidade.

Ele me segurou assim por um segundo conforme recuperávamos nosso fôlego, o tempo todo com os olhos colados aos meus.

— Quer que eu pare? — ele perguntou cauteloso.

Por que eu não estava assustada? Estava presa por um homem pelo qual não tinha motivo para confiar, e estive em uma situação parecida em que fui violentada. Deveria estar morrendo de medo.

Mas, em vez de temer, me sentia poderosa.

E excitada.

Exatamente como naquelas fantasias que tivera.

— Não — respondi. — Não pare.

Eu me chacoalhei em suas mãos para consolidar meu pedido, usando o corpo inteiro para lutar com ele. Antes, eu estava me contendo. Agora, lutava com toda minha força.

Donovan também lutava mais forte, mas só com força suficiente só para me vencer. Ele envolveu o braço em minha cintura, erguendo minha camiseta para poder tocar minha pele. Dei uma cotovelada em suas costelas. Seu joelho roçou na parte interna de minha coxa. Será que ele sabia como eu estava molhada através de minha leggings?

Quando me capturou de novo, um braço atrás de mim, outro atravessado em meu peito, de repente me empurrou de costas até estar presa contra uma

prateleira de livros.

Olhei para baixo onde a parte inferior de seu corpo encontrava a minha. Pressionada firmemente em minha barriga estava a protuberância dura de sua ereção.

Tinha me esquecido do porquê fui ali.

Quando olhei para cima de novo, seus olhos estavam aguardando.

— Consegui sentir seu cheiro nos dedos dele.

Mal tive tempo para desejar que sua boca estivesse na minha, e foi o que aconteceu.

Não havia nada experimental ou fácil na forma como Donovan Kincaid beijava. A pressão de seus lábios era firme e determinada. Sua língua parecia grossa quando mergulhou para dentro, me provando em demoradas lambidas. Ele abaixou meus braços e, com uma mão, segurou meu rosto pelo queixo, meio que o mexendo, e foi gentil, mas também era para me segurar no lugar. Para ele poder me beijar como quisesse. Para poder sugar meu lábio superior até ficar inchado. Para poder morder meu pescoço enquanto eu me contorcia contra ele.

Meus joelhos mal conseguiam me segurar. Eu não conseguia respirar porque o queria muito. Joguei um braço em volta de seu pescoço, precisando segurar em alguma coisa. Precisando me segurar *nele*. Seu beijo se aprofundou como se ele gostasse da maneira como me agarrava a ele. Então, mais malvado — puxando meu lábio bruscamente com os dentes enquanto beliscava meu mamilo com os dedos —, como se desejasse não gostar disso do jeito que gostava.

Seus lábios nunca me deixaram, mas eu estava bem atenta conforme sua mão deslizou para baixo na lateral de meu corpo e sob o cós de minha leggings, para dentro de minha calcinha, indo até encontrar meu clitóris.

Prendi a respiração, e ele deslizou mais, através de meus cachos macios, enterrando-se dentro de mim.

— Foi assim que ele fez? — ele perguntou, tirando a mão. Não sei se ele queria ver a reação à sua pergunta ou ao que ele estava fazendo.

— Foi. — Mecanicamente, foi a mesma coisa. Dois dedos acariciando

minhas paredes internas sensíveis.

Mas também não foi nada igual. Eu estava muito molhada. E foi tão bom. Bom pra caramba. Como o fogo se criando lentamente, espalhando o calor, ficando cada vez mais quente. Queimando. Ardendo.

— Donovan — gemi.

— Fale de novo — ele rosnou.

— Donovan. — Eu tinha falado isso muitas vezes no escuro, em minha mente. Era novidade falar em voz alta assim, mas confortável, como encontrar uma calça jeans que parecia ter sido perfeitamente costurada.

Seu lábio se curvou para cima, o mais próximo de um sorriso que eu já tinha visto nele. Caramba, seu rosto era mesmo impressionante. Nunca o tinha visto de tão perto. Não bonito, mas cativante. Ele só tinha vinte e dois anos e, mesmo assim, já tinha linhas de expressão nos olhos. Suas sobrancelhas grossas e a linha profunda em seu queixo lhe davam uma aparência rude, e a forma como me analisava enquanto me esfregava e massageava na parte de baixo era intensa e determinada e... Nossa, o que ele estava fazendo comigo... Fechei os olhos conforme o prazer se dirigia ao clímax.

— Você o tocou? — ele perguntou, de repente tirando a mão.

Abri os olhos.

— Não.

— Me toque.

Foi do mesmo jeito que ele me dissera para sentar quando chegara ali. Naquele momento, havia ficado irritada por ele mandar em mim. Agora eu estava tão ansiosa, que minhas mãos estavam tremendo.

Donovan acariciou meu rosto e beijou minha testa enquanto eu tentava abrir a calça preta de alfaiataria. Quando abaixei a peça e sua cueca até as coxas musculosas, seu pau caiu, comprido, grosso e duro. A cabeça era roxa e estava esticada, e de repente eu sabia que seria *aquele momento*. Ia acontecer. Ele estaria dentro de mim porque havia um furacão de desejo violento em meu centro, me implorando para tê-lo. Mas também *precisava* acontecer porque eu temia de verdade que seja lá o que fosse essa coisa estranha e

complicada com Donovan, ela pudesse nunca mais acontecer se não fosse *agora*.

Envolvi sua cabeça com a palma da mão, de maneira reverente, depois fechei os dedos nele e o puxei para baixo.

Ele chiou, e meu estômago se revirou.

Donovan colocou a mão na minha — a que estava molhada com minha umidade — e, juntos, massageamos para cima e para baixo. Para cima. Para baixo.

Para cima.

Ele tirou sua mão, mas eu continuei massageando-o, embora pudesse sentir seus olhos em mim, me observando. Me *pedindo*.

Não olhei para cima. Porque não queria que pedisse, e não queria que isso acabasse. E isso fazia de mim uma pessoa e uma mulher horrível e provavelmente alguém que precisava marcar um horário com um psicólogo do *campus* assim que possível, mas deixa para lá. *Esse* era meu consentimento. Eu o estava tocando.

Ele pareceu entender, porque, depois, pegou sua carteira, abriu uma camisinha e, tirando minha mão, a desenrolou em sua ereção. Ou talvez ele não estivesse pedindo minha permissão, afinal.

Abaixei a legging e a calcinha até o joelho. Donovan me ergueu, e elas caíram em meus tornozelos. Abri os joelhos, dando-lhe espaço. Ele alinhou a cabeça em minha entrada e, sem hesitar, mergulhou para dentro.

Doeu primeiro. Bastante.

Estava muito apertada e muito seca, mesmo que eu estivesse bem úmida. Porém, Donovan foi persistente, empurrando e cutucando até eu me abrir para ele e ele conseguir deslizar totalmente para dentro. Lágrimas escorreram por minhas faces e minhas unhas cravaram em suas costas. Um líquido passou por onde estávamos unidos e correu por minha perna. Eu me senti tensa, ferida e descontrolada.

Mas então lá estava a boca de Donovan, me beijando, me centrando. Ele estava tão exigente quanto antes. Guloso e impaciente como seu pau. No entanto, conforme cedi aos seus lábios, meu corpo relaxou e, logo, não havia

mais dor, apenas prazer borbulhando dentro de mim, ficando mais intenso e se expandindo.

Ele percebeu quando me rendi. Pude sentir seu ataque mudar. Ele me ergueu bem alto para que o ângulo de sua pélvis estivesse melhor contra a minha e se enterrou em mim repetidamente com movimentos profundos e sem misericórdia. Tentei falar, dizer seu nome, mas tudo que saía eram grunhidos, gemidos e sílabas incoerentes.

Eu estava perdida nele.

A prateleira atrás de mim cortava minha lombar, meu celular tocava no bolso do casaco no chão ao lado da mesa, eu tinha tirado **F** em meu trabalho, a porta do escritório estava destrancada, e eu tinha um encontro com Weston, mas tudo que me importava no mundo no momento era a situação obscena e indecente que estava vivendo. Era tudo que eu tinha imaginado naquelas noites em meu quarto — um pouco cruel e um pouco forte —, além de erótico pra caramba. E ele sabia como me tocar. Sabia como se movimentar dentro de mim.

Também era mais. Porque nunca imaginei que, enquanto fazia aquelas coisas terrivelmente sexy, Donovan me olharia do jeito que estava me olhando. Analisando meu rosto. Observando meus olhos. Como se ele se importasse com o que encontraria.

Nunca imaginei que eu ia *querer* isso dele.

Gozei sem aviso. Sempre fui meio fresca quando se tratava de orgasmos — meu namorado do Ensino Médio achava difícil me fazer gozar com a língua e os dedos. Eu tinha mais sorte sozinha, dependendo de meu estado mental. Talvez fosse uma garota que precisasse de penetração. Talvez fosse uma garota que precisasse de Donovan.

Ele me olhou ainda mais de perto conforme eu gozava. Lutei para manter os olhos abertos para conseguir observá-lo me olhando. Ele pareceu achar isso engraçado porque deu risada, me beijou de novo e, então, estocou em mim com um fervor renovado.

Ele gozou com um grunhido longo e baixo e, por apenas um instante no fim, fechou os olhos, e eu nunca tinha visto seu rosto tão relaxado. Ainda estávamos recuperando o fôlego, ele ainda estava dentro de mim, e eu ergui a

mão para tocar sua face — como ele parecia jovem agora. Até inocente.

Ele segurou minha mão contra sua mandíbula. Seus olhos se abriram.

— Eu não queria notar você — ele disse tão baixo que foi quase um sussurro. — E agora não sei como não fazê-lo.

Outra declaração enigmática de Donovan, mas essa fez meu peito se aquecer e se esticar.

— Então me note — eu disse.

Ele me olhou por mais um tempo. Depois se afastou, saindo de mim.

— Não posso.

Ele gesticulou para eu ficar onde estava. Então retirou a camisinha, amarrou-a, envolveu-a em um lenço de papel que tinha na mesa e a guardou no bolso antes de fechar a calça. Eu tinha que lhe dar crédito — provavelmente não era uma boa ideia deixar uma camisinha usada no escritório do sr. Velasquez. Em seguida, Donovan trouxe uns lenços e se ajoelhou diante de mim para poder limpar o sangue e o gozo que tinha escorrido por minha coxa.

Então ele me deixou com a calça ainda arriada e foi se sentar atrás da mesa.

Eu me vesti e o observei, curiosa, quando ele abriu o laptop e teclou algumas vezes.

— Agora você tirou **A** naquele trabalho, Sabrina — ele disse, sua voz não totalmente estável. — Acredito que deva ser aceitável para você. — Ele não me olhava.

O pavor começou a se acumular em meu estômago.

— Não é. Não foi por isso que fiz isso. — Ele não acreditava nisso. Não *podia*. Sentia-se mal agora, como deveria, e estava consertando seu erro. Claro que era isso que estava acontecendo.

— Tenho certeza de que não foi por isso. — Ele estava mais no controle de si mesmo agora. Fechou o laptop e finalmente encontrou meus olhos. — Mas agora vai ter chance com Weston King, não vai?

Foi um soco no estômago. A coisa mais cruel que ele poderia ter dito.

Com lágrimas nos olhos, peguei meu casaco do chão e comecei a seguir para a porta. Minha mão estava na maçaneta quando ele adicionou:

— Oh, é mesmo. Esqueci de falar que Weston gosta, *sim*, de virgens. Foi mal.

Havia muitas palavras que eu queria descarregar nele, mas, mesmo que tentasse no momento, sabia que não sairia nada além de muco e baba. Ele tinha acabado comigo. Eu jogara seu jogo, e ele vencera.

Abri a porta e corri até estar fora do prédio. Corri até não poder mais porque estava soluçando muito para continuar. Parei no rio para chorar, recuperar o fôlego e silenciar meu celular, que estava tocando sem parar em meu bolso.

Tirei o aparelho e olhei as notificações através dos olhos embaçados — quatro ligações perdidas e várias mensagens de texto, tudo da minha irmã.

Audrey: Cadê você?

Audrey: Me ligue assim que possível. É o papai. Ele está no hospital.

Audrey: Sabrina! É um infarto.

Audrey: Ele vai morrer. Me ligue. Preciso de você.



EPÍLOGO

DEZ ANOS DEPOIS

Ashley bateu os dedos do pé, ansiosa para a garçonete passar de novo.

— Juro por Deus que, se não sairmos daqui a tempo por causa daquela maldita garçonete...

— Acalme-se, ok? Não faz tanta diferença se eu não o vir. — Terminei o último gole de meu martini e deixei a taça de lado.

— Está brincando comigo? Faz... o quê? Dez anos que você saiu de Harvard?

— Mais ou menos isso. — *Dez anos*. Era estranho como não parecia que tinha se passado tanto tempo. Ainda parecia que foi ontem, e também parecia que tinha acontecido em outra vida, a outra pessoa.

— Você *precisa* vê-lo. Nunca conseguiu explicar a ele o que aconteceu. E se ele estiver te esperando todo esse tempo? E nunca soube que seu pai morreu. Só pensou que você fugiu e não se importou. Apesar de eu ainda não entender por que simplesmente não trouxe Audrey para Cambridge com você.

— Já expliquei isso. — Suspirei.

Ela jogou as mãos no ar, sua irritação com nossa garçonete se traduzia na irritação comigo.

— Você tinha o *pacote completo*! Como pôde deixar isso escapar por seus dedos? Eu ouvia você falar dos empregos que queria... para administrar grandes empresas na Wall Street e ficar rica. Poderia ter tido tudo se tivesse ficado!

— Eu sei! E, acredite em mim, eu tentei. Mas minha bolsa foi cancelada quando não terminei o semestre. Não conseguia pagar Harvard sem ela. — Isso tinha me devastado. Quase tanto quanto a morte de meu pai. Em minha

vida toda, eu tinha trabalhado por aquela bolsa, então ela ter sido cancelada... Foi como sal jogado em cada ferida aberta.

Ashley, com muita razão, ficava indignada.

— Eu sei, eu sei. Eles cancelaram. Você deveria ter entrado com recurso.

Também já tinha explicado essa parte para ela. Muitas vezes. Algo de que ela provavelmente se lembraria se não tivesse bebido três tônicas com vodca em menos de uma hora.

— Eu entrei com recurso. Mas a bolsa era financiada particularmente pela fundação MADAR e, já que não era dada pela universidade, o doador não precisava aderir à política da faculdade. Blá, blá, blá. — A lembrança era amarga em minha boca, meses escrevendo cartas só para ser rejeitada todas as vezes. — Se eu tivesse o nome certo, as conexões certas. Se tivesse dinheiro, sei que as coisas teriam sido diferentes.

— Esse não é o dilema de todo mundo? Ei, garçonne! — ela praticamente gritou no bar.

— Ashley! Shh! — Eu não sabia por que a estava mandando fazer silêncio agora. O restaurante inteiro já estava olhando para nós.

Ela não se importou com a atenção.

— Fizemos contato visual. Está legal. Ela me viu. Está trazendo a conta. — Ela roubou a azeitona de minha taça vazia de martini. — Enfim, você se formou na Universidade de Colorado e, depois, foi resgatada por um *headhunter* para uma das melhores empresas de publicidade da Califórnia, mudou-se para LA, me conheceu e sua vida realmente começou. De nada.

Fingi revirar os olhos, mas, sinceramente, Ashley tinha se tornado uma ótima amiga e confidente. Além de minha irmã, ela era a única pessoa para a qual eu tinha contado sobre Donovan Kincaid e Weston King. Entretanto, tinha deixado de fora os detalhes ambas as vezes que contara a história. Ninguém precisava saber como fui doente e indecente naquela época. Com Donovan.

Ainda pensava nele, às vezes. À noite. Quando não conseguia dormir. Quando estava inquieta e não conseguia descobrir do que precisava. Às

vezes, apenas de minha mão e fantasias dele.

Mas não admitiria. Que tipo de garota ainda sonhava com o babaca que tirara sua virgindade e a deixara de lado daquele jeito?

O que teria acontecido se eu tivesse conseguido ficar?

— Aqui está — a garçonete disse, entregando nossa conta.

Ela já estava saindo para outra mesa quando Ashley a pegou pelo braço e a puxou de volta.

— E aqui está meu cartão. Pode se apressar, por favor? Temos que ir para outro lugar.

— Não temos, na verdade — eu disse, mas a garçonete já estava fora de alcance.

— Temos, sim! — Ashley virou a programação “Publicidade em uma Nova Era” para mim e apontou para o palestrante principal animada. — Ele provavelmente pensa que você o largou todos esses anos atrás. Você precisa consertar isso!

Encarei o programa. Ainda estava aberto na página que tinha começado toda essa conversa e já nos feito perder dois painéis.

Sua foto mostrava que ele estava em boa forma.

Mas eu já sabia disso. Tinha visto fotos deles várias vezes, e ambos tinham ficado bonitos mais velhos. Weston King e Donovan Kincaid eram famosos no mundo da publicidade. Em vez de, depois de Harvard, seguir com empregos na corretora de investimentos dos pais deles, abriram uma agência de publicidade internacional. Weston cuidava do escritório nos Estados Unidos e Donovan cuidava da filial em Tóquio.

Quando eu concordara em ir a Nova Iorque por três dias com Ashley para essa conferência, não fazia ideia de que ele seria um palestrante.

— Provavelmente ele nem vai se lembrar de mim — eu disse, encarando sua covinha *derretedora* de calcinha.

— Quem poderia te esquecer? Com um rosto como o dele, eu usaria qualquer carta que tivesse para tentar me aproximar. Ele é gostoso. Oh, espere, esqueci que você curte mais cérebros do que aparência ultimamente...

Talvez ele compartilhe suas inspirações vencedoras de prêmios com uma velha amiga.

Balancei a cabeça e passei a mão no cabelo — o rabo de cavalo não existia mais, mas o hábito permanecia. Provavelmente deveria ver sua palestra, de qualquer forma. E que mal faria em ficar um pouco depois que acabasse? Não seria legal finalmente ter um encerramento para aquela época?

A garçonete voltou com o cupom fiscal, e Ashley assinou rapidamente.

— Certo — Ashley disse. — Pronta, Bri?

Era uma pergunta complicada. Será que alguém ficava pronta algum dia para homens como Weston King e Donovan Kincaid?

Pegando meu celular, usei a câmera para retocar meu batom e respirei fundo.

— Vamos lá.

PART 2

HOMES



CAPÍTULO 1

— Ele não vai se lembrar de mim — insisti. Eu tinha que me concentrar para não ficar agitada. Os martinis que tomara mais cedo tinham acabado o efeito, e eu estava nervosa. Como que eu fui convencida a fazer isso mesmo?

— Pode parar de falar isso? — Ashley olhou por trás das pessoas à nossa frente, provavelmente calculando quanto tempo demoraria até chegar nossa vez. Estávamos em uma fila de uma dúzia de mulheres, mais ou menos, que tinham ficado mais um pouco depois da palestra na convenção a fim de cumprimentar o palestrante, Weston King. — Você é esperta. Sedutora. Controlada. Linda. Ninguém consegue te esquecer.

A mulher que ela estava descrevendo só existia desde os últimos anos. Antes disso, era esquisita e tímida. Eu me escondia por trás de recursos simples e uma massa de cabelo castanho sujo que tipicamente usava preso em rabo de cavalo.

— Você não me conhecia na faculdade. Naquela época, definitivamente poderiam se esquecer de mim. — E, obviamente, não era nada especial, já que não consegui manter minha vaga em Harvard por mais de um semestre.

Ashley inspirou, um sinal de que estava tentando se manter paciente. Então se virou para mim e me deu seu sorriso mais encorajador.

— Eu te conheço *agora*. Mesmo que ele não se lembre de você, vai fingir que lembra só para ficar conversando com você.

Minha pálpebra tremeu conforme lutei para não revirar os olhos.

— Cale a boca.

— Não consigo. Tenho uma queda perfeitamente não-lésbica por você. Sabe disso. Não consigo entender alguém que não se apaixona por você. — Ela envolveu o braço no meu, e nós demos um passo à frente. Havia mais uma pessoa entre ele e a gente. Entre Weston e eu. Entre meu passado e meu presente. Será que eu estava pronta para que meus mundos se colidissem?

Para ser sincera, provavelmente eu estava surtando por nada. Muitos anos se passaram para me preocupar muito sobre os eventos que ocorreram

naquela época. Uma década, na verdade. Mal nos conhecíamos naquele tempo. Eu tivera uma conversa de verdade com o homem — garoto, na época — e o resto de minha experiência com ele tinha sido observando-o de longe.

Não era como se eu estivesse na fila para ver Donovan Kincaid. Isso, sim, me daria ansiedade. *Ele* se lembraria de mim. Tinha que lembrar. O que acontecera entre nós tinha sido tão pequeno em questão de tempo, mas tão grande em relação ao impacto que causara, pelo menos na minha vida. Será que eu tinha causado o mesmo efeito nele?

Eu ainda estava pensando em Donovan, em sua mandíbula esculpida e seus olhos cor de mel e a forma terrível como nos separamos, quando a mulher à nossa frente se despediu e saiu da fila, deixando-me cara a cara com Weston King.

Jesus, ele era lindo. Ele sempre foi lindo, mas os últimos dez anos o tinham deixado mais ainda. Tinha passado os últimos noventa minutos encarando-o conforme ele dava sua palestra no Javits Center, então deveria estar preparada, mas, de perto, sua beleza era ainda mais incrível. Seus olhos azuis, ainda mais chocantes. Seu sorriso, ainda mais deslumbrante.

Ele tinha uma aparência que deixaria a calcinha de qualquer uma molhada. Eu estava convencida disso.

— Olá — ele disse, calmo. Tão calmo, que eu não consegui identificar se era reconhecimento ou simplesmente charme.

— Ahn, oi. — Foi tudo que consegui falar. Podia estar plena e controlada por fora, mas ver Weston King imediatamente trouxe toda a esquisitice de minha juventude.

Felizmente, Ashley estava lá para me resgatar.

Ela deu um passo à frente, me puxando com ela.

— Oi, sou Ashley. Esta é minha amiga Sabrina. Trabalhamos no Now, Inc. em LA, e queríamos te dizer que gostamos bastante da sua palestra esta noite. Eu, particularmente, gostei de seu ponto de vista sobre o relacionamento entre os departamentos dentro de uma agência. Já vi os mesmos esforços competitivos entre o time de vendas e o de criação em nossa empresa.

— Obrigado — Weston disse. — A guerra entre vendedores *versus* artistas. Acho que é a natureza do monstro.

Ele direcionou o comentário para nós duas, mas tudo que consegui fazer foi assentir como uma idiota.

Ashley inspirou alto — aquele sinal quase silencioso de que ela estava frustrada — e colocou o braço em volta de meu ombro.

— Além disso, ela é tímida demais para falar, mas Sabrina estudou com você na faculdade.

— Ashley! — repreendi. Esse era o problema em ter uma amiga do tipo que “não tem limites”. Se eu não a fizesse parar, logo, estaria espalhando que eu tinha uma queda enorme por ele naquela época também. Deus me ajude se ela falasse de Donovan. — Eu não ia falar nada.

— Fizemos faculdade juntos? — Pela primeira vez desde que eu estava diante dele, Weston me olhou... *realmente* me olhou.

Seu olhar me pinicou conforme ele analisou meu rosto, e senti minhas faces corarem.

— Só fiquei em Harvard metade de nosso primeiro ano. — Não que tivesse sido minha escolha. — Tenho certeza de que não se lembra de mim. — Jesus, eu não conseguia nem olhar no olho dele. O que havia de errado comigo? Eu tinha vinte e sete anos, não dezessete.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Nós nos conhecíamos bem? Qual é seu nome mesmo?

Oh, Deus. Ele realmente *não* se lembrava de mim. Era humilhante demais.

— Nos falamos uma ou duas vezes. Sou Sabrina Lind — eu disse, desejando poder me esconder em uma pedra. — Sério, eu não esperava que me reconhecesse. Foi só uma coisinha interessante que contei para minha amiga para fazê-la pensar que sou descolada.

Ele deu uma risada educadamente, mostrando a covinha que sempre curti todos aqueles anos atrás. Descobri que ainda fazia meus joelhos cederem.

— Enfim — eu disse. Havia algumas pessoas atrás de nós esperando para conhecê-lo. Mais mulheres ansiosas para derreter com trinta segundos da atenção dele. Era hora de ir. — Foi bom te ver. Fez uma ótima palestra.

— Obrigado. — Weston continuou me analisando, tentando me reconhecer, mas, então, puxei Ashley para irmos, e ele voltou sua atenção às mulheres atrás de nós.

— Bom, foi constrangedor — sussurrei assim que estávamos distantes.

— Valeu muito a pena — ela disse, abanando-se com sua programação. — Não consigo acreditar que você estudou com um bonitão misterioso megabilionário. Ele é ainda mais gostoso ao vivo do que era na capa da revista *Money* no ano passado. Aquela covinha!

— Não é? Era bom ter outra pessoa testemunhando a beleza que era Weston King. — Você devia vê-lo se camisa. Ele estava no time de remo...

De trás de mim, ouvi Weston dizer uma palavra que chamou minha atenção.

Com o coração acelerado, as mãos suadas, me virei e o vi nos encarando.

— O que você falou?

— Você estava na aula de Donovan — ele repetiu, os olhos arregalados com reconhecimento. *Donovan*. Foi essa palavra que eu tinha ouvido. — Você me deu um bolo.

Ele se lembrava *mesmo* de mim.

— Te falei — Ashley sussurrou ao meu lado.

Belisquei seu braço e gritei de volta para Weston.

— Tive um motivo muito bom. Eu juro.

Ele ergueu um dedo para sinalizar para eu esperar que ele terminasse de assinar a programação da mulher diante dele. Quando finalizou, veio passeando até nós.

— Vou deixar você me contar tudo bebendo uns drinques.



Weston concentrou seus olhos em mim.

— Ok, seu pai morreu, você foi para casa e criou sua irmã, terminou a faculdade, fez seu MBA. E depois?

Tinha passado uma hora e meia desde que Ashley havia, gentilmente, fingido estar cansada demais para se juntar a nós para uma bebida, e Weston tinha me levado para uma de suas baladas preferidas, The Sky Launch, para uma bebida, que agora tinha se transformado em duas. O banco circular em que estávamos sentados tinha vista da pista de dança abaixo, mas, devido à forma com que era protegido por paredes de vidro, a música não estava tão alta para conversar. Fornecia um clima bem único, tanto íntimo quanto animado.

— Na verdade, é isso. — Eu não me incomodara em contar a ele sobre minha luta para voltar para Harvard ou como a fundação MADAR tinha se recusado a me devolver a bolsa depois que eu não terminara o semestre. Embora tivesse acontecido há dez anos, ainda era um ponto sensível.

— Não pode ser. Sempre tem mais coisa — ele incentivou. — Como escolheu propaganda?

— Bom. Na verdade, a propaganda que me escolheu — eu disse, tirando os sapatos e cruzando um pé debaixo da coxa. — Sempre tive ambos os lados do cérebro desenvolvidos, e queria encontrar um emprego que envolvesse números e métricas mas também criatividade, então fiz especialização em marketing. Depois de me formar, tive uma entrevista com uma *headhunter*, e um dos empregos que ela tinha disponível era em um departamento de marketing de uma agência de publicidade. De todos os cargos que ela me mostrou, era o único pelo qual eu estava menos interessada. Contudo, quando recebi a proposta e voei para Los Angeles a fim de visitar o escritório, me apaixonei com a energia de lá. Havia números, estrutura, ideias e arte. Onde mais tem tudo isso misturado?

Weston havia tirado seu paletó mais cedo. Agora, estava alargando a gravata e esticou o braço por cima do banco.

— Algumas pessoas pensam que somos loucos por escolher essa área.

Sua escolha de palavras provocou algo em mim que não me incomodava há muito tempo. Pensei se tinha sido louca naquela época, quando era mais jovem, e os pensamentos e sentimentos que tivera eram estranhos, incomuns e difíceis de lidar. As pessoas e fantasias que me excitavam eram assustadoras e sombrias.

No entanto, tinha crescido e percebido que meu tempo em Harvard não tinha sido padrão. Tinha sido um período de namoricos e, de forma alguma, definia o que eu seria o resto da vida. Meus pensamentos eram normais. Minhas fantasias não eram estranhas. Eu não era louca.

Às vezes, me preocupava por ter que me esforçar bastante para me convencer disso.

Mas estava com Weston King e, se isso era loucura, era exatamente o tipo de louca que eu queria ser. O tipo de louca que eu esperava que fosse. Então, eu disse:

— Provavelmente. Mas qual é o problema disso?

Nossos olhos se encontraram e se fixaram. Conforme a noite passou, tínhamos nos aproximado cada vez mais um do outro. Agora estávamos inclinados um em direção ao outro, nossos corpos a centímetros de distância. Ou isso iria a algum lugar ou...

— Então ainda está no departamento de marketing? — Weston perguntou, pegando seu Manhattan e mexendo antes de beber.

— Comecei em pesquisa, e agora sou o gerente de estratégia e marketing. — Suspirei internamente. Pensar em meu trabalho era deprimente. Por mais que adorasse meu emprego atual, o presidente que entrou no ano anterior era um pesadelo de se trabalhar junto.

Além disso, eu estava interessada na empresa de Weston — Reach, Inc. O negócio só tinha cinco anos e já era um dos líderes da indústria. Era o tipo de carreira que eu esperava ter se tivesse me formado em Harvard.

— Mas seu trabalho... — Pausei, esperando que minha inveja soasse mais como admiração. — O que você faz é incrível.

Weston deu de ombros de forma desdenhosa, porém, de alguma forma,

sorriu ao mesmo tempo.

— Tem sido uma viagem e tanto. Mal consigo acreditar que esta é minha vida.

Isso me surpreendeu. Ele nasceu em berço de ouro — pensei que ele esperava que tudo em que tocasse virasse ouro. Era mais difícil me ressentir por seu sucesso quando ele era humilde quanto a isso.

— Vai parecer ingênuo, mas o que exatamente você faz? Como dividem tudo?

— Não é nada ingênuo. — Ele colocou sua taça na mesa, e agora estávamos tão perto, que meu joelho tocava o dele. O calor se espalhou por mim, concentrando-se em minha barriga. — Na verdade, não faço ideia.

Dei risada com um nervosismo inexplicável.

— Fale sério.

— Bom, somos uma agência com estrutura tradicional com uma equipe de diretores que consiste em cinco pessoas. — Cinco homens, pelo que eu tinha lido. Imagine um mundo patriarcal. Donovan era o único que eu conhecia por nome. — Tem dois caras em Tóquio, um em Londres e Nathan Sinclair e eu, que administramos o escritório de Nova Iorque juntos. Nate supervisiona os serviços de criação e contabilidade, e eu cuido do restante.

— Que é bastante.

— Que é bastante — ele repetiu.

— Então, operações, marketing, pesquisa, compras... tudo isso é você? — Fiquei surpresa. Nosso escritório tinha três chefes que supervisionavam todas as áreas, e era uma firma menor.

Weston deu de ombros.

— Na maior parte do dia, fico escondido em meu escritório lendo BuzzFeed, mas, de alguma forma, os pagamentos continuam chegando.

— Você faz mais do que isso.

— Estamos crescendo. Logo, teremos que mudar nossa estrutura. — De forma abrupta, ele alterou seu tom, parando de falar no assunto e ficando sério. — Mas isso é chato. Vamos falar de você.

Baixei os olhos, de repente tímida.

— Já te contei tudo sobre mim.

— Vamos falar de nosso breve encontro na faculdade.

— Foi tão breve, que mal pode ser chamado de encontro. — Tínhamos uma aula juntos e almoçamos apenas uma vez juntos. Então ele tinha me convidado para sair, e eu aceitara, mas tinha ido para casa porque meu pai morreu antes da festa realmente acontecer.

— Nunca tinha levado um bolo antes de você. Doeui. — Ele esticou a mão a fim de ajustar meu colar, uma cruz simples que pertenceu à minha mãe antes de morrer. Seus dedos eram quentes em minha pele quente demais, era como adicionar fogo ao fogo.

Saía faísca da gente.

— E, mesmo assim, você não se lembrou de quem eu era quando me viu pela primeira vez. — Coloquei a mão em sua coxa de leve, com cuidado. Seu músculo se flexionou sob meu toque, e um calafrio percorreu minha espinha.

Ele puxou um pouco uma mecha de meu cabelo, e pude imaginá-lo puxando mais forte.

— Não te reconheci sem o rabo de cavalo.

— É, foi isso.

Sua expressão ficou mais sombria.

— Eu estava mesmo a fim de você, Sabrina.

A sobriedade de sua declaração era difícil de acreditar.

— Por todos os cinco minutos. Literalmente, cinco minutos.

— Havia muitas garotas naquela escola. Demorei um pouco para notar você. — Ele colocou a mão em meu joelho nu e acariciou a pele na parte interna de minha coxa. — Não foi minha culpa.

— Aham. — Era difícil refutá-lo quando meu corpo estava nadando em sua tontura. Eu o queria muito naquela época. Não apenas ele, mas tudo que ele representava... sua faculdade, seu dinheiro, seu futuro. Aquele desejo se estendeu ao desejo que eu tinha por ele agora.

— Se tivesse ido àquela festa... — Ele parou de falar, sua voz grave e sedutora.

— O que aconteceria? — Pensava nisso de tempos em tempos ao longo dos anos. Pensava no que poderia ter acontecido entre Weston e eu se tivéssemos tido a chance.

Ele se inclinou para mim e me disse:

— Eu teria tentado te levar para a cama.

Inspirei suas palavras, absorvendo-as antes de responder.

— Eu teria ido.

Pelo menos teria se aquela outra coisa não tivesse acontecido. Quando ele me convidou, esperei isso. Depois do incidente com Donovan, não sabia mais se era o que queria.

— Teria?

Assenti.

— Você nem precisaria ter tentado muito. Eu tinha uma grande queda por você.

A mão de Weston subiu mais por minha perna, e ele se inclinou para sussurrar em meu ouvido.

— Vou tentar te levar para a cama agora.

Ele era um tipo bem especial de sedutor. Não apenas era alguém que eu quisera no passado, mas também cumpria tudo que eu sempre desejei para mim mesma. Havia algo inexplicavelmente atraente nisso.

Mas não precisei usar palavras para falar para ele que não precisava tentar. Weston King tinha essa aqui na palma da mão.



CAPÍTULO 2

Peguei a calça de Weston do chão, chacoalhei-a, depois as soltei de novo quando nada caiu. Circulando, olhei pelo quarto pela terceira vez.

— Não consigo encontrar minha calcinha — eu disse com um suspiro.

Weston me observava da cama, com a cabeça apoiada na mão.

— Não precisa dela.

— Preciso. Tenho que me vestir. — Olhei de novo pela saia, pelo sutiã e pela blusinha de segunda pele que estava segurando, no caso de não ter visto minha calcinha pendurada em alguma peça. Não estava ali. Joguei as roupas na cama e suspirei de novo.

— Não precisa, não. Fique aqui — ele acenou. — Fique na cama comigo para sempre.

— Não posso. Você sabe que preciso voltar. — Depois das bebidas na sexta à noite, Weston tinha me levado à sua cobertura e transado comigo até o sol nascer. Havíamos ficado na cama o sábado inteiro e a maior parte de hoje, saindo apenas para comer. Agora era domingo à tarde, e eu tinha um voo noturno para pegar.

— Onde você a colocou depois do jantar ontem à noite? — ele perguntou, alongando-se para o lençol descer por seu corpo, expondo o tronco nu e o caminho lindo da felicidade com que eu tinha ficado tão familiarizada nos últimos dois dias.

Levei meus pensamentos de volta à noite anterior. Tínhamos ido a um restaurante asiático. Weston me masturbou na volta para casa no táxi.

— Não a usei no jantar ontem à noite.

— Ah, é. — Ele sorriu, seus olhos se acenderam famintos.

Minha barriga ficou tensa.

— Pare de me olhar assim, ou nunca vou sair daqui.

Ele esticou o braço para massagear a semiereção que já estava tomando

forma debaixo do lençol.

— Não tenho mesmo problema com isso.

— Weston... — alertei. Em apoio ao que ela chamava de minha *sexcapada* muito necessária, Ashley tinha se encarregado de arrumar minha mala, mas eu ainda tinha que pegá-la com o porteiro antes de ir para o aeroporto. Com o trânsito da cidade, precisava sair nos próximos trinta minutos. — Tenho que ir.

Ele se sentou e recostou na cabeceira da cama e, baseado em sua nova postura, presumi que ele estava se preparando para mudar a conversa para um tom sério.

— Mas por que tem que ir?

Ou não tão séria.

Ele sabia por que eu tinha que ir.

— Tenho um voo — respondi, de qualquer forma, enquanto desabotoava a camisa que peguei do chão depois do banho mais cedo.

— Não pegue.

— Tenho que ir para casa. — Joguei a camisa na cama.

— Por quê? — Ele se inclinou para a frente e passou um dedo pela curva de meu seio.

— Tenho um emprego — eu disse, batendo a mão na dele.

— Demita-se. — Ele gemeu conforme eu colocava o sutiã, cobrindo os seios que passou tanto tempo admirando no fim de semana. Ele havia sido brincalhão, não muito bruto e, embora não fosse o tipo de toque que me deixava molhada imediatamente, foi bom. Era normal, saudável e era isso que eu esperava em um encontro sexual.

— Não posso me demitir. — Parei ao virar minha saia a fim de encontrar a parte de trás dela. — Preciso de um emprego. Não nasci com os meios de não ter que trabalhar como certas pessoas.

— *Certas pessoas.* — Ele riu. — Pessoas como eu, quer dizer?

Sorri humildemente e vesti a saia.

— Talvez.

— Eu trabalho — ele disse, defendendo-se.

De repente, me sentindo mal por isso, me aproximei dele e o abracei em meu peito.

— Você trabalha — eu disse de maneira conciliadora, passando os dedos em seu cabelo loiro. — Você tem um emprego. E eu tenho um emprego. Do outro lado do país.

Ele apertou minha bunda e me puxou mais para perto.

— Você poderia ter um emprego *deste* lado do país — ele disse em meus seios.

— Eu poderia. Mas não tenho.

Ele beijou meu decote.

— Venha trabalhar para mim. Demita-se e está contratada. Quem gosta de LA? Toda aquela poluição e superficialidade. Demita-se e trabalhe para mim.

Ele estava brincando, então dei risada, mas também meu coração bateu mais forte. Há quanto tempo eu queria a vida que ele estava balançando como um brinquedo?

— Você nem sabe se tenho as qualificações.

— Oh, eu sei muitas de suas qualificações. — Ele me virou e me puxou para seu colo para que eu pudesse sentir sua ereção pressionando minha lombar, confirmando sua falta de seriedade. — Vamos discuti-las em detalhes ou devo deixar você me lembrar delas de outras formas?

— Weston... — gemi, conforme suas mãos subiam por debaixo da minha saia. Minhas coxas se abriram automaticamente para ele, e seu polegar deslizou por minha boceta nua até ele chegar no clitóris. — Está dificultando minha partida.

— Então meu plano está funcionando. — Ele circulou lentamente o polegar, me provocando.

— Humm. Isso é bom. — Meu corpo começou a cantarolar, pronto para começar a escalar a montanha em espiral de prazer. — Precisa parar —

implorei.

— Imagine se ficasse — ele sussurrou em meu ouvido. — Poderíamos fazer isso o tempo todo.

Embora soubesse que ele estava brincando, me permiti pensar nisso por alguns segundos. Weston era exatamente o cara que teria sido bom para mim. Era um bom homem, e nosso sexo era bom, e me fazia me sentir bem comigo mesma.

Por que *bom* parecia que não era o *suficiente*?

Não importava, de qualquer forma. Era um jogo. Ele era um playboy. Tudo que tinha lido sobre ele confirmava exatamente como fora na faculdade. Eu não esperava ser a mulher que poderia mudá-lo. Isso tinha sido apenas um bom momento, uma dança com o passado. E toda essa conversa era ele apenas envolvido no momento.

— Não posso ficar — eu disse sem fôlego, distraída por seu polegar ainda pressionando meu clitóris.

— Me dê um bom motivo — ele insistiu depois lambeu o lóbulo de minha orelha, fazendo-me arrepiar.

Sorri.

— Gosto do que faço. — Realmente *gostava* de meu emprego, apesar do clima atual na minha empresa e de minhas aspirações passadas envolverem algo maior.

Weston ergueu a outra mão a fim de segurar meu seio por cima do sutiã.

— Eu te daria um cargo similar.

— Não pode simplesmente demitir seu gerente atual de estratégia e marketing. — Eu me mexi em seu colo, tentando fazê-lo me dar mais, apesar de saber que precisava partir em breve.

— O cargo dele é Diretor de Estratégia de Marketing e, sim, eu posso. Ele tem bafo, e não gosto do jeito que faz seus gráficos.

Dessa vez dei risada.

— Não está falando sério.

— Muito sério. Ele come sushi de almoço todos os dias, e juro que toda vez que abre a boca, cheira a peixe podre.

Dei risada de novo e fechei os olhos, me permitindo curtir. Ele era tão encantador e engraçado, exatamente como me lembrava dele. Entretanto, ao longo dos anos quando pensava nele, quando me perguntava sobre ele, nunca tinha sido ele a me dar orgasmos no escuro.

Eu tinha que ir.

Abri os olhos.

— Weston.

— Sabrina.

— Preciso ir.

Um segundo se passou.

— Eu sei.

Tentei me levantar, mas ele me segurou mais forte.

— Precisa me soltar primeiro.

— Se é o que quer. — Ele suspirou e me soltou.

Eu me levantei e alisei minha saia. Então me virei de volta para ele ao colocar a segunda pele.

Weston se sentou para a frente e envolveu os braços nos joelhos flexionados.

— Mas sério. Venha trabalhar para mim.

— Mas sério. — Eu me virei para olhar no espelho de sua cômoda e passei os dedos no cabelo. — Você nem viu meu currículo. — Ele daria uma olhada e me ofereceria um cargo de entrada, e então eu seria apenas outra daquelas mulheres que tinha conseguido o emprego transando. Não era o que eu estava procurando.

— Você se formou um ano mais cedo no Ensino Médio. Estudou em Harvard com bolsa integral — ele disse, repetindo coisas que eu dissera para ele no fim de semana. Então me contou algo novo. — Donovan disse que você era, de longe, a pessoa com mais potencial de todas as aulas dele.

Minha mão ficou mais lenta à menção da única pessoa que sempre conseguia chamar minha atenção. Como se eu fosse um clipe de metal enterrado no chão, e o nome dele fosse o detector de metal mais poderoso do mundo.

— Donovan falava sobre mim?

— Falou uma vez. — Weston se levantou da cama ao falar. — No dia em que você e eu almoçamos, eu acho. Ele me deu um sermão sobre andar com você porque você era a aluna mais brilhante com o maior potencial, e não precisava ser puxada para trás e distraída por tipos como eu.

Donovan era amigo e morava com Weston, mas era mais velho que a gente e também havia sido o assistente do professor em nossa aula de Ética na Administração. E havia sido muito mais para mim.

Mas isso não lhe dera o direito de tentar manter Weston e eu separados. Foi há dez anos, e a menção disso agora me irritou. Também me deixou meio presunçosa, e isso me deixou ainda mais irritada.

— Isso não parecia ser algo da conta dele — eu disse quando Weston esticou a mão diante de mim a fim de abrir uma gaveta da cômoda e puxar uma boxer vermelha. — O que falou para ele?

— Que não parecia ser algo da conta dele. — Ele vestiu a cueca e guardou o pau no lugar. — Como seu professor, ele parecia pensar que era. Se me lembro direito, provocou uma de nossas maiores discussões na época. No fim, concordamos em discordar. Ele falar disso me deixou ainda mais ansioso para te ver. E me deixou ainda mais decepcionado quando você não apareceu.

Weston começou a recolher suas roupas pelo quarto, e eu me sentei na beirada da cama, refletindo. Tinha almoçado com Weston, depois ele e Donovan discutiram sobre mim. Então, Donovan me dera um *F* que eu não merecia, levando à nossa própria briga e, quando vi, acabei perdendo a virgindade para um homem que fora tanto um herói quanto um demônio para mim.

Ainda era o momento mais erótico da minha vida.

Mas a coisa toda foi zoada. E, depois, ele ficou frio. Dali em diante, fiquei longe de homens como ele. Todo homem com quem eu saía era

divertido, gentil e bonzinho. Como Weston. Caras bonzinhos que nunca deram certo. Parecia que faltava algo em todo relacionamento e, se isso era um sinal de que eu precisava ter uma vida sexual fodida para me sentir realmente completa, então estava preparada para nunca estar completa.

Porque achava que não conseguia ser engolida por um ciclone como Donovan de novo e sobreviver.

— Desculpe por não ter encontrado um jeito de ficar com você naquela época — eu disse, observando Weston arrumar o quarto. Meu encontro com ele tinha sido a última coisa em minha mente depois da morte de meu pai, mas eu poderia ter tentado mais. Provavelmente poderia ter tentado mais com todos os caras bonzinhos com quem saí.

— Só estou feliz por ter me encontrado agora. — Ele piscou para mim. — Venha trabalhar para mim.

Bufei, irritada.

— Você não desiste, não é?

— Sou persistente. É uma de minhas melhores qualidades.

E se ele estivesse falando sério mesmo? Não sobre um relacionamento, mas sobre um emprego? Será que eu poderia trabalhar para ele? Cargo de entrada seria, pelo menos, um começo. Eu retornaria para anos atrás, mas poderia conseguir ganhar experiência, não poderia? Ainda acabaria onde era para ser, jogando duro na liga dos grandes.

Era algo a se pensar...

De onde eu estava sentada, vi o salto de meu sapato aparecendo atrás da cortina.

— O que fez você e Donovan decidirem fazer propaganda juntos? — perguntei ao seguir para pegar meu sapato. — Por que não entrou na corretora de investimentos de seu pai? — King-Kincaid era uma das maiores corretoras do mundo. Tanto Weston quanto Donovan eram mais ricos do que eu poderia imaginar. Nenhum deles tinha mesmo que trabalhar, e começaram um negócio em uma área totalmente diferente.

— Houve muitos motivos. Queríamos algo que fosse apenas nosso, sabe? Algo que nós mesmos construíssemos. Eu não queria ter tudo de

bandeja. Queria saber se conseguia fazer algo sozinho. Donovan também teve um problema com algumas escolhas éticas que a corretora de nossos pais fez a fim de aumentar lucros.

— Sério? — Esse tinha sido o assunto que havíamos discutido em meu trabalho. — O Donovan que me lembro tinha pouca consideração em relação à ética.

— Ele mudou de ideia quanto a umas coisas desde a faculdade por algum motivo.

Será que era repentino eu perguntar se tinha contribuído para ele mudar de ideia?

— Quanto à propaganda, foi ideia de Donovan. Conhecemos Nate, que também ficou interessado, então ele entrou conosco. Aí encontramos Dylan Locke e Cade Warren e formamos uma equipe. Primeiro, planejamos ficar todos em Nova Iorque, cada um de nós administrando um departamento diferente, porém, depois de nosso primeiro ano, decidimos expandir internacionalmente. Donovan se voluntariou para abrir o escritório de Tóquio com Cade. Dylan foi para Londres, e estamos trabalhando assim durante os últimos quatro anos.

Encontrei meu outro sapato no pé da cama e o coloquei enquanto pensava em Donovan do outro lado do mundo. Eu me sentia mais segura, de alguma forma, sabendo que ele estava lá. Longe. Bem longe de mim.

Ainda assim, mesmo com a distância, eu conseguia sentir sua presença. Será que ele tinha essa mesma presença com Weston?

Colocando outro sapato, analisei o homem que tinha me proporcionado um fim de semana incrível.

— Deve ser difícil ficar tão longe de Donovan. Você o via como um irmão na época da faculdade.

Weston se ajoelhou ao lado da cama.

— Não é divertido. Falamos bastante por Skype sobre trabalho, mas não vou mentir. Sinto falta de nossos jogos de pôquer. — Ele ergueu a saia da cama e olhou debaixo dela. — Se eu contratasse você, ele ficaria muito impressionado. Então. — Ele se levantou para olhar para mim. — O que me

diz?

Passei por trás dele e peguei meus brincos do criado-mudo.

— Não consigo mais saber se está falando sério ou se está apenas tentando me fazer te dar outro boquete.

— Pode ser as duas coisas?

Apertei meus brincos e pensei de novo se deveria pensar em sua proposta. Porque havia coisas que eram tentadoras quanto a isso. Havia coisas que eram tentadoras quanto a *ele*.

— Arrá! — ele exclamou de repente. Levantou-se, segurando uma calcinha de renda preta com o dedo, mostrando que a encontrou debaixo da cama.

— Essa não é minha — eu disse.

Ele olhou para mim, olhou para a calcinha, depois de volta para mim. A cor foi drenada de seu rosto quando ele percebeu o que eu devia estar pensando.

— Não tenho namorada.

— Eu sei — eu disse com a voz calma. — Você tem muitas namoradas. — E era exatamente por isso que eu não podia levar sua proposta a sério. Porque ele sempre teria outra mulher e sempre haveria outra proposta.

Ele sabia que eu entendia sem precisar falar.

— Desculpe — ele disse, porque Weston King era um verdadeiro cavalheiro.

Não era decepção que eu sentia — não exatamente. Mas havia algo que quase tinha sido encontrado, mas agora parecia perdido. Como a linha de pensamento que quase pode ser organizada, mas não muito, e depois se vai.

Soltei um pequeno suspiro.

— Não pensei que isso era qualquer outra coisa do que realmente era, Weston. — Fui sincera. Sincera demais, talvez.

Então foi Weston que pareceu decepcionado.

— Mas e se fosse outra coisa? — Seu tom foi desorientado, mas

esperançoso. Ele não sabia se eu era a mulher que ele queria. Era um homem se arriscando.

Eu não queria ser um risco. Queria um homem que soubesse.

— Mas o que é exatamente? — Estendi a mão e acariciei sua face. — Me diverti. Podemos deixar assim? E não arruinar?

Ele colocou a mão sobre a mim e a levou para seus lábios, beijando-a.

— Já não está arruinado?

— Não. Foi um fim de semana especial. Eu precisava disso. Obrigada.

Ele me beijou, e segui meu caminho, deixando para trás o *e se* que carregara durante todos aqueles anos e uma calcinha cor de malva que nunca encontrei.

E quaisquer que fossem meus pensamentos sobre Donovan, enterrei debaixo dos pensamentos que sempre tinha sobre ele. Os pensamentos que tive desde a faculdade. Os pensamentos que fingia só ganharem vida quando eu estava sozinha com meus pesadelos no escuro. Se eu tinha pensado que era Weston quem iria afastá-los, estava enganada. No mínimo, foi ele que os trouxe à luz.



CAPÍTULO 3

— E outra coisa...

Mexi meu café e assenti enquanto Ashley continuava seu discurso sobre políticas internas do escritório. Embora eu concordasse completamente, não precisava detalhar toda minha indignação.

Ergui as costas da mão até a boca e contive um bocejo. Eu havia tido outra daquelas noites cheias de pesadelo em que acordava suando, convencida que estava presa e sendo obrigada a fazer coisas que não queria por um homem terrível. Como sempre, o único jeito de conseguir dormir de novo foi imaginando que o homem que estava me obrigando não era Theodore Sheridan, mas, sim, Donovan Kincaid.

Aqueles pesadelos eram recorrentes ao longo dos anos desde meu quase estupro por Theo na faculdade. Não acontecia com tanta frequência quanto no começo, mas ainda ocorriam com regularidade. Tinha se tornado tão normal, que eu havia parado de pensar neles à luz do dia, parei de me preocupar que as coisas cruéis com que eu fantasiava quanto a Donovan tinham algo a ver com a verdadeira eu. Meu eu “acordada”. Meu eu que não tinha pensamentos indecentes e não queria homens obscenos.

Mas, desde meu fim de semana com Weston, isso tinha mudado. Por qualquer que fosse o motivo, ele tinha provocado algo. Era como se o passado, que eu tinha feito tão bem em manter escondido, tivesse ressurgido, e agora eu não conseguia levar de volta para onde pertencia. Os pesadelos tinham se tornado mais frequentes, e nem um dia se passava sem que eu não estivesse sentada em meu escritório me lembrando das coisas obscenas pensadas sobre Donovan no escuro na noite anterior, tendo que pressionar minhas coxas juntas porque o zumbido entre elas era bom demais.

O que ele estava fazendo agora? Será que ele pensava em mim? Será que se arrependia de como deixamos as coisas? Será que se arrependia por ter me salvado?

Ashley parou de andar de um lado a outro por meu escritório e se sentou na cadeira de frente à minha mesa, chamando minha atenção para ela.

— Não estou zoando, Bri, Monahan está furioso. Está culpando todo mundo, menos as vendas, por tudo que deu errado em toda campanha este ano. É um pesadelo.

Interessante escolha de palavras. Eu podia contar a ela uma ou duas coisas sobre pesadelos.

Mas eu também estava frustrada com nosso chefe.

— Sei o que quer dizer em relação a Monahan. Ele me pediu para refazer a estratégia para Dove. De novo. Será a terceira vez. A estratégia era boa da primeira vez. Não tinha nada de errado.

Monahan, nosso novo presidente, tinha transformado nosso escritório pacífico em uma zona de guerra. Ele era propenso a mostrar favoritismo para equipes com as quais ele tinha trabalhado antes de ser promovido. Ultimamente, tinha sido difícil encontrar motivação para continuar dando tudo de mim e, algumas vezes, até considerei procurar emprego em outro lugar.

— Sabe por que ele está fazendo isso? Além do fato de ele ser simplesmente um cretino, quero dizer. — Ashley parecia querer que eu participasse de suas reclamações. — É porque ele não vai ganhar os bônus de promoção se não aumentar dez por cento na receita neste semestre. Acho que não seja possível.

— Também acho. Adoro este emprego, mas, se ele não se acalmar... — Deixei no ar.

Porém, apesar de eu não estar preparada para ser tão ousada, Ashley estava.

— Hora de deixar nossos currículos prontos.

Então meu celular se acendeu. Era a linha da minha assistente. Apertei o botão do intercomunicador.

— Pode falar.

A voz de Kent preencheu a sala.

— Há uma ligação para a senhorita do sr. Weston King na linha dois. Quer atender?

Meu estômago se revirou com a menção do nome de Weston. Eu não sabia dele desde nosso fim de semana juntos em maio. Estávamos quase em agosto.

— Só *agora* ele está te ligando? — Ashley sussurrou alto. — Faz três meses!

— Sim, Kent — eu disse, olhando desafiadoramente para Ashley ao mesmo tempo. — Vou atender. Obrigada.

Apertei o botão do intercomunicador e encarei minha amiga por alguns segundos.

— Não pode ser o que está pensando — eu disse, enfim. Apesar de eu não saber exatamente o que ela estava pensando, achava que tinha a ver com romance. — Não deixamos as coisas assim. Nem *começamos* essas coisas.

— Tem que ser *alguma coisa* para ele estar te ligando. — Sua tolice estava me deixando nervosa.

Limpei minha palma da mão suada na saia.

— Talvez ele só estará na cidade e pensou que seria educado dar um oi.

— *Ou*. Talvez ele percebeu que não consegue respirar sem você e, finalmente, criou coragem para fazer algo quanto a isso. Te falei que só vi foto dele com, tipo, uma garota nas últimas semanas. Ele não está pegando geral como estava. Está *enfraquecido*.

De novo, olhei desafiadoramente. Na verdade, eu não tinha pensado em um futuro com Weston, mas era bom ser desejada. Será que ele realmente me queria? Como as coisas teriam sido se Donovan tivesse ligado depois de ficarmos juntos? Mesmo três meses depois. Mesmo três anos.

— Só atenda! — Ashley guinchou impaciente.

Peguei o telefone.

— Aqui é Sabrina.

— Sabrina. É Weston. — Seu sorriso percorreu a linha telefônica. Eu podia praticamente ouvir sua covinha em seu tom.

— Oi — eu disse, incapaz de parar de sorrir.

— Oi para você. É bom ouvir sua voz. Muito bom.

— A sua também. — Balancei na cadeira para a frente e para trás, consciente de que Ashley estava me observando como um falcão.

Ouvindo também. O que significava que não poderia ser uma ligação sexual. Não que eu quisesse que fosse uma ligação sexual. Não que eu soubesse o que queria.

Pigarreei.

— Estou surpresa por ter ligado. Foi repentino.

— Eu sei — Weston disse, de repente parecendo mais oficial e menos paquerador. — Desculpe. Provavelmente deveria ter marcado um horário.

— Não, não. Tudo bem. Só foi inesperado. — Eu não sabia como me sentia em relação ao tom mais oficial. Não era ruim. Era diferente.

— É inesperado. Muitas coisas inesperadas aconteceram em minha vida recentemente, na verdade. E vou deixar você chocada de novo agora. Está pronta? Sente-se.

Meus músculos ficaram automaticamente tensos como ficavam quando eu estava em um carro e alguém freasse de repente.

— Ok. Estou sentada.

— Quero te oferecer um emprego.



— Ele não está falando sério. — Eu tinha falado tantas vezes desde que terminara a ligação com Weston, que Ashley devia estar pensando que eu estava em algum estado de choque.

Eu *tinha* entrado em um tipo de estado de choque. Não existia outra palavra para o que eu estava sentindo.

— Ele está falando sério — Ashley insistiu conforme encarava a tela de meu computador. — Estou olhando a proposta agora, Bri. Está em papel

timbrado. Essa merda é séria. — Weston tinha enviado uma proposta formal por e-mail enquanto conversávamos, e ela não tinha hesitado em virar minha tela em sua direção para poder analisar em detalhe.

Meus olhos estavam abertos há muito tempo sem piscar. Então pisquei. Depois de novo.

— Mas por quê?

— Obviamente, ele pesquisou, verificou seu currículo, provavelmente pediu algumas referências e viu que você faz um bom trabalho. *Porque você faz.* — Ela se abaixou para encontrar meus olhos do outro lado da mesa. — Você merece, Bri.

Olhei fixo em seu olhar por muitos segundos. Eu queria o emprego. Disso não tinha dúvida. O salário era fenomenal. A proposta incluía até despesas de mudança. O título era exatamente o que ele tinha me prometido — acabou que seu mais recente diretor de marketing de estratégia estava sendo transferido para Londres e tinha planejado isso há um tempo. Weston sabia que talvez ele precisasse de um substituto quando eu passei o fim de semana com ele. Era, teoricamente, o mesmo trabalho que eu fazia atualmente, mas Reach era uma empresa tão maior, que era uma enorme promoção.

Não havia absolutamente nenhum motivo para falar não.

Só que...

Com certeza, Weston já tinha funcionários mais qualificados em sua equipe, aguardando a promoção. Se não tivesse, havia centenas de pessoas que matariam por um emprego desse. Pessoas que já moravam em Nova Iorque. Pessoas com muito mais experiência.

— Mas por que *eu*? — perguntei ao me levantar de repente, empurrando minha cadeira com tanta força, que foi deslizando na direção da parede. Olhei para trás, arrependida. Não quis parecer brava. Eu não estava brava. Estava confusa. Quando Weston e eu estávamos envolvidos na névoa de luxúria, no cheiro de sexo ainda pairando no ar, esse tipo de proposta fez sentido. Mas agora?

— Oh. Ohhhh. — Ashley alongou a palavras, finalmente entendendo o que eu estava realmente perguntando. — Porque ele quer ter um

relacionamento com você. Óbvio. Dã.

Era isso que eu temia que ela dissesse. Balancei a cabeça.

— Não pode ser verdade. Não era o que nenhum de nós queria. — Pelo menos, foi o que eu pensei. Será que estava enganada?

Eu não sabia mais.

Ashley não deixaria isso de lado. Inclinando-se para trás em sua cadeira, ela cruzou os braços à frente do peito e franziu a testa.

— Por que você foi para a cama com ele se nem queria nada com isso?

— Isso é uma coisa que realmente preciso explicar? — Eu me virei e me ocupei em endireitar a tela de meu computador para ficar virada para mim de novo. Era mais fácil pensar com ela analisando todas minhas expressões.

— Bom, sei por que *eu* iria para a cama com ele — ela disse para meu perfil. — Ele é gostoso pra caralho e tem dinheiro suficiente para comprar o estado inteiro de Nova Iorque, mas, desde quando a conheço, você nunca foi tão superficial quanto eu. Você também não curte muito lances, então, sim, precisa explicar.

Com um suspiro, me endireitei e pensei em sua pergunta. Eu sabia a resposta — só não tinha colocado em palavras ainda.

— Fui para a cama com ele exatamente pelo motivo que você disse — comecei. — Ele é encantador, atraente e quase impossível de resistir. Mas, ok, também foi porque ele era algo não concluído. Eu tinha uma queda enorme por ele antes. Ele representava tudo que eu quase tive. Foi bom finalmente poder ver como as coisas poderiam ter sido.

Também, secretamente, havia uma parte de mim que pensara se uma noite — ou um fim de semana — com Weston poderia apagar o que tinha acontecido com Donovan.

Em vez de fazer isso, ampliou.

Os lábios de Ashley se curvaram em um sorrisinho, como se minha resposta, de alguma forma, fosse uma vitória para ela.

— Agora que sabe, como não está morrendo de vontade de mais?

— Porque foi apenas um fim de semana — respondi, andando para

reaver minha cadeira. — Ele é um playboy. Seguiu em frente.

— Só que ele *não* seguiu em frente. Ainda está pensando em você três meses depois. Está pensando tanto em você que te ligou e fez uma proposta de um emprego incrível em uma empresa incrível. Como pode estar questionando alguma coisa disso?

Era exatamente o tipo de coisa pela qual eu sonhara quando tinha saído de Harvard. O emprego. O salário. O garoto.

Deslizei a cadeira para minha mesa e pausei, minhas mãos ainda segurando o encosto da cadeira.

— Acha que um *sim* ao emprego automaticamente significa *sim* para o relacionamento?

— Você quer falar *sim* para o relacionamento? — O tom de Ashley dizia que não entendia por que alguém não iria querer um relacionamento com Weston King, mas ela estava tentando.

A verdade era que *eu* também estava tentando me entender.

Eu me afundei na cadeira e olhei para Ashley.

— Me diverti com ele. De verdade. Mas não é suficiente para construir um relacionamento. Não quero chegar lá e descobrir que não somos compatíveis e, então, se isso afetar nosso trabalho juntos? Eu estarei sozinha em uma nova cidade sem emprego, sem amigos, e aí?

— Sabrina, precisa parar de pensar tanto e viver. Sério. — Ela se esticou por sobre a mesa e colocou as mãos em cima das minhas. — Se o relacionamento não der certo, então tudo bem. Vocês dois são adultos. Ainda conseguem trabalhar juntos; sei disso. Se eu estiver errada, você vai encontrar outro emprego. É hora de você virar a página. Não está feliz aqui no momento. Você mesma disse hoje. E todos os dias por um mês antes de hoje. Não quero te perder, mas você é mais importante do que nossa amizade e, caramba, é isso que você quer.

Era o que eu queria. Não só o emprego, mas Weston. Um cara que era encantador e sexy, e não Donovan.

Tirei a mão de debaixo da de Ashley para poder apertar as dela.

— Tem razão.

Ela pareceu surpresa por ter vencido a batalha com tanta facilidade.

— Em relação a qual parte?

— Todas. Exceto por eu ser mais importante do que nossa amizade. — Engoli o nó que de repente se alojou em minha garganta. — Tem razão sobre todo o resto.

— Claro que estou. — Ashley bateu a mão na mesa... eu desconfiava que fosse uma tática usada para me distrair e não perceber seus olhos brilhando com lágrimas. — Agora pegue esse telefone, ligue de volta para o cara e diga *sim* a ele antes que eu o faça por você.

Assim que a decisão foi tomada, eu sabia que era a certa. Estabilizou todo meu corpo, me envolveu de forma confortável como o cobertor preferido que pegava emprestado em noites frias. Eu tinha passado tempo demais desejando a vida que deveria ter — era hora de sair e agarrá-la.

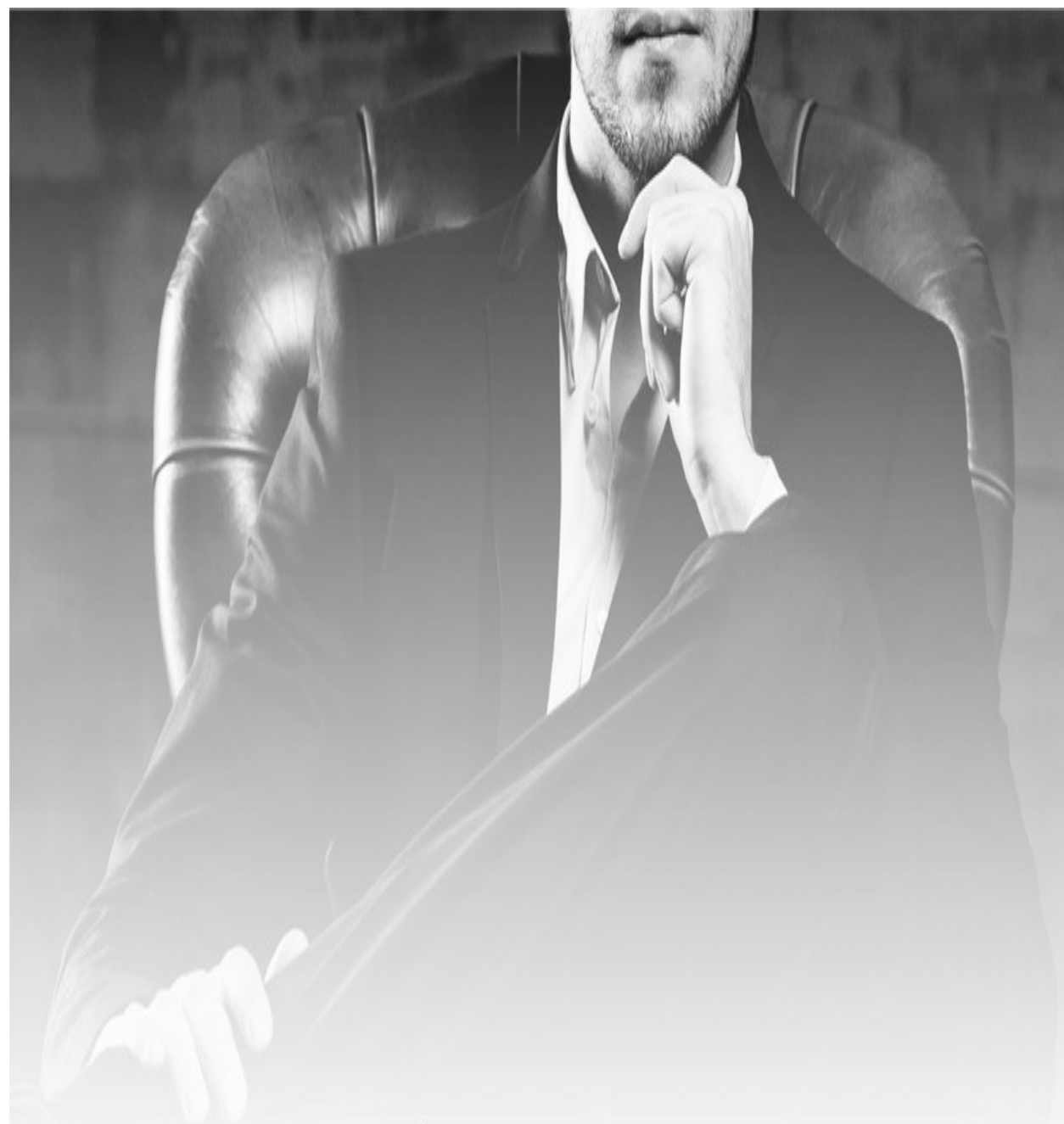
E talvez Weston se adequaria em meu futuro como mais do que apenas um chefe.

Mas Donovan...

Ele morava do outro lado do mundo, mas era a empresa dele também. Seu nome estaria em documentações e nos papéis timbrados. Ele estaria presente em minha vida dali em diante de um ou outro jeito. Não haveria como escapar dele agora.

Mesmo assim, peguei o telefone, liguei para o *cara* e, quando Weston atendeu, falei para ele:

— Sim.



CAPÍTULO 4

— Não acredito que você está apenas a duas horas e meia! — minha irmã exclamou pela milésima vez desde que contara a ela sobre minha mudança para Nova Iorque. Agora, três semanas depois, eu estava finalmente estabelecida na cidade que seria meu novo lar.

Segurei o celular com o ombro para poder procurar meu cartão de crédito na bolsa. Estava em um táxi, rapidamente me aproximando de meu destino, e queria estar pronta para pagar quando chegássemos.

— Arrumei seu quarto e está tudo pronto para quando você puder tirar uma folga da escola e vir me visitar — eu disse para Audrey enquanto procurava. — Ou eu posso ir para aí. Mas você não tem uma cama extra.

— E você estará atolada com o novo emprego. Eu vou te visitar. Quando começa?

— Oficialmente, amanhã, mas estou indo para o escritório agora encontrar com Weston para ele me mostrar o lugar. Ele queria que eu conhecesse umas pessoas antes para não ficar tão sobrecarregada no primeiro dia. — *Encontrei!* Coloquei o cartão no colo e passei o dedo nas letras em alto-relevo de meu nome conforme passávamos por Midtown. Estava ansiosa e inquieta desde que chegara a Nova Iorque, há dois dias.

Ainda não tinha visto Weston. Não tinha falado com ele diretamente desde a proposta. Tudo havia sido por e-mail, a maior parte direcionada à sua assistente, Roxie, que me ajudou a organizar tudo. Hoje era o dia em que eu saberia, com certeza, o que ele esperava para nosso futuro.

Eram quase quatro horas... cedo demais para beber?

— Ele quer que você vá no fim do dia, o que significa que, provavelmente, planeja te levar para sair depois.

— Audrey... — resmunguei. — Não tire conclusões precipitadas. — Claro que eu já tinha pensado nisso, mas a empolgação dela não estava ajudando. Eu precisava que ela minimizasse isso, e não que aumentasse.

— Mas precisa estar preparada — ela continuou, sem noção da angústia que estava me causando. — O que está vestindo? Algo que possa ser usado à

noite?

— Um vestido justo cor de ameixa. É profissional. — Também tinha uma fenda que ia até a metade da coxa. — Mas, sim, também serve para noite.

— Uhuuu! Estou tão empolgada por você!

— Maravilha. — Fechei os olhos e aguardei a onda mais recente de náusea passar. — Porque estou uma pilha de nervos. E não consigo me lembrar em que caixa está meu Xanax, e preendi meu cabelo porque estava puxando-o tanto que tenho certeza de que ficaria careca, e agora não tenho nada para me acalmar, e...

A risada interrompeu minha lamentação.

— Oh, nossa, você é muito engraçada.

— Que bom que acha isso engraçado. — O táxi virou uma esquina e, imediatamente, parou na guia.

— Não é minha culpa que você é maluca — Audrey disse.

— Se eu sou maluca, você é maluca — eu disse apressadamente. — Cheguei. Tenho que ir. — Desliguei sem esperar que ela falasse tchau, paguei o motorista e saí. Então ali estava: King-Kincaid Town Center.

Ergui a cabeça, dobrando o pescoço, para visualizar a altura do arranha-céu. Sessenta andares pairavam sobre mim e, enquanto havia várias empresas que alugavam salas no prédio da King-Kincaid Financial (a empresa dos pais de Weston e Donovan), os últimos andares abrigavam a Reach, Inc.

Em breve, estaria ali parada, assumindo o lugar que era meu.

Mal conseguia olhar tão alto.

Não havia muita gente no lobby do edifício, provavelmente por causa do horário. Facilitou para encontrar a mesa da segurança, onde eu precisava me cadastrar para chegar ao sexagésimo andar. A guarda, uma afro-americana chamada Fran, ligou para me liberar.

— Ok, pode subir — ela disse, me guiando até os elevadores.

— Era Weston King? — Era possível que eu estivesse muito ansiosa. Mas era uma estranha em território alheio, e Weston era a única pessoa que

eu conhecia.

— Não sei quem era. Uma mulher com sotaque.

Roxie, pensei. Claro.

Claro que era Roxie, a assistente de Weston da Hungria, que me encontrou quando cheguei ao último andar.

— Seus ouvidos tamparam? — ela perguntou, depois de entregar minha bolsa e a jaqueta para a secretária na recepção. — Tenho chiclete, caso precise.

Eu tinha conversado bastante com Roxie pelo telefone para já me sentir confortável com ela. Seu sotaque era forte, mas, de vez em quando, sua escolha de palavras refletia que inglês era, definitivamente, sua segunda língua.

— Acho que estou bem — eu disse, mexendo meu maxilar para a frente e para trás. — Mas, é, não esperava isso.

— É a velocidade. Passa voando por todos os andares. É igual avião. Venha por aqui. — Ela andou rápido pelo corredor. — Este andar é para as salas executivas — disse conforme passamos por várias salas com paredes de vidro.

Cada uma tinha uma sala de espera do lado de fora, uma secretária em uma mesa e às vezes um sofá. Os escritórios eram enormes, metade do tamanho de meu apartamento, todos com janelas do chão até o teto.

— Sua sala também será aqui — Roxie disse, e eu quase tropecei. Ela deu risada. — Não é uma das chiques, preciso te falar. Mas é muito boa. Melhor que a minha. Deixo Weston te mostrar. Ele quer fazer o tour com você.

Passamos por um escritório maior depois; dessa vez as paredes estavam espelhadas. *Paredes tecnológicas*, imaginei. Do tipo que, apertando um botão, o vidro se transforma para que a pessoa lá dentro possa enxergar lá fora, mas quem está fora não consiga enxergar dentro. Provavelmente, era a sala de Weston.

Lutei contra outra onda de náusea ao pensar que estava tão perto dele. Tão perto de confrontar que tipo de relacionamento teríamos.

— Enquanto isso — Roxie disse —, é para eu levá-la para o lounge superior para aguardá-lo. Ele está um pouco atrasado.

Tínhamos chegado ao fim do corredor agora, onde quatro degraus levavam a portas duplas e outra área separada por espelhos — paredes tecnológicas. Segui minha guia para uma sala enorme com poltronas modernas verde-azuladas, cadeiras pretas e a vista mais incrível que já tinha visto da cidade.

— É assim que vocês entretêm novos clientes? — perguntei, olhando para o armário de bebidas e o carrinho de café. Também havia uma cozinha completa e uma TV de tela plana grudada a uma das paredes de vidro.

— E novos funcionários — Roxie respondeu com um sorriso. — Vai me ver bastante nos próximos dias. Vou colocá-la em contato com os Recursos Humanos e arrumar um cartão, uma secretária e tudo o mais que precisar antes de começar a trabalhar em projetos na próxima semana. Nesta tarde, aproveite a vista. O sr. King virá em breve.

Agradei e prometi fazer Weston me mostrar onde era a mesa dela antes de eu ir embora, para poder encontrá-la de manhã, se ela não me encontrasse primeiro. Depois que foi embora, eu fui até as janelas e absorvi o cenário. O edifício era tão alto, que tinha uma vista livre de Manhattan, Brooklyn e além.

Uma ansiedade me percorreu, começando como uma pinicada na barriga e depois se espalhando em todas as direções até meus dedos das mãos e dos pés se aquecerem.

Eu estava mesmo ali.

Tinha conseguido.

Não do jeito que pensei que seria, mas, no fim, ainda foi consequência de meu período em Harvard. Sempre soube que conexões faziam a diferença em uma carreira, e ali estava eu. Finalmente. No topo do mundo, olhando para a vista.

Não conseguia parar de sorrir.

— É incrível, não é? — uma voz masculina veio detrás de mim.

Ainda sorrindo, olhei para cima e vi seu reflexo na janela.

E tudo desapareceu.

O mundo que estava frenético lá embaixo, a vista linda, a empolgação que tinha se desenrolado por meu corpo — tudo evaporou e o que sobrou no lugar foi uma concha vazia, me deixando branca, olhando para o homem no terno perfeitamente costurado atrás de mim.

Eu me virei para olhar diretamente para ele. Nossos olhares se colidiram, e minhas pernas quase cederam.

— Donovan — falei, rouca. Era um milagre eu ter conseguido encontrar voz para dizer aquilo.

E havia tanta coisa que precisava ser dita. Tanta coisa que eu não havia preparado. Que era ridículo, já que tinha falado com ele muitas vezes em minha cabeça ao longo dos anos, praticado várias conversas, mas ele nunca apareceu do nada tão covardemente lindo em um terno cinza-escuro, com o rosto amassado, os olhos cor de mel e cuidadosos, apesar do sorriso brincalhão nos lábios.

Abri a boca para falar, mas nada saiu. Nem sabia mais como respirar.

Ele quebrou nosso olhar para assentir para a janela à altura do céu, andando em minha direção ao dizer:

— Tenho certeza de que encontrou o Empire.

Embora seu foco agora estivesse na vista, não tirei os olhos dele conforme se aproximou. Ele não parou até estar ao meu lado. Tão perto, que nossos ombros se tocariam se eu tossisse. A tensão emanava dele como a espuma derramando de uma caneca de cerveja. Tensão boa. Tensão ruim. Eu não sabia se havia diferença quando se tratava de Donovan.

E era por isso que eu estava ferrada se ele estava ali.

Por que ele *estava* ali?

— Pensei que estivesse em Tóquio. — Não conseguia parar de encará-lo. Ele se tornara mais refinado com a idade, e mais rústico ao mesmo tempo. Seu cabelo estava curto, não tinha mais cachos, dando-lhe uma aparência impecável, que lhe faltava antes. As linhas no canto de seus olhos estavam mais definidas e sua expressão parecia mais severa do que eu me lembrava. Deixava-o ainda mais sexy.

Como se ele fosse um homem que precisasse ser mais sexy do que o que conheci.

— Voltei há dois meses — ele disse sem cerimônia. — Ali está ele. — Ele inclinou o rosto perto do meu ao apontar para o prédio famoso. — Consegue ver?

Porra, não dava a mínima para o Empire. Estava na órbita de Donovan. O que mais havia no mundo?

— E aquele é o One World Trade Center atrás dele. — Ele colocou o braço em volta de mim a fim de apontar por cima do meu outro ombro, me prendendo contra o vidro sem encostar em mim.

Deus, não conseguia apenas sentir o cheiro de seu perfume, conseguia também sentir o cheiro *dele*. A essência almiscarada de sua masculinidade e, mesmo depois de uma década, meu corpo reagia contra minha vontade. Meus mamilos se enrijeceram e minha calcinha ficou molhada. Cada parte de mim ganhava vida por causa dele, apesar de como minha mente chorava para resistir a ele.

— Ali é a Brooklyn Bridge. — Sua respiração deslizou em meu pescoço, quente, mas precisei lutar para não estremecer.

Ele sabia o que estava fazendo. Tinha que saber.

— Donovan... — Minha voz sumiu, falando apenas seu nome quando o que eu realmente queria dizer era *por favor*.

Por favor *o quê*? Nem eu sabia. Queria alívio. Queria chorar, e falar seu nome era o máximo que poderia fazer.

Na janela, observei conforme seu reflexo finalmente desviou o olhar da maldita Brooklyn Bridge e me encarou. Seus olhos se fecharam momentaneamente.

— Só Weston para te trazer aqui — ele disse baixinho.

Inspirei nitidamente.

Mas esse foi todo o tempo que tive para processar antes de Weston entrar na sala.

— Vocês dois se encontraram! — ele disse, empolgado.

Donovan e eu nos viramos ao mesmo tempo a fim de encarar nosso invasor.

— Acho que sim — Donovan disse, encontrando meus olhos mais uma vez, falando devagar.

Nós *tínhamos* nos encontrado? O que ele quis dizer? O que *isso tudo* significava?

Então Donovan saiu, nossa conexão foi quebrada quando ele cruzou a sala na direção do armário de bebidas.

Weston se apressou até mim, assumindo seu lugar em meu foco.

— Desculpe, estava atrasado. Encontrou o edifício com facilidade?

— Sim. Peguei um táxi. — Minha voz estava fina e irregular, mas forcei um sorriso e esperei que ele não notasse.

Ele colocou a mão em meu braço. Era amigável. *Mais* do que amigável foi o jeito que seus dedos acariciaram meu cotovelo.

— E Roxie...?

— Foi muito receptiva. — Olhei para baixo, para seus dedos, depois para seu rosto. Ele estava me avisando. Sobre ele. Sobre nós. Que esperava que fôssemos algo. E eu também. Exceto por...

— Sabrina? — Donovan chamou, fazendo meu coração sair do peito. — Quer algo para beber?

Olhei para ele porque não conseguia *não* olhar para ele quando falava. Não conseguia não dar atenção. Ele já estava misturando algo com gim.

— Ahn. O que estiver fazendo para você. Obrigada.

— Como foi a mudança? — Weston perguntou empolgado, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Já está acomodada? Estava muito ansioso para você chegar.

— Foi... — Eu mal conseguia pensar. Mal conseguia organizar as palavras em frases coerentes. Minha atenção estava do outro lado da sala, no indivíduo que agora estava de costas para mim. Cada toque de Weston parecia uma traição, o que não fazia nenhum sentido.

Nem era para Donovan estar ali.

Balancei a cabeça de leve e me obriguei a dar atenção ao que Weston perguntou.

— A empresa de mudança foi excelente. Obrigada por sugeri-los. Fizeram um ótimo trabalho. Ainda não descobri onde eles colocaram tudo, mas estou, definitivamente, me acomodando.

Pronto. Eu conseguia fazer isso. Fácil.

— Foi Roxie, eu acho, que organizou a mudança. E seu apartamento?

O apartamento de dois quartos em Hell's Kitchen fora a melhor surpresa. Weston também tinha ajudado a encontrá-lo. Ou Roxie. O piso era de madeira, recentemente trocado. A cozinha foi reformada. O prédio era seguro, e poder ter um quarto extra para Audrey foi a cereja do bolo.

— É perfeito. Ainda melhor do que as fotos que você mandou. Não consigo acreditar quanto tempo você perdeu...

De repente, Donovan estava ao nosso lado entregando nossas bebidas.

— Weston... gim e tônica. Adivinhei. — O copo que ele me deu tinha algo diferente. Âmbar dourado e puro. — Servi uísque para mim. Prefere com gim e tônica também?

Seus dedos roçaram nos meus quando peguei o copo, e quase o deixei cair com o choque elétrico que me percorreu com seu toque.

— Não. Só uísque está bom. — Aceitaria um copo de alvejante, se era para Donovan me deixar em paz. Porque precisava disso mais do que qualquer coisa.

Aceitar o uísque, pelo menos, o fez voltar ao armário de bebidas a fim de pegar seu próprio drinque. Reuni toda força que pude encontrar na ausência de sua proximidade e redirecionei minha atenção aonde pertencia. A Weston.

— Enfim, como eu estava dizendo, obrigada, Weston, por tudo que fez para me ajudar na mudança. E por encontrar um lugar tão maravilhoso para mim. — Ergui o copo até a boca para dar um gole.

— Não posso levar crédito pelo apartamento também. Donovan é dono

do prédio.

— Oh. — Engasguei, com o líquido queimando talvez, mas também com essa nova informação. O lugar em que eu dormia, tomava banho, tirava a roupa... pertencia a *ele*. Por que isso fazia minha boceta doer daquele jeito?

Weston deu um tapinha em minhas costas.

— Tudo bem?

— Tudo. Eu só... — disse quando me recuperei, olhando para Donovan de novo. — Não sei.

Era por isso que o preço era tão bom? Por que ele faria isso por mim?

Donovan se aproximou de nós, com o próprio drinque em mão.

— Por que saberia? Fico feliz que tenha achado aceitável.

Será que ele sabia? Sobre Weston e eu? Ele *tinha* que saber. Não parecia se importar.

— Mais do que aceitável. É... — Parei de falar. Será que *Weston* sabia?

Eram tantas perguntas sem respostas.

Ambos estavam diante de mim agora, me encarando. Weston à minha direita, Donovan à minha esquerda, como um jogo da vida real de Isso ou Aquilo, e claro que a escolha era *Isso*. Era a *única* escolha. Praticamente. Para minha sanidade. O outro nem era uma opção de verdade.

E, mesmo assim, meu corpo se inclinava de forma traidora para *Aquilo*.

Eu me virei de costas para ambos.

— Desculpem. Estou perdida. — Eu me sentei em um dos sofás. Dois amantes. Uma sala. Era demais. — Acho que ainda estou meio em choque com tudo isso. — Dei outro gole no uísque. Desceu mais fácil dessa vez, quente e reconfortante.

Até perceber como eu deveria estar parecendo uma idiota.

— Estou passando uma má impressão, tenho certeza. — Ali estava eu, determinada a provar que pertencia àquele mundo, e tinha fodido com tudo nos primeiros trinta minutos. Por um cara. Por *dois* caras.

— Nem um pouco — Weston disse, sentando-se no braço ao meu lado. — Foi por isso que quis que você tivesse uma chance de entrar aqui antes de realmente começar. Não está sendo observada.

Era fácil para ele dizer isso. Ele nunca precisara justificar por que merecia ser presidente da própria empresa. Só precisava ser.

— Não sei quanto a isso. — Dei risada. — Um verdadeiro profissional está sempre sendo observado.

— Bom... — Weston parou de falar.

Donovan desabotoou seu paletó ao se sentar em uma poltrona e cruzar uma perna por cima da outra.

— Foi por isso que saiu de Harvard, para estudar naquela faculdadezinha? Qual é o nome mesmo?

O insulto ultrapassou qualquer armadura que eu tinha colocado, através da minha pele, entrando em meu sangue. Como se ele pudesse ler minha mente, enxergar meus medos mais íntimos. Como se seu único objetivo fosse expô-los.

E, de repente, tão vividamente quanto meu corpo se lembrava do quanto desejava Donovan Kincaid, também me lembrei do quanto o detestava.

Weston percebeu também e lançou um olhar desafiador para seu sócio. Seguiu-o com uma análise lenta de meu corpo.

— Estou gostando do que vejo — ele disse, deixando claro o que queria dizer.

Donovan mexeu sua bebida com a expressão arrogante.

— É uma pena que não é para você que ela vai se reportar.

Minha garganta ficou seca. Ele estava insinuando que me reportaria a *ele*? Ele ia *ficar*? Tive uma lembrança rápida da aula que ele ensinava na faculdade, da forma como ele brincou comigo. Da maneira como ele me fodeu contra a estante de livros em seu escritório/do professor.

— Ei — Weston o repreendeu. — Ainda não decidimos como vai funcionar. Por enquanto, fica como está. — Seu tom insinuou que havia mais coisa em relação à situação.

Eu estava me sentindo tonta, e achava que não era apenas do álcool.

— Estou confusa. Para quem vou me reportar?

Weston apoiou a mão em minha clavícula.

— Para mim. Donovan só está sendo babaca.

Teria ficado aliviada se a questão mais importante não tivesse ficado pendente.

— Mas Donovan *vai* ficar? Aqui? Em vez de em Tóquio? — Eu era tão covarde que nem conseguia perguntar a ele diretamente. Nem conseguia olhar para ele.

— Sim. Graças a Deus. Ficamos grandes demais para administrar com apenas dois presidentes. Então ele vai assumir a gerência e as finanças. Ainda estou no comando do marketing.

Meu estômago caiu, mas meu peito se estufou, e senti que estava afundando e crescendo ao mesmo tempo. Ele iria ficar. Ele estava ali, iria ficar e nada mais em meu mundo seria igual.

Com cuidado, ousei olhar em sua direção.

Ele já estava me olhando, como se esperasse que eu encontrasse seu olhar.

— Oh! — ele disse com os olhos brilhando. — Já que estamos falando disso, Weston... já contou a Sabrina sobre a festa de sábado?

Então nós dois iríamos jogar esse jogo — falar sobre o outro como se não estivesse presente.

— Não — Weston disse, curto. — Não achava que a presença dela era necessária.

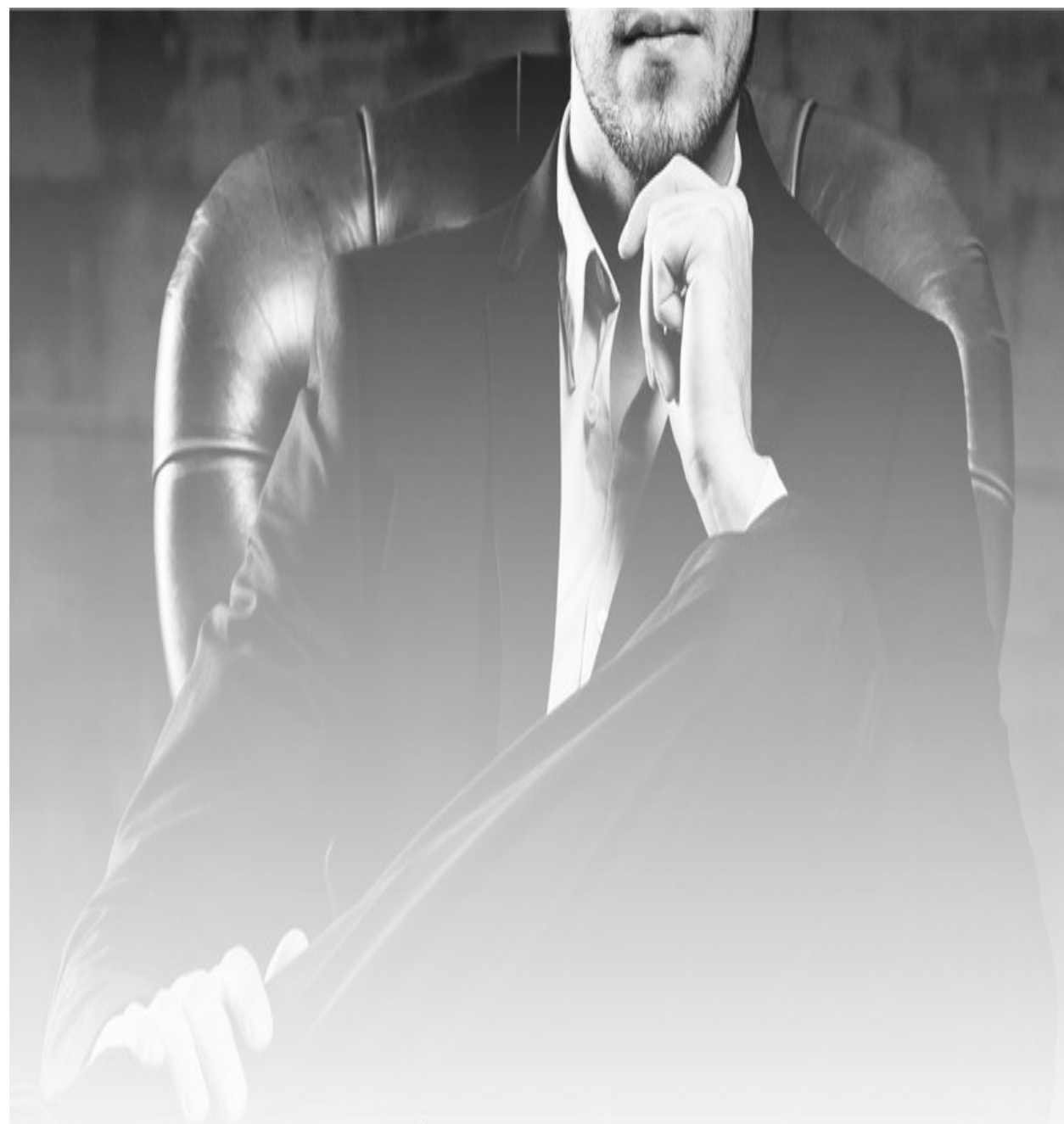
Eu me endireitei. Intrigada.

— Mas não é justo. Tenho certeza de que ela iria querer participar se fosse convidada. — Donovan não parava de olhar para mim. Era uma isca.

Então fui fisgada.

— Claro. Qual é a comemoração?

— O noivado de Weston.



CAPÍTULO 5

Por muitos segundos desconfortáveis, tudo ficou totalmente paralisado. Todos os olhos em mim.

— Parabéns — eu disse finalmente, quebrando o silêncio. Minha voz soou levemente mais alta do que o normal, mas, com exceção disso, tive quase certeza de que parecia calma e reservada.

No entanto, por dentro, eu estava morrendo. Weston estava *noivo*? Que porra era aquela? Obviamente, ele era um babaca. E Donovan era ainda pior, tentando me irritar com isso, e até parece que eu iria deixá-lo me atingir.

— Donovan, seu merda — Weston falou baixinho.

— Oh. Ela não sabia — Donovan disse de uma maneira que me fez desconfiar de que ele sabia muito bem que eu não tinha sido avisada. Era um merda mesmo. Além de filho da puta.

— Não, eu não sabia. Mas parece que merece os parabéns mesmo assim. — Com um sorriso rígido, saí andando casualmente, assim a mão de Weston caiu de meu ombro. Tudo bem. Estava tudo bem. Só precisava continuar respirando.

Weston olhou de mim para seu amigo.

— Falei para você que não tinha contado a ela.

Donovan acenou, ignorando-o.

— Isso há duas semanas. Achei que *já* tivesse contado a ela. Como pôde trazê-la aqui sem explicar totalmente as circunstâncias? Não é justo com Sabrina agora, é?

— Ei. Estou bem aqui.

Ambos se viraram para mim imediatamente.

— Eu deveria ter te contado — Weston disse ao mesmo tempo que Donovan falou:

— Ele deveria ter te contado.

— Me contado que estava noivo? Está me contando agora. Mal posso

esperar para saber dela, Weston. — Eu me levantei. — Só vou me servir de novo de uísque.

— Não é o que parece. — Weston correu atrás de mim, apressando-se para me ajudar com o uísque.

— Não é mesmo. Só espere até ele explicar. — Donovan tinha movido seu tornozelo para cima do joelho, a posição relaxada que sugeria que ele estava gostando disso mais do que deveria.

Tentei ignorá-lo — como se fosse possível — e me concentrei em Weston, mantendo a voz mais tranquila que pude.

— Como isso não é o que parece? Você nem tinha namorada quando... — Parei de falar, olhei de novo para Donovan. Mesmo que ele soubesse que eu tinha passado um fim de semana na cama de seu sócio, parecia errado falar disso na frente dele.

Enfim, eu não precisava falar.

— Não era verdade?

— Era verdade — Weston insistiu. — *Ainda* não tenho namorada.

— Não, tem uma noiva — eu disse.

— Uma noiva *falsa* — ele corrigiu.

— Uma noiva *falsa*? Certo.

Donovan deu risada atrás da gente.

— Isso só fica cada vez melhor.

Lancei um olhar severo, mas seu sorriso só piorou as coisas, me cutucou como um garoto com um galho torturando um animal preso. Jesus, por que ele tinha que estar ali?

Dei um gole grande em meu uísque.

Weston colocou as mãos na parte de cima de meus braços.

— Deixe eu explicar.

— Não. — Eu me afastei, falando mais alto do que queria. Respirando fundo, tentei de novo. — Não encoste em mim. Por favor.

Ele abaixou as mãos, então, parecendo não saber o que fazer com elas, guardou-as nos bolsos.

De novo, olhei na direção de Donovan. Era por isso que ele tinha ido ali hoje? Para jogar essa bomba? Para brincar comigo agora do mesmo jeito que fazia no passado? Para me ver humilhada e desacreditada?

Bem, eu me recusava a deixá-lo me ver assim. Ergui o queixo. Eu era decidida. Ele não me veria cabisbaixa.

Ele encontrou meu olhar e o travou. O que quer que tenha visto — minha determinação, talvez — deixou sua expressão séria.

— É melhor eu deixar vocês dois resolverem isso sozinhos — ele disse, colocando o copo vazio na mesa ao seu lado e se levantando.

— Obrigado — Weston agradeceu.

— Apesar de estar tentado a ligar o interfone de segurança e ouvir.

— Vá se foder.

— Brincadeira. — Donovan abotoou o paletó. — Estou indo — ele falou por cima do ombro ao passar por mim, me surpreendendo com um raio de eletricidade que me fez arrepiar.

Eu o ouvi saindo. Ouvi abrindo as portas. O pavor se instalou em mim como uma bola de chumbo. Foi estranho, repentino e inexplicável. Não podia relacioná-lo a circunstâncias atuais ou a qualquer outra coisa que não fosse o fato de o fantasma de meus pensamentos mais sombrios estar se esvaindo de meu domínio.

Eu me virei.

— Donovan! — chamei antes de conseguir me impedir.

Ele parou enquanto passava pela porta e olhou na minha direção, mas eu me calei. Não fazia ideia do que mais dizer. Não queria que ele ficasse necessariamente; só não queria que ele fosse embora. Não agora. Não tão rápido. Não quando ainda tinha muita coisa não dita entre nós.

Weston nos observou com curiosidade, seus olhos se movendo de mim para Donovan, depois de volta para mim.

Foi Donovan quem preencheu o silêncio.

— Você tinha razão, Weston — ela disse, seu olhar estava em meu rosto. — Ela cresceu *mesmo*. — Então foi embora.

Eu? Tinha crescido? Não me sentia assim. Sentia que ainda tinha dezessete anos — ingênua, sobrecarregada e separada de alguém de quem eu escapara há anos. Escapara fisicamente, de qualquer forma. Mas ali, no presente, ele ainda era o ímã que sempre foi, minha atração a ele era mais forte do que nunca.

E Weston, o homem que eu tinha pensado que poderia me proteger de minhas atrações doentias, estava *noivo*?

— Ok — eu disse, ficando de costas para as portas que Donovan fechara ao sair. Cruzei os braços à frente do peito e dei a Weston o olhar mais severo que tinha. — É melhor começar a explicar essa porra.

Weston inspirou fundo.

— Vai parecer história.

— Todas as histórias são assim.

— Mas não é. Não estou inventando. Tem que acreditar em mim.

Com Donovan fora da sala, não sentia mais a necessidade de fingir que tolerava aquela palhaçada.

— Não posso acreditar se não me contar.

— Está bem, está bem. — Ele passou as mãos no cabelo, deixando-o uma bagunça, que o deixou mais gostoso, de alguma forma.

Essa era a primeira vez que eu olhava para ele desde que ele entrara, na verdade. Que *realmente* olhava para ele, de qualquer forma. Ele estava usando uma camisa azul-marinho que destacava seus olhos. Seu rosto estava liso, mesmo a esta hora, e pensei se ele tinha se barbeado ao meio-dia. Estava devastadoramente lindo. Muito fácil de ser observado.

Engraçado como eu tinha esquecido quando Donovan estava na sala.

Mas não queria pensar *nele*.

— E então?

— Sabe quem é Elizabeth Dyson? — Weston perguntou, me

surpreendendo com a reviravolta na conversa.

Resolvi continuar.

— A filha do magnata da mídia?

— Dell Dyson. Isso mesmo. — Weston foi até o balcão e colocou ali sua bebida quase finalizada. — Por mais que não seja o foco deles, Dyson Media tem uma subsidiária de propaganda que é especialmente grande no mercado europeu.

— Não sabia disso.

— São nossos maiores concorrentes internacionais.

Era tanto constrangedor quanto irritante eu não saber disso. Mas ali era meu lugar, caramba. Não iria deixar aquele pequeno fato idiota me fazer sentir fora do lugar.

Vasculhei meu cérebro para pensar em mais alguma coisa que me lembrava de Dell Dyson ou de sua empresa, esperando me provar.

— Ele morreu recentemente?

Weston assentiu, lentamente se voltando a mim.

— Ano passado. Desde a morte dele... antes até... estamos buscando comprar parte da porção de propaganda da empresa dele. Dell tinha mostrado um interesse, mas, agora que está morto, temos que fazer a compra com Elizabeth.

— Deixe eu adivinhar. Ela não está interessada.

— Não, ela está.

Ele estava quase chegando em mim, mas ainda nada próximo de uma explicação.

— Não estou entendendo como isso é...

— Vou chegar lá. — Ele parou, a uns sessenta centímetros de mim, e guardou as mãos nos bolsos. — O problema é que Elizabeth tem vinte e cinco anos. A herança dela não lhe dá autonomia completa da empresa até que ela faça vinte e nove. Ou até se casar.

— Ou até se casar — ecoei lentamente, tudo se tornando cegamente

claro. — Entendi. — Eu me afundei no sofá. — Que arcaico.

— Elizabeth estava tão desesperada para assumir o controle da empresa quanto a gente de comprar uma parte — ele continuou. — Era uma situação em que todos venciam.

— Então, você está noivo.

— Estou noivo.

Testei o gosto das palavras, o som delas, usando-as para cutucar meus sentimentos. Como eu me *sentia* em relação a isso? Definitivamente decepcionada. Era uma mudança nos planos e, por mais que eu fosse uma pessoa rígida, tinha vindo a Nova Iorque sob um pretexto e teria que fazer alguns ajustes.

Weston pareceu sentir isso e me deu um minuto antes de continuar.

— O casamento é em dois meses e meio — ele disse em certo instante. — Depois de estarmos há um mês casados mais ou menos, vamos anular, nós vamos comprar a subsidiária e Reach, Inc. subirá, automaticamente, alguns níveis em termos de poder competitivo. Ainda somos uma empresa jovem. Esse tipo de fusão é importante para nós.

Eu me recostei no sofá e suspirei. Não era o tipo de atitude de negócio que iria necessariamente buscar, mas eu não era uma jogadora agressiva. E era por isso que eu preferia marketing a vendas e operações. Não significava que não reconhecia o benefício da fusão como a que Weston estava expondo.

— Entendo. De verdade. — Eu me levantei rápido. — Mas por que tinha que ser *você*? Não podia ser outra pessoa? Ela não tinha um namorado ou alguém com quem pudesse se casar para conseguir sua fortuna? — Por que ela tinha que pegar o *meu* namorado?

Não que Weston *fosse* meu namorado. Era só uma observação.

Eu era amarga. Não conseguia evitar.

— Sem namorados. A garota é uma peça rara. Acho que nem amigos ela tem. Ela é meio... — Ele esfregou a testa, parecendo buscar a palavra que estava procurando. — Mimadinha.

De alguma forma, eu tinha a sensação de que essa não era a primeira coisa que ele pretendia dizer.

— Parece divertido. Está dormindo com ela?

Seus olhos se arregalaram um pouco.

— Não estou, não.

— Desculpe. — Baixei a cabeça, envergonhada pela pergunta. — Não era da minha conta.

— Não. É justo.

Sinceramente, eu nem tinha certeza se me importava. Então e se Weston estivesse dormindo com ela? O único motivo que me incomodava era ele não estar disponível para ser minha armadura. Eu precisava de um relacionamento com ele para poder ficar segura de meus pensamentos e sentimentos. Principalmente agora.

Andei de um lado a outro ao lado da janela.

— Se é só para conseguir a herança dela, por que não vão a um cartório? Por que um noivado? Por que uma festa?

— acredite ou não, a herança dela proíbe. E Elizabeth tem um primo no conselho da Dyson Media que está pronto para contestar qualquer coisa a fim de impedir que ela assuma o controle da empresa antes do aniversário de vinte e nove anos. Então, temos que fazer parecer real.

O tom de voz dele dizia que a situação o estava tornando miserável. Dei corda.

— Isso é horrível.

— É. Obrigado!

— Mas não tão horrível. — Encarei-o severamente. — Você continua tendo escolhido isso. Acho que não foi obrigado a isso. Não me sinto tão mal por você, Weston.

— Tem razão. E aceito meu destino.

Eu queria continuar fazendo cara feia para ele, mas era difícil quando ele estava se dispondo a receber os golpes. E ele era meu chefe. Meu *novo* chefe. Havia provavelmente um limite que eu não queria ultrapassar. Em algum lugar. Queria saber onde era.

Girei e andei ao longo da janela, e a vista me fez pensar em Donovan.

— O que... todo mundo achou desse plano? — Não sabia por que importava.

— Quem? Fala de Donovan e Nate? Esses caras? — Ele esperou até eu assentir. — Foi ideia de Donovan. Os outros acharam ótimo, mas acho que estão apostando no quanto eu consigo durar sem transar.

Virei a cabeça na direção dele.

— Você não...? Com *ninguém*?

— O que você falou sobre um verdadeiro profissional sempre estar em teste?

Weston King sem transar era uma grande novidade. Aquele homem tinha um apetite sexual voraz. Eu sabia, por experiência própria.

E agora ele parecia verdadeiramente miserável. Quase senti pena dele. *Quase*.

Eu me inclinei para trás contra o vidro.

— Quantas pessoas sabem disso?

— Só os caras. Elizabeth, claro. E, agora, você. — Ele disse *você* de maneira preciosa, carinhosa, e percebi o quanto ele confiava em mim para contar esse segredo.

— Bom, obrigada por me contar.

— Eu precisava contar. Não podia deixar você pensar que não estava mais interessado. — Ele deu alguns passos e, então, estava diante de mim. Com cautela, ele passou uma mão na parte de cima de meu braço. — Deveria ter te contado antes de chegar aqui, mas temi que não viesse.

Seu toque pareceu errado, seus dedos, gelados em minha pele, mas não me afastei.

— Não aceitei este emprego porque pensei que estivesse acontecendo algo entre nós, Weston. Imaginei aonde as coisas iriam, mas não era uma condição para eu aceitar.

— Que bom. Fico feliz por isso. — Ele usou a outra mão para erguer

meu queixo e olhá-lo nos olhos. — Significa que, no futuro, quando estiver solteiro de novo, posso ter uma chance?

Fiz a conta na cabeça. Ele tinha falado dois meses e meio até o casamento, outro mês ou mais até ficar livre.

— Não posso te esperar. Está me pedindo para te esperar?

— Não. Não é justo. Só estou dizendo que, se você ainda estiver disponível...

— Então acho que vamos ver o que vai acontecer. — Com meu histórico, ainda estaria solteira em cinco meses. Então veríamos. — Enquanto isso, você *está* noivo. Mesmo que seja ou não real, não posso fazer... isto.

— Fazer o quê?

Olhei para baixo para as mãos dele que estavam agora em meus ombros.

— Isto. Deixar você me tocar. Precisa parar.

— Eu sei. — Ele baixou as mãos nas laterais do corpo e deu um passo para trás. — Desculpe, Sabrina. Por tudo isso. Mas estou feliz que esteja aqui.

Soou bem verdadeiro, mas a proposta pagava muito bem, e ele tinha tido bastante trabalho para me levar a Nova Iorque. Será que foi mesmo só para me dar um emprego?

Inclinei a cabeça para o lado.

— Me diga uma coisa... quando decidiu me contratar? Qual foi a ordem em que tudo isso aconteceu?

Ele apoiou um ombro no vidro.

— Comecei a pensar em te contratar no minuto em que foi embora. Eu não sabia o que poderia acontecer entre nós, mas sabia que aqui era seu lugar. Parecia ser destino estarmos perdendo nosso diretor de marketing, de qualquer forma. Houve apenas um atraso na transferência dele. Aí toda essa besteira da Dyson atrasou ainda mais as coisas.

Então Weston já tinha planejado me contratar antes de decidir se casar com outra pessoa. Com a sugestão de Donovan. Será que Donovan sabia que Weston queria me contratar?

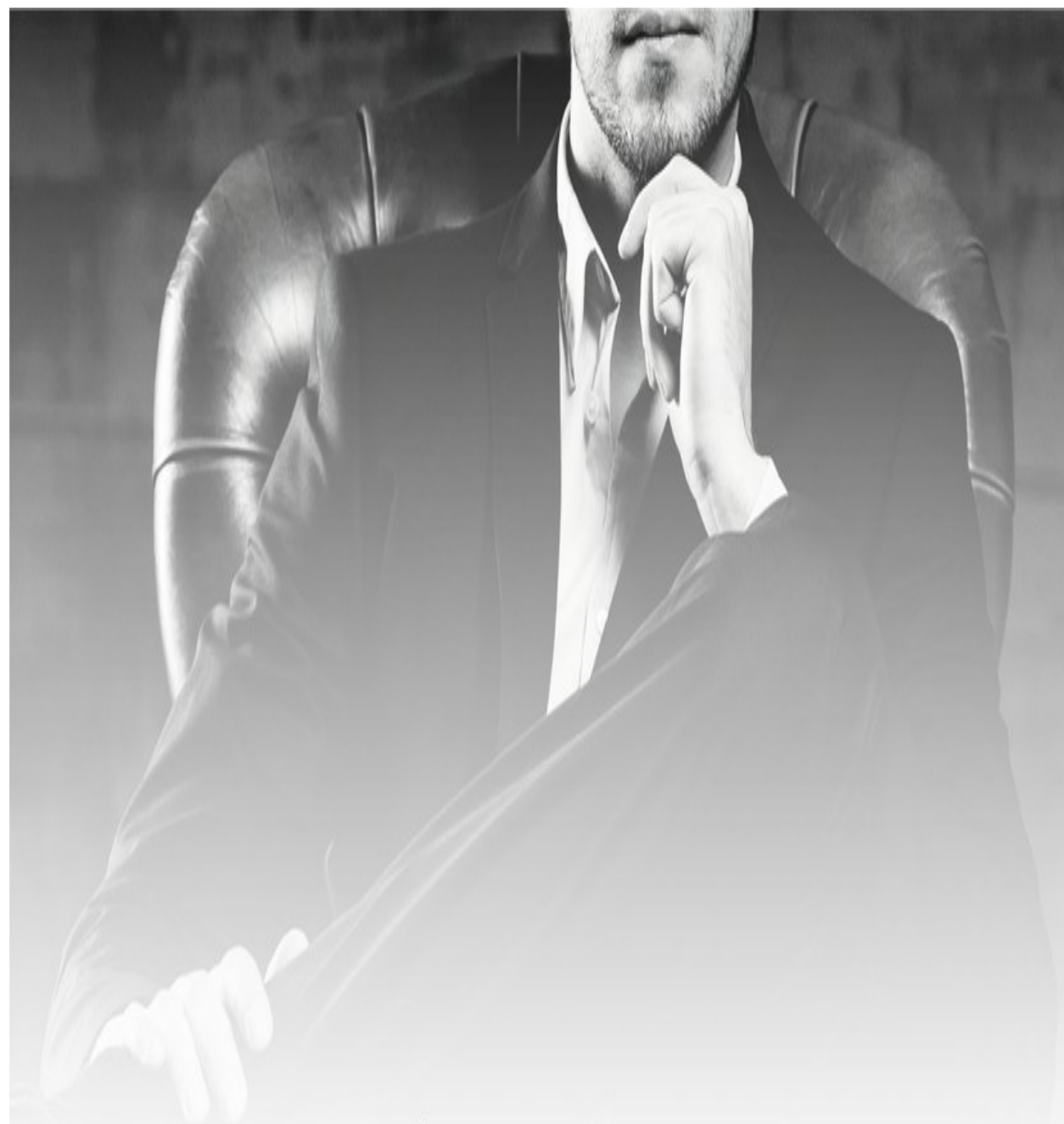
Era idiotice pensar que havia uma conexão entre os dois, mas ainda precisava saber.

— Quando contou a Donovan que queria me contratar?

Minha pele começou a pinicar antes mesmo de ele responder.

— Liguei para ele no minuto em que você saiu pela porta.

Fiquei feliz por ainda ter uísque em meu copo. Terminei tudo em um gole. Mas a queimação doce não conseguiu consumir a verdade aparentemente óbvia — que, apesar de ter sido Weston a me trazer aqui, tinha sido Donovan quem garantiu que eu estivesse solteira quando chegasse.



CAPÍTULO 6

Roxie pegou duas taças de champagne de uma bandeja quando passou por ela e me entregou uma.

— Teve muita coisa nova para você esta semana. É uma pena que tenha que estar aqui em um fim de semana à noite.

Desde minha reunião inicial na Reach na terça, passei o resto da semana coordenando com o RH, me familiarizando com as operações da empresa e arrumando minha sala. Mal tinha visto Weston. Nem tinha visto Donovan.

Agora estava vestida na estica, em um vestido justo longo verde de cetim que abraçava todas as curvas de meu corpo, meu cabelo estava um pouco solto na nuca, e eu estava escondida em um canto no The Sky Launch para poder participar da festa de noivado de Weston. Bem diferente de como eu esperava passar meu primeiro sábado em Nova Iorque.

— Não é tão ruim — eu disse, mentindo. A festa, Weston tinha me contado, havia sido organizada com discrição, mas, mesmo assim, ainda parecia ter umas quatrocentas ou quinhentas pessoas na pista de dança da balada alugada. Presumi que era assim que era fazer parte da elite e dos ricos... O pacote incluía popularidade.

Sinceramente, havia tantos convidados, que minha ausência não teria sido notada. Não sabia por que tinha vindo.

Sabia, sim.

Porque Donovan iria reparar se eu não viesse, e não queria que pensasse que estava evitando o evento. Não queria que presumisse que o futuro casamento de Weston significasse algo para mim, que estava magoada ou curando feridas. Não estava. Estava ali para comprovar, e não planejava ir embora até fazê-lo.

Não que Donovan tivesse se incomodado em aparecer.

Talvez a coisa toda fosse uma perda de tempo, afinal de contas.

Dei um gole em minha taça de champanhe e tentei não pensar em como

o verde de meu vestido combinava perfeitamente com o verde dos olhos dele.

— Está preparada para segunda-feira? — Roxie perguntou.

— Acho que sim. — Eu me debruçava nos arquivos do projeto em todo meu tempo livre em casa para me preparar, mal dormia. O pessoal da mudança desempacotou a maior parte de meus pertences, mas eu não tinha encostado em nenhum item pessoal que havia pedido para eles deixarem para mim. — Já garanti que estou atualizada com tudo que a equipe está trabalhando.

— Cuidado para não se esgotar antes mesmo de começar — Roxie me alertou com seu jeito indelicado do leste europeu.

— Pode deixar. *Mãe*. — Eu estava brincando, mas esperava que ela pudesse perceber que me sentia grata. Não apenas porque ela era uma das únicas pessoas que eu conhecia na cidade, mas também porque fazia muito tempo que eu não tinha ninguém para cuidar de mim. Era uma mudança boa depois de todos os anos cuidando de minha irmãzinha.

Ela sorriu e olhou por cima do ombro para seu marido, que aguardava a alguns metros dali. Após beber o resto de sua bebida em três goles compridos, ela disse:

— Frank odeia estas coisas. Eu ficaria mais se ele não me importunasse para ir. Vai ficar bem? — Ela pareceu genuinamente preocupada quanto a me deixar sozinha.

— Vou. Estou bem. Juro. — Podia ver o marido dela batendo o pé, impaciente. — Só vou parabenizar o casal, e depois vou embora também.

Precisou de um pouco de esforço, mas finalmente a convenci de que ficaria bem sozinha.

Depois que ela saiu, percebi que ficar parada no canto era mais bizarro estando desacompanhada. Olhei em volta pela balada. Havia música tocando, mas não era do tipo de dançar. Todos os convidados estavam em pé em grupos, conversando e mastigando petiscos chiques. Eu não reconhecia ninguém. As poucas pessoas que conhecera no escritório já tinham dado oi e ido embora. Estava ficando tarde, e Donovan ainda não havia chegado. Não havia por que eu ficar mais. Ou precisava procurar Weston e cumprimentá-lo — só pensar nisso me fazia resmungar por dentro — ou apenas precisava ir

embora.

Suspirei e finalizei minha bebida. Então a coloquei em uma bandeja quando um garçom passou, e foi quando senti — quando *o* senti. Donovan. Não me virei, mas sabia que ele estava atrás de mim. Eu tinha certeza. Sua presença era tão pesada e densa quanto melaço, e qualquer intenção que eu tinha de ir embora foi imediatamente lançada pela janela. Seria impossível sair agora. Não conseguiria caminhar pelo melaço com aqueles saltos.

Mas onde ele estava? O que estava esperando?

Segundos passaram como horas e, finalmente, ele veio ao meu lado, sem deixar mais do que sete centímetros, talvez cinco, entre nossos ombros.

— O jeito que esse vestido cai em você... — ele disse com a voz rouca. — Agora entendi por que Weston te contratou.

A aspereza em seu tom pareceu uma pedra-pomes perfeita, alisando as beiradas em mim que eram ásperas até onde conseguia me lembrar.

Mas suas palavras foram um tapa na cara.

Outra merda de piadinha quanto às minhas qualificações. Como se o único motivo por eu merecer estar na Reach era porque ficava bonita em um vestido de noite.

E, então, havia o outro motivo de sua declaração ser um problema. Porque estava *errada*, e — embora provocasse coisas em minhas entranhas quando ele falou, fez minha barriga se contorcer profundamente — eu não podia deixar isso passar sem comentar. Se fosse antes, eu teria deixado riquinhos se safarem com essas merdas. Eu tinha deixado riquinhos se safarem com muito mais. Não mais.

Virei o rosto para ele, para dizer a ele, e senti o ar saindo de meus pulmões. Ele estava lindo pra caramba em seu smoking com lapelas de cetim, sua gravata-borboleta perfeita e centrada, seu rosto ainda escuro com a barba por fazer. Quase esqueci o que ia falar.

Ergui meu foco da curva tentadora de seus lábios para seus olhos, que estavam mais verdes do que marrons naquela noite, e engoli em seco.

— Não sei se quis fazer um elogio, mas tenho *certeza* de que isso é assédio sexual.

A boca de Donovan se ergueu com um sorriso lento.

— Oh, mas assédio sexual costumava ser nosso lance.

A menção do passado que compartilhávamos me desequilibrou. Me deixou zozza. Não esperava isso, e era um ponto para ele em um jogo que nem sabia como jogar.

Era, por outro lado, a abertura de que eu precisava para falar as coisas — todas as coisas, qualquer coisa — se eu conseguisse pensar por qual começar. Se conseguisse descobrir como falar qualquer coisa.

Mas, antes de conseguir fechar a boca como uma idiota, Donovan se aproximou e disse baixinho:

— Feche a boca, Sabrina. Apesar de eu adorar imaginar formas de preenchê-la, vamos ter companhia. — Ele se endireitou. Mais alto, disse: — Weston, Elizabeth. As estrelas do show.

Meu maxilar se fechou, minhas faces se coraram como se eu estivesse abrigando uma chama dentro da boca.

Em uma névoa, me virei e vi Weston com o braço em volta de uma jovem ruiva com olhos claros e um grande sorriso.

— Elizabeth, você conhece Donovan — ele disse formal. — E está é Sabrina Lind, nossa nova diretora de estratégia de marketing.

— É um prazer conhecê-la. — Ela assentiu para mim enquanto Weston olhava secretamente à nossa volta. — É tão fascinante ver como meu amor...

Parecendo estar satisfeito com o que via, ele a interrompeu.

— Não tem ninguém olhando. E Sabrina sabe.

— Oh, graças a Deus. — Elizabeth Dyson tirou o braço de Weston. — Se eu tiver que elogiá-lo por mais um minuto, talvez precise vomitar.

Donovan olhou admirado para a noiva de Weston.

— Elizabeth, acho que você e eu podemos nos dar melhor do que pensei.

Então, parecia que o casal recém-noivo não estava se dando tão bem. Ainda confusa, achei aquilo engraçado.

São só negócios.

Ok, talvez eu fosse um pouco amarga.

— Te falei, Kincaid, que este acordo combinaria muito mais com você e comigo. Não consigo acreditar que recusou a proposta. — Elizabeth flertou abertamente com Donovan, parecendo não notar a exagerada revirada de olhos de Weston.

— Você foi apontado para ser o noivo? — Não consegui encontrar os olhos de Donovan ao perguntar, e me vi olhando para baixo, o que não ajudou, porque acabei olhando para sua virilha.

Rapidamente, olhei de volta para Weston. Então para Elizabeth, caso olhar para Weston pudesse parecer que estava desejando Weston. Depois para meus sapatos, caso pudesse parecer que eu estava me esforçando demais ao olhar para ela e porque não queria que ninguém visse como reagia à resposta de Donovan à minha pergunta.

Tinha me questionado várias vezes nos últimos dias quanto à revelação de que ele organizara o casamento falso e se tinha ou não algo a ver comigo. Era mais fácil, para minha ansiedade, pensar que estava sendo ridícula, mas se não tinha nada a ver comigo, então por que ele não tinha se voluntariado para interpretar o papel?

— Ninguém nunca iria acreditar que eu me casaria — ele disse, desdenhando. — Além disso, Weston fica muito melhor no braço de Elizabeth.

Olhei para cima e vi Weston fuzilar Donovan com os olhos. Então, com um sorriso bem brilhante, ele se dirigiu a mim.

— Sabrina, você está absolutamente linda.

— Obrigada. — Olhei para Donovan, indicando como um elogio era para ser dado e o vi me olhando com o que achava que dizia *Viu o que estou falando?*

Elizabeth me analisou dos pés à cabeça e assentiu, aprovando.

— Ela é linda, Kincaid. Vocês formam um casal bem atraente.

— Não somos um casal — eu disse rápido, ao mesmo tempo que Weston disse:

— Eles não são um casal.

Weston e eu trocamos olhares. Eu sabia o que parecia — como se ainda estivéssemos juntos, e talvez tenha sido por isso que ele se apressara para esclarecer que eu não estava com Donovan, mas não era por isso que *eu* me apressara para esclarecer.

Tinha me apressado porque não havia como, de jeito nenhum, eu me envolver com Donovan de novo. Nem agora. Nem nunca.

— Está aqui sozinho? — Elizabeth perguntou a Donovan, erguendo a sobrancelha para ele com surpresa.

— Não.

Meus músculos ficaram tensos... como assim? Até parece que eu estava com ciúme. Mas eu estava com *alguma coisa*. Não tinha passado por minha cabeça que Donovan estaria com alguém. Ele podia até ter namorada. Ou até noiva. E, se fosse o caso, por que estava me provocando? Mas por que *um dia* me provocou?

Eu estava confusa. Era isso que estava. E irritada.

— Sabrina é da cavalaria de Weston — Donovan disse em seguida, e então também fiquei puta.

— Você é um babaca cretino. — Weston fez careta.

Eu estava chocada demais para falar qualquer coisa. Não era possível que ele quisesse dizer o que eu pensava que queria. Será?

— Ah — Elizabeth disse, entendendo claramente. — Recente?

— Acredito que o mais recente. A última garota significativa com quem ele passou um tempo antes de você, de qualquer forma.

Ele *queria* dizer o que pensei mesmo.

Jesus Cristo.

Referir-se às namoradas de Weston como cavalos não era apenas misógino e baixo, mas também era ser simplesmente um merda.

— Huh. — Elizabeth olhou de Weston para mim. Olhou para a forma como Weston olhava *para* mim. — Talvez eu queira participar disso, afinal.

Quais eram os termos?

Weston passou uma mão em seu cabelo já bagunçado.

— Puta merda, não estou a fim de orgia.

O encontro dele — a causa provável de seu cabelo bagunçado — deu uma piscadinha para Donovan.

— A gente conversa depois.

— Vá se foder — Weston murmurou, olhando em volta de novo. — As pessoas estão nos observando. É melhor fingir direito. — Sem olhar para ela, pegou sua mão. — É você que quer transar com ele? É por isso que fica fazendo brincadeirinhas sobre mim?

Ela revirou os olhos, mas algo em sua expressão se enrijeceu.

— Foi só uma piada. Você é muito sensível quanto a tudo que digo.

— Tudo que faz é criticar.

— Tudo que você faz é idiota.

Weston virou a cabeça para ela.

— Alguém já te disse que você é uma vaca?

— Não desde a última vez que você me falou, que foi, acho que... oh, há vinte minutos.

— Aí está o casal feliz! — exclamou um cavalheiro mais velho a alguns metros.

— Ah, merda — Elizabeth xingou ao abrir um sorriso. — Sr. Jennings!

Weston segurou o ombro de Donovan e sussurrou:

— Reze por mim. Eu imploro.

— Não sou religioso, cara. Está sozinho nessa. — Donovan deu um tapa nas costas dele e mandou o “casal” seguir caminho. — Talvez devêssemos sentir pena deles — ele disse, olhando os dois se afastarem. Então, depois de um instante: — Não.

Não. Definitivamente, não.

Então Weston tinha arranjado bastante problema com seu noivado com Elizabeth Dyson. Que pena. Eu tinha meus próprios problemas, ou *problema* chamado Donovan Kincaid.

Sozinhos de novo, me virei para confrontá-lo e vi que sua atenção estava do outro lado do ambiente. Segui seu olhar para uma asiática elegante perto do bar conversando com outras pessoas. Quando Donovan olhou para ela, ela acenou.

Olhei de volta para ele. Seus traços tinham se enrijecido, mas ele assentiu para ela.

Meu estômago se revirou, e todas as coisas definitivas que eu queria dizer desapareceram de minha mente mais uma vez.

— Ela é sua namorada?

— Sun? Não, é só uma garota que gosto de foder.

Ele disse a palavra *foder*, e de repente lá estava eu, de volta àquele escritório de todos aqueles anos atrás, pressionada contra a estante de livros com o corpo dele prensado ao meu. Era uma daquelas cenas que ficavam escondidas durante minhas horas acordadas por tanto tempo, e agora saíam de fininho, me incapacitando com sua potência.

— Ela é bonita — eu disse, e senti que queria chorar porque meu desejo era muito poderoso. Porque, naquele instante, eu queria ser bonita como *ela*. Queria ser a garota bonita que ele gostava de foder.

— Está pensando nisso agora, não está? — Donovan estava a uns trinta centímetros, mas eu conseguia sentir a sensação de sua respiração em minha pele conforme virava o pescoço para ele.

— O quê? — Ainda estava olhando na direção de Sun.

— Nela e em mim fodendo.

Saí de meu transe.

— Não!

— Seu corpo te denuncia.

Eu não estava usando sutiã, e sabia exatamente que parte do meu corpo me denunciava. Ainda bem que ele não podia ver a maneira como meu

coração estava martelando no peito ou o líquido escorrendo entre minhas pernas.

Mas o que eu ia falar? *Não, não estou imaginando você a fodendo; estou me lembrando de você me fodendo.* Era horrível igual. Ainda pior.

— Não estou ofendido — ele disse. — Geralmente, passo eventos assim pensando nisso também. Planejando o que vou fazer com ela mais tarde. Imaginando que cor de calcinha ela está usando. — Ele diminuiu a distância entre nós, e agora eu conseguia realmente sentir sua respiração em minha clavícula, conforme ele sussurrou: — Esta noite, admito que estou um pouco distraído.

Inspirei-o, senti o cheiro familiar de seu perfume e almíscar, e sua boca estava tão perto, que eu só tinha que virar e erguer o queixo. Será que ele me beijaria? Será que queria?

Dei um passo para trás, assustada pela pergunta. Só me questionar sobre isso me deixava fraca, que dirá se eu tentasse responder?

Meus joelhos ficaram moles, como se eu não conseguisse me lembrar de apoiar neles, e cambaleei, mas não caí.

— Não sei o que quer que eu diga agora.

Donovan me analisou com cautela.

— Nem eu tenho certeza — ele admitiu.

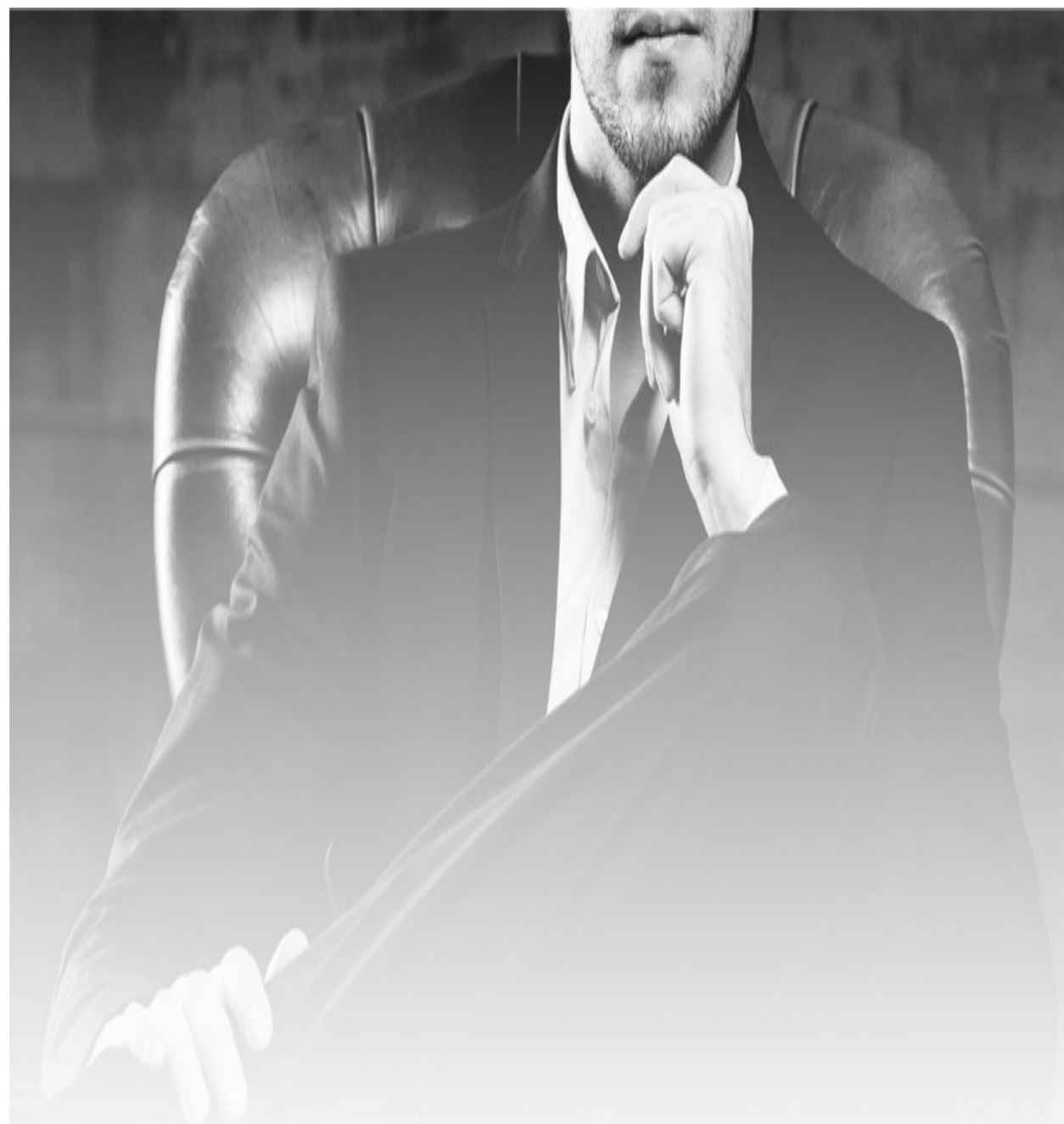
— Está pronto para ir? — Sun perguntou. Eu nem tinha percebido sua aproximação. Ela era mais atraente de perto. Seus lábios eram carnudos e sua postura, firme. Ela parecia familiar, mas devia ser porque ela tinha o tipo de confiança que a fazia parecer importante.

Encarei Donovan, com minha expressão mostrando um certo desespero. Ele não podia ir embora agora.

Ele olhou bem para mim ao responder a ela.

— Estou.

Sun deu o braço a ele, e ele a acompanhou para fora. Sem apresentação. Sem nem uma despedida.



CAPÍTULO 7

Demorei mais uns minutos depois de Donovan e seu encontro terem saído para ir embora da festa também, mas, aparentemente, não esperei o suficiente. Eles ainda estavam na calçada esperando o carro dele quando saí na noite fria de setembro.

Fiquei para trás para poder observá-los sem ser notada. Ela tinha soltado o braço dele, e os dois nem sequer se tocavam. Era como se mal se conhecessem, que dirá se gostassem. Para ser sincera, Elizabeth e Weston pareciam mais íntimos do que Donovan e Sun. Talvez encontros falsos estivessem na moda por ali.

Dei risada sozinha de minha piada.

Então parei de rir.

Será que ele a *tinha* contratado?

Ele tinha ficado apenas por, quanto? Vinte minutos? Por que apareceu? Para garantir que eu estava ali? Para garantir que eu visse que ele tinha alguém quando eu não tinha ninguém?

Eu estava exagerando, pensando que tudo girava à minha volta. Era patético, e eu sabia disso. Donovan tinha vindo para mostrar apoio ao noivado extravagante de seu sócio. Se Donovan não era simpático com Sun, era porque não precisava ser legal para transar com ela. E ele iria transar com ela. Eu sabia. Quem não transaria?

Alguém foi até Sun e pareceu perguntar algo, então lhe entregou um papel e uma caneta. Parecia que estava pedindo seu autógrafo.

Era *daí* que eu a reconhecia. Ela era modelo. Eu tinha quase certeza de que ela havia até feito uns comerciais para clientes da Reach. Provavelmente foi como Donovan a conheceu. Claro que esse era o tipo de mulher com quem ele sairia, mesmo casualmente. Uma modelo linda e sofisticada. O tipo de mulher com a qual eu nunca me compararia.

Não que estivesse tentando.

— Precisa de um táxi, senhorita? — o porteiro do The Sky Launch

perguntou.

— Oh, sim. Desculpe. — Ainda não queria ser vista, mas pensei que era seguro, já que o carro de Donovan tinha chegado. Conforme o porteiro assobiou para um táxi, me demorei na porta da balada, observando Sun entrar primeiro no banco de trás do Jaguar, depois Donovan entrar. Quando o carro saiu para o trânsito, encarei-os o máximo que pude e vi Sun diminuir a distância entre ela e Donovan, praticamente subindo no colo dele.

Eu não me importava, e me importava ao mesmo tempo. Ele podia fazer o que quisesse. Não fazia diferença para mim. Eu não me importava com quem ele saía, de quem ele gostava ou quem ele fodia. Mas, em uma época diferente, em um lugar diferente, eu me importava, *sim*, porque, naquela época, Donovan tinha manchado todos meus pensamentos, não apenas os que eu escondia à noite.

E agora ele estava fazendo voltar àquele tempo e lugar, fazendo minha mente encarar o passado, obrigando minhas lembranças e fantasias se fundirem em um carretel sem fim de indecência.

E ele iria transar com ela.

E eu não conseguia me lembrar de uma época em que me senti tão solitária.

Felizmente, não precisei esperar muito por um táxi. Dei meu endereço ao motorista. Pensando bem, perguntei:

— Pode passar em uma loja de bebidas no caminho?

Apesar de Nova Iorque ser cheia de lojas de bebida no caminho de Columbus Circle até meu apartamento, encontrar uma em que um táxi conseguisse aguardar do lado de fora era quase impossível. Então, quando passamos por algumas quadras, paguei o motorista, e ele disse que iria dar a volta e voltar para me pegar.

Desconfiei que seria a última vez que o veria, mas tudo bem. Era só pegar outro táxi.

Dentro da loja, pulei vodca e gim. Não bebia muito, mas se iria ceder, normalmente seria martini ou uma tônica com vodca. Não era o que estava desejando para aquela noite.

Demorei um minuto para encontrar o que estava procurando, já que nunca comprava uísque, mas encontrei nos fundos, em cima. Havia uma prateleira inteira dedicada a uísque — puros e misturados. Cada um tinha um preço que sugeria que alguém considerava bem superior, mas até parece que eu sabia qual marca era boa.

Acabei escolhendo um Macallan porque tinha um nome que sabia pronunciar. Uma garrafa mais cara porque era mais provável que fosse o que Donovan tinha em seu escritório.

Do lado de fora, sinalizei para um táxi e me surpreendi por ser o mesmo em que entrara antes.

— Uísque? — o motorista perguntou ao ver a caixa em minha mão. — Sabia que você era uma senhorita com gosto refinado.

Estava mais para uma garota com gosto indecente — um gosto indecente nos pensamentos e um gosto indecente na boca. Felizmente, me embebedar de uísque limparia pelo menos um dos dois.

Em meu apartamento, tirei os sapatos e o vestido para ficar apenas de calcinha, depois encontrei um copo na cozinha para meu uísque.

— Só este — eu disse para o ambiente vazio, erguendo o copo como se brindasse. — Só esta noite.

Bebi o primeiro copo rapidamente, deixando o álcool queimar qualquer ressalva. Quando servi o segundo copo, estava totalmente comprometida com o plano. Qual era o problema? Era apenas uma noite, no abrigo de meu próprio apartamento.

No apartamento de Donovan, me lembrei, e o pensamento fez meus mamilos se enrijecerem, como se ele estivesse secretamente me observando. Como se — porque era dono do prédio — também fosse dono de minha privacidade. Mudou a forma como me mexia.

A forma como me estiquei para apoiar a garrafa de uísque foi para ele. A forma como abaixei para pegar meu vestido foi para ele. Para seus olhos.

Então, quando me despi totalmente e entrei na banheira, também foi para ele.

Pelo menos era o que eu imaginava. Era o que estava permitindo apenas

uma vez, apenas aquela noite — aquele jogo, aquela fantasia. Apesar de usar Donovan com frequência para me acalmar dos pesadelos e ataques de pânico trazidos com as lembranças de meu assédio sexual na faculdade, fazia tempo que não me permitia pensar nele *simplesmente por pensar*.

Por um período, tinha se tornado comum. Aqueles pensamentos obscenos tinham sido meus amigos nos meses após meu abuso. Mas, então, tinha ido longe demais. Eu deixara Donovan ir longe demais. Depois disso, havia banido aquelas fantasias doentias à escuridão a que pertenciam.

Porém, naquela noite, sozinha e meio bêbada, afundei na água quente e imaginei que ele estivesse comigo, observando-me beliscar os mamilos, puxá-los até doerem e fazer o espaço entre minhas pernas latejar.

O Donovan da Fantasia gostava disso. Gostava de como eu arfava. Gostava de como minhas costas arqueavam.

— Me toque — implorei a ele, minha voz ecoando contra o azulejo do banheiro.

— *Não* — o Donovan da Fantasia disse em minha cabeça. — *Não vou tocar*. — Porque, apesar de eu poder amenizar a dor com minha própria mão, sabia que não tinha como fingir que era a de Donovan... nem na minha própria cabeça. — *Toque-se*.

— Mas...

O protesto da minha fantasia foi interrompido pelo toque do meu celular na beirada da banheira.

Tinha passado das dez. As pessoas não ligavam depois das dez a menos que fosse uma emergência, engano ou minha irmã.

Peguei o celular e olhei para o número. Não era um número que eu reconhecia, mas era local. A curiosidade e o álcool venceram.

— Alô?

— Era azul — Donovan disse, sua voz tão baixa e rouca em meu ouvido que tive que apertar as coxas.

Ele tinha meu número. Por que ele tinha meu número?

— O que era azul? — perguntei.

— A calcinha dela.

Demorou um pouco para perceber que ele estava falando da calcinha de *Sun*. Resmunguei por dentro. Eu não queria saber.

Só que meio que queria saber. Então, apesar de estar bêbada demais para isso, para conversar, peguei meu copo e o coloquei de volta na banheira.

— E você já saiu da casa dela?

— Não sou um cara que fica à noite.

— Claro que não.

Ouvi o som de soprar fumaça. Ele estava acendendo um charuto? Imaginei que estivesse, que estivesse reclinado em uma poltrona de couro em seu escritório, talvez, observando a cidade, seu smoking amassado, mas ainda em seu corpo.

— Na verdade, nem saí do carro — ele disse.

— Então como...? — Parei de falar.

— Fizemos no carro.

— Mas como você conseguiu...? — Eu me interrompi de repente. Ele tinha transado com ela no carro. Com o motorista no banco da frente. — Não quero saber.

— Quer, sim. — Seu sorriso ficou aparente em seu tom.

— Não mesmo. — Queria mesmo. Queria saber cada detalhe doentio e cruel, mesmo que me doesse ouvir. Mesmo que me fizesse sofrer de desejo.

— Vou te contar porque quer saber. — Outra pausa. Outro sopro? — Ela subiu no meu colo no instante em que entramos no banco de trás. Esfregando-se contra minha coxa enquanto chupava minha orelha. O que é ok, mas não muito do que gosto.

Eu a tinha visto no colo dele conforme saíram. Se eu pensava que ele poderia mentir, aquela cena era suficiente para comprovar. Além do mais, por que ele mentiria?

Levei o copo aos lábios, mas não dei um gole ainda.

— Presumo que vá me dizer do que você gosta.

Ele fez um som que indicava pensar que era um comentário engraçado vindo de mim.

— Oh, Sabrina, acho que você sabe.

Dentes, pensei. Unhas.

— Acho que não me importo.

— Morder. Mordiscar. Nada muito suave. Uma coisa com mais pressão.

Conseguia me lembrar vividamente de como ele tinha reagido aos meus dedos se afundando em suas costas.

— Não vou prestar atenção.

— Vai. — Outra pausa, dessa vez com movimento, e agora o imaginei mexendo o celular enquanto tirava os sapatos e as meias. — Enfim, você viu o vestido que Sun estava usando. Era fácil de erguer. Não era justo como o seu. — Ele hesitou, deixando no ar que ele tinha pensado nisso... que meu vestido teria sido mais complicado.

Inclinei meu copo para trás e deixei o uísque âmbar silenciar o gemido que se formou em minha garganta.

— Acaricieei-a ali — ele continuou — com dois dedos, junto com a virilha enquanto mordida a pele de seu ombro. Ela queria mais. Ficava empurrando sua boceta contra minha mão, tentando me fazer lhe dar mais.

— Você deu? — Eu queria que ele dissesse *não*. Era horrível? Eu me importar?

— Ainda não. Ela estava impaciente demais, e precisava ser provocada. Então empurrei-a para o canto do carro. Forte. Ela deu um gritinho. Bateu a cabeça na janela. Acho que doeu.

Jesus.

— Seu motorista não percebeu?

— Talvez.

— Ele não ficou preocupado com o bem-estar dela? — Soei brava, e estava, mas não com o motorista, e sim comigo mesma. Como eu conseguia ficar ouvindo? Por que me fazia doer de inveja? Por que me excitava tanto?

— Pago meu motorista para manter os olhos à frente. Ok, ele provavelmente dá uma olhada no espelho retrovisor, vai para casa e bate uma, mas faz parte do trabalho. Satisfeita?

Não. Longe disso.

— Então, onde eu estava? Ela estava no canto. Tirei a calcinha dela, descobri que era azul e, então, flexionei seus joelhos para seus pés se apoiarem no banco.

Involuntariamente, ergui as pernas para os joelhos se flexionarem e a sola de meus pés se apoiarem no fundo da banheira.

— Então me abaixei, coloquei o rosto entre suas coxas e lambi a abertura dela — Donovan disse devagar. — Lentamente, Sabrina. Ela adorou.

Fechei os olhos e imaginei. Não ela, não Sun. Mas imaginei Donovan lambendo devagar. Imaginei adorando.

— Como sabe? — perguntei, rouca de desejo e do álcool.

— Ela estremeceu. Então fiz de novo. Aí encontrei o clitóris dela. Encostei a língua de leve, como uma pena, até estar inchado e grande como um pêssgo minúsculo. E, então, chupei-o e a fiz contorcer. Ela gozou tão forte, que seus joelhos apertaram minha cabeça.

A dor invejosa por dentro tinha começado a latejar de forma que eu não conseguia parar, espalhando-se e percorrendo meus membros, fazendo cada célula gritar de tesão. Será que ele sabia que conseguia fazer isso comigo? Devia saber.

Por que eu deixava?

Uísque. Culpava o uísque.

— Tudo isso nos vinte minutos que demorou para chegar ao apartamento dela. Felizmente, Sun não esguicha, então foi fácil de limpar.

Meus olhos se abriram de repente.

— Ela não retornou o favor antes de ir embora?

— Não.

— Que cuzona. — Admito que falei isso sorrindo.

— Não seja assim, Sabrina. É bem sexy ouvir você xingá-la, mas não é justo. Ela ofereceu. — Ele estava protegendo, era condescendente, e era estranhamente erótico, mas havia mais alguma coisa em suas palavras que me chamou atenção.

— Você não estava interessado? — Dei outro gole em minha bebida, preparada para sua resposta ser irreverente, cruel, ou para ele nem responder.

— Eu não estava excitado por ela — ele disse simplesmente.

Meu coração parou.

— Mas estava excitado?

— Sim, Sabrina. Estava excitado.

Oh, nossa.

Soltei minha bebida e espirrei a mão na água antes de passar no rosto.

— Por que me ligou, Donovan?

— Por que veio para cá, Sabrina? — Ele soava tão bravo e desesperado como eu me sentia.

— Você estava em Tóquio.

— E aí tive que vir para Nova Iorque.

— *Por que* teve que vir?

Ele hesitou antes de responder, por um minuto, o tempo que levava para soprar a fumaça. Imaginei-o expirando, uma névoa o envolvendo conforme ele se debruçava no peitoril de sua janela para observar a cidade.

— Você sabe por que tive que vir — ele disse finalmente. — Boa noite, Sabrina.

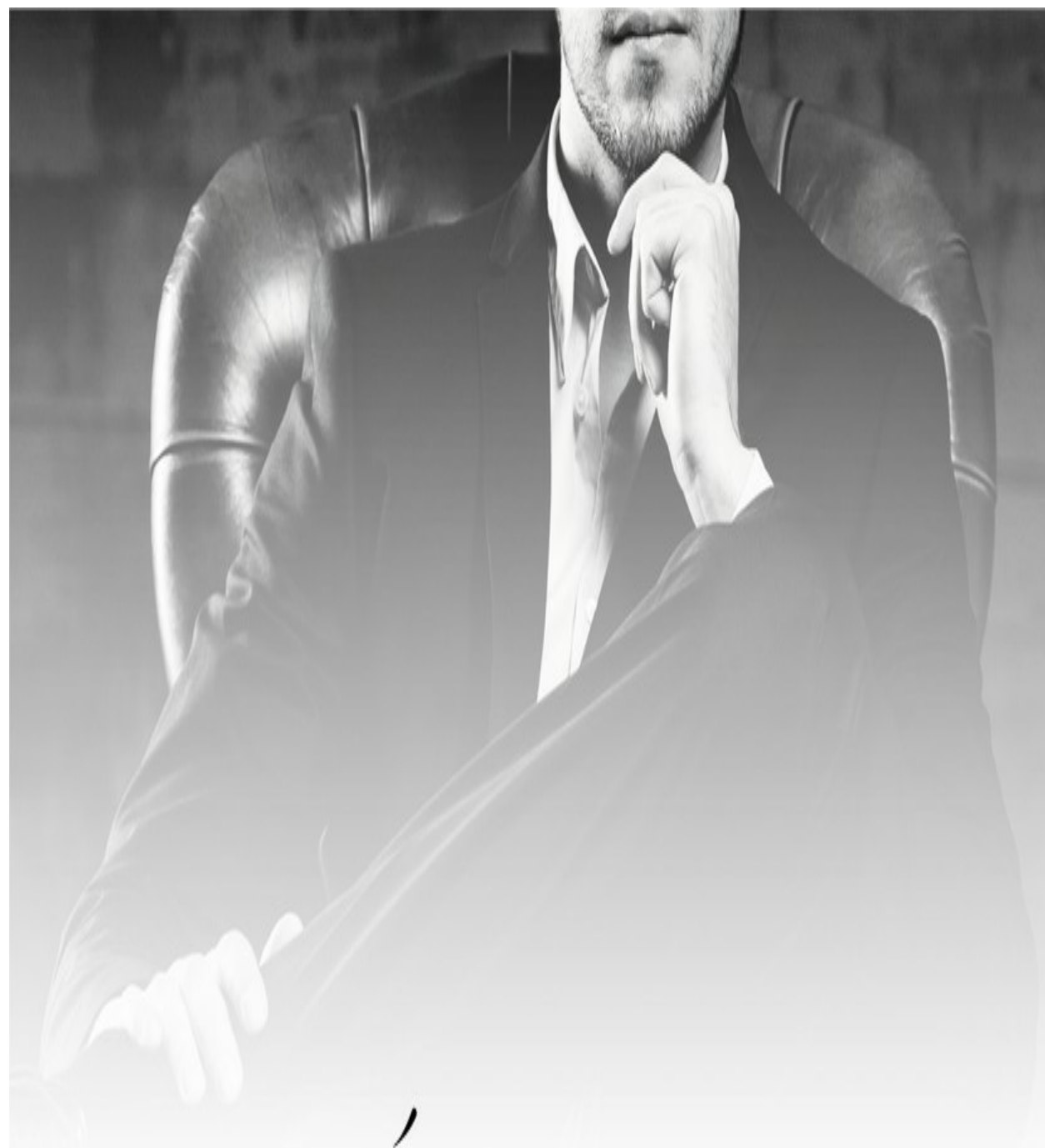
A linha ficou muda antes de eu ter chance de fazê-lo esclarecer. Porque eu *não* sabia por quê. Não mesmo. Era porque ele precisava ajudar a equipe? Porque Reach tinha ficado grande demais para funcionar com apenas dois presidentes? Essa era a história que eu ouvia no escritório.

Mas havia outra história. Uma que contei a mim mesma assim que o celular estava seguro na beirada da banheira, meus olhos fechados e minha mão submersa acariciando meu clitóris, transformando-o em um pequeno

pêssego como Donovan descrevera em meu ouvido. Naquela história, o motivo de ele ter voltado para casa era o mesmo pelo qual ele tinha saído da festa cedo. Era o mesmo motivo pelo qual ele fizera Weston se casar com Elizabeth Dyson em vez de se voluntariar.

E era o motivo de ele ter me ligado.

Por minha causa.



CAPÍTULO 8

Segunda-feira foi caótica com atividades. Dentre reuniões de equipe, prazos de projetos e apresentações ao time, mal tive um instante para respirar, que dirá pensar em qualquer coisa que não tivesse a ver com os testes do app e ligações. Esse emprego iria testar minhas habilidades, mas eu estava preparada para o desafio.

Mas, apesar de estar comprometida com minha nova carreira — ou talvez *porque* eu estava comprometida —, tinha andado pelo prédio naquela manhã usando o que considerava minha roupa poderosa, com a intenção específica de falar com Donovan Kincaid.

A noite de sábado nunca deveria ter acontecido.

A noite de sábado nunca poderia ter acontecido.

Eu tive que trabalhar mais duro do que aqueles que se formaram em Ivy Leagues, porém, agora que estava onde queria estar, não iria fazer nada para prejudicar. Inclusive brincar com os tipos como Donovan. Particularmente, quando eu sabia o que ele provocava em mim.

O único jeito de eu ter certeza de que nossa trajetória atual estava correta era encarando isso de cabeça erguida.

A roupa poderosa, uma saia cinza com um terninho combinando, era importante não apenas porque me dava confiança, mas também porque não era algo que dizia *sexy*.

Dizia *controle*.

Dizia *domínio*.

Dizia *determinação*.

Não dizia *garota contra uma estante de livros com a calcinha abaixada até os tornozelos*.

Então, logo antes do meu almoço de negócios com o líder de mídia — um durão graduado em Princeton que não parecia gostar da ideia de receber ordens de uma mulher —, fui ver Donovan.

Já que trabalhávamos em departamentos totalmente diferentes, Donovan e eu não havíamos tido motivo para interagir desde que eu chegara, e essa era a primeira vez que eu o procurava. Acabou que seu escritório era o que eu tinha visto em meu primeiro dia com as paredes de vidro opacas.

Ainda estavam enevoadas quando cheguei hoje, mas sua porta estava aberta. Olhei para dentro do corredor. Parecia que ele estava ocupado. Estava debruçado em algo em sua mesa. Estava sem o paletó, então, quando ergueu a mão a fim de esfregar a nuca, os músculos de seu braço se tensionaram contra a camisa. Ele era intenso quando trabalhava, e me lembrou de observá-lo na aula conforme ele estudava em seu laptop à frente da sala. Era algo que eu sabia sobre Donovan e, por mais que, de muitas maneiras, ele fosse um estranho, era estranhamente satisfatório descobrir que eu ainda me lembrava disso.

Também me fez imaginar que tipo de coisas ele ainda se lembrava de mim. Pensar nisso me deixou ainda mais nervosa e me fez querer virar e voltar à minha sala.

Também me deixou estranhamente irritada. Afinal como ele ousava pensar que sabia algo sobre mim? Seja lá o que pensasse que lembrava, ele estava errado, e eu pretendia falar justamente isso para ele.

Fui até a mesa de sua secretária. Ela era atraente, com cabelo e pele escuros, mas sua etnia não era imediatamente reconhecível. Ela olhou para cima de seu computador quando cheguei perto e deu um sorriso receptivo, embora sua expressão dissesse que ainda estava perdida em qualquer que fosse o projeto em que estava trabalhando.

— Ainda não nos conhecemos, mas sou... — comecei a dizer, mas fui cortada:

— Pode deixar a srta. Lind entrar, Simone — Donovan falou de sua sala. Ele sempre me notava. Até hoje.

Olhei para dentro para ele e o vi recostado em sua cadeira, com o que quer que estivesse trabalhando de lado.

Eu me volvei para Simone.

— ...e acho que vou apenas entrar.

— Sim, srta. Lind — Simone disse, ainda sorrindo, depois voltou ao seu computador.

Hesitei apenas o suficiente para respirar fundo. *Noventa e cinco por cento de confiança é parecer que você tem quando não sente que tem*, disse a mim mesma. Não sabia se isso era verdade, mas parecia que sim, e eu iria seguir.

Agora só precisava torcer para parecer confiante.

— Sabrina — Donovan disse quando a porta se fechou sozinha atrás de mim —, a que devo esse prazer?

Ótimo. Ele tinha tanto as paredes como as portas em um sistema automatizado, provavelmente algo que controlava de sua mesa. Aposto que o fazia se sentir superior ter tamanho poder na ponta dos dedos. Provavelmente uma ferramenta útil quando estava lidando com funcionários desobedientes. Podia, psicologicamente, dominá-los sem nem abrir a boca.

Também me dominava psicologicamente. Principalmente quando ele se aproveitou de minha hesitação e virou seu olhar intenso para mim.

— Não me diga que tem um trabalho sobre o qual precisamos falar. — Seu sorriso cruel dizia que ele estava se lembrando, em detalhe, da última vez que estivemos fechados em uma sala juntos. Quando eu tinha lhe dado minha virgindade.

Tchau, confiança. Lá se foi minha calcinha seca também.

Não, eu não o deixaria me atingir. Se eu não fosse até o fim com isso, seria assim para sempre — ele com a vantagem, transformando todo encontro em outra versão perversa de nosso passado, nunca me deixando viver meu potencial absoluto.

Eu não conseguiria viver assim. Não iria.

— Não, não tenho um trabalho para discutirmos — eu disse, ousada. — Pensei que, talvez, pudéssemos conversar.

— Venha e sente-se. Sou todo ouvidos.

Balancei a cabeça.

— Aqui, não. — Não onde ele detinha o óbvio poder. Já tinha feito isso.

Não faria de novo. E a sala de reunião não funcionaria. Não queria que outras pessoas do escritório nos vissem e fofocassem. — Estava pensando que deveríamos sair para jantar.

— Jantar? — ele perguntou, arqueando uma sobrancelha. — Ou fala apenas da sobremesa?

Seu sorriso maldoso me distraía. Realmente me distraía.

Mas eu estava preparada para esse tipo de reação, e mantive a coluna ereta.

— Jantar. Acho que temos que conversar. Não acha?

Seu sorriso sumiu um pouco.

— Acho que sim.

Ele tamborilou os dedos na mesa. Duas vezes. Os cinco dedos seguidos.

Então disse:

— Às oito é bom para você?

— Hoje à noite? — Esperava que pegássemos nosso calendário e marcássemos algo, como na quinta ou talvez na próxima quarta. Algo que não fosse a menos de vinte e quatro horas.

— A não ser que tenha outros planos.

Não podia recuar agora. Enfraqueceria minha posição, e eu precisava me manter forte.

— Não. Pode ser esta noite.

Olhei para minha roupa do poder, que era totalmente inapropriada para jantar. Teria que tentar sair do escritório umas seis, o que seria difícil na minha primeira semana, mas, contanto que saísse às seis e meia, sete, no máximo, teria tempo para ir para casa me trocar.

Eu me virei para ir quando percebi outro problema com um compromisso tão de última hora.

— Tem alguma sugestão de restaurante? Ainda sou nova na cidade e não faço ideia, embora possa pedir à minha assistente.

Donovan se inclinou para a frente e pegou seu celular.

— O que acha de eu cuidar dos detalhes?

— Tem certeza? — soei derrotada porque estava mesmo. Era para ser o *meu* jantar em *meus* termos a fim de falar sobre *minha* programação e, de alguma forma, ele tinha mudado os planos para a noite e a hora que *ele* queria. Agora também seria o local que ele quisesse.

— Tenho certeza — ele respondeu. Em seu intercomunicador, ele disse: — Simone, peça para um motorista buscar Sabrina às oito em ponto. O endereço dela está no sistema. Depois ligue para o Gaston's e os avise para preparar uma mesa para mim lá pelas oito e quinze. — Ele pausou enquanto ela falou. — Sim. Só nós dois. — Ele desligou.

— O motorista vai te enviar uma mensagem quando chegar. Não quero que espere do lado de fora sozinha. — Ele encontrou meus olhos para se certificar de que eu soubesse que ele me queria segura. — Fui claro?

Meu peito se apertou.

Claro que qualquer homem poderia mostrar essa preocupação pela segurança de uma colega de trabalho. Mas eu sabia que ele queria dizer mais do que isso. Queria dizer que se lembrava da vez em que eu ficara sozinha do lado de fora, e *não estivera* segura.

E isso me emocionou.

— Foi claro, sim — respondi.

E, então, fiquei ali parada.

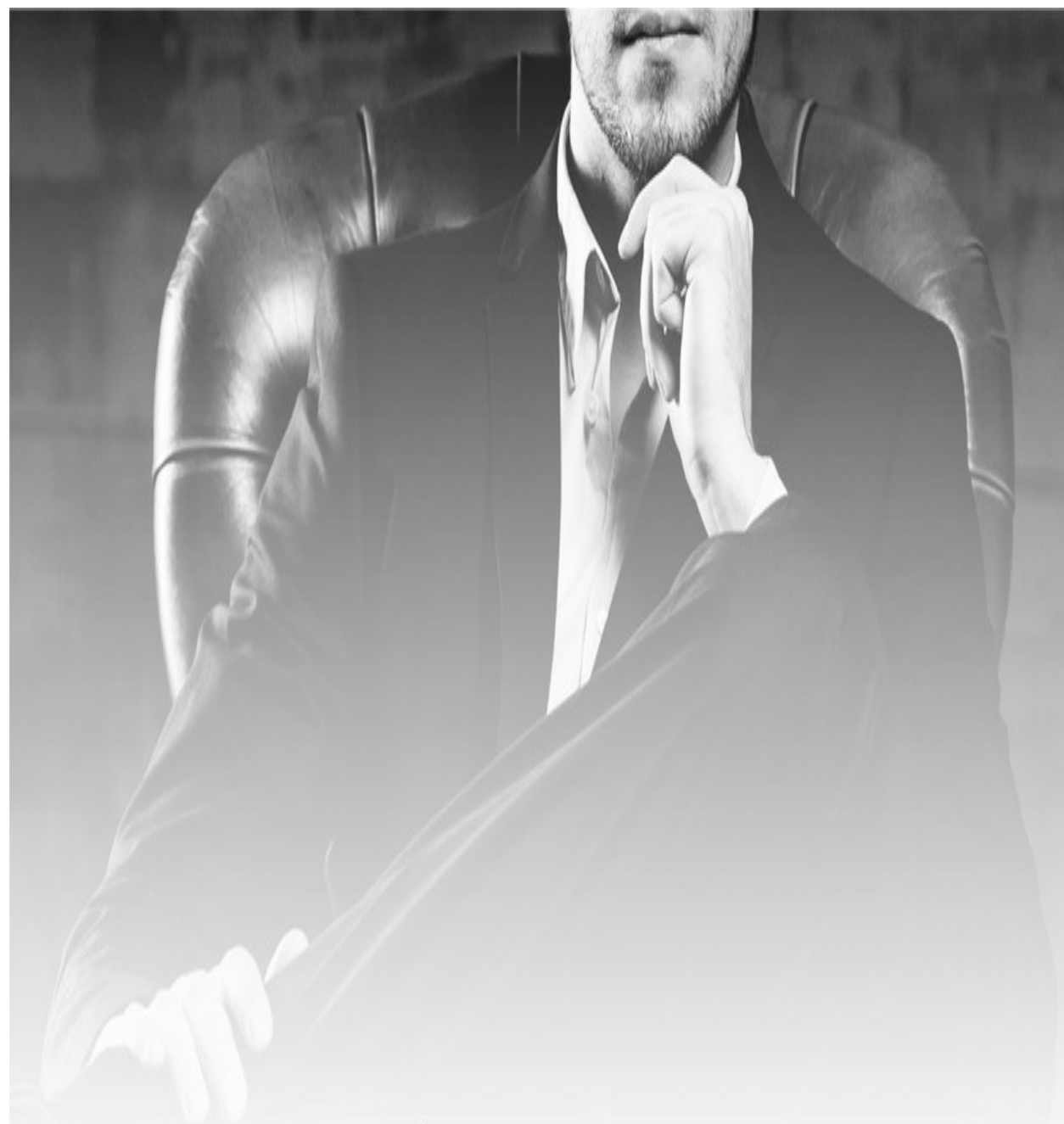
Tinha sido assim tão fácil mesmo? Eu estava pronta para uma batalha. Tinha me preparado para ter que explicar os motivos pelos quais queria conversar fora da empresa e por que não poderia ser conduzida por telefone. Nunca esperei que ele fosse ser tão dócil.

— Tem mais alguma coisa? — Donovan perguntou.

— Não. Eu só... Obrigada por concordar. — Saí de seu escritório segura. Esperava que a conversa daquela noite fosse tranquila igual.

Contudo, com Donovan, eu estava aprendendo que nada nunca era como eu esperava.

Só torcia para que conseguisse aprender a não gostar muito disso.



CAPÍTULO 9

Cheguei em casa às sete e meia, o que significava que só tinha tempo para trocar de roupa, sem tomar banho, mas não era como se estivesse tentando impressioná-lo. Na verdade, faria o oposto. Acabou que o dilema foi encontrar algo para usar que se adequasse ao objetivo.

Procurei algo em meu armário pela sétima vez. Por que tudo que eu tinha ficava bom em mim?

Escolhi um vestido tubinho vermelho. Era curto, mas o decote era alto e, já que ficaríamos sentados a uma mesa a maior parte do tempo, minhas pernas nuas não seriam um problema.

A menos que ele estivesse no carro comigo...

Não. Não pensaria nas coisas que ele me contara sobre o que tinha feito com Sun. Eu não era Sun, e era exatamente por isso que estávamos fazendo isso — para ele saber que eu não era Sun. Que nunca seria.

Aquele vestido daria certo.

Fui para o lobby às sete e quarenta e cinco e, como Donovan prometera, o carro chegou exatamente às oito. Era o mesmo Jaguar que eu o tinha usar anteriormente, mas, quando entrei no banco de trás, estava sozinha.

Isto é bom, disse a mim mesma.

Era esquisito como *bom* era bem parecido com decepção.

— Vamos buscar Donovan agora? — perguntei ao motorista enquanto ele começou a andar com o carro.

— Ele a encontrará lá, srta. Lind — ele informou, então não se incomodou em falar de novo até chegarmos ao nosso destino, um arranha-céu na Fifty-Eighth.

— Pegue o elevador — o motorista disse. — O restaurante é no último andar.

Compartilhei o elevador com outro casal. Quando chegamos ao topo, as portas se abriram para a recepção de Gaston's. Gesticulei para o casal ir primeiro e fui para o lado a fim de olhar pelas janelas.

O arranha-céu tinha vista total do Central Park. Era magnífico — a faixa comprida retangular de gramado e vida aninhada entre aço e concreto. Magnífico até agora, conforme um crepúsculo roxo pairava sobre a cidade. Podia imaginar sua glória à luz do dia, com as árvores cobertas por amarelo, laranja e vermelho. Tinha a sensação de que era de tirar o fôlego tanto quando coberto de neve. Simplesmente tão imponente quanto o cobertor verde.

Eu sabia que todo mundo amava a vista, que era a atração de lugares como esse, mas me sentia especialmente atraída. Talvez fosse só porque nunca conseguia me acostumar com essa altura. Parecia tão merecedor estar ali, naquele lado do mundo. No topo. Nunca deixaria de acreditar que deveria ter estado ali há anos.

O casal antes de mim estava sentado. Eu me virei para a recepcionista para dar meu nome.

— Não sei bem qual nome...

Uma mão firme descansou em minhas costas, enviando um raio de eletricidade por minha espinha.

— Ela está comigo — Donovan falou à mulher.

Olhei para meu encontro, e o mundo pareceu ficar mudo ao meu redor. Ele estava usando o mesmo terno de mais cedo, mas agora estava de paletó. Era preto, costurado de maneira tão perfeita, que não havia qualquer necessidade de imaginar como ele era debaixo das roupas. Sua barba por fazer tinha sido tirada desde que o vira, e ele havia aplicado pós-barba.

Ele parecia e cheirava como o tipo de cara que qualquer garota morreria para ficar.

E estava ali *comigo*.

Olhou para mim, seu sorriso astuto fazendo meus joelhos bambearem.

— Boa noite, sr. Kincaid. Temos nossa mesa de sempre aguardando o senhor.

E esse era outro motivo pelo qual eu precisava me lembrar de que isso *não* era um encontro. Porque ele era o tipo de cara que tinha uma “mesa de sempre”. Claro que Weston também era esse tipo de cara, mas não era essa a

questão. Além disso, não me incomodava tanto pensar em Weston com outras garotas. Donovan era diferente.

Mas o motivo não era algo que eu conseguisse explicar, nem para mim mesma, porque Donovan manteve sua mão em minhas costas conforme me guiava pelo restaurante, e a sensação de seus dedos era quente e pinicava minha pele, mesmo através do tecido fino de meu vestido.

Talvez eu tivesse escolhido mal minha roupa, afinal.

Foi um alívio quando ele tirou a mão para me deixar sentar, mas também foi irritante porque agora eu estava com frio. Para me distrair, olhei para fora pela janela ao nosso lado. O sol tinha acabado de se pôr, e agora a vista estava pontilhada com luzes brilhantes ao longo das árvores escuras lá embaixo.

— É lindo — eu disse, decidindo abrir com um elogio. Não observei os atributos românticos da vista.

— É? — Donovan perguntou. — Esqueço de reparar.

Babaca. Mas ele estava focado em mim em vez de na vista, então talvez eu devia lhe dar o benefício da dúvida.

Queria mergulhar logo nos motivos para me encontrar com ele, mas o garçom chegou, e Donovan decidiu pedir uma garrafa de vinho. Então lá estava o cardápio para discutir — eu era bem aventureira quando se tratava de comer, mas não reconhecia quase nada pelo nome. Donovan precisou explicar cada item, o que fez com detalhes.

Escolhi o *turbot*, um peixe achatado da Escandinávia coberto com um molho francês que não dava para pronunciar.

Então o vinho chegou, e Donovan insistiu em brindar ao meu novo cargo na Reach, e então nossa comida chegou.

— O serviço aqui é muito bom — eu disse, sem saber como a noite tinha passado tão rápido por mim. Também não tinha certeza de como tínhamos chegado ao prato principal sem Donovan falar ou fazer nada extraordinariamente Donovan.

— Eles sabem quem estão servindo — ele comentou, enchendo de novo minha taça de vinho, e percebi que eu já tinha esvaziado meia garrafa. Era

hora de ficar na água.

Também era hora de tocar no assunto.

— Obrigada por concordar em jantar comigo, Donovan.

— O prazer é meu. Mas preciso te dizer que acho que está com a impressão de que esse vestido que está usando não te deixa atraente. Precisaria de muito mais do que um vestido simples para escondê-la de mim.

Tive que cerrar os dentes. Foda-se ele. Foda-se ele por saber o que eu havia tentado fazer. Foda-se ele por dizer uma merda tão grande. Foda-se ele pelo elogio que deixou implícito.

Foda-se ele em dobro pelo que o elogio dele insinuava. Ele não podia me fazer sentir culpada por me esconder. Eu não era dele para ele encontrar.

Com um brilho no olho que dizia que ele sabia ter me atingido, disse:

— Enfim, sobre o que você queria falar?

Limpei a boca com meu guardanapo.

— Bom. Primeiro de tudo, gostaria de avisar que comentários misóginos e sexualmente inapropriados como esse não são legais.

Ele pausou o garfo no meio do caminho.

— Mesmo quando estamos só nós dois?

— Principalmente quando estamos só nós dois, o que tenho certeza de que não significa nada para você. Vai agir como quiser e não haverá repercussão porque você é dono do negócio e esse é o mundo em que vivemos.

— Que cruel, você. — Ele levou a comida à boca, o peixe translúcido deslizando entre seus lábios.

Seus lábios perfeitos, incríveis, beijáveis...

Não, perfeitos, não. Incríveis, não. Definitivamente, beijáveis, não.

— Sou realista — eu disse, me mantendo firme. — Em minha experiência, a realidade é cruel.

— Não vou discutir com você quanto a isso. — Ele ergueu sua taça de

vinho como se brindasse ao sentimento.

Um item falado. Faltava um. O principal.

— Segundo. — Foquei em meu peixe, incapaz de encontrar seus olhos.
— Você e eu temos um passado que precisa ser conversado.

Deus, como eu era covarde. *Tínhamos transado*. Não conseguia nem falar isso. O quanto era ridículo? Foi somente sexo.

Só que não tinha sido apenas sexo. Eu tinha acabado de transar com Weston e não precisava de um jantar para falar como as coisas eram diferentes agora.

Mas não havia palavras para o que tinha acontecido entre Donovan e eu, então precisava contar com o vocabulário que eu tinha.

E, agora que eu tinha mencionado isso, tocado no assunto, o ar entre nós ficou duas vezes mais pesado.

Olhei para cima do prato e encontrei seus olhos fixos em mim.

— Um passado — ele repetiu agora que tinha meu olhar. — É. Fui, basicamente, seu professor.

Em mais de um jeito.

Ele também sabia disso, sabia que eu era virgem. Sua declaração estava cheia de insinuação.

Dei um gole apressado no vinho, torcendo para poder usar isso como desculpa para o rubor em minhas faces.

Com o vinho na mão, me sentia mais ousada. Apenas uma fenda tinha se aberto na porta, mas eu queria abrir totalmente. Havia coisas que nunca entendi em relação ao que ele disse e fez comigo, e queria respostas.

— Você me deu uma nota ruim — eu disse, dando-lhe um lugar para começar.

— E aí consertamos. — Seu sorriso era tão perverso que me distraía.

Fiz careta.

— Você foi cruel comigo.

— Fui? — Aquele brilho em seu olho era outra distração.

— Por quê?

— Provavelmente pelo mesmo motivo que sou cruel com você agora.

Sua resposta fez minhas entranhas se derreterem, mas eu não ia recuar.

— Que é?

— Se você não descobriu, até parece que vou te explicar.

Encarei-o ao recostar na cadeira, meus braços descansando nos braços da cadeira.

— Foi por causa de Amanda?

Estava entrando em um terreno perigoso com isso. Tudo que sabia sobre Amanda viera de Weston quando ainda estava em Harvard. Ela era noiva de Donovan e tinha morrido em um acidente de carro antes de eu entrar na faculdade. Os boatos eram que Donovan tinha ficado bem mal.

Qual era o motivo para ele ser otário comigo? Porque ele ainda estava de luto por seu primeiro amor? Gostava desse motivo. Era mais fácil do que acreditar em outras alternativas.

— Não falo sobre ela — Donovan disse, de um jeito que deixou claro que o assunto estava encerrado.

Admito que provavelmente foi besteira falar dela. Mas muita coisa que Donovan tinha feito comigo havia sido besteira. Não era um jogo justo?

— Então vou presumir que seja por causa dela — eu disse. As coisas seriam resolvidas naquela noite, ele querendo ou não participar da resolução.

— Você sabe o que dizem. — Ele tinha perdido o tom de brincadeira que tinha mais cedo, e algo quanto a isso me fez sentir que tinha vencido, mas a vitória era vazia.

— Você já é um idiota, então por que está preocupado? — Não o deixei responder. — Deve tê-la amado muito.

— Não me convidou para jantar para fazer suposições sobre minha noiva falecida.

Ele tinha razão. Não mesmo.

Olhei para fora pela janela, sem saber realmente o que queria dele. Dizer que ele tinha amado a mulher de quem era noivo? Claro que tinha. Ouvi-lo dizer isso não ia iluminar nada.

Além disso, não se tratava muito do que eu precisava ouvir de Donovan. Tratava-se do que ele precisava ouvir de mim.

Eu me virei para ele.

— Houve mais coisa em relação ao que aconteceu entre nós naquela época, e acho que pode ter ficado uma impressão de mim que não é exata.

— Oh, sério? — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Estou intrigado.

— Não ajudou eu ter ficado no telefone com você na outra noite. Deveria ter desligado, mas tinha bebido.

Ele revirou os olhos dramaticamente.

— Deveria ter desligado na cara de um amigo?

— Que estava fazendo comentários sexuais, tentando me provocar? Sim. — Apontei um dedo para ele. — E não diga que abuso sexual costumava ser nosso lance, porque é disso que estou falando. Essa impressão de mim, de que é isso que quero... está errado.

— Não é o que você quer? — O jeito que ele me olhou... realmente me olhou com aqueles olhos castanhos esverdeados e o olhar intenso... era difícil não duvidar de mim mesma.

Mas me mantive firme, comprometida com o que sabia que era verdade sobre mim.

— Não é. Na época, quando estava em Harvard, desenvolvi uma certa fixação por você depois de ter me resgatado de ser estuprada por Theodore Sheridan.

Ele soltou o garfo no prato com um barulho que me fez pular.

— Uma fixação. É disso que chama.

Ele parecia bravo e, apesar de eu não conseguir entender por que ficaria bravo com os *meus* problemas, me deixou ainda mais na defensiva.

— Parece bobeira, mas ainda acontece. Até tem nome... é uma forma de

transferência. Basicamente acontece quando uma pessoa se apaixona por outra na tentativa de apagar ou mudar um trauma por que passou.

— Consultou um terapeuta para descobrir essa besteira?

— Não. — Eu me mexi na cadeira, inquieta com a conversa. — Li livros e fiz bastante pesquisa on-line. Enfim, foi uma fase, e acabou. Fui cúmplice da atividade inapropriada que ocorreu entre nós, mas não sou mais aquela garota.

— Continue falando isso para si mesma, Sabrina — ele disse diretamente.

Sua condescendência doía, mas, pior, ele não entendia.

— Estou falando para você.

Inclinando-me para a frente, ele praticamente rosnou.

— Por quê?

— Por que estou te falando?

— É. Por quê?

— Para você saber.

— Quer dizer para eu *parar*. Assim vou parar de *falar* coisas e *fazer* coisas, coisas que talvez a deixem desconfortável, mas que também a fazem se sentir viva por pela primeira vez, provavelmente, em anos. Mas quer saber qual é o problema disso? O problema é que a coisa que você realmente quer que eu pare não sou eu, é como você *reage*. E isso não vai desaparecer com pesquisa, álcool ou conversas sérias. E não importa quantas vezes me conte essa história, ou a si mesma, nunca vai mudar o que é exatamente... uma história.

Meus olhos lacrimejaram. Não o suficiente para chorar, mas o bastante para pinicar. É, eu queria parar de reagir a ele. É. Ele sabia. Ele sabia mesmo que eu não conseguisse dizer claramente. Mas a questão que ele não percebia era que, se ele parasse, então minhas reações iriam parar.

Porque ele era o único que provocava isso em mim. Ninguém mais.

Finalizei meu vinho e coloquei a taça vazia na mesa.

— Não temos que concordar nisso. — Minha garganta parecia seca apesar de ter acabado de beber.

— Não precisamos, não — ele disse amargamente ao pegar o garfo. — Eu só tenho que te deixar em paz.

Terminamos a refeição em silêncio. A cada segundo horrível e bizarro que passava, me lembrava que era isso que eu queria. Ele não me incomodaria mais depois disso. Parecia me detestar agora, por algum motivo que eu não conseguia identificar. Sinceramente, não estava tentando muito. Estava ocupada demais me odiando.

A transferência era só uma desculpa? Um rótulo mais bonito do que o verdadeiro?

Mas, se eu não gostasse de coisas obscenas só porque Donovan tinha me salvado, então significava que realmente gostava disso. De tudo. Inclusive da parte em que ele fora cruel e terrível. Inclusive das partes em que ele ainda era cruel e terrível.

Ainda estava pensativa quando entramos juntos no elevador. A tensão nos envolvia de maneira densa, e parecia aumentar no espaço pequeno confinado. Era sólida. Como uma parede entre nós.

Tínhamos descido apenas alguns andares quando o elevador de repente parou. Olhei para Donovan — sua mão estava no botão de emergência.

Meu coração começou a martelar no peito.

Em um instante, ele tinha me prendido na parede.

— Sabrina... — Ele analisou meu rosto, procurando uma resposta que eu não sabia se podia dar.

— Não tenho medo de você. — Eu me apertei mais contra a parede, mas parecia que tinha um frio na minha barriga e, *merda, ele estava certo*. Eu me sentia viva.

— Não. Esse nunca foi seu problema. O problema era que você gostava de quem é. — Ele se aproximou mais, tão perto que pude senti-lo contra mim, apesar de não estar encostando em mim. — Ainda me lembro de cada ruga em seu rosto quando gozou.

Desviei o olhar, embora seu nariz estivesse a centímetros do meu.

— Isso foi há dez anos. — Mas estava tão vívido em minha mente quanto ontem também.

— Os sons que você fez. O jeito que falou meu nome. — Havia uma dor em sua voz, e isso me fez olhar em seus olhos.

Consegui me lembrar de como ele cheirava. A forma como a prateleira arranhava minhas costas. A maneira como me senti quando ele entrou em mim — como se eu estivesse sendo rasgada e aberta, o jeito como senti que só estava me controlando por causa dele.

E, se isso fosse tudo de que me lembrava, estaria implorando para ele me beijar, porque não tinha nada que eu quisesse mais naquele instante do que suas mãos em mim, ele por inteiro em mim. Me fazer sentir todas essas coisas que ele me fizera sentir na época. Todas as coisas que ele ainda me fazia sentir quando eu ousava permitir.

Mas tinha mais coisa, e eu não havia esquecido.

— Me lembro de como me descartou como se fosse um brinquedo. Me enviou para seu amigo.

Os olhos de Donovan se fecharam rapidamente, e ele expirou.

— Para Weston. — Ele se afastou, me soltando de sua armadilha. — É verdade. Foi sábio de minha parte.

Ele recuou até estar do lado oposto do elevador.

— Weston seria bom para você. Você seria boa para ele. Depois que toda essa coisa do casamento acabar, claro.

Soltei uma risada dura.

— Então devo ir atrás de Weston. — Sério? Ele estava fazendo isso de novo?

— Por que não? Foi isso que veio pensando em fazer, não foi? Acho que seria uma escolha excelente para vocês dois.

Eu estava quase atordoada demais para falar. Trinta segundos antes, ele estivera pronto para rasgar minhas roupas, e agora estava arranjando um relacionamento para seu sócio e amigo.

Qualquer que fosse esse jogo, não tinha mudado desde a faculdade. Mas

o meu tinha. Na época, eu tinha deixado isso me magoar. Agora, eu seguia o fluxo.

— Certo. Vou fazer isso.

Ele pareceu ter sido pego um pouco de surpresa.

— Vai?

— Claro. Assim que o casamento dele acabar. Obrigada pela sugestão.

— Que bom que ajudei. — Ele soltou o botão de emergência e o elevador voltou a andar.

O carro estava esperando na rua, mas minhas preocupações em compartilhar uma carona eram desnecessárias. Depois de segurar a porta aberta para eu poder entrar no banco de trás, Donovan fechou a porta e bateu no capô do carro.

O motorista partiu e, quando virei para olhar para trás, Donovan já tinha saído de vista.



CAPÍTULO 10

Puxei meu cabelo de forma nervosa enquanto Nate Sinclair analisava os quadros de avisos na sala de estratégia. Pregadas nele havia ideias e inspirações para uma campanha que estávamos preparando para apresentar para Phoenix Technology — uma empresa de tecnologia multinacional que era uma das principais designers e desenvolvedoras de software e hardware de computador. Minha equipe tinha reunido materiais pertinentes em uma apresentação de Power Point para a reunião do dia seguinte, mas os quadros do *brainstorming* ainda estavam ali no caso de precisarmos fazer alguma mudança de última hora. Era muito mais fácil trabalhar em um projeto de equipe em um formato palpável, eu achava, então mantive esse estilo ao entrar na empresa.

Mesmo assim, era estranho ter um superior olhando meu trabalho desse jeito. Como se estivesse nu e cru. Como se *eu* estivesse nua e crua. Eu estava grata pelas luzes principais estarem apagadas e apenas os *spots* estarem acesos. Talvez a escuridão conseguisse esconder meu nervosismo.

— Vamos ajustar qualquer coisa para se adequar com o que a criação pensar — eu disse, no caso de Nate pensar que estava faltando estratégia. Não que ele tenha dito alguma coisa para sugerir isso.

Ele foi de um artigo de revista para um gráfico sobre os melhores usos da mídia social.

— Não estou preocupado com isso. Esse é o departamento de Weston.

Certo. Nate não se importava. Ele só estava ali enrolando enquanto seu próprio departamento criava uma campanha publicitária. Eles tiveram muitas ideias, mas ele havia declinado todas até agora.

Weston, por outro lado, já tinha ido embora. Ele não era do tipo que ficava até tarde, em geral, pelo que eu tinha visto. Principalmente recentemente, quando tinha tanta coisa para preparar para seu casamento, que seria a apenas seis semanas.

Minha ansiedade estava altíssima. Eu estava na Reach fazia um mês e, porque a empresa mantinha um ritmo acelerado, eu já tinha cuidado de

muitos planos de marketing com meu time. Mas Phoenix era a primeira apresentação grande de campanha da qual eu fazia parte. Era importante para a empresa inteira, e o nervosismo estava intenso na equipe. Eu tinha acabado de sair de uma sala com vários de meus próprios funcionários em outra sala de trabalho, discutindo sobre que cor de fundo ficava melhor nos slides de Power Point como se fosse uma questão de vida ou morte.

Suspirei, relaxando meus ombros ao falar:

— Está confiante de que sua equipe vai criar alguma coisa?

Nate passou a mão em sua barba cerrada.

— Há um ano nem tínhamos chance com a Phoenix. Uma oportunidade como essa não aparece todo dia, e vou me certificar de que faremos nosso máximo. É o melhor que podemos fazer. — Ele se virou para mim. — Porém, se não conseguirmos, não conseguimos. Não é porque eu não tenho uma boa equipe. Propaganda é pegar a onda certa na hora certa. Às vezes, você surfa alto, às vezes, capota.

Inclinei a cabeça para o lado e o olhei na luz baixa.

— Nathan Sinclair, você é um surfista secreto?

Nate era dez anos mais velho do que Donovan, que já tinha cinco anos a mais que eu, e, exceto por uma vaga biografia no website da empresa, eu não sabia muito sobre ele. Ele parecia gostar disso. Toda vez que eu tentava perguntar a ele sobre si mesmo, ele escapava de minhas questões. Ou ele era bem introvertido ou um homem com um passado fascinante.

Eu apostava na segunda opção.

Naquela noite, ele estava sem o paletó, e as mangas de sua camisa estavam arregaçadas até os cotovelos, revelando tatuagens que se estendiam para ambos os antebraços. Eu o tinha visto dirigindo uma Harley uma vez, depois do trabalho. Conseguia imaginá-lo surfando.

Mas ele apenas deu risada.

— Só tentando conversar com uma garota da Califórnia.

— Nos anos em que morei lá, acho que nunca fui uma garota da Califórnia. Talvez tenha ido à praia algumas vezes. — Eu nem sabia se já tinha ficado bronzeada.

— *Workaholic*.

Estreitei os olhos para o relógio.

— Falou o presidente que ainda está no escritório às nove e trinta e sete da noite.

— Hoje é terça.

Houve uma batida no batente, já que a porta estava aberta. Viramos para o som. Um dos caras da Criação estava ali parado.

— Ei, Nate, o que acha da “Ideia americana”? Foi bastante usada na eleição do ano passado. Talvez pudéssemos tentar aproveitá-la como um unificador patriótico...

Nate o cortou.

— Não posso usá-la. A “Ideia americana” foi marca registrada de Donald Trump. — Ele pensou por um segundo. — Mas gosto do escopo. Vamos continuar pensando nessa linha. Vou lá pensar com vocês. — Os dois saíram juntos.

— Mande alguém para me avisar quando você tiver alguma coisa — gritei para ele. — Estarei aqui ou lá em cima em meu escritório. — Então me voltei para os quadros. Se o escopo da campanha fosse maior, precisaríamos ajustar nossa estratégia para se adequar a isso?

A ideia de fazer mudanças me deixava cansada — ou mais cansada —, mas eu era determinada. Andei de costas, tentando enxergar melhor a totalidade do plano, até minhas coxas baterem na parte de trás de uma mesa.

— Porra — murmurei para mim mesma, desviando da mesa. Eu já estava ali até tarde. Era melhor ficar confortável. Tirei os sapatos ao sentar e trouxe um pé com meia-calça para cima do joelho a fim de massageá-lo enquanto olhava para os quadros e pensava.

Nos minutos seguintes, eu estava perdida em minha mente, mas não tão perdida para não perceber o ar da sala mudar. Ficou mais quente. Como se o aquecedor tivesse aumentado.

Alguém entrou e ficou ao lado da mesa.

Inspirei lentamente. Não queria virar a cabeça, não queria olhar na

direção dele, porque sabia exatamente quem era e, naquele instante, ele estava ao meu lado e, por mais que fingisse que não sabia, não precisava fingir que não me importava.

Mas, então, ele ergueu uma caneca de café em minha direção, e tive que olhar.

— Está trabalhando até mais tarde — Donovan disse quando olhei para ele.

Com exceção de vê-lo em reuniões e passando no corredor, eu não tinha realmente falado com ele durante o mês desde a noite em que ele me levara ao Gaston's. Tínhamos deixado as coisas perturbadas, e isso me atormentava quando eu permitia, mas, quando não permitia, nosso relacionamento profissional era bom. Ele não me incomodava. Eu não o incomodava. Ele tinha feito o que pedi — tinha me deixado em paz.

Eu me lembrava com frequência de que era isso que eu queria. Era melhor assim.

E, ainda assim, não podia negar que sua proximidade era como um raio de sol depois de um longo e gelado inverno.

Peguei o café, pensando se era algum tipo de oferta de paz.

— Quero garantir que tenhamos ajustes prontos para quando a nova campanha criativa sair.

Depois de dar um gole da bebida, coloquei a caneca ao meu lado, tentando ignorar o jeito que meu estômago se revirava enquanto Donovan olhava meu trabalho.

Não melhorou quando ele olhou de novo para mim.

— Você tem uma equipe qualificada para isso. Não confia neles?

— Confio neles, sim. — De verdade, eu confiava. Mas esse era meu primeiro grande projeto. Teria meu nome nele inteiro. Queria me certificar de ter todos os pingos nos *is*.

Não era algo que eu queria explicar para alguém. Principalmente para ele.

— Deixe eu te dar um conselho — ele disse, puxando uma cadeira.

— Que tal não me dar? — Eu estava tanto intrigada quanto intimidada por suas atitudes. Nem era para ele estar ali. — Por que está aqui embaixo?

Virando a cadeira de frente para mim, ele se sentou.

— Para te incomodar. Não tem outro motivo. — Ele ergueu a mão, com a palma para cima. — Me dê seu pé.

Olhei para o pé em meu colo, que ainda estava massageando sem entusiasmo. Ele estava oferecendo para...

— Não!

Ele me olhou de canto de olho.

— Vai, Sabrina. Você parece exausta. Te devo uma massagem no pé, pelo menos. — Quando ainda hesitei, ele adicionou: — Totalmente inocente, juro. Não somos os únicos aqui. O que eu poderia fazer com você?

O que ele poderia *fazer comigo*? Que pergunta pesada. Ele poderia me torturar totalmente diante de uma multidão, e ninguém saberia. Me torturava completamente o tempo todo sem nem estar no mesmo ambiente que eu, e *ele* não sabia disso.

Mas ele tinha razão com o que disse no Gaston's — pedir para ele parar não tinha impedido minhas reações. No mês que havia passado, ele mantivera distância, mas eu ainda pensava nele. E, no segundo em que ele aparecia, eu ficava consciente.

Então que mal faria eu deixar que ele massageasse meu pé? Podia ser uma trégua. Melhorar nosso relacionamento profissional, pelo menos.

Com relutância, eu lhe dei meu pé.

Ele começou a massagear a sola através da meia-calça preta. Não era suave, usando seu polegar para se aprofundar em meu músculo, mas parecia saber bem onde massagear e a pressão correta de que eu precisava para aliviar a tensão, não apenas em meu pé, mas até nos ombros e nas costas.

— Você é bom nisso. — Eu não conseguia parar de observá-lo. Não conseguia parar de observar seu rosto, como ele estava sério. Tão focado.

— Eu sei. — Seus dedos se moveram para meu tornozelo, e minha perna inteira começou a pinicar, como se eu tivesse sentada nela por tempo demais

e tivesse adormecido.

Eu queria puxar a perna. Mas não conseguia.

Ele me olhou e sorriu, como se pudesse sentir minha batalha interna e como se gostasse.

— Agora, meu conselho.

— Eu sabia que isso era uma isca. — Bufei, fazendo um showzinho, apesar de ser mais para encobrir o quanto minha respiração estava trêmula no momento.

— Claro que foi uma isca. Pare de lutar contra. — Foi uma ordem e um apelo ao mesmo tempo, e algo nisso me fez realmente parar, ouvir e pensar se ele estava falando sobre mais do que ouvir sua sabedoria.

— Fale o que quer falar — eu disse depois de um minuto. Provavelmente era uma má ideia ouvi-lo. Eu não conseguia pensar em nada pior.

Ele amassou os dedos mais para cima em minha pele da panturrilha.

— Você já conseguiu o emprego.

— Não estou com medo de perder meu emprego. — Ok, de alguma forma, estava com medo de perder meu emprego.

— Parece que você quer provar algo para si mesma.

Franzi os lábios.

— Talvez não me sentisse assim se um de meus superiores não aproveitasse toda oportunidade para duvidar de mim.

— Não sei do que está falando. Nate gosta de você, e nós dois sabemos que Weston está mais preocupado em tirar sua saia do que ver o que tem na cabeça. — Mas ele estava sorrindo. Sabia que eu estava falando dele.

— Você é um incrível babaca. — Sorri de volta. Contrariada.

Donovan soltou minha perna.

— Agora, Weston não vai te demitir, mas, se quiser algo permanente com ele, precisa trabalhar um pouco.

Prestei atenção.

— Como assim?

— Weston vai perder interesse.

Oh. Por um segundo, pensei que ele estivesse falando de minha carreira. Havia me esquecido da idiotice que tinha falado a Donovan sobre ir atrás de Weston quando seu casamento acabasse.

Comecei a falar algo em protesto quanto a Weston, mas, então, Donovan pegou meu outro pé e começou a repetir a massagem, e meu foco foi capturado de novo.

— Acredito que ele vá ficar interessado em você mais do que o normal — Donovan continuou enquanto eu engolia um gemido —, simplesmente porque é proibida agora. Isso o intriga.

Ele encontrou um lugar particularmente sensível e pressionou o polegar mais fundo.

Mordi o lábio.

— Mas, depois de tirar a aliança, ele vai ficar entediado, e isso é fato. Ele é assim. Então poupe suas lágrimas. Não tem nada a ver com você.

Donovan parou de massagear e falar, querendo garantir que eu entendia.

O que entendia era como suas mãos eram boas em mim, mas, apressadamente, repassei na cabeça tudo que ele havia acabado de falar, colocando suas palavras em contexto.

Passei dois dedos na testa.

— Deixe eu ver se entendi. “Vá atrás de Weston; você será boa para ele, mas não se assuste quando ele se cansar de você; é apenas o que ele faz”. Corrija-me se estiver errada, mas quase parece que você está revertendo seu endosso para nosso relacionamento.

Se Donovan realmente estivesse tentando me impedir de ficar com Weston... Bom, haveria consequências. Consequências com as quais eu não sabia o que fazer. Apesar de eu gostar de como me sentia em relação a elas, mesmo que fossem tão hipotéticas.

— Nada disso. Estou dobrando o endosso não apenas te alertando disso,

mas também dizendo o que deveria fazer para garantir que ele não se canse de você.

— Vai me falar como manter Weston interessado. — A decepção em minha voz soou bastante como incredulidade. Talvez fossem ambos.

— Vou. Precisa reconhecer qual é o problema com Weston. Ele parece ser um livro aberto, mas o motivo de ele não ter tido nenhum relacionamento sério com ninguém é porque nunca deixou uma mulher passar pela armadilha que coloca para enxergar seu verdadeiro eu. — Donovan subiu para meu tornozelo, queimando minha pele através da meia.

Como era possível que ele pudesse me marcar e me ignorar ao mesmo tempo? Não era a primeira vez. Por que eu não estava acostumada com isso?

Segurei na beirada da mesa com as mãos, precisando do equilíbrio.

— Se quer encontrar um lugar no coração dele, tem que chegar lá primeiro.

— Fácil — eu disse, sarcástica. Talvez o conselho de Donovan fosse para ser generoso, mas era azedo. Não era o conselho que eu queria.

— Não posso te falar como fazer isso exatamente. Vai ter que trabalhar isso sozinha. Mas acho que deveria saber algo sobre se esconder, já que faz isso tão bem.

Tentei tirar o pé, mas ele segurou mais firme.

— Não sabe nada sobre mim — menti.

— Oh, Sabrina — ele chiou. Sua presunção me irritava. Por que também me excitava? — Já que estamos falando disso — as mãos dele subiram devagar por minha perna —, você não vai ser verdadeira consigo mesma quando estiver com ele. Já sabe disso. Vai ter que aceitar.

Balancei a cabeça. Não era possível que ele estava mesmo falando o que eu pensava que estava.

— Não balance a cabeça para mim. Sabe do que estou falando. Ele não vai conseguir te satisfazer sexualmente.

— Você sabe que já dormi com ele.

— Obrigado pelo lembrete doloroso. Tenho certeza que também vai me

contar que ele te fez gozar. Mas você e eu sabemos que há mais satisfação sexual do que apenas ter um orgasmo, então, a menos que me diga que ele consegue fazer você dormir a noite toda, então não vamos falar sobre o que Weston faz com você no quarto.

Minha respiração estava muito superficial agora, meus braços, arrepiados. Como ele podia saber isso sobre mim? Que eu tinha dificuldade para dormir? Que eram apenas minhas fantasias obscenas que me ajudavam a descansar o resto da noite?

Ele *não podia* saber disso, era isso. Era coincidência.

E eu estava levando tudo isso com muita seriedade.

Respirei fundo e permiti um sorriso a ele.

— Essa é a conversa mais fascinantemente bizarra que já imaginei ter com você.

O carinho de Donovan mudou conforme relaxei. Estava mais suave agora, carícias longas por minha panturrilha até o joelho. Estremeci.

— Imaginou muitas?

Meu sorriso desapareceu. Eu me dedurei. Sim. Tinha imaginado muitas conversas com ele ao longo dos anos, mas até parece que iria lhe contar o que tínhamos conversado em minha mente.

— Eu já — ele disse com a voz grave.

O ar de repente ficou mais pesado, como se fosse mais difícil de respirar, e não importava mais que ele fosse um babaca ou que estivesse me dando conselho sobre Weston, porque *ele também tinha imaginado a gente*.

— O que falamos um para o outro? — perguntei, arriscando, com medo de não ter sinceridade.

— Falamos um monte de coisas. — Ele colocou uma mão em minha outra panturrilha e se levantou, seus dedos subindo por minhas pernas enquanto o fazia. — Às vezes, não falamos nada.

Agora ele estava em pé diante de mim. Minhas pernas se abriram mais instintivamente. Automaticamente, ele se aproximou mais, preenchendo o espaço e se pressionando contra a mesa.

Eu odiava o quanto queria que ele me beijasse.

— Por que faz isso comigo? — sussurrei.

Seus lábios pairaram sobre os meus. Dançando. Provocando.

— O quê?

— Me encurrala assim.

— Me faz sentir que a tenho.

Meu centro se contraiu.

— Não quero que sinta que me tem.

— Tem certeza disso?

Não tinha, e a piada era que nós dois sabíamos disso. Todo motivo que eu tinha de ficar longe dele era válido, mas, se ele me beijasse agora, eu não conseguiria parar. Se me beijasse agora.

Inclinei o queixo para cima.

— Ops! Desculpe interromper. — Um dos líderes da minha equipe parou na porta, com as mãos cobrindo os olhos.

Porra.

Porra, porra, porra!

Não existia uma regra quanto a namorar gente de outros departamentos, mas essa não era a reputação que eu queria.

Afastei Donovan e pulei para o chão.

— Tudo bem, Tom. E aí?

Tom baixou a mão, parecendo aliviado por não estar encrencado pelo que testemunhou.

— Eles criaram a campanha. Reunião na sala de conferência agora para ver a apresentação.

— Excelente. Já estou indo. — Esperei até Tom sair, depois voltei para colocar os sapatos. — Tenho que ir — eu disse para Donovan, incapaz de olhar nos olhos dele.

— Certo. Te vejo por aí.

— É. — Assenti e me apressei para a sala de conferência com minhas entranhas retorcidas, fingindo não ter significado o fato de Donovan ter soado tão confuso quanto eu.



CAPÍTULO 11

— Esta é a primeira reunião de emergência na sexta de manhã que convoco no âmbito executivo, pelo que me lembro — Nate disse, olhando para Weston para confirmação —, mas fico feliz em dizer que é por uma causa comemorativa. Conseguimos a conta da Phoenix!

Todos vibraram na sala de conferência. Roxie já tinha me contado no minuto em que eu entrara no escritório, mas minha equipe e todos da equipe de Nate ainda não tinham ouvido a novidade. Comemorações e abraços foram compartilhados, até algumas lágrimas.

Nate esperou que todos se acalmassem para continuar seu discurso.

— O contrato veio ontem tarde da noite. Vocês todos deram o máximo. Estou muito orgulhoso quanto ao que apresentaram. Vamos comemorar hoje na Red Farm. Upper West Side.

Viajei conforme Nate entrou em detalhes dos prazos do projeto. Sem querer, vi Donovan me olhando do outro lado da mesa. Estava evitando-o desde terça ou ele que estava me evitando. Eu não sabia muito bem, mas toda vez que entrávamos em contato um com o outro, nós dois desviávamos imediatamente para outra direção.

Agora, abaixei os olhos rapidamente. Meu olhar pairou em Weston, que estava digitando furiosamente em seu celular ao meu lado.

Vai ficar estranho se minha noiva não estiver na comemoração, não acha?

Ele continuou na tela, então ficou visível quando a resposta de Elizabeth chegou.

Em cima da hora assim, não dou a mínima. Não estou à sua disposição.

Bufando alto, ele guardou o celular no bolso do terno e recostou na cadeira.

Parecia que estava com problemas no paraíso falso. Não que a relação de Weston e Elizabeth fosse um paraíso. Meio que sentia pena dele. Mas, de verdade, o que ele esperava quando deixou Donovan arranjar um casamento

para ele?

Voltei a pensar nisso nos últimos dias. Por que Donovan tinha sugerido que eles se casassem depois de descobrir que eu iria trabalhar na Reach? E por que ele continuava me empurrando para um relacionamento com Weston enquanto, ao mesmo tempo, agia como se estivesse atraído por mim? Isso era tudo da minha cabeça?

Além de tudo isso, havia uma chance real de agora haver um boato sobre Donovan e eu depois de termos sido flagrados em uma situação tão íntima. Pensar na fofoca potencial me fazia resmungar internamente. Ali estava eu, finalmente avançando em minha carreira. Não estava pronta para ela ser manchada por conversas de que eu tinha dormido com alguém para conseguir meu cargo.

Sem contar o que Weston diria se descobrisse. Se eu fosse começar um relacionamento com outra pessoa do escritório, então tudo bem, mas eu que precisava contar a Weston. Principalmente se o relacionamento fosse com Donovan.

O que não era, porque não existia relacionamento. Não havia relacionamento, nada tinha acontecido e eu estava me atormentando por isso desde então. Não conseguia parar de pensar nele. Não conseguia parar de pensar no que quase tinha acontecido, no que eu queria que acontecesse, no que *ele* queria que acontecesse.

Ele estava tentando transar comigo?

Ousei outro olhar em sua direção. Ele estava olhando diretamente para mim dessa vez. Nem fingiu desviar o olhar quando o flagrei e, então, de alguma maneira, também não consegui desviar.

O que quer que ele estivesse tentando fazer comigo, eu tinha medo de que já tivesse feito.

Quando a reunião acabou, peguei minhas coisas com pressa, com intenção de ir rápido para minha sala.

— Sabrina — Weston chamou, me parando.

Meu plano de fuga tinha falhado.

— Sim? — Puxei meu cabelo, percebendo que Donovan tinha ficado

para conversar com alguém também.

Sem perceber minha distração, Weston sorriu, orgulhoso.

— Queria te falar que Phoenix ficou particularmente impressionada com nossos objetivos de marketing. Foi um dos principais motivos pelos quais conseguimos o contrato.

— Herdei uma equipe muito qualificada e talentosa. — *Só acabe com isso. Só acabe com isso.*

— Herdou. Sei que herdou. — Ele mudou o peso para a outra perna. — Tom Burns também me contou algumas coisas.

Minha atenção imediatamente ficou alerta com o nome que Weston mencionara. Tom Burns foi o cara que tinha me visto quase beijar Donovan.

— Tipo o quê?

Weston começou a falar, mas então olhou em volta e pareceu perceber que não estávamos sozinhos.

— É melhor conversarmos em particular. Te encontro lá em cima na minha sala em quinze minutos?

— Claro. — Meu coração estava batendo tão forte, que fiquei surpresa por não estar furando meu peito. — Estarei lá em quinze minutos.

Assim que Weston saiu da sala de conferência, joguei os cadernos e meu celular na mesa e me apoiei na mesa. Respirei fundo. Depois mais uma vez.

E mais uma vez.

Na verdade, isso não era um grande problema porque não estava rolando nada com Donovan. O problema estava nos detalhes — será que eu contaria o resto a Weston? Que eu tinha dormido com Donovan na faculdade? Que eu era obcecada por ele na época?

Que eu estava obcecada por ele agora?

Sentindo que já estava sofrendo, Donovan, claro, teve que vir me irritar mais. Inclinando-se contra a mesa, ele disse baixinho:

— Se está tão preocupada com o que um membro da equipe falou sobre você, provavelmente está se comportando de um jeito que não deveria.

Lancei um olhar desafiador que esperava ter o peso da angústia que estava sentindo.

— Isso é divertido para você, não é?

Ele deu de ombros.

— Não é o pior dia que já tive no escritório.

Sua atitude cavalheiresca só piorava meu mistério. Eu fiquei tensa, nervosa e *desejando-o* por três dias e, quando ele finalmente se aproxima, era só para me deixar pior?

Eu não conseguia aguentar. Agora não, de qualquer forma.

— Esse era seu objetivo o tempo todo? — soltei. — Fazer os funcionários falarem de mim e de você para me dar problema com Weston?

— Está se sentindo culpada sobre você e eu?

— Jesus, você é incrível. — Eu não sabia como continuava a ser enganada pelas coisas que ele me dizia, mas continuava. — Você acha que isso é um jogo. Me empurrar para Weston, me afastar. Empurra, depois coloca um obstáculo no caminho. Empurra, depois flerta comigo ao mesmo tempo para que eu não saiba o que você quer de verdade.

— Não seja tola. Quero muito que você e Weston deem certo. — Ele realmente era um bom mentiroso. Melhor do que eu, percebi.

Mas não iria desafiá-lo com isso, não na sala de conferência, não quando já havia boatos correndo sobre nós dois, principalmente não quando não havia motivo para acreditar que algum dia ele seria sincero.

Peguei minhas coisas da mesa.

— Tenho certeza de que me quer com Weston. Porque será outro jogo divertido quando você nos separar.

Eu me virei e, sem olhar para trás, deixei Donovan e saí.

Após uma ida rápida ao banheiro para me refrescar e acalmar, voltei para o andar executivo. Deixei minhas coisas na minha sala e fui para a de Weston.

— Ele queria me ver — eu disse para Roxie ao chegar. A porta de

Weston estava aberta e o vidro, transparente. Vi que ele estava em sua mesa, digitando algo no celular.

— Ele está lá dentro. Pode entrar. — Eu tinha acabado de passar pela mesa dela quando adicionou: — Mas está de mau humor. Já te aviso.

— Eu ouvi — Weston disse de seu escritório.

— Era para ouvir. — Sua assistente era sensata, uma das coisas de que eu gostava nela.

E significava que, se Roxie estava me alertando sobre o humor de Weston, era um sinal bem ruim.

Entrei, esfregando a cruz da minha mãe em meu pescoço para ter sorte.

— Ei, o que foi? Tem algum problema?

— Não exatamente.

Ele jogou o celular na mesa e suspirou de novo, como fez quando conversou por mensagem com Elizabeth durante a reunião, mais cedo. Então, como se pensasse bem, abriu uma gaveta na mesa e jogou o celular lá dentro.

— Sente-se — ele disse, mais feliz agora que o celular estava fora de vista.

Eu me sentei em uma das poltronas de frente para ele e fiz meus dedos do pé pararem de bater no chão, nervosos.

— Estou aqui.

— Está aqui. — Ele sorriu. — Enfim, como eu estava dizendo lá embaixo, Tom Burns falou comigo ontem, e tinha umas coisas interessantes a dizer sobre você.

— Sério? Tipo o quê? — Olhei para trás para a porta do escritório. Weston não tinha se incomodado em fechá-la. Deveria ter fechado quando entrei. Agora Roxie iria ouvir tudo.

Tudo bem. Eu iria mentir. Sobre tudo que pensava sobre Donovan. Embora fosse uma mentirosa terrível.

Weston se levantou e deu a volta para ficar diante de mim. Ele se inclinou para trás, sentando metade na mesa atrás dele, mas ainda estava

sobre mim, e entrei em pânico e endireitei a postura para poder sentir que estava no mesmo nível.

— Uau — Weston disse. — Você está bem?

— Estou. Só nervosa hoje. — Era verdade o suficiente para eu falar. — Vai. Tom disse...?

— Que você ficou até tarde igual todo mundo e que forneceu umas das últimas alterações ao projeto, tal como o componente de mensagem global. Esse foi um dos pontos que venderam a estratégia.

Huh. Não tinha nada de horrível, nem de irritante ou constrangedor nisso. Joguei o peso no quadril.

— Sério?

— É. Sério. Queria que soubesse que seu compromisso com a equipe não passou despercebido. Todo mundo parece estar reagindo muito bem a você. Os funcionários gostam de você. Sua equipe gosta de você, e estou muito feliz por ter vindo. — Ele esticou o braço e puxou uma mecha de cabelo que eu estava segurando.

— Obrigada. Fico feliz. — Meus nervos ainda estavam à flor da pele com adrenalina. Não tinha esperado ser elogiada. Estava lisonjeada. — Isso era tudo?

— Sim, é tudo. — Ele deu risada.

— Ok, então. Obrigada de novo. — Comecei a sair, depois me lembrei. — Oh, e parabéns pelo contrato.

— Parabéns para nós dois. — Ele ergueu a mão no ar. Ergui a minha para dar um *high five* e, depois, a mão dele permaneceu. Quando tentei me afastar para sair, ele entrelaçou os dedos nos meus, sem me deixar. — Você vai hoje à noite, não vai?

Minhas entranhas se reviraram e remexeram como quando eu tentei evitar um veado que correu para a frente de meu carro. Parecia errado segurar a mão dele assim. Desonesto — não só por causa de seu acordo com Elizabeth —, mas também por causa de todas as coisas se passando em minha cabeça sobre outra pessoa.

Mas então, Donovan entrou na sala de Weston e, apesar de seus motivos

para estar lá pudessem não ter nada a ver comigo, foi estranhamente coincidente.

E isso me fez sentir estranhamente vingativa.

— Ahn, sim. Claro — eu disse para Weston, entrelaçando os dedos nos dele.

— Que bom. Vou guardar um lugar para você. — Ele segurou minha mão até eu me afastar bastante. — Kincaid. O que tem para mim? Espero que orçamentos para as campanhas de pasta de dente.

Passei por Donovan ao sair da sala, deixando meu braço encostar no dele, o que enviou ondas de eletricidade por meu corpo.

Mas não importava o quanto era boa essa sensação atordoante, não podia apagar o choque de ver o brilho de dor em seus olhos quando ele viu minha mão na de Weston.



CAPÍTULO 12

Pensei em Donovan enquanto me vestia para Red Farm mais tarde naquela noite. Ele definitivamente não era com quem eu queria me envolver. Aquele dia tinha provado isso. Era confuso e cruel, e também estava certo — eu deveria ficar com Weston. Weston era seguro, legal e decente.

E se Donovan ficasse magoado em me ver com Weston, que pena para ele. Ele tinha criado isso. Podia ficar o quanto quisesse com ciúme. Até o ajudaria me vestindo para a festa. Estava com minha lingerie preferida, um conjunto de sutiã e calcinha nudes — não que planejasse ficar nua para alguém. É que me sentia mais sexy assim.

O vestido que escolhi tinha uma saia preta com fenda e um top claro de manga comprida em um estilo que fazia o vestido parecer que pertencia ao escritório — se não fosse pelo decotão e o comprimento curto. Deixaria Donovan louco.

Não era uma roupa que usaria sozinha com ele, mas não estaríamos sozinhos. Estaríamos em uma festa da empresa. Com um monte de outras pessoas, inclusive Weston. Era uma noite de diversão.

Para garantir que eu estava pronta para o plano de me divertir, bebi uma dose de uísque antes de sair. Então coloquei uma jaqueta e saí para pegar um táxi.

A festa já tinha começado quando cheguei na Red Farm, o que não tinha problema. Eu era do tipo que preferia chegar tarde a chegar cedo. Saí do táxi e me aproximei da porta do restaurante.

Antes de conseguir colocar a mão na maçaneta, no entanto, Donovan apareceu das sombras. Segurando meu punho, ele me puxou por muitos metros para a lateral.

— O que está fazendo? — ele cochichou com os olhos arregalados.

— O que foi? — Mal conseguia respirar. Podia sentir a batadeira de minha pulsação sob sua mão, e não sabia se meu coração estava batendo tão rápido porque ele me assustara ou porque estava me tocando. — Acabei de chegar.

— Com Weston. — Ele segurou mais forte, à beira do desconforto. — O que está fazendo? — Dessa vez a pergunta foi baixa, cada palavra enfatizada para garantir que eu entendesse.

E entendi. Claramente.

— Não posso acreditar em você. — Eu estava sussurrando, com a visão enevoada de vermelho. Isso era demais. Arranquei meu punho dele e me virei para a porta.

— Não pode ficar com ele agora — Donovan alertou atrás de mim.

Irritada, me virei de novo e o empurrei, forte, com as duas mãos em seu peito. Imediatamente, meu corpo pinicou quando me lembrei de que já o empurrara assim, anos atrás.

— Isto é familiar — Donovan disse com a voz baixa.

— Me deixe em paz. — De novo, fui para a porta.

— Ele está *noivo*.

Eu me virei.

— É um noivado *falso* no qual *você* o colocou.

— Ele é adulto — Donovan retrucou. — Pode tomar as próprias decisões.

— É verdade. — Assenti. — Ele pode. E eu também.

Dessa vez, quando fui para a entrada, andei até entrar, sem olhar para trás.

Mas, assim que estava fora de vista da porta, parei para recuperar o fôlego. Estava tremendo da adrenalina, e tive que me segurar na parede a fim de me equilibrar.

Como ele ousava?

Como ele ousava, caralho?

Esse foi todo o tempo que me permiti para me recuperar. Ele podia entrar a qualquer minuto, e não queria que pensasse que tinha me afetado porque... como ele ousava?

Nosso grupo era composto de quase trinta funcionários e seus convidados que estavam trabalhando na campanha da Phoenix e enchiam uma mesa inteira pelo restaurante, assim como outros bancos. Weston me viu antes de eu vê-lo e me chamou. Estava sentado na mesa principal ao lado de Nate, na ponta. A cadeira ao seu lado estava vazia.

Ainda não havia sinal de Donovan.

— Disse que guardaria um lugar para você — Weston lembrou, me abraçando um pouco mais forte do que talvez fosse apropriado para um homem que estava noivo.

Também se demorou no abraço, que, na verdade, foi bom depois da discussão que eu tivera lá fora. Diferente de Donovan, que ainda estava com seu terno, Weston tinha se trocado e colocado jeans e uma camiseta com uma blusa de botão cinza.

Dei um tapinha na dobra de sua gola.

— Você está bonito.

Seu olhar baixou para meu vestido bem curto.

— Não tanto quanto você. Estou feliz por ter vindo. — Ele deixou sua mão descer suavemente por minhas costas, depois me ajudou com minha bolsa.

Fariamos isso então — flertar. Provocar. Era como ir a lugar nenhum, considerando a situação atual de Weston, mas não significava que não podíamos nos divertir um pouco se fôssemos discretos. Provavelmente ele precisava disso depois de semanas confinado, por assim dizer. Eu precisava provar de uma vez por todas que ele era exatamente o tipo de homem com quem eu queria estar.

Assim que nos sentamos, Weston pendurou o braço nas costas de minha cadeira.

— Já pedimos um monte de aperitivos. Estávamos pensando em pedir vários bolinhos também e apenas compartilhar, como uma família. Ou pode pedir uma entrada, se preferir.

— Não. Gosto de bolinhos. — Sinceramente, não estava com muita fome. Estava inquieta e distraída. Meu sangue ainda estava fervendo com a

adrenalina, e minha pele estava pinicando. — E uma bebida. Um martini, por favor.

Donovan, enfim, entrou, o que foi um estranho alívio. Quando pensei que ele tivesse ido embora, tinha imaginado por que ainda estava pensando nele.

Então ele me viu, viu do lado de quem eu estava sentada, e sua expressão ficou mais séria e desafiadora, e minha irritação retornou.

Coloquei uma mão no braço de Weston e fingi empolgação.

— Olha quem chegou!

— Donovan! — Weston e Nate disseram em uníssono junto com alguns outros funcionários.

Donovan sorriu rigidamente ao cumprimentar e parabenizar as pessoas, mas estava sempre de olho em mim. Sentia mesmo quando não via.

Pensei que tinha dado sorte quando vi que não tinha nenhuma cadeira vaga perto da gente, mas Tom e sua esposa estavam sentados à nossa frente, e agora tinham ingressos para um show, então se levantaram e saíram assim que Donovan começou a procurar um lugar.

Weston verificou algo em seu celular, e eu me aproximei mais dele, só para mostrar que podia, e Weston, que ainda estava com a mão na minha cadeira, se aproximou mais para seus dedos roçarem em meu ombro.

Foi obviamente intencional, e Donovan percebeu, então estremei. De propósito.

Pode ter sido minha imaginação, mas jurava que o ouvi rosnar.

Weston teve uma reação bem diferente. Moveu o braço de trás de mim para *minha frente* — debaixo da mesa. Em meu joelho.

Só quem reparava de verdade teria notado.

— Uísque. Puro — Donovan disse, com os olhos ainda em mim, quando o garçom anotou seu pedido. *Ele* tinha percebido para onde fora a mão de Weston.

Não que eu estivesse prestando atenção no que Donovan dizia ou fazia.

Continuamos assim por um tempo — Donovan me notando, eu “não” o notando, Weston brincando com seu celular e com minha coxa. Sem falar nada, eu podia ver que Donovan estava mais do que descontente. Mesmo do outro lado da mesa, a tensão nos envolvia, como se estivéssemos grudados, enrolados por papel celofane. Ficou mais densa, dificultando respirar. Dificultando enxergar qualquer coisa que não fosse ele.

Então as coisas realmente ficaram interessantes.

Pouco depois de a primeira rodada de bolinhos comunitários chegar, também chegou a noiva de Weston.

— Elizabeth. — A mão de Weston deixou minha perna pela primeira vez desde que Donovan chegara. Ele se levantou para cumprimentá-la, totalmente surpreso. — O que está fazendo aqui?

Ele se inclinou para beijá-la, mas, antes de sua boca encontrar a dela, ela se moveu e seus lábios beijaram sua face, o que o deixou extremamente bravo.

— Meu noivo tinha uma comemoração — ela disse, grosseira. — Pensei que deveria vir.

— Vou sair daqui para vocês dois poderem sentar juntos — Nate disse, oferecendo ir para o lado para o lugar vago à frente de Weston.

Elizabeth acenou para ele.

— Não seja bobo. Não preciso sentar ao lado dele. Prefiro sentar perto de Donovan.

Qualquer um que a ouvisse pensaria que ela estava brincando com o noivo, mas, para quem sabia, era óbvio que o nível de tensão entre o casal tinha aumentado significativamente.

Quase troquei um olhar com Donovan sobre isso, mas me lembrei de que ele era um babaca, então o fiz com Nate, enquanto Elizabeth ia para a cadeira vaga.

— Agora, da próxima vez que a garçonete vier, vou precisar de um drinque. — Ela colocou o braço nas costas de Donovan e mexeu com o cabelo de sua nuca. — Então. Cheguei!

Donovan reagiu inclinando-se para a frente para dar uma mordida em

um bolinho, agindo como se a mão em seu pescoço não o afetasse em nada.

Fiz careta. A afeição de Elizabeth por Donovan era irritante, mesmo que ela e Weston não fossem um casal de verdade. Por isso que ele estava tendo problemas com ela.

Weston parecia achar isso irritante também, se levasse em conta suas atitudes. Sua mão voltou para meu joelho, mas só assim que se certificou de que sua noiva estivesse vendo.

Agora foi a vez de Elizabeth fazer careta.

— Você disse que não viria — ele disse, baixo o suficiente para só aqueles que estavam no canto ouvirem.

— Tinha planejado não vir. Mas... — Ela se virou e olhou para o homem ao seu lado. — Donovan me ligou e disse que eu precisava estar aqui.

Abocanhei o camarão tão forte, que mordi a língua. Todo o som no ambiente pareceu desaparecer de meus ouvidos, e minha visão ficou vermelha.

Donovan ligou.

Foi isso que ele ficou fazendo lá fora depois que entrei. Quando percebera que eu iria entrar e ficar com Weston, Donovan tinha ligado para a noiva de Weston.

— Que atencioso da parte dele — Weston disse entre dentes cerrados, apesar de eu saber que ele acreditava que a intervenção de Donovan se tratava de se sair bem nos negócios ou de não perder uma aposta de se Weston conseguia ou não manter a calça fechada.

Ele não fazia ideia que o motivo verdadeiro de seu amigo interferir tivesse a ver comigo.

Deus, eu estava tão brava, que queria jogar longe alguma coisa.

Ou transar.

Era esquisito estar tão brava e tão excitada, mas era assim que eu ficava perto de Donovan — sempre excitada e pronta para gozar de qualquer jeito.

Debaixo da mesa, envolvi a perna na de Weston.

Ele entendeu minha deixa. Ou tinha sua própria batalha para vencer.

— Sabrina — ele disse, colocando a cadeira mais perto. — Já provou os bolinhos de carne de porco e de camarão?

— Não. Onde estão? — Mal tinha provado nada, mas não era esse o ponto.

— Coma o meu. — Ele ergueu os palitinhos aos meus lábios, me dando uma mordida. Eu me certifiquei de gemer.

— Donovan, o cordeiro frito... — Elizabeth começou a falar.

— Pode comer — Donovan disse, pegando o bolinho de seu próprio prato com seus hashis e colocando no prato dela antes de ela pedir uma mordida.

Ela franziu o cenho, mas se recuperou com rapidez.

— Acho que é melhor do que trocar germes. — Mais importante, ela finalmente parou de brincar com o maldito cabelo de Donovan.

— Elizabeth é *germofóbica* — Weston informou delicadamente.

— Não sou. — Ela brincou com um bolinho em seu prato, aparentemente tendo dificuldade com os hashis. — Só porque estou preocupada com as doenças que entram em minha casa não significa que seja *germofóbica*.

— Ela pediu um relatório da vigilância sanitária. — Não tinha dúvida a que tipo de relatório Weston estava se referindo.

Elizabeth deu de ombros, hashis no ar com o pedacinho de comida que conseguira pegar entre eles.

— Acho que é razoável. — Ela ergueu o pedaço até a boca, jogando o bolinho assim que chegou aos lábios. — Caramba.

— Gente — Nate os silenciou, tentando não rir ao fazê-lo. — Briga de amantes é divertida e tal... — Ele parou de falar, provavelmente pensando que Weston e Elizabeth iriam entender e se lembrar de que estavam no meio das pessoas.

Aparentemente, Weston não o fez.

— Por que se importa quando não há possibilidade de compartilhar o que tenho com você, de qualquer forma?

Nate se encolheu.

Debaixo da mesa, a mão de Weston subiu mais por minha coxa, como que para provocar Elizabeth.

Donovan permaneceu imóvel, o olhar em mim, me analisando. Me observando.

Elizabeth era a única que não parecia perturbada. Esticando-se para roubar um garfo limpo de Weston, ela disse:

— Grandes palavras, Rei. Só se lembre de que o que deseja com esse relacionamento não é substituível como o que eu desejo.

Isso pareceu silenciar Weston. Na verdade, silenciou nosso lado da mesa por alguns minutos densos, mas, então, Nate contou uma história e, logo, todos estavam rindo e sorrindo como um monte de gente comemorando.

Mas a mão de Weston ficou em minha perna, subindo e descendo por minha pele de vez em quando. Então, quando todo mundo à nossa volta estava ocupado com outras conversas, ele se aproximou e sussurrou:

— Daqui a pouco, vou para o fundo do restaurante. Para a cozinha. Espere cinco minutos. E me siga.

Ele se mexeu para brincar com Nate, sem me esperar responder. Se eu aparecesse, essa seria minha resposta.

Mas qual era minha resposta?

Virei minha bebida e vi Donovan observando. De novo. Provavelmente ele vira toda a conversa. Não podia saber o que Weston estava dizendo, mas devia adivinhar. Não perdia muita coisa.

Como se confirmasse minhas suspeitas, Donovan estreitou os olhos, dando-me o que podia apenas ser chamado de olhar de alerta.

Foda-se ele.

Ele me queria com Weston. Então podia ir se foder.

Coloquei os ombros para trás e virei a bebida e, cinco minutos depois,

Weston desapareceu da mesa, e eu o segui.

O restaurante não era grande, e era fácil de encontrar a cozinha. Fui naquela direção, embora Weston não estivesse à vista. Estava quase chegando quando, pela segunda vez em uma noite, fui tirada inesperadamente do caminho, dessa vez para um cubículo cheio de prateleiras com toalhas e talheres, escondido do público por uma cortina fina. Lábios firmes encontraram os meus, pedindo permissão, conforme meu corpo foi empurrado contra uma parede estreita.

Abri a boca, deixando a língua de Weston encontrar a minha. Era fácil beijá-lo. Era familiar e seguro. Ele tinha gosto de gim e curry e mau comportamento. Não o mau comportamento divertido, mas o tipo que causa arrependimentos de manhã, se não na noite anterior mesmo.

Ele interrompeu o beijo e apoiou a testa na minha.

— Vou ser totalmente honesto, Sabrina... Isto é uma escapadinha, e nada mais. Tem todo direito de me dar um tapa e voltar para lá. Mas espero que não o faça. Estou sentindo que também precisa de alívio agora.

Era por isso que eu tinha ido, mas, agora que estava ali, parecia errado. O corpo de Weston parecia duro contra o meu, como se fôssemos dois manequins rígidos em uma vitrine. Ele nem estava totalmente pressionado em mim. Sua mão estava acariciando meu braço, mas era bizarro e mecânico. E, por mais que eu estivesse ferida por semanas, excitada e inquieta, não estava com tesão agora. Eu me sentia apenas cansada.

E Weston parecia tenso.

Do lado de fora de nosso esconderijo, um farfalhar chamou nossa atenção. Ele se inclinou para poder abrir a cortina e olhar para fora.

— O que foi? — perguntei.

Weston balançou a cabeça, mas vi alguém de terno. Poderia ter sido Donovan, pensei. Porque eu queria que fosse Donovan.

E porque estava mais empolgada querendo que fosse Donovan do que me escondendo em um armário improvisado com Weston, sabia que não era onde deveria estar.

Agora só precisava dizer a Weston.

Baixei a cabeça e encarei os botões de sua blusa. Ele era sólido, sexy e gentil, e ainda não era o cara que eu queria, não importava o quanto tentasse desejá-lo. Não importava o quanto tentasse não desejar outra pessoa.

— Não posso fazer isso — ele disse.

Ergui a cabeça.

— Eu ia falar a mesma coisa.

Ele me soltou e passou a mão no cabelo.

— Desculpe. — Minhas palavras registraram um instante depois. — Você ia?

— Sim. Não é... — *Não sou eu*, era a melhor frase. *Não sou eu a certa para você. Você não é o certo para mim.* Mas, talvez, não era o tipo de coisa para ser discutida em armários de restaurantes. — *O timing* — eu disse.

— *O timing* — ele concordou.

— Vou sair primeiro.

Quando voltei à mesa, Donovan tinha ido embora. Não me incomodei em fingir não perceber. Estava cansada disso. Depois de pegar minha jaqueta, agradei Nate pela festa, me despedi e fui para casa. Não poderia haver lugar mais solitário me aguardando do que havia ali.



CAPÍTULO 13

Estava exausta quando cheguei ao meu prédio, então acenei para o porteiro em vez de parar para lhe dar oi, como sempre. Dentro do elevador, tirei os saltos e me apoiei na parede de trás e me lembrei da noite em que tinha ido ao Gaston's com Donovan. Lembrei de estar em um elevador com ele. Se não o tivesse afastado, será que ele teria me levado para casa naquela noite?

Se tivesse me levado, teria me fodido e acabado comigo. Eu ainda estaria sozinha hoje.

Mas talvez o tivesse superado agora também em vez de simplesmente, enfim, perceber que o queria.

E, oh, como o queria. Como não queria alguma coisa em muito tempo. Como não queria alguém desde que o quis naquela época. Como sempre o quis, mas era orgulhosa demais para admitir.

Alguma parte fatal de mim tinha certeza de que perceber isso não fazia diferença. Seja lá o que eu quisesse não importava porque faria o que era melhor, como sempre, e Donovan não era o melhor.

O elevador se abriu em meu andar antes de eu chegar a qualquer conclusão, não que houvesse algo para concluir, entrei descalça no corredor de carpete e congelei. No fim do corredor, parado na porta do meu apartamento, estava Donovan.

Pela menor fração de segundo, menos tempo do que demorei para inalar completamente o ar, fiquei empolgada. Não ligava que ele estivesse ali para me falar por que Weston era o cara perfeito para mim ou me dar um sermão em relação a não ficar com ele até ele não estar noivo. Não ligava se estava ali para fazer perguntas sobre o que eu achava de Phoenix ou da campanha. Não ligava se queria pegar uma xícara de açúcar emprestada. Ele estava na minha porta, e isso era tudo.

Mas, então, me lembrei de que estava brava com ele, e a empolgação desapareceu. Donovan Kincaid tinha sido um babaca épico. Não apenas isso, mas tinha sido um babaca épico *comigo*.

Com uma expressão séria e os olhos à frente, andei até meu apartamento. Mesmo que me recusasse a olhar para ele, eu o via mesmo assim. Por fora, ele parecia controlado e recomposto como sempre, mas havia algo em sua postura, algo no jeito que seu pé batia no chão e na forma como sua mandíbula se acentuava como se estivesse tensa, que sugeria que ele estava irritado.

Bom, éramos dois.

— Não demorou — Donovan disse quando parei à minha porta e peguei a chave na bolsa.

Então ele pensava que eu tivesse transado de novo com Weston. Talvez, realmente, tinha sido ele do lado de fora do armário no restaurante. Ou apenas somara dois mais dois. Ele não era burro.

Não estava pronta para admitir nada, então simplesmente dei de ombros. De verdade, ele tinha coragem de falar disso. Tinha coragem até de estar ali. O único motivo pelo qual ele passou pelo porteiro foi porque era dono do prédio.

— Não tem sua própria chave? — perguntei, meio brincando ao colocar minha chave na fechadura.

— Teria se tivesse ido para casa primeiro — ele murmurou.

Virei a cabeça para olhar para ele e vi que estava falando sério. Ele tinha mesmo uma chave no apartamento dele? Não era algo de que o zelador do prédio cuidava? Me senti retorcida por dentro ao pensar que Donovan tinha a capacidade bem real de entrar em meu apartamento quando quisesse.

Eu me senti ainda mais retorcida ao perceber o quanto ele estava perto de mim, atrás, tão perto, que se eu me mexesse, cairia nos braços dele. Meus olhos traçaram um caminho até seu pomo-de-adão em sua garganta e de sua mandíbula até a boca... Será que ele teria o gosto de pecado e uísque, segredos e suor?

Do que precisaria para eu ficar burra o suficiente para descobrir?

— Obrigada, eu acho, por me esperar, então. — Empurrei o ombro contra a porta e entrei ao abrir.

Surpresa, surpresa, ele me seguiu.

— Aliás, pode entrar — eu disse, acendendo a luz, sem saber mais se minha irritação era fingida ou real. Eu o queria ali... só que o queria ali por mim, não por outro assunto sem sentido que ele inventara.

Ele fechou a porta com o pé e me seguiu enquanto eu acendia as luzes e ia até meu armário de casacos.

— Vai me contar alguma coisa? — ele perguntou enquanto eu pendurava minha jaqueta em um cabide.

Franzi a testa.

— Sobre Weston? — Então era por isso, na verdade, que ele estava ali. Eu estava irritada. E magoada, o que era idiotice. — Quer todos os detalhes? Imagens também?

Joguei a bolsa na mesa de jantar e passei por ele para ir à cozinha a fim de pegar uma garrafa de água da geladeira. Dei um gole grande na água gelada, imaginando como seria se jogasse tudo na cara de Donovan.

Correção — na cara *presunçosa* de Donovan. Seus ombros tinham relaxado visivelmente nos últimos segundos e sua expressão tinha ido de agitado para confiante.

— Nada aconteceu, não é? — ele perguntou, como se fosse uma afirmação, tão certo que estava da resposta.

Foda-se ele por ter certeza.

E foda-se ele por ser tão ridiculamente sexy enquanto estávamos ali.

Era impossível. Eu estava com sede, mas não do que estava bebendo. Só havia uma coisa que eu queria provar nos lábios e, se não pudesse ter, então não queria nada.

Coloquei a garrafa no balcão, incomodada.

— Por que está aqui?

Ele cruzou os braços à frente do peito.

— Porque não consigo não estar. Vai se encontrar com ele mais tarde?

Pensei em brincar com ele, mas estava cansada de jogos. De todos eles — dos dele e dos meus.

— Não — respondi. — Mas, adivinhe, não é da sua conta. Nada disso. E, mesmo assim, você continua aparecendo, brincando de Deus, como se fosse seu trabalho. Pensando que sabe o que todo mundo quer.

— Você não quer Weston. — Falando nisso. Claro como a luz do dia. Sem espaço para argumentos. Ele falou como se fosse a realidade que conhecemos.

E eu desabei.

— Ah, meu Deus, não consigo... — Com as mãos no peito, passei por ele para ir à sala. Precisava de espaço. Será que ele se ouvia?

Virando-se para ele, apontei em sua direção, acusando.

— Por semanas, você tem tentado me convencer de que eu *quero* Weston.

— Bom, mas não quer. — Era enfurecedor como ele permanecia calmo enquanto tanto minha cabeça quanto meu peito pareciam que iriam explodir.

— Como *sabe* o que eu quero? — Minha voz estava mais alta do que meus vizinhos gostariam, mas, se eles tivessem problema com isso, podiam lidar com o dono do edifício. — Você presume e só presume. Nunca nem se incomodou em perguntar!

Ele veio na minha direção para ficarmos apenas a um braço de distância.

— O que você quer, Sabrina? — ele perguntou sério, com os olhos cor de mel me capturando. — Me diga.

Tinham se acumulado semanas de tormento e negação dentro de mim. *Anos* disso. Minha pele pinicava por dentro, e o desejo por Donovan tinha aumentado muito e de forma específica. Nem passou pela minha cabeça tentar mentir ou fingir que não sabia a resposta. Somente conseguia pensar em termos de transparência e verdade.

— Quero que me toque! — choraminguei, desesperada e disposta a colocar tudo em risco.

Os reflexos de Donovan foram rápidos. Ele segurou um de meus punhos na mão e o girou até estar preso às minhas costas e flexionou o outro até estar preso entre nós.

— Tocá-la assim? — ele perguntou bruscamente, puxando meus braços de forma desconfortável e me empurrando até minhas costas encontrarem a parede.

— Não — eu disse suave. Mas eu falava exatamente disso.

Era apenas a forma como ele me tocava. Como se me controlasse. Como se mandasse em mim. Meus mamilos já estavam rígidos.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não? Porque não consigo te tocar como Weston faz.

Jesus, estava tão cansada de ouvir esse nome. Cansada disso ser nosso lance. Mesmo agora, que Donovan tinha me colocado contra a parede, o único lugar em que nos tocávamos era onde ele segurava minhas mãos. E todo o resto à nossa volta, no espaço entre nós, o ser imaginário nos separando um do outro era Weston.

— Não quero que me toque igual Weston — eu disse de uma vez por todas. — Não quero *Weston*! Quero você!

Donovan permitiu o menor sinal de um sorriso.

— Eu sei. Estava esperando que soubesse disso também.

Tive o impulso de lhe dar um tapa, mas foi perdido quando sua boca se grudou à minha. Então não conseguia pensar em nada além dele — suas mãos, seu corpo, sua vitória sobre mim.

Foi uma rendição muito fácil.

Ele assumiu comando total. Com o comprimento de seu corpo pressionado em mim, sua ereção empurrando firmemente minha pélvis, seus lábios se moldaram aos meus. Ele sugava alternadamente meu lábio inferior e o superior, não deixando de tocar ou provar nenhuma parte de minha boca. Quando isso não foi suficiente, ele soltou uma de minhas mãos e segurou meu cabelo. Então puxou minha cabeça para trás, abrindo mais minha boca. Soltei um gritinho que ele encobriu me lambendo.

Lembrava disso nele. Lembrava que ele beijava bem, e havia algo válido em ter a lembrança confirmada. Algo surreal quanto a viver de novo uma época que só tinha vivido pela memória por tanto tempo. Passar por isso de verdade com todos meus sentidos completamente envolvidos me deixava

louca.

E eu precisava de mais.

Com a mão livre, empurrei com urgência seu paletó pelos ombros, depois pelo braço. Então puxei a manga vazia até ele me soltar o suficiente para terminar de tirar. Agora eu tinha as duas mãos livres e as subi e desci por seu tronco, arranhando seu peito através da camisa, desesperada, querendo tirá-la, querendo poder arranhar sua pele.

Mas Donovan estava no controle, e ele também tinha uma mão livre, que usou para colocar dentro de meu vestido, de meu sutiã e segurar meu seio. Foi doloroso, e gemi em sua boca conforme ele apertou mais forte. Ainda mais forte.

Então ele soltou e, assim que o fez, o prazer vibrou até minha boceta.

— Ah, nossa — arfei. — Faça isso de novo.

— Não — ele disse, tirando a mão de meu sutiã e baixando-a para brincar com meu cinto.

Ele era um babaca até naquele momento.

Era um tesão.

Soltando sua outra mão de meu cabelo, Donovan puxou o nó de minha cintura, e meu vestido se abriu. Ele o empurrou de meus ombros e deu um passo para trás para poder ver meu corpo todo.

Senti minha pele corar; seu olhar era o sol, e eu queimava em todos os lugares que seus olhos tocavam.

— Estava pensando nele quando vesti isso? — Suas respirações eram aceleradas, seu olhar, feroz. Ele furioso e pronto para atacar.

Contei a verdade a ele.

— Eu estava pensando em você.

Ele praticamente gemeu. Aproximando-se, ele segurou minha boceta.

— Você está tão molhada, que consigo sentir através de sua calcinha.

— Donovan... — implorei, me mexendo em sua mão. Era tortura. Queria que ele me tocasse, mas precisava que me tocasse de todas as formas.

Precisava que nunca mais parasse.

Inesperadamente, ele deu um tapa em minha boceta. Forte. Então deslizou um dedo para dentro da calcinha, pegou um pouco de minha umidade e levou ao seu nariz, cheirando.

— Exatamente como me lembro — ele disse antes de lamber o dedo.

Eu não conseguia mais aguentar — fui para cima dele. Envolvendo uma mão em sua nuca, trouxe sua boca para baixo a fim de poder beijá-lo enquanto esfregava minha outra palma da mão em seu pau. Podia sentir meu gosto nele, e queria devorar cada gota.

Ele me deixou beijá-lo por um minuto. Então, abruptamente, capturou minhas mãos de novo e as jogou contra a parede acima de minha cabeça.

— Você é perigosa com as mãos livres — ele disse depois mordiscou minha clavícula, me marcando.

— Perigosa como? — gemi conforme seus dentes se enfiaram em minha pele, mas, se ele não estivesse me mordendo, talvez eu teria dado risada. Eu? Perigosa? Era ele que tinha esse alerta em minha mente.

— Perigosa como sempre é quando deixo que me toque. — Ele me beijou profundamente, me distraindo do assunto.

Quando ele se afastou, eu estava zozua e desesperada para o que palavras não podiam fornecer. Meus olhos foram para meu quarto e voltaram para ele.

— Eu sei — ele disse, lendo minha mente. Ele envolveu uma mão grande em meus punhos e me puxou para o quarto, onde me jogou na minha cama.

A luz estava apagada, mas as cortinas estavam abertas, então a luz de fora batia em seu tronco. Sua camisa se esticava sobre seus músculos e, embora eu quisesse vê-los nus, também adorava o jeito que ficavam quase nus enquanto ele ainda estava vestido. Tornava tudo ainda mais obscuro. Mais safado.

Principalmente quando ele mandava em mim como se tivesse o direito de me dizer o que fazer. Como se ainda fosse meu professor. Como se fosse meu chefe.

— Fique nua para mim — ele ordenou, soltando sua gravata.

Arrepios tomaram meus braços e barriga. Minhas mãos tremeram quando as coloquei para trás a fim de abrir o sutiã. Joguei-o para fora da cama, depois tirei a calcinha.

Ele me observou fazer isso, seus olhos formando uma fenda escura.

— Me dê suas mãos.

Eu as estendi, com a palma para cima, sem saber o que esperar. Seu tom autoritário junto com o desconhecido deixou minha respiração duas vezes mais rápida, e eu tinha quase certeza de que já tinha um ponto molhado debaixo de mim.

Passando a gravata em volta de meus punhos, ele deu um nó e puxou meus braços até estarem deitados na cama acima de minha cabeça. Então passou o restante da gravata em um pé da cama e posicionou meu corpo para que eu estivesse alongada na diagonal pelo colchão.

Ele ficou afastado e analisou sua presa.

— Com quantos homens você já esteve assim, Sabrina? — ele perguntou ao começar a tirar o cinto.

— Já estive com cinco homens além de você. — Meu número parecia grande, mesmo eu tendo certeza de que Donovan provavelmente tivera muito mais amantes do que eu. — Mas nunca estive com ninguém assim.

Seus olhos se arregalaram.

— Nunca foi amarrada na cama?

— Não. — Também nunca fiquei tão empolgada a ponto de quase gozar sem ser tocada.

E era mais do que isso. Exceto por aquela única vez na salinha de Harvard, nunca estivera com um homem que me fazia sentir totalmente excitada, como se cada um de meus botões de excitação tivessem sido apertados, e não apenas um ou dois.

E agora ele tinha tirado o cinto e seu pau estava para fora, duro, e grosso, e roxo à luz da lua. Tentei me sentar, querendo colocá-lo na boca. Querendo prová-lo do mesmo jeito que ele me provara.

Mas Donovan colocou as mãos em minhas coxas e, com as amarras em meus punhos, eu não conseguia me mover muito. Definitivamente não conseguia chegar até ele. Parecia que todos aqueles anos ansiando por ele estava compondo aquele momento e o tormento era quase insuportável.

Eu me mexi e implorei.

— Por favor, Donovan!

— O quê? — Ele sabia exatamente o quê. Havia até um sinal de risada, como se achasse divertida minha humilhação.

— Você é cruel.

— Já me disse isso. — Com um sorriso, ele me virou para ficar de bruços e me colocou de joelhos. Então desceu a mão por minhas costas, pressionando minha cabeça para baixo. Olhei para trás para ele através das minhas pernas e o vi colocar um joelho na cama ao meu lado, o outro pé ele deixou no chão.

Ouvi o rasgo de um pacotinho de camisinha e observei quando a embalagem caiu no chão. De novo, ele passou a mão por minha coluna. Dessa vez, quando chegou à minha bunda, ele deu um tapa forte que me fez pular. Quando relaxei de novo, ele estava esperando com o pau para entrar em mim.

— Porra! — gritei no travesseiro. Ou foi o que quis fazer, mas saiu como um som estrangulado que não reconheci.

Mas a sensação — *isso* eu reconhecia. Donovan me preenchia de forma única. Como ninguém nunca fez, total e completamente, mas também era *como* ele me preenchia que fazia minha boceta desejá-lo, como ele se *mexia* dentro de mim, como se movimentava rápido e furioso, como conseguia ser selvagem e, ainda assim, me dominar ao mesmo tempo.

Era um tipo de magia ou manipulação ou talvez ele só me deixasse louca. Eu não sabia o que era. Tudo que sabia era que, a cada investida de seu pau, sentia que caía cada vez mais em seu feitiço.

Meu primeiro orgasmo chegou quase que imediatamente.

O segundo demorou mais, formando-se de maneira tortuosa conforme Donovan estocava em mim, acertando exatamente o ponto certo e, a cada

estocada, meus mamilos se esfregavam contra as costuras da colcha debaixo de mim. Não poderia ser mais agonizante se ele tivesse colocado a colcha ali. O fio raspava meus seios e, não importava o quanto tentasse ajustar minha posição, não conseguia ter a pressão suficiente. Toda vez que tentava erguer meu tronco, mesmo que um centímetro do colchão, ele me empurrava para baixo de novo. Como se soubesse o tormento pelo qual eu estava passando. Como se quisesse que eu sofresse mais.

E eu adorei.

Quando meu segundo orgasmo chegou, meu corpo se encheu de espasmos, contorcendo-se de êxtase.

Ainda estava me recuperando quando Donovan colocou ambas as pernas no chão. Ele me mexeu para meu corpo ficar perpendicular no colchão, e apenas meus punhos estavam grudados no pé da cama. Com a ponta de seus dedos pressionando minha cintura, ele investiu forte em mim, buscando o próprio orgasmo, que encontrou rapidamente.

Exausta e sobrecarregada, deitei de lado.

Imediatamente, minha mente começou a trabalhar, como sempre fazia, mas obriguei todos meus pensamentos, julgamento e arrependimento a deixarem minha cabeça. Pensaria nisso depois. Eu sabia, por experiência própria.

Donovan caiu na cama atrás de mim, com a respiração acelerada.

Fechei os olhos e o escutei inspirando e expirando. Era um som tranquilo, e pensei no quanto conseguiria ouvi-lo. Ele não era do tipo que passava a noite. Iria embora logo.

Mas não pensei nisso. Só escutei e respirei.

Só fiquei vagamente consciente de quando ele se mexeu alguns minutos depois, vagamente consciente de ele soltando as amarras de meus punhos antes de entrar em uma névoa de inconsciência.



CAPÍTULO 14

Acordei assustada, como se estivesse sonhando, mas as únicas imagens em minha mente eram da vida real. Imagens de Donovan em cima de mim, dentro de mim. Ainda podia senti-lo apesar de saber imediatamente que a cama estava vazia.

Foi pior do que pensei que seria acordar sem ele. Acho que tinha pensado que não ia me afetar, mas afetou. Pareceu vazio, como se eu estivesse esquecido de comer o dia todo e, ainda assim, estava totalmente sem apetite e o vazio preenchia minha barriga.

Mas, além do vazio, me sentia incrível. Hormônios pós-sexo percorriam minha corrente sanguínea e minha cabeça girava em uma névoa estranha eufórica. Eu me alonguei e meus músculos gritaram em protesto, me lembrando de que foram usados em formas que não eram usadas há um bom tempo. Esfreguei os olhos e pisquei. Ainda estava escuro, e eu tinha acordado na posição em que dormira, então sabia que não estava dormindo há muito tempo. Eu me virei para olhar o relógio e quase morri de susto.

Eu não estava sozinha, afinal.

Donovan estava sentado na poltrona no canto de meu quarto, com o cotovelo apoiado nos braços da poltrona, com o queixo na mão, me observando.

O relógio dizia que eu tinha dormido por mais de uma hora. Será que ele ficou sentado ali o tempo inteiro?

Estremeci com o pensamento, mas não puxei a coberta. Se ele queria olhar, podia olhar. Até onde eu sabia, era a única coisa mantendo-o ali e, agora que eu tinha a escolha, não estava pronta para ele ir.

Mas ele iria. Eu sabia disso. Ele tinha me contado que era o tipo de amante que ia embora rápido. Se fosse ficar, estaria nu na cama comigo. No entanto, estava tão vestido quanto chegou antes de transar comigo. Sua calça ainda estava aberta e agora sua gravata estava pendurada em seu pescoço.

Mas talvez fosse por isso que fiquei tão empolgada em vê-lo ainda ali, por isso que me confortava pensar que ele estivera sentado ali o tempo inteiro em que eu dormia — porque ele *ainda* não tinha chegado.

Eu me sentei e abaixei o ninho de passarinho que estava meu cabelo.

— Ia ao menos se despedir? — perguntei, fingindo equilibrar a acusação com aceitação quando realmente, o que eu estava esperando, era que ele dissesse que tinha mudado de ideia quanto a partir.

Ele sorriu preguiçosamente.

— Não sei do que está falando. Ainda estou aqui.

— Você praticamente já foi.

Seu rosto estava nas sombras, mas eu conseguia sentir sua expressão séria mesmo que não conseguisse enxergar.

— Estou muito mais aqui do que imagina.

O interno de minhas coxas se apertou com desejo, mas a sinceridade em seu tom cutucou alguma emoção além da luxúria. Me deixou corajosa.

— Então venha para a cama. Fique.

Ele deu risada.

— Sabrina, Sabrina — ele me repreendeu. Alongou as pernas à frente e as cruzou no tornozelo. Então, distintivamente mudando de assunto, ele perguntou: — Quem escolheu seu nome?

Não pensei que começaríamos uma conversa casual, mas sua atenção tinha um jeito de me envolver de qualquer forma. Virei os joelhos para um lado e apoiei meu peso com a outra mão.

— Meu pai. Quando eles estavam pensando em nomes, ele estava lendo um poema em que a ninfa salva a virgem.

— Não posso dizer que já li. Sabrina é a virgem?

— Sabrina é a salvadora.

Houve um segundo de silêncio.

— Huh. Não era a resposta que eu estava esperando.

Por meio segundo, pensei se deveria ficar ofendida, mas era meio que engraçado pensar em mim mesma como salvadora de alguém.

— Acho que, em nossa versão da história, Sabrina era a virgem.

Ele não falou nada. Não respondeu, apenas continuou olhando para mim do mesmo jeito perfurante que fazia todos aqueles anos antes na aula.

Eu costumava odiar quando ele me olhava assim. Ainda não gostava. Detestava porque ele parecia enxergar coisas que eu não queria que ele visse. Parecia enxergar coisas que nem eu sabia sobre mim mesma. Mais ainda, odiava porque eu gostava demais disso.

Inclinei a cabeça para o lado, pensando se poderia enxergá-lo da mesma maneira que ele me enxergava, mas tudo que via era um homem extremamente atraente com o sorriso do diabo e um corpo perigoso.

Eu tinha permitido um diabo perigoso em minha cama. Que um dia foi meu salvador. Será que Donovan conseguia ser mais um enigma do que isso?

Suspirei.

— Quem escolheu o seu nome?

Ele não respondeu logo de cara.

— Era o sobrenome de solteira da minha bisavó. Ela fala que é por isso que tenho esse nome, mas acho que minha mãe apenas gostava do som dele.

Me ocorreu que essa era uma das únicas coisas que Donovan já tinha me contado sobre sua família ou sua vida pessoal. Era pouco, mas, de certa forma, era bastante, e eu me segurava a isso como se fosse precioso.

— O que o nome quer dizer? — perguntei, torcendo para não soar muito ansiosa.

— Guerreiro negro. — Ele balançou a cabeça. — Acho que ela estava esperando um filho totalmente diferente.

— Mas combina com nossa história. Guerreiros negros são exatamente os caras que salvam as virgens. — Talvez combinasse demais. Fácil demais de romantizar. E eu sabia que, mesmo sem conseguir enxergar seu rosto sarcástico claramente, que ele não gostou da analogia.

Ou talvez não gostasse de que tivéssemos *nossa história*.

Agora que eu tinha falado isso em voz alta, não sabia se eu também gostava.

Puxei meu cabelo e encarei para fora da janela. O que eu estava fazendo

com esse cara? O que imaginava que poderia acontecer em seguida? Colegas de trabalho com benefícios? Não éramos realmente amigos, e não era como isso pudesse chegar a algo romântico.

Será?

— Você é uma mulher linda, Sabrina — Donovan disse, pondo meu foco de volta para ele.

Era o tipo de declaração que geralmente seguia com *mas*. Quando não veio, não resisti em questionar.

— Sou?

— Muito. — Sua voz era grossa e rouca, como uma lixa.

Olhei para baixo onde a luz da lua iluminava o colo dele e vi sua ereção, a cabeça dele aparecendo por cima do cóis de sua cueca.

Oh. Então não tinha um *mas*.

Para onde quer que isso fosse no dia seguinte, ainda era hoje. E eu estava molhada, excitada, e Donovan estava duro e ali.

Eu me endireitei, exibindo os seios de propósito.

— Eu faço você ter pensamentos indecentes?

— Humm — ele gemeu. — Pensamentos muito indecentes. — Manteve as mãos nos braços da poltrona, com os olhos focados em mim.

— Quando eu era mais nova, costumava ter todo tipo de pensamento indecente sobre você. — Não sei por que falei isso. Tinha contado a ele que tivera pensamentos inapropriados sobre ele na época. A informação não era exatamente novidade.

— E agora não?

— Agora também. — Deus, era meu último segredo. O quanto pensava nele. O quanto ele invadia minha mente. — O tempo todo.

Ele segurou mais forte nos braços da poltrona, e minha boceta se agitou em resposta. Percebi que gostei de contar para ele. Gostei que ele soubesse, exatamente como gostei de saber que ele tinha pensamentos indecentes sobre mim.

— Você se masturba quando tem esses pensamentos indecentes?

— Sim. — Apertei minhas coxas, buscando alívio. Estava com muito tesão.

— Me mostre.

— *Te mostrar?* — Eu tinha ouvido o que ele dissera. E sabia o que queria dizer. Só precisava de um segundo para processar o que eu pensava da ideia.

— É. — Ele se sentou mais ereto na poltrona, obviamente ansioso. — E me conte. Me conte o que faço com sua imaginação. Me mostre e me conte. Mostre e conte. — Ele deu um sorrisinho.

— Certo. — Nunca tinha brincado comigo mesma na frente de outra pessoa. Nunca tivera vontade. Mas Donovan era diferente. Ele provocava coisas diferentes em mim, e falar não para ele nunca passou por minha cabeça, e não parecia uma opção.

Eu me deitei na cama, apoiando a cabeça nos travesseiros empilhados para poder vê-lo quando abrisse minhas pernas. Agora, qual situação eu iria compartilhar?

— Há algumas diferentes...

— Me conte sua preferida — ele interrompeu.

Variações de um estupro. Essa era minha preferida e da que eu mais brincava. Até parece que iria lhe contar essa. Ficaria com uma das fantasias mais genéricas. Talvez a que ele me jogava do outro lado da mesa...

Fechei os olhos e preparei a cena em minha mente. Então abri a boca para iniciar.

— Agora, seja sincera, Sabrina — ele disse, me interrompendo antes de eu começar. — Não é divertido se não for sincera.

Meu coração martelou mais alto na minha caixa torácica. Será que eu conseguiria contar para ele a verdade? Era tão obscena. Tão errada.

Abri os olhos só o suficiente para olhar para ele. Ele não saberia se eu mentisse, não se eu fosse muito boa. Mas ele tinha razão — qual seria o objetivo? Não era melhor contar a ele para, finalmente, tirar essa perversão

doentia da minha mente?

Não. Deveria contar a ele porque poderia ser minha única chance de viver essa fantasia mais obscura e sombria. E alimentar essa necessidade, esse desejo, essa fome infinita, era motivo suficiente para valerem a pena a humilhação e tudo mais.

E, honestamente, apesar de ser humilhante o ato de pensar nisso, também era excitante. Excitante *porque* era humilhante.

Respirei fundo. Dessa vez, não fechei os olhos — encontrei os de Donovan.

— Você me segura. — Minha voz era lenta e monótona, como um narrador sem emoção, mas apenas esse início de história já foi suficiente para fazer os olhos de Donovan se arregalarem. — Não consigo fugir. Você abafou meus gritos. Ninguém pode me ouvir. Ninguém pode me ajudar. Você consegue abaixar minha calça...

— Mas você lutou primeiro — ele adicionou em um tom que representava obviedade.

— Sim. — Seu complemento à minha fantasia me surpreendeu, mas aumentou meu tesão. Meus mamilos se enrijeceram imediatamente. Levei as mãos aos seios, acariciando-os, aliviando-os do repentino peso.

— *Como* lutou?

— Dei uma joelhada em você, mas não acertei onde mirei. — Baixei o olhar para seu pau e vi que tinha ficado ainda maior, o que me fez perder o fôlego. — Lutar só o excitou mais. Você me pune com uma mordida forte no mamilo.

Ele ergueu as sobrancelhas, e percebi que queria que eu interpretasse como faria se ele não estivesse ali. Segurando um mamilo entre meu polegar e dedo indicador, belisquei e puxei o mais forte que pude.

— Mais forte — ele incentivou.

Puxei mais forte e se formaram lágrimas nos cantos de meus olhos.

— Até me fazer chorar.

Ele se mexeu um pouco no assento, como se sua ereção estivesse tão

grande, que estava desconfortável, mas nem se tocou. Fiquei impaciente por ele não se tocar. *Eu* queria tocá-lo. Queria esfregar a mão na cabeça dele. Queria envolver os dedos nele e senti-lo latejar em minha mão.

Se eu não pudesse ter isso, então, no mínimo, queria observá-lo fazer.

Assim, me lembrei de que tinha que me tocar. Abrindo ainda mais as pernas, pressionei dois dedos entre meus lábios e comecei a massagear o amontoado de nervos em círculos rápidos e agressivos.

— Você está massageando meu clitóris agora. É bruto e implacável, trabalhando em meu orgasmo. — Eu já podia senti-lo se formando. Essa fantasia sempre me levava rápido ao clímax. — Estou perto.

— Perto de gozar? — Sua voz estava fraca e surrada, um reflexo de como me sentia.

— É — arfei. — Você está grato porque é impaciente e quer que eu goze. Não porque quer que eu sinta prazer, mas porque detesta entrar seco.

Ele sorriu como se estivesse admitindo algo.

— Bom detalhe.

Eu tinha minha própria confissão a fazer.

— Mas o que não sabe é que já estou molhada.

Ele jogou a cabeça para trás e gemeu com o fundo de sua garganta.

— Me mostre.

Apesar de eu estar chegando ao clímax, tirei a mão do clitóris e a movi mais para baixo, onde mergulhei dois dedos dentro de mim. Quando os tirei, eu os ergui para Donovan poder vê-los brilhando com minha umidade.

— Nossa, Sabrina. — Sua expressão ficou mais tensa e ele empurrava a pélvis no ar. Eu podia sentir seu controle abandonando-o. Principalmente quando levei os dedos à boca e os chupei. — Esses são meus dedos? — perguntou.

— São. Você os colocou tão fundo em minha garganta, que acho que vou ter ânsia. — Enfio os dedos na boca de novo, colocando-os o mais fundo que consigo.

— Caralho, as coisas que quero fazer com sua boca agora. — Ele se mexeu mais uma vez, e pude ver suas coxas se enrijecendo através da calça. — E aí?

— Aí você me fode. — Observá-lo se excitar me deixou ainda mais excitada. Eu me contorcia na cama, tentando esfregar minha boceta no colchão. Nós dois estávamos miseráveis... com certeza, tínhamos jogado esse jogo o bastante. Eu precisava dele dentro de mim. Agora.

Mas ele não se moveu.

— Me foda, Donovan — implorei. — Por favor!

— Não. Você tem que fazê-lo. — Ele estava frio e no comando. — Me mostra como te foder.

Choraminguei, mas não protestei. Não iria adiantar discutir com ele, e eu sabia disso. Esticando-me para baixo, coloquei vários dedos dentro de minha boceta, enfiando-os o mais fundo que conseguia.

De repente, ele se sentou inclinado para a frente na poltrona.

— Três dedos... é assim que você sempre faz?

— Não — arfei, tirando os dedos. — Às vezes, uso um brinquedo.

— O que mais? — Ele estava no limite. Eu podia sentir o ar entre nós.

— Nada mais.

— Se não conseguisse te foder com meu pau, eu não usaria um vibrador. — Seus olhos começaram a analisar o quarto com rapidez. — Da próxima vez, use aquele frasco ali.

Segui seu olhar para meu hidratante que estava sobre o criado-mudo. O frasco era mais grosso do que meu brinquedo. Seria desconfortável, mas porque a ordem de usá-lo tinha vindo de Donovan, eu ficava mais do que feliz em obedecer.

— Ok. Vou usar.

Parecendo satisfeito com minha resposta, ele voltou a focar em mim, em minhas mãos e no que elas estavam fazendo, no que eu estava fingindo que ele fazia comigo.

Ele se levantou, mais para ter uma visão melhor.

— Agora — ele disse, finalmente, *finalmente*, tirando seu pau da calça.
— Me diga como te foder.

— Forte. Brutalmente. Dói. — Eu não conseguia tirar os olhos do pau dele, duro e grosso em sua mão. Fez minha boca salivar, deixou minha boceta ainda mais molhada.

— Me mostre — ele disse, acariciando-se de maneira preguiçosa. — Me mostre o quanto dói.

Coloquei os dedos dentro de mim de novo, rapidamente, do jeito que sempre gostava de imaginá-lo me fodendo. Do jeito que sempre me lembrava dele me fodendo. A pressão de minha mão ajudava a aliviar o desconforto, mas não era perfeito. Eu queria mais. Eu o queria. Encarei-o, encarei seu pau conforme ele subia e descia a mão por ele, desejando de novo poder tocá-lo. Desejando que estivesse mais perto.

Sem perceber o que estava fazendo, me arrastei mais para perto da beirada da cama. Ele ainda não estava perto o bastante.

— *Me mostre!* — gritei. — Quero te ver também. Por favor!

Pela primeira vez, ele não discutiu. Andou até o pé da cama e pegou um pouco da umidade da minha boceta. Então, pairando sobre mim, adotou meu ritmo, masturbando-se a centímetros de onde eu me fodia com o dedo. Era tão gostoso, tão obsceno, observá-lo massagear dinamicamente o pau grosso enquanto eu o imaginava me segurando, chumbando em mim em vez de na sua mão.

Não consegui aguentar mais de um minuto disso antes de meu orgasmo explodir. Minhas costas arquearam, meus dedos do pé se curvaram, minha visão ficou escura e, depois, vi luzinhas. Foi o tipo de orgasmo que senti no corpo todo. Do tipo que nunca tivera com outra pessoa além de Donovan.

Donovan assistiu intensamente ao longo do clímax — senti seus olhos em mim o tempo inteiro — e, quando acabou, ele estava pronto com o dele. Assim que pude enxergar de novo, me concentrei de novo nele. Sua mão acelerou e ele moveu a mão para massagear apenas a cabeça. De repente, seu ritmo ficou mais devagar e ele gozou, espirrando em todo lugar em minha barriga e minha boceta.

Foi uma das coisas mais eróticas que já fiz na vida. Mesmo estando tão grudenta, suada e gozada quanto estava. Provavelmente eu parecia uma atriz pornô, mas me sentia fabulosa.

Donovan já estava se guardando e fechando sua calça quando consegui me apoiar nos cotovelos e encará-lo desorientada.

— Isso foi você marcando seu território? — perguntei, certa de que tinha o sorriso mais lesado no rosto.

— Esse é o motivo de você criar sua fantasia? — Ele manteve a atenção no cinto conforme o afivelava.

— Não é essa a interpretação correta?

— Não, Sabrina — ele disse diretamente. Encontrou meus olhos. — Gozei em você porque é obsceno, e isso me excita. Não adicione mais coisa do que realmente é, sendo fantasia ou não.

Meu sorriso desapareceu de meu rosto. Era mais como se ele tivesse batido em meu rosto com o que disse. Milhares de respostas vieram à minha mente, tantas, que foi difícil pensar em uma naquele instante. Eu não podia fazer nada, exceto ficar ali sentada, abismada, nua e coberta com seu gozo.

E como ele era babaca por conseguir falar algo tão frio enquanto me olhava direto no olho. Para meu crédito, não fui eu que desviei o olhar primeiro.

Ele terminou de se arrumar rapidamente.

— Vou indo — ele disse, esquivando-se de meu olhar. Tinha dado vários passos e, como se tivesse pensado algo, perguntou: — Gostaria que eu pegasse uma toalha para você antes de ir?

— Não, obrigada — respondi amarga. — Preciso de um banho. — De repente, queria lavar a noite inteira de mim, queria me limpar de Donovan Kincaid.

Ele assentiu, como se sua aprovação fosse necessária. Na porta de meu quarto, ele parou.

— Vê se tranca a porta quando eu sair.

Tá, tá. Como se você se importasse.

Eu me levantei para segui-lo, mas, quando ouvi a porta do apartamento se fechar, a primeira coisa que fiz foi pegar o hidratante noturno ao lado da minha cama e jogá-lo do outro lado do quarto.

De novo, Donovan Kincaid tinha provado para mim que era um completo babaca. Não era a primeira vez. Nem a segunda. Por que, então, ficava surpresa quando ele mostrava suas cores verdadeiras?

Um Diabo Perigoso, era isso que ele era. Um Diabo Guerreiro Negro e Perigoso.

Depois de chutar umas coisas e de trancar a porta, tomei um banho escaldante e nervoso. Eu estava brava ao lavar o cabelo. Brava ao me ensaboar. Brava ao apagar cada resquício de Donovan de meu corpo.

E não era apenas com Donovan que eu estava brava. Estava brava comigo mesma. Mais do que qualquer coisa, estava brava por ter caído nessa armadilha. Estava brava por me importar. Estava porque, se não estivesse, estaria magoada, e tinha quase certeza de que me sentiria ainda pior.



CAPÍTULO 15

Passei o fim de semana com um balanceamento de pensamentos sobre Donovan. Ele me irritava; ele não me irritava. Eu me importava; eu não me importava. Era somente sexo; era mais do que sexo. Não fazia diferença; fazia diferença.

Na segunda de manhã, a conclusão a que cheguei foi que eu era uma mulher forte que tinha feito sexo safado com um homem poderoso. Tinha sido minha escolha, e precisava assumir. Estava grata por essa escolha. Fora consensual, e não havia nada para se arrepender ou se envergonhar.

O que eu não admitia era a forma desrespeitosa com que Donovan saíra, e isso não tinha nada a ver comigo — era tudo culpa dele. Eu me recusava a me sentir mal por isso. Obviamente, ele tinha medo de que as mulheres se apegassem a ele. Se ele pensava que eu tinha me apegado depois de uma vez ou que eu interpretara errado a situação, ele tinha se preocupado de maneira desnecessária.

Ou talvez ele estivesse preocupado que ele mesmo se apegasse. Tinha pensado nele por dez anos depois da primeira vez — se isso não era apego, não sabia o que era.

A questão era que eu não estava planejando ficar grudada nele e, se ele pensava assim, então que precisava superar.

A única coisa que eu não tinha decidido era se planejava ou não dizer algo sobre sua partida horrorosa. Sim. Não. A resposta mudava a cada hora.

Teria que pensar nisso quando chegasse a hora. Felizmente, eu não via tanto Donovan no dia a dia sem que precisasse sair do meu caminho.

O problema era que havia outras pessoas que eu *via* diariamente. E, quando entrei no elevador e me vi ao lado de outro homem de terno que era meu chefe e tinha me visto nua, percebi que tinha me esquecido de como planejar lidar com Weston.

— Bom dia — murmurei, incapaz de encontrar seus olhos. Quais eram as regras de etiqueta nessa situação? Precisava contar a ele sobre Donovan? Devia uma atualização a Weston? Não estávamos juntos, mas quase tínhamos

transado horas antes de eu acabar na cama com seu melhor amigo. Qual era minha obrigação ali?

Enquanto alternava entre as duas opções — contar, não contar; contar, não contar —, Weston se mexeu ao meu lado. Seus olhos pareciam focados no visor do elevador conforme ele subia andar por andar, quando falou abruptamente.

— Precisamos conversar.

Oh, merda.

De repente, minhas opções pareceram diminuir.

Ou talvez eu estivesse tirando conclusões precipitadas.

— Se é sobre sexta-feira... — Parei, percebendo que isso não era específico o suficiente. — Se é sobre o restaurante, não acho que haja mais nada que precise ser dito.

— Não é sobre o restaurante. — Percebi que ele também não conseguia olhar para mim.

— Oh. — Minhas mãos estavam suadas. Ele sabia. Ele já sabia. Donovan contou a ele, e ele sabia. — Ok.

Respirei fundo.

Estava tudo bem. Falaria para ele que estava planejando lhe contar hoje. Não poderia ficar bravo comigo. Não éramos um casal. Ele estava noivo de outra pessoa, pelo amor de Deus.

O elevador chegou, e segui Weston para nosso andar. Era melhor acabar com isso logo.

— Pode ser agora?

Ele olhou para mim como se não esperasse outra coisa.

— Se estiver livre...

— Estou livre. Só vou deixar minha bolsa e já vou.

Demorei o quanto precisei na minha sala, verificando tudo com minha assistente e tentando resolver o que dizer para Weston. Mas só consegui enrolar, e não havia muita coisa a se pensar além de falar a verdade, então,

dez minutos depois, cheguei à mesa de Roxie.

— Ele está mais relaxado do que no outro dia — ela me contou, o que me animou. — Mas algo me diz que está no limite. Boa sorte.

— Ainda consigo ouvir — Weston gritou pela porta aberta.

— Obrigada — sussurrei para Roxie. — Acho que vou precisar.

Pelo menos eu estava bonita naquele dia. Tinha vestido algo diferente — uma saia preta curta e uma blusa justa branca de botão plissada. Tinha fechado o look com meia-calça e saltos pretos. Era uma roupa menos poderosa e mais feminina, mais recatada.

Ah, droga. Provavelmente Weston pensava que tinha vestido isso para Donovan.

Huh. Será que eu tinha?

Até parece. Não me vestira para ninguém, além de mim mesma. Na maioria das vezes.

Respirei fundo e entrei na sala de Weston. Ele fechou a porta, mas manteve as paredes transparentes. Como fez da última vez que eu viera, sentou-se atrás de sua mesa e me convidou para sentar à sua frente.

E, como da última vez, cruzei uma perna por cima da outra e tentei parar de bater o pé de nervoso. Bom, pelo menos falaria disso de uma vez por todas. Não iria mais à sala de Weston e ficaria atormentada em relação ao que ele sabia sobre Donovan e eu.

Era tolice também, considerando que Donovan e eu já tínhamos acabado em nada.

Suspirei.

Weston inspirou.

— Sexta à noite — ele começou —, depois que você foi embora do restaurante... — Ele parou como se não soubesse como terminar a frase.

E como *poderia* terminar? *Você foi embora do restaurante e transou com meu amigo, e agora estou confrontando-a por causa disso.* Nada que ele pudesse dizer sairia educado.

Eu precisava ajudá-lo. Esse era mais meu fardo do que dele. Não deveria ser ele a ter dificuldade em encontrar as palavras.

— As coisas mudam, sabe, Weston. Nem sempre as coisas acontecem como planejamos e...

— Eu dormi com Elizabeth — ele soltou.

Na verdade, precisei repassar o que ele disse em minha mente antes de reagir.

— Ahn, o quê?

Realmente não era o que eu esperava. Nem um pouco.

— Dormi com Elizabeth. Não pretendia. E não sei aonde as coisas vão no futuro, mas pensei que merecia saber a verdade.

— Entendi. — Então ele *não* sabia sobre Donovan.

Significava que eu tinha que contar a ele, de qualquer forma?

— Está chateada?

— Não! Nem um pouco. — Na verdade, estava aliviada. Mais aliviada do que esperava ficar. Agora não precisava me sentir culpada quanto a nada que tinha feito pelas costas de Weston. Não que me *sentisse* culpada. — Não tínhamos um acordo entre nós. Não esperava nada de você. — Dica, dica... ele não deveria ter esperado nada de mim também.

— Eu sei, mas fomos para um armário juntos. — Ele moveu seu grampeador do canto da mesa para o centro. — E sei que estava agindo estranho aquela noite, mas não era você. — Ele apertou o grampeador várias vezes, soltando um monte de grampos desperdiçados. — Era porque estava irritado com ela e toda essa mentira que está havendo entre nós dois. — Depois de brincar por mais alguns segundos, ele retornou o grampeador à sua posição original.

Analisei Weston. Ele parecia estar com um humor melhor do que estivera na sexta de manhã, e mais no limite ao mesmo tempo. Seus olhos se iluminavam quando falava de Elizabeth, e seu corpo parecia tenso, mas estava cheio de energia, do tipo de energia que vem de todos os sentimentos em um novo relacionamento.

Do tipo de energia que vem quando se apaixona.

— Então você e Elizabeth...? — perguntei, arriscando.

— Não. Deus, não. — Ele mexia uma caneta para a frente e para trás entre seus dedos. — Digo, não sei. É complicado. Enfim.

É complicado significava mais do que um lance.

A batida nervosa de meu pé estava de volta, e eu não conseguia entender por quê.

Eu me recostei e cruzei os braços à frente do peito.

— O que isso significa para a aposta? Tinha investido um bom dinheiro que você seguraria.

A caneta parou de girar de repente.

— Você também apostou?

Dei de ombros, tentando me esquivar, mas ele parecia estar afrontado demais para eu continuar a zombar dele por mais tempo.

— Estou brincando. Qualquer aposta que eu fizesse pareceria contra meu melhor interesse.

Ele soltou a caneta e colocou ambas as mãos na mesa.

— Mas está tudo bem mesmo com essa situação?

Sorri, assegurando.

— Estou. — Minha consciência, que estivera me incomodando desde que ele tinha confessado, aproveitou esse momento para tirar o melhor de mim. — Na verdade, também dormi com alguém este fim de semana. — Parei para respirar fundo e resolvi que não era obrigada a falar mais.

Mas também decidi que não era uma babaca.

— Dormi com Donovan.

O ar entre nós ficou denso, e Weston estreitou os olhos para mim por tempo demais.

— Ahn. Fale alguma coisa — incentivei, de repente preocupada de que não deveria ter sido sincera.

— Estou tentando decidir se estou com ciúme ou se isso alivia minha culpa.

Eu me estiquei para o outro lado da mesa e, brincando, soquei seu antebraço.

— Alivia sua culpa. Otário.

Ele assentiu.

— Donovan, huh? — Ele inspirou. Assentiu de novo. — Tenho que admitir... por essa, eu não esperava.

Então nós dois ficamos surpresos com os acontecimentos do fim de semana.

— Isso é ruim? Não deveria ter te contado? — Eu não era amiga de Elizabeth. Talvez isso fosse mais difícil para Weston por causa de seu relacionamento com Donovan.

— Não, não! Estou feliz por ter me contado. Só é... esquisito. — Imediatamente, ele percebeu o erro na palavra. — Não estou falando que é esquisito por *sua* causa. É esquisito por causa *dele*. Ele não fica com ninguém desde que ficou com Amanda.

Isso era impossível. A noiva de Donovan, Amanda, faleceu onze anos antes. Claro que ele teve um relacionamento desde então.

— E quanto à Sun?

— Aquela modelo? — Weston acenou, desdenhando. — Acho que ele dorme com ela de vez em quando. Ele dorme com muitas mulheres de vez em quando, mas estou te dizendo, Sabrina, que ele não dorme com ninguém com quem interage fora do quarto.

— Oh. *Isso* é esquisito. — Meus braços se arrepiaram. O que isso significava quanto a mim?

Provavelmente, nada. Trabalhamos juntos, mas não era como nos víssemos toda hora pelo escritório.

Mesmo assim, algo quente se instalou em meu peito, insistindo que eu era diferente. Insistindo que isso significava que eu era especial. Especial para Donovan, de algum jeito.

Sim, Sabrina, você tem a honra distinta de ser uma parceira sexual que Donovan vira com roupas. Parabéns.

Certo. Eu estava sendo ridícula.

Mas, talvez, isso explicasse por que Donovan foi tão otário quando saiu da minha casa. Talvez fosse assim que ele saísse das camas das mulheres. Já que ele normalmente não as via de novo de qualquer forma, não tinha motivo para agir de forma diferente.

— Apesar de ser esquisito, pode ser bom. — Weston começou a assentir de novo. — É. Acho que é muito bom. Você é a mulher perfeita para mostrar a ele como devem ser relacionamentos românticos. Poderia domesticá-lo. Mostrar a ele como amar de novo.

Soltei uma gargalhada.

— Há muitas coisas engraçadas nessa afirmação. Não sei do que rio primeiro. — Tipo, quem era Weston para falar sobre relacionamentos? De repente ele era um expert porque tinha transado com a noiva?

E, ainda mais engraçado... um romance entre Donovan e eu? Mostrar a ele como *amar*? Ha. Ha. Ha.

— Estou falando sério — Weston disse, empolgado, parecendo ter se animado totalmente com a ideia de sermos um casal. — Você é a certa para ele. Já está no mundo dele. Não vai aguentar as besteiras dele. Já te aprovo, o que é essencial. A coisa toda é brilhante. Eu deveria ter pensado nisso antes.

Revirei os olhos.

— Certo. Enquanto dava em cima de mim, realmente deveria ter passado por sua cabeça. — A coisa toda era insana. — Não vai acontecer. Não é aí que isso com Donovan vai chegar.

Weston me encarou, cético.

— Tem certeza?

— Positivo. Com P maiúsculo.

— Ok, ok. — Ele não pareceu totalmente convencido. — Quer falar sobre isso pelo menos?

Coloquei uma mecha de cabelo para trás da orelha e pensei. Poderia ser

legal ter alguma ideia de Donovan. Mas não necessariamente sabia se era justo perguntar dele quando tinha tentado muito interpretá-lo sozinha.

E o que importava, já que Donovan e eu tínhamos acabado?

— Não — respondi. — Se não tiver problema.

Weston não estava preparado para encerrar.

— Só um lance de uma noite, então?

— Só um lance de uma noite. — Por que meu estômago se contorceu tanto ao falar isso?

— Certo, certo. — Weston semicerrou os olhos. — Mesmo que seja só um lance, é melhor ele ter te tratado bem.

De novo, dei risada alto.

— Ou o quê?

— Ou terei que matá-lo. — A piscadinha que ele deu ao fazer essa declaração meio que arruinou seu poder, mas era um gesto legal mesmo assim.

— É, acredito realmente que você mataria Donovan — eu disse, sarcástica. — Bom saber que me apoia.

Não precisava que Weston cuidasse de Donovan ou de qualquer homem com quem eu tinha saído, mas o que estava acontecendo? Ele estava me tratando como uma irmã? Era isso que acontecia quando ex-amantes se tornavam colegas de trabalho e encontravam outros amantes?

Após deixar o escritório de Weston, estava na metade do caminho do corredor em direção à minha sala quando pensei — se Weston estava envolvido em mais do que apenas um lance, então significava que ele não mais estaria disponível para ser meu futuro ficante. Não tinha mais minha rede de segurança.

Não queria Weston. Nunca quisera Weston. A coisa mais atraente em Weston era que eu acreditara que ele pudesse me manter a salvo de Donovan. Que ele pudesse me tornar uma “boa garota”, segura e satisfeita sem a necessidade de sexo indecente e obsceno.

Não tinha sido um plano muito bom de qualquer forma, porque, de

alguma maneira, eu ainda acabara nua com o cara errado.

Bom, lição aprendida.

Não podia mais depender de Weston para me proteger. Poderia decidir o que queria para mim mesma sem me esconder atrás de outra pessoa. Poderia me impor e, ao mesmo tempo, ensinar a Donovan uma ou duas coisas sobre como tratar mulheres no caso de *um dia* ele decidir ter um relacionamento romântico de novo.

Sentindo que estava adormecida, mudei de direção e fui para o lado oposto do prédio imediatamente, antes que tivesse tempo de pensar duas vezes.



CAPÍTULO 16

Donovan estava parado ao lado da mesa de sua secretária quando cheguei lá, falando sobre a agenda de seu dia com Simone. Apesar de meu estômago se revirar quando o vi em seu terno preto Armani, mantive os ombros para trás e a cabeça erguida.

— Precisamos conversar — eu disse, roubando a frase de abertura de Weston. Então, sem esperar que ele respondesse, passei por ele e entrei em sua sala.

Não olhei para trás, mas, depois de um segundo, eu o ouvi dizer:

— Simone, não passe minhas ligações.

Demorou trinta segundos dolorosos para Donovan me seguir, apertar os botões para fechar a porta e escurecer as paredes e se sentar.

Enquanto isso, eu andava de um lado a outro, puxando meu cabelo por cima de um ombro com ambas as mãos.

— Vá em frente, Sabrina — Donovan disse, ficando confortável em sua cadeira alta, giratória e de couro. — Me diga o que se passa nessa sua cabecinha linda. — Ele disse *cabecinha* mas seus olhos baixaram para minhas pernas, e ele não se esforçou para esconder.

Fiz careta, mas, na verdade, aquilo me fez sentir meio tonta. Principalmente quando nunca o tinha visto olhar as outras mulheres do escritório daquele jeito, porém, pensar nisso me tiraria do foco, então guardei essa tontura para depois.

— Olhe — eu disse o mais firme que consegui enquanto continuava a andar à frente de sua mesa. — Posso aceitar aquela sexta à noite como um lance de uma noite, mas você...

Ele me cortou antes de eu conseguir terminar.

— Você quer que seja um lance de uma noite?

Parei no meio do passo, com a pulsação acelerada.

— Não foi o que eu disse. — Minhas faces ficaram quentes de repente.

— Não foi o que disse, mas é o que estou perguntando.

— Não. Não tinha pensado. — Fiquei atordoada. Não era justo. Outra vez nem estive no cardápio, já que ele partiu daquele jeito.

E era por isso que eu estava lá — para falar de como ele partira, não se eu queria fazer mais coisas safadas, coisas nuas com o homem que tinha me dado os melhores orgasmos que já tivera na vida.

Balancei a cabeça para apagar as cenas indecentes que começaram a inundar minha imaginação.

— Não vou falar disso agora. Posso apenas terminar o que estava dizendo?

— Claro que pode. Vai. — Ele me deu seu sorriso diabólico. Aquele que deixava minha calcinha molhada toda maldita vez.

Sorriso diabólico ou não — calcinha molhada ou não —, eu tinha uma mensagem para passar, e iria desabafar de qualquer jeito. Mirando um dedo diretamente para ele, para enfatizar, eu disse severamente:

— Você não pode ir embora como um babaca de novo.

Ufa. Tinha falado. E me senti bem orgulhosa de como falei também.

Donovan coçou o queixo, refletindo.

— Você sabe que sexo comigo nem sempre é fácil como na outra noite.

Talvez minha mensagem não tenha sido tão espetacular quanto eu acreditara.

Era mais provável que a culpa era de meu público.

— Está me escutando?

Tentei fingir que não o estivera ouvindo, mas parte de mim definitivamente ouviu. A parte de mim que estava menos preocupada com respeito e orgulho feminino e mais preocupada com necessidades e desejos primários. Havia muito a questionar depois de uma declaração assim. Sexo com ele não era sempre tão *fácil*? Minha cabeça queria detalhes. Meu corpo queria demonstrações.

— Sim, estou te escutando. Em resposta, estou explicando como poderia

ser a continuação de um relacionamento sexual comigo.

Meus seios ficaram pesados e minhas coxas, fracas. Joguei as mãos para cima, frustrada.

— Mas o que isso tem a ver com o que eu estava falando?

Seus olhos brilharam para mim, hoje mais verdes do que marrons.

— Você disse “de novo”, Sabrina. O que insinua que prevê um tempo no futuro em que isso seria um problema.

Foi isso que eu realmente disse?

Repassei as palavras na cabeça.

— Não foi o que quis dizer — comentei com pressa.

— Não?

Eu não sabia. Porque, talvez, fosse isso que eu queria dizer. Qual era o objetivo em sequer corrigir seu comportamento se eu não tinha, em nenhum quesito, intenção de querer outra vez?

Ainda assim, nada disso importava se ele não me ouvisse.

— Mas entendeu o que eu estava dizendo?

Ele suspirou.

— É, é. *Não seja um babaca, Donovan.* Entendi. — Ele deslizou a cadeira para o lado. — Venha aqui. — Usou dois dedos para me convocar.

Mas não parecia que ele estava me levando a sério. E o que ele tinha feito tinha sido importante.

Com relutância, dei a volta na mesa dele e parei a alguns metros dele.

— Você me ouviu, mas vai realmente se esforçar para mudar?

Ele meio que deu de ombros.

— Vamos ver isso, não é? Fique de joelhos.

— Vamos ver? Não parece muito comprometido. — Sem pensar, comecei a me ajoelhar quando meus olhos pairaram na ereção enorme em sua virilha. — Espere. — Voltei a ficar em pé e me afastei. — Ah, não!

— Vamos. — Ele massageou o comprimento de sua ereção. — A porta está trancada. As paredes estão escuras.

Caramba. O que tinha de errado comigo? Estava brava com aquele otário, e ele tinha a audácia de tentar me fazer chupá-lo? Em sua sala, ainda por cima? Isso era abuso sexual. Era inapropriado, indecente e tão excitante, que eu não ficaria surpresa se Donovan conseguisse sentir o cheiro do meu tesão a um quilômetro.

Mas, respeito! Mulheres livres!

— Não vou recompensar seu mau comportamento com um boquete. Não foi por isso que vim aqui. — Embora cada segundo que ficava diante dele fosse mais difícil me lembrar do porquê eu existia, se não fosse por ele.

— Não, você veio aqui me repreender. O que já fez. Mais ou menos. Agora estamos seguindo em frente. Vou te ajudar a decidir se a outra noite foi ou não coisa de apenas uma vez com outro olhar quanto a como pode ser transar comigo.

A expressão de Donovan ficou séria — séria do tipo que dizia que ele estava prestes a perder a paciência, e era melhor eu ouvir se sabia o que era bom para mim.

— Então, como eu já disse... ajoelhe. Não vou falar de novo.

Eu era uma garota que sabia o que era bom para mim.

Imediatamente, me ajoelhei.

O piso do escritório era duro, mesmo com o tapete que Donovan tinha debaixo de sua mesa. Era marrom-escuro com uma superfície dura que esfregava meus joelhos. Deixaria marcas se passasse muito tempo ali, mesmo através da meia-calça.

Mas, sinceramente, não dava a mínima para minha meia. Podia rasgar inteira. Eu estava de joelhos diante de Donovan Kincaid, e só conseguia pensar no quanto eu queria abocanhá-lo.

Ele já estava abrindo a calça. Quando tirou o cinto e abriu o zíper, baixou as mãos para as laterais do corpo. A cabeça de seu pau apontava para mim por cima do cóis de sua boxer, bem parecido com a outra noite em minha casa. No entanto, dessa vez, estava na minha linha de horizonte. Dessa vez,

eu estava bem perto para tocar.

— É agora que você faz sua escolha — Donovan disse, segurando os braços da cadeira. — Se é isso que você quer... e, pelo jeito que está mordendo o lábio, diria que é exatamente isso... então dê o próximo passo.

Que jeito de se salvar quando se tratava de consentir. Provavelmente era uma atitude sábia de sua parte. Não que eu fosse processá-lo por abuso no trabalho, independentemente de quantas vezes falasse disso. É que eu gostava demais disso. Provavelmente até encorajei às vezes.

Mas havia uma questão maior ali agora — isso era o que ele realmente queria? Eu queria mesmo que houvesse um “de novo”? O que significava sobre mim se quisesse?

Talvez eu não conseguisse cuidar de mim mesma. Talvez realmente precisasse de Weston ou de um cara seguro para me esconder, alguém que não me pediria para ajoelhar no meio do trabalho. Alguém que não se excitasse com a ideia de me prender enquanto me fodia. Alguém que não pensava que era necessário me alertar de que sexo com ele nem sempre era “fácil”.

Só que isso *era* o que eu queria. Tudo. O consentimento duvidoso, os tons dominantes. Queria isso com cada fibra de meu ser e, se eu já era bem grandinha para saber disso sobre mim, então talvez pudesse ser grandinha para aceitar também.

Hesitante — só porque estava nervosa, não porque estava relutante —, envolvi as mãos no cós de sua boxer. Donovan ergueu os quadris, e puxei para baixo sua boxer até seu pau se libertar grosso e pesado.

Caramba, ele sempre foi assim tão grande?

Era mais comprido do que eu tinha percebido. Mais redondo também. E só me fez querê-lo mais.

Só não sabia muito bem por onde começar.

Uma gota de pré-gozo brilhava na cabeça, como se sinalizasse para mim, e me inclinei para a frente, lambendo-a, devagar. Deliberadamente.

Seu pau se enrijeceu, mas não significava nada. Foi um movimento gentil demais para Donovan, suave demais, e eu sabia, sem ele me contar,

que eu precisava continuar.

Chuí a ponta, depois coloquei a metade superior de seu pau na boca. Quando comecei a envolver os dedos na base, ele me impediu.

— Sem mãos... só sua boca.

Ok. Eu podia fazer isso.

Então, apoiei as mãos em suas coxas, adorando a forma como seus músculos se flexionaram debaixo da minha palma, e continuei o ato com a boca, subindo e descendo por seu mastro, enchendo as bochechas para tornar a sucção apertada. O gosto dele era bom — limpo, almiscarado e de Donovan e, por maior que fosse, era gostoso. Me deixava com tesão, me deixava superexcitada. A forma como ele esticava meus lábios lembrava como minha boceta ficava ao ser invadida do mesmo jeito.

— Muito bom — Donovan disse depois que passei alguns minutos chupando-o. — Boa garota. Gosto assim. — Ele levou as mãos à minha cabeça e segurou meu cabelo. — Mas agora eu que vou assumir.

Esse foi o único alerta que tive.

Depois disso, Donovan que estava no controle. Com minha cabeça sendo segurada por ele, ele me abaixou por seu pau, primeiro devagar, forçando mais de seu comprimento para dentro do que eu tinha chupado anteriormente.

— Isso, isso — ele elogiou conforme a cabeça encontrou o fundo de minha boca. E, ainda assim, ele empurrou mais. — Relaxe a garganta, Sabrina.

Meus olhos se arregalaram. Não conseguia chupar mais. Ia ter ânsia. Comecei a entrar em pânico. Não conseguia respirar.

Sim, eu conseguia. Pelo nariz.

Inspirei, e minha garganta relaxou, e ele deslizou mais, mais fundo do que eu já tinha chupado qualquer um.

— Nossa. — Ele me segurou ali, com seu pau na minha garganta, sem mexer.

Após alguns segundos, ele soltou, mas imediatamente empurrou fundo

de novo.

— O comprimento todo. Boa garota, boa garota. — Dessa vez ele coordenou minha cabeça sobre ele, me erguendo e baixando apenas a um ou dois centímetros acima de suas bolas. — Uau, é bom pra cacete. Foder sua boca assim.

Eu não sabia como *eu* me sentia. Excitada. Confusa. Em pânico. Suas investidas aproximavam-se de meus reflexos de ânsia, e eu só conseguia chupar ele mais um pouco antes de ter certeza de que iria vomitar, mas não poderia fazer nada além para dizer a ele além de apertar suas pernas e olhar para ele com olhos lacrimejantes.

Ele leu meus sinais e entendeu. Me deixou subir para relaxar. Me deixou respirar. Mas, assim que o fiz, ele me empurrou de volta para a posição e ainda mais fundo para a próxima rodada. E a próxima.

Foi intenso. Foi brutal. Mas eu conseguia sentir seu pau se alargar mais em minha garganta. Vi como ele ficava selvagem ao empurrar minha boca sobre ele, e isso só me fez adorar mais. Me fez querer agradá-lo mais.

Quando ele estava perto, segurou minha cabeça e, então, enfiou o pau em minha boca, fodendo meu rosto com tanta exaltação quando tinha fodido minha boceta.

— Eu poderia ter a boca de qualquer uma em mim — ele disse com a respiração acelerada. — Qualquer mulher que quisesse. Dinheiro pode comprar os lábios mais bonitos, as bocas mais famosas, as gargantas mais profundas. E, ainda assim, por dez anos, só consegui pensar na sua boca. É só a sua que quero. Por que não consigo superar esses malditos lábios?

Enfiei as unhas nele, forte. Tão forte, que pensei que fosse rasgar seu terno caro. Mas não porque não conseguia aguentar as estocadas, mas porque não sabia se conseguia aguentar o que ele estava dizendo.

Ele me deixou erguer, lendo o sinal do mesmo jeito de sempre, mas dessa vez mal me deixou pausar antes de falar.

— Vou gozar. Engula tudo, Sabrina.

Ele investiu duas vezes, grunhindo conforme gozava em minha boca. Um líquido quente cobriu minha garganta conforme suas coxas estremeceram

debaixo de mim. Era muito gostoso vê-lo tão selvagem. O que quer que eu tivesse que fazer para ver de novo, faria. Venderia minha alma. Nossas línguas se enrolaram, nossos gostos se misturaram até eu não conseguir mais distinguir o gosto de sua boca do gosto de seu gozo.

Quando ele se afastou, nossos olhos se travaram.

— Isso não me ajuda a pensar onde as coisas estão entre nós — sussurrei.

— Também não me ajuda. — Ele soou confuso. O que *me* deixou confusa... mais do que estivera... Afinal quando tinha visto Donovan desequilibrado?

Mas não era surpresa ele estar atordoado. O que tinha acabado de acontecer? O que ele acabara de dizer — eu tinha quase certeza de que ele não falava sério. Não poderia ser. Era impossível.

Não era?

Apesar de termos acordado simultaneamente de um transe estranho, caí de bunda ao mesmo tempo que ele se recostou na cadeira. Havia uma distância entre nós agora. Não muita, mas o suficiente para sentir que eu podia ter meus próprios pensamentos por meio segundo.

E o olhar em seu rosto dizia que agora ele estava tendo os próprios pensamentos. Na verdade, pude ver que ele estava se fechando. Ver sua expressão se enrijecer e seus olhos se tornarem cautelosos.

— Não — eu disse, erguendo uma mão em alerta. — O que quer que vá dizer, não diga. Pode pedir espaço sem falar algo terrível.

Ele franziu a testa.

— “Tenho que voltar ao trabalho agora” é considerado terrível?

— Quando fala logo depois de um ato íntimo, sim. — Eu me levantei e fiz meu melhor para arrumar o cabelo sem um espelho. — Então que tal eu apenas ir?

Sem qualquer outro movimento, ele assentiu.

Seu olhar tinha um peso que eu tinha memorizado, e conseguia sentir seus olhos em mim conforme andava até a porta.

Logo que estava prestes a sair, ele me chamou.

— Sabrina?

Eu me virei para olhar para ele e a questão era que, seja lá o que fosse dizer, mesmo que fosse decente ou nada terrível, eu não tinha toda certeza de que estava pronta para ouvir.

Coloquei um dedo em meus lábios.

— Shh.

Então me virei e saí, surpresa por poder andar com a excitação que sentia pela cena erótica.

Mas, mesmo zozza e confusa, de uma coisa eu sabia — o próximo passo era dele.



CAPÍTULO 17

Rapidamente, me lembrei da desvantagem em não ter a bola nas mãos — Donovan era paciente. Eu, nem tanto.

Todo dia, Donovan me deixava imaginando ansiosamente se entraria em contato. E, a cada dia que passava sem vê-lo, me sentia no limite. Cada vez mais, me preocupava que ele tivesse decidido que não tinha interesse em continuar.

E aí o que eu faria?

Estava envolvida agora. Ele tinha me feito escolher. Eu escolhera brincar. E, então, me fizera esperar.

E esperar.

O maldito filho da puta me fez esperar até sexta para agir.

Eu tinha acabado de voltar do almoço com minha equipe. Tinha ficado distraída o tempo inteiro porque havia sentido o cheiro do perfume de Donovan no corredor anteriormente, e a única coisa em que queria pensar depois disso era como ele cheirava bem quando estava em cima de mim. De alguma maneira, recompus minha mente, mas ainda sentia a tontura quando acabou, então voltei apressada para minha sala. Mal tive tempo de guardar minha bolsa na gaveta com chave quando Ellen, minha assistente, me ligou de sua mesa.

— Meu compromisso de uma e meia chegou? — perguntei em vez de cumprimentá-la, tentando olhar os dentes em meu celular. — Se chegou, está adiantado, e pode esperar.

Antes que ela pudesse responder, minha porta se abriu. E lá estava Donovan. Entrando como se tivesse sido convidado.

Acho que Ellen não tinha ligado para falar do compromisso de uma e meia.

Soltei o celular. Graças a Deus, meus dentes estavam limpos.

Porque, caramba, Donovan estava gostoso. Cruelmente gostoso. Mais

gostoso do que da última vez em que o vira, o que não dizia muito porque ele sempre estava mais gostoso do que a última vez que o vira. Seu terno era cinza-claro, sua gravata, fina e preta, sua barba se engrossava conforme a tarde passava.

Mas nunca se tratava do que ele vestia ou se havia se barbeado que o tornava sexy. Era sua postura, como ele andava. Como dominava cada centímetro do espaço que invadia. Como se *merecesse* dominar.

Era como olhava para mim. Como me dominava. Como merecia me dominar.

— Desculpe — Ellen falou trêmula pelo telefone que eu ainda estava segurando. — É o sr. Kincaid. Ele acabou de entrar. Obviamente. — Ela pareceu aturdida, mas não estava se sentindo tão aturdida quanto eu com ele em minha sala.

Digo, entendia. Para ela, ele era o Chefão. Tinha poder sobre ela.

Não era nada comparado ao poder que ele tinha sobre mim.

— Tudo bem, Ellen. — Comecei a falar para ela segurar minhas ligações e cancelar qualquer compromisso porque, após quatro longos dias e noites de pensamentos carnavais com ele, eu precisava que esse encontro fosse safado. Só vê-lo já havia arruinado minha calcinha.

Mas, por outro lado, ele tinha me feito passar por isso por quatro longos dias e noites de tortura, e não merecia ser recebido comigo caindo aos seus pés.

— Me avise quando o sr. Hoder chegar — eu disse, então. Relutante. E desliguei.

Sem se desculpar pela invasão, Donovan fechou minha porta, pousou os olhos em mim e avançou até minha mesa.

— Precisamos jantar. — Seu tom era brusco, e a energia rodeando-o parecia pesada e densa.

— Jantar ou comer sobremesa? — provoquei-o com um sorriso, jogando de volta a mesma pergunta que me fizera quando o convidei para sair. Estava aliviada por ele estar ali. Até empolgada.

— Jantar — ele disse, enfático. — Temos que conversar. Vou enviar

meu motorista para te pegar às oito. — Ele se virou e seguiu de volta para a porta.

— Esta noite? — falei para as costas dele. Ele se virou tão rápido, que quase não consegui acompanhar, e o ar que ele movimentou no caminho era frio. Minha empolgação estava começando a se transformar em uma agitação confusa.

Ele me encarou diretamente.

— Esta noite.

Tudo em sua fala dizia que não tinha discussão.

— Certo. Estarei pronta. — Por mais ansiosa que estive para vê-lo a semana inteira, agora só o queria fora de minha sala. Seja lá o que estivesse havendo com ele, era melhor acabar naquela noite.

— Meu motorista vai te mandar mensagem quando chegar.

— É, é, sei como é.

— Não sabe — ele disse severamente. — Mas vai aprender.

O cabelo de minha nuca se arrepiou. Era uma afirmação clara e direta. Não tinha como eu ignorar que sua irritação era dirigida a mim.

— Espere um segundo — eu disse, impedindo-o de sair. — Tem certeza de que não quer falar algo agora? Parece que não está nada feliz comigo e, se for esse o caso, então talvez devesse apenas me dizer.

Ele mal hesitou.

— Você contou a Weston sobre nós.

Oh, isso.

Não tinha pensado que Donovan poderia não ficar feliz sobre isso.

— Conte para ele — comecei devagar. — Ele tinha admitido...

Donovan interrompeu, dando passos intimidadores à frente, como sempre.

— Você contou a Weston sobre nós, e não deveria ter contado. Nunca deveria ter contado a ninguém, porque não existe nós.

Seu discurso me atingiu como se ele tivesse jogado um saco de areia pesado em mim em vez de uma combinação de sons articulados. Senti o sangue ser drenado de meu rosto, humilhada. Magoada. “Não existe nós” já se repetia em meu cérebro.

— Transamos algumas vezes, Sabrina — ele continuou, como se eu não tivesse magoada o suficiente. — Só isso. Nada mais. E, já que nós dois somos pessoas decentes, tenho certeza de que podemos concordar que isso não é da conta de ninguém, exceto da nossa.

Pisquei para conter lágrimas ameaçadoras. Não tínhamos definido o que éramos, e eu não tinha tirado conclusões sobre que tipo de relacionamento tínhamos. Nunca pensei que seríamos mais do que amantes. Mas doía ter isso confirmado claramente. Bem mais do que eu esperava, e eu não sabia por qual motivo. Provavelmente porque ele era *condescendente* pra caralho. Porque era hipócrita. Porque, apesar de nem ser o que eu queria, aquilo era rejeição.

Era isso — ele tinha diminuído algo que era importante para mim. Talvez esse relacionamento fosse apenas sexo, mas ainda importava. Para mim, de qualquer forma. Importava bastante. Pela primeira vez na vida, estava começando a enxergar como me sentia confortável em meu corpo, confortável com meus desejos, e era só por causa de Donovan. Doía perceber que não significava nada para ele como para mim.

O que provavelmente era burrice, imaturo e uma emoção idiota de menina — exatamente o que ele estava tentando evitar ter que lidar dando seu sermão de *não existe nós*.

Mas eu tinha direito de ficar chateada também. Tive um relacionamento com Weston também. Tinha o direito de contar a ele o que eu bem entendesse, principalmente quando aconteceu depois de nosso encontro no armário.

Após respirar fundo — quando eu sabia que não iria chorar —, comecei a me defender.

— Não contei a Weston porq...

Mas fui lenta demais e Donovan me interrompeu de novo:

— Acha que consegue aguentar? — Ele mal esperou e complementou:

— Hein?

Pausei por vários segundos.

— Vai realmente me deixar responder?

Ele estreitou os olhos.

— Vá em frente.

Lembrando de que essa não era a primeira vez que brigava com Donovan, ainda, de alguma maneira, sobrevivi e ganhei confiança.

— Olha. — Eu me levantei e dei a volta para a frente da mesa. — Conteí a Weston que transei com você para ele não se sentir culpado por ter transado com Elizabeth. Era a coisa certa a se fazer. Não estava informando-o sobre “nós”. Não conteí a mais ninguém, e não tenho planos de fazê-lo. Mas o que faço com *minha* vida e *meu* corpo, às vezes, afeta pessoas ao seu redor e, quando isso acontece, pretendo ser aberta com eles. Acha que você consegue aguentar isso?

Donovan ficou quieto por alguns minutos, seus traços ilegíveis. Finalmente, sua cabeça se inclinou, confusa.

— Weston dormiu com Elizabeth? Isso deixa tudo mais confuso.

Joguei a cabeça para trás.

— Foi só isso que ouviu? Escutou mais alguma coisa que eu disse?

— Escutei — ele disse simplesmente. — Estou feliz por estarmos de acordo nesse assunto.

— Está *feliz por estarmos de acordo*? O que isso significa? — Era eu que soava irritada agora, mas, sinceramente, Donovan não parecia mais relaxado do que quando entrou.

Ele cruzou os braços à frente do peito.

— Nós dois estamos de acordo que é apenas sexo, não é um caso exclusivo. Isso torna as coisas simples.

Foda-se se algo era simples. Ainda tinha feridas abertas; algumas que eu tinha certeza de que deixariam cicatrizes. Mesmo que eu não quisesse que Donovan visse as mais profundas, o estrago que ele fizera na superfície

merecia uma desculpa, no mínimo.

— Esse foi seu jeito de tocar no assunto? — perguntei, eriçada. — Você me acusa de fazer um grande escândalo e, quando descobre que está errado, fala “escutei”, simples, e é tudo que ganho?

Seus lábios se curvaram para cima levemente, mas o sorriso não alcançou seus olhos.

— Não. Você ganha jantar. Às oito. O motorista vai te mandar mensagem.

— Ainda quer jantar? — Dizer que eu estava indignada era o mínimo.

Quando vi, ele estava diante de mim.

— Agora estou mais interessado na sobremesa. — Com o polegar e o dedo indicador, ele beliscou meu mamilo já ereto. — Acredito que você também.

Beliscou mais forte, e algo sobre a maneira fria e intensa com que ele me olhou conforme me provocava a dor me fez sentir que era mais do que um gesto erótico. Era um aviso. Ou uma punição. Ou prova de que a situação não era tão simples quanto ele queria acreditar, e essa era a conclusão de sua frustração.

Isso me deixou mais confusa, me irritou mais. Porém, por mais que eu quisesse fingir que não me afetava, não consegui evitar o choramigo que escapou.

— Gosto assim — ele sussurrou em minha boca, depois me beijou rapidamente, finalizando com uma mordida dolorosa em meu lábio inferior. — Te vejo mais tarde — disse e começou a sair, me deixando uma bagunça, me deixando desequilibrada, excitada, irritada e brava e, de alguma forma, com tudo que estava no ar, minha cabeça voltou a *não existe nós*. Se não existia *nós*, o que era? O que era quando ele e eu estávamos juntos, rodeados por um campo tão forte de eletricidade, que praticamente nos ligávamos? Não era *nós*?

Ele quis dizer de forma romântica. Eu sabia, e argumentar seria discutir semântica, uma batalha que nunca ganharia de Donovan.

Mas eu estava me sentindo tão furiosa, que tinha que direcionar a algum

lugar.

— Weston não explicou por que contei a ele?

Donovan hesitou com a mão na maçaneta.

— Não falou nada. Fez uma piada. Foi direto demais para ser coincidência.

Todo o sangue que fora drenado de meu rosto mais cedo retornou com um rubor. Donovan nem tivera prova concreta de que eu tinha contado algo. Havia me acusado pela porra de um capricho. Eu estava irritada, mas agora atingira um novo nível. Um nível que, de algum jeito, era mais intenso e, ainda, estranhamente mais calmo.

— Nem sei o que te dizer agora. — A frieza de meu tom assustou até a mim.

— Eu não estava errado. — Seu sarcasmo era mais sexy do que deveria.

Não, não foi o que aconteceu.

— Você falou...

Quando parei de falar, ele terminou por mim:

— Eu falei “Você contou a Weston”. Nunca falei que *ele* me contou algo.

Eu estava quente. Como se minha temperatura física estivesse subindo.

Donovan me olhou com um sorrisinho de prazer.

— Sabe, quanto mais você me olha assim, mais fico ansioso pelo jantar.

Jantar?

— Você tem coragem, Kincaid. — Eu estava maravilhada por conseguir falar tão friamente. Estava fervendo. — Não acredito que espera que eu ainda apareça esta noite. Estou muito puta.

O sorrisinho se transformou em um sorriso.

— Desconte em mim mais tarde. Vai se sentir melhor. Juro. — Ele saiu antes de eu responder.

Ignorei o telefone quando começou a tocar em minha mesa e saí atrás

dele.

— Donovan!

Tinha aberto a porta na hora de vê-lo desaparecendo ao virar no corredor. Não tinha como ele não ter me ouvido chamar, mas não parou. Não se virou. O que provavelmente foi bom, já que havia outra pessoa me esperando do lado de fora de minha sala.

— Oh, oi, sr. Hoder — disse para meu compromisso de uma e meia, torcendo para não parecer tão agitada quanto me sentia.

— Eu estava ligando agora para te avisar que ele chegou — Ellen disse, desligando o telefone. O toque parou atrás de mim.

Droga. Não podia fazer nada em relação a Donovan agora. Claramente, teria que lidar com ele mais tarde.



As duas horas seguintes, passei em reunião com clientes, mas quando tive chance de respirar, vi que não só ainda estava brava, mas que também minha raiva por Donovan tinha aumentado.

Talvez eu conseguisse esquecer seu comportamento otário, mas precisava de um tempo para processar. Até parece que conseguiria vê-lo logo, como naquela noite.

Quando tive chance, liguei para Ellen e pedi que ligasse para ele.

— Sinto muito, srta. Lind — ela disse quando ligou de volta alguns minutos depois. — A assistente dele disse que ele está indisponível no momento. Gostaria que eu deixasse um recado para ele ligar de volta?

Quase rosnei, e não do jeito sexy, mas, sim no vou-matar-alguém-com-minhas-próprias-mãos, principalmente se esse alguém se chamasse Donovan Kincaid.

— O que disse? — Ellen perguntou, tentando interpretar o som do meu ódio assassino.

— Sem recado — eu disse e desliguei. Bom, se ele estava evitando minha ligação, não podia evitar uma mensagem. Normalmente, não ficava com o celular no trabalho, mas ele veria a mensagem a tempo.

Eu: Jantar cancelado.

Digitei e apertei enviar.

Sua resposta veio antes de eu soltar o celular.

Donovan: Por quê?

Precisava mesmo de uma explicação? Dei minha resposta o mais simples que consegui.

Eu: Você é um babaca.

Donovan: Nada novo ou relevante. Jantar ainda de pé.

Apertei tanto meu celular, que provavelmente quase o quebrei. Havia muitas respostas percorrendo minha mente, monólogos completos de discursos que eu queria enviar.

Resumi:

Eu: Vá se foder.

Aí joguei o celular em uma gaveta e o ignorei para conseguir tentar trabalhar um pouco.

Não ajudou muito.

Ainda estava brava. Ainda doía. E agora não teria a noite de que tanto

precisava, então ainda estava excitada pra caramba, o que só me irritou mais.

Outra coisa que me irritou? Donovan tinha razão — o fato de ele ser um babaca era irrelevante. Eu sabia desde o primeiro dia, e ainda era atraída por ele. Era atraída *por causa* disso.

O que isso dizia de mim?

Tinha acabado de passar das seis quando finalmente peguei o celular e li sua resposta.

Donovan: O carro estará lá às 8. Você escolhe entrar ou não.

A bola estava de volta do meu lado da quadra. E já tinha decidido que não iria, então não era um problema.

Só que eu estava curiosa para saber o que aconteceria nesse jantar. Ou melhor, na sobremesa. A última vez fora um improviso. Um encontro planejado seria diferente?

Não importava. Ele tinha sido um enorme cretino. Não confiara em mim, me manipulara, me traíra. Me magoara.

E se ele tentasse fazer as pazes? Se eu apenas lhe desse uma chance?

Segurando o celular no peito, joguei a cabeça para trás contra minha cadeira e suspirei. Para um relacionamento baseado apenas em sexo, esses tipos de escolhas deveriam ser simples.

Por que, então, essa era tão difícil?



CAPÍTULO 18

Entrei no carro.

Também não foi uma decisão de última hora, apesar de ter tentado fingir que só estava me raspando rapidinho porque era um comportamento padrão para uma sexta à noite. E a lingerie e a meia cara que vesti depois do banho? Bom, às vezes, é bom estar sozinha e bonita.

E quando peguei o elevador para o lobby, me convenci de que só verificaria meu correio, apesar de já ter visto mais cedo, então, quando o motorista mandou mensagem que estava do lado de fora, e eu estava lá embaixo, foi fácil falar “*Bom, já que estou aqui*”.

Fiquei pensativa o caminho inteiro, mas era mais difícil comprovar estar tão brava quanto queria estar com Donovan quando estava a caminho de encontrá-lo. Dava menos credibilidade. Se eu estivesse mesmo brava, não teria entrado no carro. Ou era o que a lógica dizia. A realidade, por outro lado, era diferente. Ainda me sentia igual, e ainda estava indo na direção dele quando todos os instintos diziam que deveria estar correndo ao contrário.

Talvez eu estivesse mais brava comigo. De qualquer forma, ainda planejava ser uma vaca quando o visse. Não sabia se conseguia ser outra coisa com Donovan no momento. Felizmente, não achava que ele se importaria.

O motorista foi mais longe do que o comum. Dessa vez, me deixou em Lower Manhattan. Nunca estive ali, e não via um nome em nenhum lugar do prédio, mas parecia ser um hotel.

Então Donovan reservara um quarto?

Prático, presumo.

Frio e eficiente também. Onde iríamos jantar? Pelo que tanto Weston quanto Donovan disseram sobre seus relacionamentos sexuais, fazia sentido se só houvesse uma coisa no cardápio. Donovan fazia sexo diretamente, nada mais.

Por que isso estava me incomodando tanto?

— Não sei para onde ir — disse para o motorista, depois que ele abriu e fechou a porta do carro para mim.

— Para as portas principais. A recepção do restaurante é à sua esquerda. Espere o sr. Kincaid lá. — Ele entrou no Jaguar e saiu antes de eu conseguir pensar em perguntar mais alguma coisa.

Então *iríamos* jantar. E o hotel era apenas uma coincidência. Ou não. Veríamos.

Encontrei o restaurante com facilidade. De acordo com a placa, era um restaurante japonês chamado Okazu. Falei com a recepcionista. Não tinham meu nome escrito, mas tinham o de Donovan — que ainda não havia chegado. Observei o lobby e não o vi em nenhum lugar.

— É bem-vinda para aguardar no bar — a recepcionista sugeriu, uma jovem branca que parecia ter vindo do leste da Ásia, mas falava como se tivesse vivido a vida toda no Bronx. — Vou avisá-lo que está lá.

Certo. Esperaria no bar. Mas seu atraso não iria ajudar meu humor já azedo. Ele sabia que estava brava com ele. Não deveria estar tentando mais para acalmar as coisas?

Aparentemente, as regras de etiqueta não eram prioridade para Donovan.

Com um suspiro que poderia ser chamado de resmungo, me sentei em um banquinho alto e pensei em pedir um martini para acalmar meus nervos. Antes de resolver, recebi uma mensagem.

Donovan: A caminho. Tire a calcinha enquanto espera.

Resmunguei-suspirei de novo, apesar de dessa vez sentir um frio na barriga.

Ele queria mesmo que eu tirasse a calcinha? Por quê? Só para saber disso? Era meio que excitante. Pensar em ficar ali sentada, nua, ao lado dele, fez coisas fantasticamente escandalosas com minha mente.

Ou ele estava planejando mais? Como enfiar o dedo discretamente na mesa de jantar?

Ruborizei com essa ideia totalmente impossível.

E, então, pensei em uma coisa totalmente prática — tirar e colocar onde? Minha bolsa era grande apenas para meu celular, chave, cartão de crédito, documento de identificação e um batom. Era para guardá-la? Enfiá-la no sutiã? Jogar uma La Perlas de cem dólares no lixo?

Não. Não faria isso. Além do mais, não o recompensaria por seu atraso. Nem sabia se iria ficar.

Depois de uns vinte e cinco minutos, ele ainda não tinha chegado, e eu estava irritada. Principalmente já que tinha decidido não pedir o martini. Isso era mais do que grosseiro. Ele poderia simplesmente ter deixado eu cancelar quando lhe dissera que queria. Isso era intolerável. Me recusava a aguardar mais um minuto.

Eu me levantei e saí do bar em direção ao lobby, e trombei com um homem muito cheiroso usando um terno ajustado sobre um peito sólido. Eu o reconheci pela sensação em seu tronco e a forma como segurou meu braço para me equilibrar. Não precisava olhar para cima para saber que era Donovan.

Mas olhei. Para poder lançar minhas adagas com os olhos.

— Peço desculpas — Donovan disse com um sorrisinho decididamente não arrependido. — Fiquei preso em uma coisa de última hora no trabalho e perdi a noção do tempo.

Arranquei meu braço dele. Teria entendido se tivesse aparecido uma emergência. Ele era um dos CEOs. Às vezes, tinha que combater uns incêndios. No entanto, o fato de ele simplesmente ter “perdido a noção do tempo” me insultou. Estivera irritada com ele o dia todo e, nem por um único segundo, consegui esquecer que tinha planos com ele mais tarde.

Eu era tão sem graça assim? Era isso que ele estava tentando me dizer quando falou que não estávamos em um relacionamento?

Cruzei os braços à frente do peito.

— Acho interessante que não consegue sair do trabalho nem quando tem planos. Nada é tão importante para arrancar Donovan Kincaid do escritório antes que ele esteja pronto.

Ele ergueu uma sobrancelha, achando engraçado.

— Quer saber o que acho?

— Certo. Vamos ouvir. — Eu me preparei para um argumento à altura e uma observação fervente. Era verdade que eu mesma trabalhava muitas horas, mas nunca tinha lugares para ir depois. Nunca tinha ninguém me esperando.

— Acho que pensa demais em mim. — Completou com o sorriso que usava quando tinha ganhado uma discussão.

Minhas bochechas esquentaram. A afirmação era difícil de contestar e ainda bem que não precisei, porque a recepcionista interrompeu bem nesse instante.

— Sr. Kincaid, sua mesa está pronta. — Ela começou a guiar o caminho de volta para o restaurante.

Donovan estendeu o braço, me esperando antes de segui-la.

— Sabrina?

— Ainda não decidi se vou ficar. — Ele deixara claro que eu não era importante ou significativa para ele. Além disso, acreditava que eu gostava dele mais do que deveria. Agora não estava só brava e magoada, mas também humilhada.

Sua expressão dizia que ele achava minha complexidade emocional um pouco entediante ou, no mínimo, desnecessária.

— Decidiu, sim. Por que mais teria vindo?

Ele me pegou. Porque, claro que eu não teria aparecido se não fosse ficar para *alguma coisa*. E ele tinha acabado de chegar, então eu não podia ir agora. As coisas estavam só começando. Quem eu pensava que estava enganando tentando fingir o contrário?

Não facilitava para aceitar. Na verdade, parecia uma armadilha. Como se eu tivesse sido obrigada, mas lógico que estava ali porque queria. Que, provavelmente, era o pior de tudo.

Minha testa se franziu mais.

— Vá se foder.

— Vamos chegar lá. — Dessa vez, seu sorriso era uma promessa, e isso era algo que eu queria que ele cumprisse de maneiras bem maldosas.

Como se sentisse minhas defesas se enfraquecendo, ele pressionou.

— Pelo menos, fique para jantar. Já está aqui. Está com fome. Eu também. — Agora ele enfatizou a promessa com os olhos... estavam escuros, mais castanhos do que verdes, dilatados com desejo, me dizendo que sua fome pertencia a mais do que apenas seu estômago.

É, eu também estava com fome. Faminta.

Mas ele tinha me feito sentir uma bosta. Depois atrasou para nosso jantar. E então me fez sentir uma bosta *de novo*.

— Sei que não comeu muito no almoço. Deveria mesmo ficar. — Havia um tom de preocupação que me desarmou.

— Como sabe o que comi de almoço? — Não tinha comido muito. Havia engolido algumas garfadas de salada entre os itens da minha agenda, e estava esfomeada.

— Porque foi a um almoço com a equipe, e nunca come muito quando está trabalhando.

Caramba, ele realmente prestava atenção em tudo. Minha raiva se derreteu conforme meu peito se aqueceu.

— Certo. Vou ficar. Porque já estou aqui. — Deixei que colocasse a mão em minha lombar e me levasse para a frente do restaurante. Não importava que eu tinha duas camadas de roupa entre sua mão e minha pele. O poder de seu toque vinha da pressão que ele exercia ao me direcionar por entre as mesas, o grupo de gente bebendo e os clientes persistentes no bar.

Parecia uma forma de rendição e, por no mínimo alguns minutos, parecia que eu poderia dar tudo a ele — não apenas o caminho que andava, não apenas meu corpo, mas esses sentimentos misturados fervilhando dentro de mim. Poderia lhe dar minha raiva. Poderia lhe dar meu constrangimento. Poderia lhe dar minha mágoa. E, talvez, ele não soubesse o que fazer com eles melhor do que eu, mas, pelo tanto de tempo que ele ficasse com eles, eu não teria que senti-los. E que presente incrível seria.

Só por isso já valia a pena ficar.

Mas, então, fomos levados para além da recepção até o guarda-volumes, onde havia dois bancos de madeira escura nas laterais do cômodo. Donovan abaixou a mão, e meus sentimentos confusos inundaram de novo como se uma barragem tivesse sido rompida.

— Por favor. Tirem os sapatos aqui — a recepcionista disse.

Eu sabia da formalidade japonesa, porém nunca tinha ido a um restaurante que exigisse isso. Donovan se sentou para tirar os sapatos. Eu hesitei, consumida demais pela ausência de sua mão em mim. Já sentia falta. Sentia falta do calor. Sentia falta da autoridade.

Deus, qual era meu problema?

E claro que ainda estava ali parada, sapatos intocados, parecendo uma idiota, quando Donovan já estava pronto. Ele olhou para mim, inclinou a cabeça para o lado, então deu um tapinha na coxa, indicando para eu colocar o pé ali. E coloquei.

Depois que ele abriu a tira de uma sandália e a retirou lentamente de meu pé — que, puta merda, talvez tenha sido a coisa mais sexy que já vi —, gesticulou para eu trocar de pé. Quando o fiz, minha saia enroscou na minha liga e, apesar de ter arrumado quase que imediatamente, vi Donovan encarando antes de ajustar.

Por mais agitada que tenha ficado a tarde inteira, o que senti por flagrá-lo me olhando foi incrível. Foi especialmente incrível quando ele precisou ajustar a calça quando se levantou de novo.

Após guardarmos nossos sapatos e casacos, seguimos nossa guia para o andar de baixo, onde o restaurante era realmente localizado. Conforme andamos pelo corredor estreito, passamos por salas individuais de jantar, cada uma separada por portas deslizantes. Outro par de portas estava disponível para fechar as salas totalmente, mas a maioria estava aberta. Em cada sala, a mesa de jantar era baixa, perto do chão, e, em vez de cadeiras, eram rodeadas por almofadas para os clientes se sentarem. Ajoelharem-se, na verdade.

Tinha visto esses tipos de mesas em filmes, mas nunca em um restaurante. Na verdade, eram exatamente como imaginei quando pensava em jantar em um restaurante japonês.

— As mesas são daquele jeito — eu disse, sem saber como expressar minha surpresa. — Todas pequenas e baixas.

— São chamadas de *chabudai*. Tenho uma em meu apartamento.

— Interessante. — Quis dizer que era legal, mas ainda não estava pronta para ser amigável de novo. Principalmente agora que ele não estava mais com a mão em minha lombar.

— Okazu é um restaurante japonês tradicional — ele explicou. — Essas salas são chamadas de *tatami*, que é o nome das esteiras de palha, que são facilmente danificadas e difíceis de limpar. É por isso que tiramos os sapatos.

Sorri quando passamos por um menininho que acenou para mim por cima de sua tigela de sopa.

— Difícil de limpar, mas ficam debaixo das pessoas enquanto elas comem? — Eu podia apostar que só aquele garotinho tinha mais arroz em seus pés do que em sua barriga.

A recepcionista parou e gesticulou para entrarmos em nossa sala.

— Já comeu comida japonesa? — Donovan perguntou, presunçoso, atrás de mim conforme entramos.

— Já — respondi, ofendida. Na verdade, minha primeira experiência tinha sido com Weston em Harvard naqueles anos anteriores. Não era algo que eu pretendia abordar agora. — Posso não ter tanta experiência como você, mas sou bem eclética para comida.

Eu me ajoelhei onde fui direcionada, na almofada perto da ponta da mesa.

— Agora, nunca comi em um restaurante japonês tão chique ou tradicional como *Okasu*, mas a comida é basicamente a mesma, tenho certeza.

A recepcionista arfou enquanto Donovan, que estava desabotoando seu paletó para poder se sentar, abriu um sorriso.

Meus olhos foram de um para outro.

— Ok. O que falei de errado? A comida é completamente diferente?

Donovan se ajoelhou na ponta da mesa ao meu lado.

— É Okazu. Não okasu. O primeiro, que é o nome do restaurante, é uma palavra que significa comida que acompanha arroz. O segundo é um verbo. Significa estuprar.

Revirei os olhos, pegando um cardápio da moça antes de ela sair da sala.

— Quem daria um nome a um restaurante de algo parecido com uma palavra que nunca gostaria que o lugar fosse chamado?

Donovan se debruçou em seu próprio cardápio.

— Ambas poderiam ser apropriadas, dependendo de como será nosso jantar.

Fiz uma careta, mas algo murmurou profundamente em minha barriga e se espalhou por entre minhas coxas. E eu tinha quase certeza que minha careta não parecia tão azeda quanto eu queria, então me escondi atrás do cardápio o máximo que pude.

Que foi por uns três segundos.

Então suspirei quando não consegui ler uma única palavra.

— Isso deve ser chinês — eu disse, jogando-o na minha frente.

— É japonês.

— Ah, sim. — Dei um sorriso para minha escolha burra de palavra. — Acho que pode pedir por mim.

— Já planejava fazer isso. — Foi outro comentário que merecia um olhar desafiador, e garanti que fosse feito.

Quando a garçonete chegou alguns minutos depois, trouxe uma jarra de porcelana e dois copinhos, os quais ela colocou na mesa à nossa frente. Então Donovan fez o pedido em japonês fluente, que também era bem mais sexy do que eu poderia ter imaginado. Assim como vê-lo sentado de forma tão confortável de joelhos. Basicamente, eu estava aprendendo que quase tudo sobre Donovan era bem mais sexy do que deveria.

O que complicava as coisas. Eu conseguia entender o lance só de sexo entre nós, mas, se ele tornava tudo tão sexy, então o que deixava de ser sexo?

A coisa toda era frustrante e não ajudava a melhorar meu humor.

Quando a garçonete saiu, Donovan serviu o líquido da jarra em um dos copinhos e se virou para mim.

— Precisamos falar sobre por que você ainda está usando calcinha.

Eu não tinha contado a ele. E meu pequeno deslize com a saia no andar de cima não tinha suficiente para mostrar. Ele simplesmente sabia. Como sempre.

— Aposto que também ainda está usando cueca — eu disse, o mais atrevida que consegui. Apesar de ter quase certeza de que ele não estava nem um pouco molhado como eu no momento.

Ele me entregou o copinho.

— Beba isto.

— Por quê? Batizou enquanto eu piscava?

Ele olhou desafiadoramente para mim.

— Não preciso batizar. Estou tentando te ajudar com esse seu humor.

Deixei aquilo absorver.

— Nunca, em meus sonhos mais selvagens, poderia ter imaginado que *você me* acusaria de estar mal-humorada.

Ele mergulhou o polegar no copinho e molhou meu lábio inferior com o líquido.

— É o quanto você está magoada. Está séria esta noite.

Um arrepio percorreu minha espinha e, de repente, meus pulmões pareceram contraídos, como se meu sutiã estivesse apertado demais. Lambi o líquido do lábio — saquê — e desejei poder chupar o resto de seu polegar.

Só que ainda estava sentindo todas as outras coisas também.

— Pensou que posso ter motivo para me sentir assim? Que o motivo pode ser você? — Dei um gole no saquê, achando mais ácido do que esperava, o que combinava com meu humor.

Ele se inclinou para perto e o calor de sua respiração em meu pescoço acompanhou suas próximas palavras.

— Não ligo *para o motivo* de estar assim. Ligo para o que está vestindo. É. Definitivamente, a calcinha não estava seca.

— Há um banheiro no corredor à esquerda — ele disse, acreditando que estava no comando.

Aparentemente, não estava errado.

— Já volto.

No banheiro, tirei minhas ligas e, enquanto continuava balançando a cabeça para mim mesma, retirei a calcinha. Ainda não tinha lugar para guardá-la, então segurei na mão em uma bolinha, parei no espelho para verificar meu batom e me dar um sermão silencioso.

Ficar brava não melhorava a noite para mim. Nem ficar confusa, frustrada ou magoada. E nada disso era para melhorar a noite para ele. Então qual era o objetivo de me agarrar a esses sentimentos miseráveis?

Nenhum. Nenhum mesmo.

Com a calcinha ainda escondida na mão, voltei à mesa, me ajoelhei e a deixei discretamente no colo de Donovan.

Ele a segurou como se fosse renda valorizada e passou pelo nariz como se tentasse identificar o buquê do vinho.

— Ah, meu Deus! — Nervosa, olhei em volta no restaurante. As pessoas do outro lado do corredor não estavam prestando atenção na gente, ainda bem, e ninguém estava passando. As luzes estavam baixas e dava para ver sombras através das paredes finas entre as salinhas, mas não era possível identificar o que nossos vizinhos estavam fazendo. Ninguém conseguia ver que Donovan estava exibindo minha calcinha.

— Não tinha onde guardá-la — expliquei, quando me senti menos em pânico quanto à sua demonstração.

Seus olhos estreitaram para minha boca.

— Posso pensar em um lugar que gostaria de colocá-la.

Tentei respirar fundo, mas não consegui. Tinha sido um elemento de algumas de minhas fantasias — Donovan colocando minha calcinha em minha boca para me impedir de gritar. A imagem já estava marcada em

minha mente de pensamentos anteriores, mas agora tinha a sensação de que também estava marcada na mente dele.

E, nossa, tinha um bom motivo para eu usar calcinha. Será que estava manchando a almofada agora?

Alguém passou por nossa salinha. Minha mão alcançou o antebraço de Donovan e o empurrou para debaixo da mesa, para seu colo.

— Mas estamos em público. Então, pode guardá-la no bolso e me devolver depois.

— Sim — ele disse com um sorriso vitorioso. — Posso guardá-la no bolso. — Ele se ergueu ajoelhado para poder enfiá-la no bolso da calça, depois voltou a se sentar nos pés.

Eu tinha a sensação de que nunca mais veria aquela calcinha.

Sem minha calcinha ser mais uma distração, percebi que algo novo havia sido colocado na mesa desde que eu fora ao banheiro — uma cumbuca de prata com uma tampa. Ao seu lado, havia umas pinças de metal.

Assenti para o prato.

— O que é?

Ele ergueu a tampa e a fumaça saiu. Havia muitas toalhas enroladas em uma pilha ali dentro. Com a pinça, ele pegou uma toalha enrolada e a colocou na mesa, fechando a tampa.

— É costume lavar as mãos antes da refeição.

Ele pegou a toalha e a desenrolou, trocando-a de mãos algumas vezes até esfriar o suficiente para segurar. Então gesticulou para eu estender as mãos em sua direção. Com cuidado e atenção, ele limpou entre cada um de meus dedos e lavou a palma e as costas de minhas mãos.

Era estranhamente erótico e sensual, mas também íntimo. Gentil, até. Então, enquanto fazia minhas coxas se apertarem e meu sangue correr quente, também prendia minha respiração no peito. Minha cabeça estava zozza.

O momento era denso demais. Como um levantador de peso tentando segurar uma barra muito pesada, eu não conseguia suportar sem que pressionasse meu peito. Sem que pressionasse meu coração. Sem que

significasse algo que não era para significar.

Dei uma risadinha, tentando amenizar o clima.

— Está lavando minha calcinha de minhas mãos.

— Que pena. — Seu tom permaneceu grave e sem humor e, em vez de suavizar o momento, ele me olhou com um olhar tão intenso, que carregou sua própria gravidade.

Ele era assim com todo mundo? Só sexo. Sem relacionamento. Será que conseguia realmente olhar para alguém — olhar para *mim* — e não querer marcar, como ficava claro em seu olhar? Será que conseguia realmente testemunhar essa força extrema entre nós e dizer que não nos conectava de nenhuma forma além da sexual?

Será que era só eu que sentia esse peso?

Ele finalizou com minhas mãos e foi para suas próprias, depois jogou a toalha em um prato vazio que parecia ser para tecidos descartados. Serviu-se de saquê, e nós dois bebemos em silêncio.

Aproveitei o momento para me retirar do transe idiota no qual estava.

Claro que era só eu que estava sentindo essas coisas. Era por isso que ele tinha me dado o sermão sobre não haver relacionamento, em primeiro lugar. E, sendo totalmente sincera, nem estaria pensando assim se ele não tivesse gritado comigo mais cedo sobre isso e colocado a ideia em minha cabeça.

Só sexo. Entendi. Eu topava. Eu mesma não estava a fim de nada mais do que isso. Traga a garçonete de volta. Posso pedir isso sem ajuda, sem precisar de cardápio — só sexo. Sem molhos, sem acompanhamentos, sem aperitivos. Pura e simplesmente sexo.

O que mais iria querer com um homem como Donovan, de qualquer forma? Passar a noite? Romance? Casamento?

Quase dei risada da ideia.

Não. Havia homens feitos para futuros, e havia homens feitos para safadeza. Donovan era feito para safadeza, e foi sábio em deixar isso claro desde o início.

Tentei não pensar no fato de que ele teve uma noiva uma época. Porque

para que, então, Donovan foi feito?

Honestamente, era provável que não fosse tão simples, e eu precisava aceitar isso. Do contrário, iria me matar pensando se o que realmente significava era que ele simplesmente não tinha sido feito para mim.



CAPÍTULO 19

Quando a garçonete retornou, trouxe outra pessoa com ela para ajudar a carregar as bandejas de comida. Juntos, os dois colocaram pratos de sopa, sushi, tempura e peixe na mesa. Depois, recuaram com as mãos à frente e parecia que esperavam alguma coisa. O quê, eu não sei.

Talvez fosse para provarmos nossa comida antes de saírem? Falar que estava tudo bom ou algo assim.

Olhei para Donovan para entender.

Ele colocou as mãos no colo, e eu o copieei sem pensar.

— Na cultura japonesa — ele disse —, antes de começarmos a comer, falamos *itadakimasu*.

Ele só havia falado uma vez, mas olhou para mim, esperando.

Olhei para ele do jeito só-pode-estar-brincando-comigo.

— Não consigo falar isso. O que você disse? Fale de novo. Mais devagar.

Ele começou a responder, depois pareceu ter outra ideia. Colocando a mão no paletó, pegou uma caneta Sharpie de um bolso interno e tirou a tampa com os dentes — outro movimento muito sexy.

— Me dê sua mão — ele disse em volta da tampa, apesar de não ter precisado falar nada, porque já a tinha puxado para ele e começado a escrever.

— Você simplesmente carrega uma Sharpie? Claro que sim. Já falei que é workaholic? E isso nunca vai sair. — Ainda bem que estávamos entrando em novembro, e eu podia esconder com mangas longas. Era quase impossível de tirar aquilo e, conforme encarei sua letra perfeita em minha pele, não sabia o que estava planejando.

— *It-a-dak-i-ma-su* — li devagar em meu braço quando ele terminou. Saiu melhor do que pensei que seria na primeira tentativa, o que não dizia muita coisa. Olhei para cima e o vi tentando esconder um sorriso. Mas seus

olhos brilhavam, e ele não conseguiu esconder isso. — Está rindo de mim.

— Não, foi muito bom. Foi *fofo*. — Ele disse a palavra “fofo” como se nunca tivesse tido um motivo para dizê-la antes.

Revirei os olhos. *Fofo* não era o que eu queria que ele pensasse quando pensasse em mim.

— O que significa?

— Significa “eu recebo esta comida”. Está agradecendo os cozinheiros pelo trabalho, dizendo a eles que agradece o que fizeram por você.

— Oh! — Eu me virei para a garçonete e seu ajudante, que ainda estavam em uma posição curvada, educadamente esperando para serem dispensados. — *Itadakimasu* — disse a eles.

Eles sorriram e assentiram.

Donovan seguiu com um monte de palavras em japonês que não eram *itadakimasu* e também pareciam ser de um tom instrutivo. Quando terminou de falar, eles se curvaram e saíram, fechando as portas deslizantes.

Eles fecharam as portas.

Estávamos sozinhos.

E eu estava sem calcinha.

— O que falou para ela? — perguntei, fingindo estar mais interessada em pegar o missô.

— Falei para ela fechar tudo ao sair. E não voltar até eu mesmo abrir.

— Quem diria que jantar era um evento tão particular para você. — Peguei a tigela e soprei a superfície.

— Não é o jantar que quero manter particular.

Meu estômago se revirou. Ainda bem que ainda não tinha realmente tomado a sopa, porque poderia ter engolido errado.

Donovan deu risada, como se conseguisse interpretar cada pensamento meu quando eu mesma não conseguia me entender. Bebi o missô e coloquei a tigela na mesa e, depois disso, ele estava esperando com um sushi que mergulhara no shoyu e agora estava estendendo para mim entre dois hashis.

— É para eu agradecer o que fez por mim também? — Dei uma mordida no sushi. — Oh, cara, agradeço mesmo o que fez por mim. — Tipo, de verdade. — Donovan, isto é incrível.

Terminei o sushi, depois peguei o tempura que ele ofereceu.

Como ele fazia com frequência, me observou atentamente. A diversão em seus olhos se fora, e agora eles estavam escuros e intensos, não apenas com desejo, mas com outra coisa. Algo mais pesado. Como o peso que senti quando ele lavara minhas mãos.

O que quer que eu tivesse visto — independentemente se estava lá ou se eu só queria que estivesse lá, me fez estremecer. Me fez não querer desviar o olhar.

— Venha aqui — ele rosnou, abruptamente envolvendo o braço em minha cintura e me puxando para seu colo. Ele pegou outro sushi, mergulhou no molho e me alimentou. — Assim é melhor.

Melhor para alimentar ou porque agora minha boceta nua estava apenas a centímetros da linha de seu pau duro, eu não sabia. Mas, sim, concordava que era definitivamente melhor.

Também era mais fácil para eu alimentá-lo. Já que Donovan não soltava os hashis e eu não conseguia encontrar os meus, usei os dedos, os quais chupou completamente. Ele me deixou dar comida mais uma vez assim. Da próxima que me alimentou, colocou a mão debaixo da minha saia e fez círculos lentos em meu clitóris com o polegar ao mesmo tempo.

— Humm — gemi.

— Gosta de sashimi? — Seus olhos provocavam assim como seus dedos.

— Sim, foi disso que gostei — respondi, sarcástica.

— Nesse caso... — Ele tirou a mão de onde eu queria tanto.

— Não! — Eu me esfreguei nele, implorando para voltar sua atenção. — Por favor.

Seus olhos brilharam com uma ideia. Ele se esticou para trás de mim e pegou a canetinha que tinha jogado na mesa depois de desenhar em mim mais cedo. De novo, tirou a tampa com os dentes — *humm*, muito sexy. Com

minha saia amontoada na cintura, ele se abaixou para poder escrever algo na pele acima de meus lábios, logo acima de meu clitóris. Então fechou a tampa e colocou a canetinha de volta no bolso do paletó.

— O que você escr...?

Mas minha pergunta foi interrompida quando seu polegar voltou ao clitóris e, sério, não me importei muito depois disso. Não me importei muito com nada exceto o turbilhão se formando dentro de mim e tentando manter a postura suficiente para comer o que ele me dava quando oferecia.

Por um tempo, consegui. Até consegui alimentá-lo bastante com o teriyaki de salmão ao mesmo tempo. Mas, então, Donovan soltou os hashis, me alimentando com os dedos, e com o polegar da outra mão ainda em meu clitóris, enfiou dois dedos em meu buraco bem lubrificado.

Depois disso, eu tinha acabado.

— Porra, está muito molhada. — Ele tirou os dedos e, da próxima vez que enfiou, adicionou um terceiro. — Está tão molhada, que poderia aguentar meu pau agora. Não é?

Tinha comido o sushi inteiro, mas segurava sua mão, chupando seu polegar e dedo indicador como se fosse seu pau.

— Aham — gemi de boca cheia.

— Tire — ele comandou. — Tire meu pau.

Eu estava zozza, mas ainda consciente. Consciente de onde estávamos. Consciente de que estávamos em público, de que as paredes eram finas, de que eu conseguia ouvir a batida de pratos e o barulho de conversa de ambos os lados. Consequia ver a sombra do movimento de outros clientes através da parede. Será que conseguiam nos ver? Nos ouvir? Sabiam o que estávamos fazendo?

Provavelmente não. Mas era possível.

E essa possibilidade era tudo de que precisava para ser uma das coisas mais excitantes que eu já fizera.

Sem mais hesitação, abri o cinto e a calça de Donovan. Baixei sua cueca o suficiente para libertar sua ereção. Ela saiu, comprida e grossa e alerta. Nessa hora, ele estava pronto com uma camisinha que pegou do bolso do

paletó. Enquanto continuava a me acariciar com os dedos, desenrolei o látex em seu pau.

Assim que o cobri por completo, ele moveu as mãos para meus quadris debaixo da saia, me ergueu alguns centímetros e, embora estivesse trabalhando rápido, eu só conseguia pensar que não estava rápido o suficiente. Precisava dele dentro de mim. Precisava agora. Agora. Agora.

E, então, ele estava em minha entrada.

Ele tinha razão — eu estava tão molhada, que foi fácil deslizar por ele. Mas, como toda vez em que ele entrava em mim, não hesitou ou me deixou assumir o comando — assim que colocou a cabeça em meu buraco, entrou em mim sem misericórdia.

— Ah, porra — choraminguei, sentindo que estava no primeiro carrinho para uma descida enorme de uma montanha-russa. Adrenalina e empolgação percorreram minhas veias, meu corpo estava pronto para a descida.

Com uma energia incrível, ele martelou em mim, estocando em minha boceta com tanto vigor e força, que logo começou a suar. Mesmo através de suas roupas, conseguia ver seus músculos ficarem tensos conforme se esforçava para me erguer. Ele investia tão forte em mim, que batia repetidamente na mesa atrás de mim — não muito alto para perturbar outros, mas alto o suficiente para as pessoas perceberem. Meus seios pulavam apesar de estar usando sutiã. Algo caiu no chão. Saquê espirrou e escorreu por minha lateral.

Eu me agarrei a ele desesperadamente, envolvendo um braço em seu pescoço a fim de me equilibrar. Com a outra mão, massageei meu clitóris, o que me fez começar de novo a ir em direção ao orgasmo que já estava se formando.

Eu estava perto. Ele também. Eu já estava apertada naquela posição, mas fechei mais os joelhos contra ele e apertei minha boceta, tanto para recompensá-lo quanto torturá-lo.

Ele tinha sua própria versão de recompensa e tortura — veio na forma de beijo. Quando seu ritmo se estabilizou, e nossas posições ficaram perfeitas, ele se inclinou para a frente e pegou minha boca na dele. Seus lábios eram inquietos e agitados nos meus, como se, independentemente do

quanto eu lhe desse — e eu lhe dava tudo —, não fosse suficiente. Nunca poderia ser suficiente. Sua língua mergulhou mais fundo. Sua pressão ficou mais forte. Ainda, não era suficiente.

No entanto, era suficiente para me fazer subir. Mais alto, mais alto, mais alto.

Quando gozei, ele gozou comigo, brutalmente, como dois animais selvagens fodendo na selva. Eu praticamente gritei, e ele teve que enterrar meu rosto em seu paletó para abafar o som. Ele mesmo também não fez silêncio, grunhindo seu alívio em meu cabelo. Minhas pernas tremeram e meus músculos se alongaram com a força de meu clímax. Em vez de percorrer meu corpo em ondas, me atingiu como um caminhão, me batendo como um choque terrível e incrível de êxtase. Doeu como me arrebatou, como se fosse prazer demais para sentir de uma vez. Como se meu organismo não soubesse a regra de Donovan de foder e fugir, e fosse formado esperando ser dispensado em partes e pedaços, e não em uma dose só.

Caí em seu ombro e fechei os olhos para recuperar o fôlego. Quando não mais parecia que o mundo estava girando, me sentei ereta. Ele estava aguardando para me beijar de novo, devagar mais uma vez, com sua mão segurando minha face. Foi um beijo suave, mesmo que ele tenha controlado. Foi leve. Foi algo tão mais leve do que o peso de cada outra intimidade que carregava com ele.

Rápido demais, ele terminou. Ele me ergueu e me colocou no chão ao seu lado.

Amarrou a camisinha, envolveu-a em um guardanapo e a guardou no bolso. Depois de se afastar um pouco, ele pegou uma toalha quente para me limpar.

— Acabou que as toalhas quentes são bem úteis depois da refeição também — brinquei quando ele ergueu minha saia e passou o pano molhado em minha boceta. — Está mais para morna agora, mas talvez seja melhor.

Ele não falou nada, e percebi que ele já estava se fechando, como sempre fazia depois. Pensei como era difícil para ele me fazer essa gentileza, ajudar a me limpar. Isso o incomodava por causa das regras que ele fizera para sua vida? Ou as regras para sua vida vieram porque coisas assim o incomodavam?

Seja lá o que fosse, sentia que ele ficava angustiado por ter que lidar comigo agora. Tínhamos acabado, e eu deveria ir. Já sabia disso quanto a ele, porém, depois da mensagem de hoje, entendia ainda melhor como, para ele, sexo não era uma forma de se conectar com outros. Sexo era algo separado. Conectar era uma coisa que ele não fazia.

Então pratiquei a desconexão também.

Não o observei enquanto ele me limpou, não pensei demais em relação a essa intimidade ou erotismo. Deixei que fosse apenas um ato. Como o sexo era apenas um ato. Sem significado, sem afeto. Sem interpretação emocional.

Quando ele tinha finalizado, limpou em silêncio o saquê e pegou a bandeja de tempura que havia caído no chão. Em alguns minutos, a sala estava bem decente, considerando tudo.

Donovan gesticulou para eu me ajoelhar em meu lugar e, assim que o fiz, ele abriu a porta.

— Já volto — ele avisou, virando-se na direção dos banheiros, provavelmente para jogar fora a camisinha.

Enquanto ele estava fora, a garçonete veio trazer a conta, que Donovan pagou assim que retornou.

— Quando a refeição termina, você fala *gochiso sama deshita* — ele informou quando retornou com o recibo. Falou isso devagar, e ouvi com cuidado dessa vez, garantindo que meu outro braço não fosse marcado também.

Eu me virei para a garçonete e abri um sorriso.

— *Gochiso sama deshita* — brutalizei a pronúncia. Ela assentiu educadamente.

— Perfeito — Donovan elogiou. Então, levantou-se e estendeu a mão para me ajudar.

— O que significa, afinal? — perguntei.

— Foi um banquete.

A garçonete se curvou para nós dois conforme passamos por ela e entramos no corredor.

Donovan nos guiou para fora, o que não tinha problema, para mim. Não precisaria sentir seu olhar distante em minhas costas.

Mas, antes de seguirmos mais, ele parou e olhou por cima do ombro.

— Sabrina? — Seu sorrisinho quase alcançou os olhos. — *Gochiso sama deshita.*

É, definitivamente, tinha sido um banquete.



Como sempre, Donovan não me levou para casa. Seu motorista me levou, e ele pegou o carro que ele mesmo dirigia. Deixo passar o fato de que ele poderia ter dado a noite de folga para seu motorista e me levado. Eu entendia. Não significava nada. Tinha lhe dado o que ele queria. Apenas sexo. Sexo bom, mas apenas sexo.

Quase me esquecera totalmente das marcas que ele tinha feito em mim até tomar banho. Passei a maior parte do tempo tentando esfregar a tinta de meu braço, quando, de repente, me lembrei de olhar para o que ele tinha escrito lá embaixo. Não havia pensado muito nisso, presumindo que ele tivesse escrito algo que tinha a ver com a cultura japonesa. Agora, quando analisei, vi que, na verdade, era em inglês e havia duas letras — DK.

Donovan escrevera suas iniciais em minha pele.

Ele havia falado, de todos os jeitos possíveis, que eu não significava nada para ele além de sexo e, aí, escrevera suas iniciais na parte mais íntima de meu corpo.

Era outra forma de brincar comigo. Tinha que ser. Tipo como quando ele consertou a nota na época da faculdade, a nota que eu não deveria ter precisado “consertar”. Dessa vez, ele tinha escrito em minha pele.

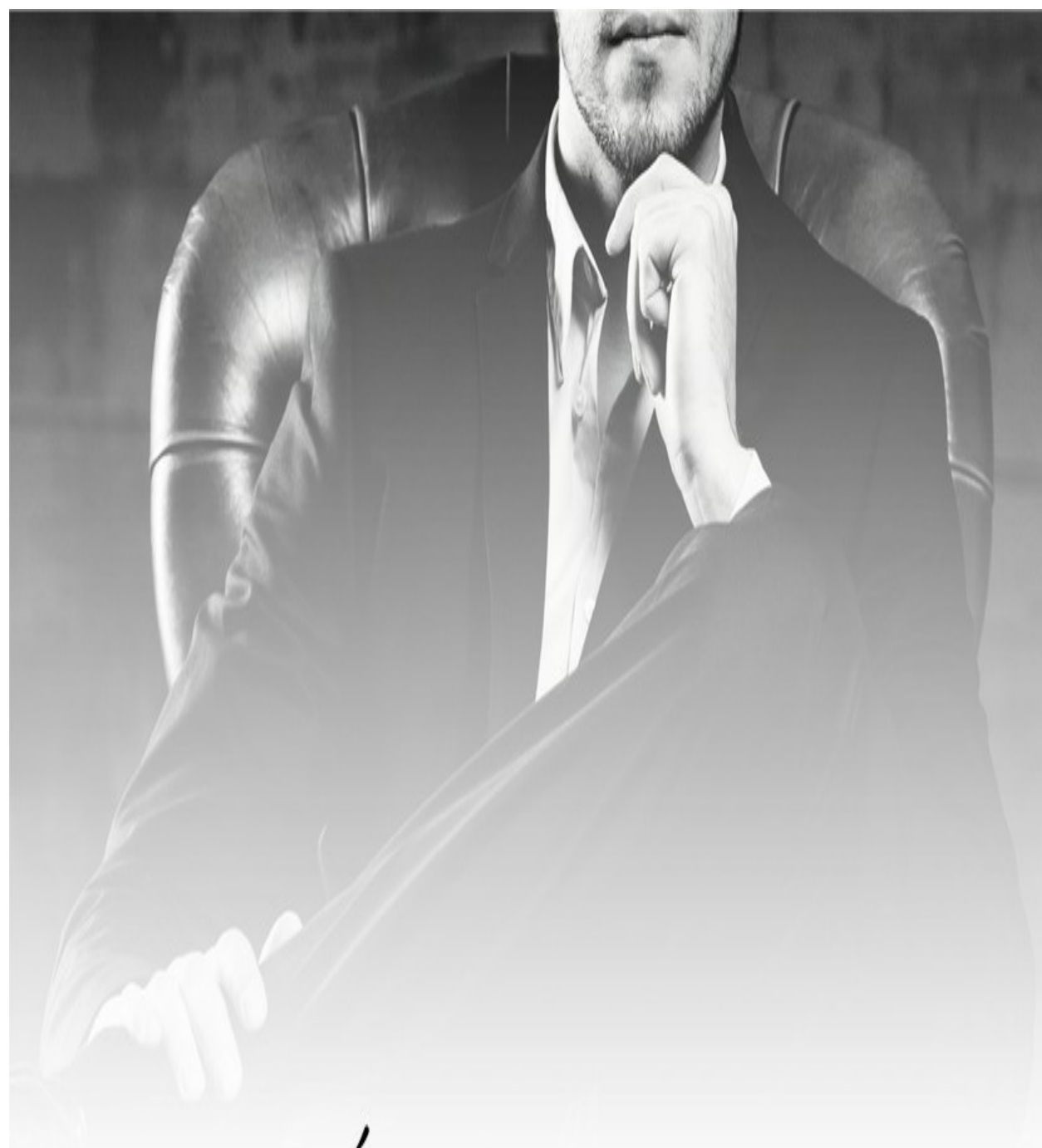
Era enfurecedor, uma merda, uma excitação e também...

Também, uma mágoa.

O problema era que, pela primeira vez desde que conhecia Donovan,

seus jogos zoados e o quanto eu os adorava não eram as partes mais perigosas de nossa associação. A parte mais perigosa era o quando eu desejava que sua marca em minha pele significasse algo diferente do que realmente significava.

A parte mais perigosa era o quanto eu desejava que ele pensasse que eu era dele.



CAPÍTULO 20

— Mas o Dia de Ação de Graças é daqui a quase um mês — minha irmã resmungou na manhã seguinte, ao celular. — Você está na Costa Leste há seis semanas, e ainda não nos vimos.

Resisti à vontade de me desculpar. Para ser justa, não era meu trabalho que tinha nos mantido separadas, mas também a carga horária dela. Na verdade, se eu passasse o resto do dia fazendo algumas tarefas, provavelmente poderia pegar o trem para vê-la mais tarde e voltar no dia seguinte.

— Queria poder — ela disse quando ofereci. — Mas tenho um trabalho em grupo para segunda-feira, e vamos trabalhar o dia todo amanhã.

— Oh. Foi só uma ideia. — Não tinha percebido o quanto queria vê-la até então.

Audrey pareceu perceber minha melancolia.

— Você está bem? Tem alguma coisa que precisa conversar? Coisas de homem?

Coisas de homem. É, na verdade, era exatamente isso.

Eu estava confusa e com ressaca do sexo com Donovan na noite anterior e, por mais que não estivesse querendo falar particularmente disso, agora que ela estava na linha, eu tinha alguém para compartilhar o não-relacionamento estranho.

Entretanto, também não estava pronta para colocar meus sentimentos em palavras.

Não deveria estar sentindo essas coisas, em primeiro lugar. Tinha certeza de que era contra as regras da política Apenas Sexo dele.

— Não. Só estou com saudade. — Também era verdade. Tentei pensar em outro jeito de ter mais tempo com minha irmã. — Quando vier para o Dia de Ação de Graças, pode vir mais cedo do que na quarta? Vou ter que trabalhar um pouco, mas poderíamos compensar assim o tempo perdido.

— Tenho a semana inteira de folga — ela informou, parecendo concordar instantaneamente. — Eu poderia ir para aí na sexta depois da aula. E talvez possamos ver alguns shows! Ainda vai ter patinação no Rockefeller Center nessa época?

— Provavelmente. — Sinceramente, não sabia, mas tudo bem, porque Audrey nunca conseguiu andar de patins no gelo.

— Temos mesmo que patinar, Bri! E podemos ir ao MOMA. E One World Trade Center...

Ela passou os vinte minutos seguintes me dando uma lista de todas as coisas que deveríamos fazer nas férias dela em Manhattan, eram atividades para quase um mês. Não tinha como fazermos nem um quarto delas, mas era bom conversar com ela.

Era especialmente bom ter alguns minutos sem pensar em Donovan. Não que eu passasse *todo* meu tempo livre pensando nele.

Mas, quando desligamos, ele apareceu em minha mente, imediatamente. Tirei minha calça legging e calcinha e fiquei parada diante do espelho de meu banheiro. Suas iniciais estavam apagadas pela esfregação que tinha feito na noite anterior, mas ainda estavam claramente visíveis.

Por que eu gostava tanto de como elas ficavam em minha pele? Era erótico e me excitava, sim. Mas era mais do que isso. Parecia que ele tinha me dado seu paletó. Ou como se tivesse me pedido para usar seu anel de formatura. Parecia que ele tinha se apossado de mim e, se fosse essa sua intenção, então realmente não entendia os termos de Apenas Sexo.

Havia outros termos que eu não entendia. Quais eram as regras desse acordo? Ao menos havia um acordo? Será que eu poderia ligar para ele para transar se quisesse ou só ele podia? Havia um período certo de tempo que eu deveria esperar entre os encontros?

Ele estava dormindo com outras mulheres?

De repente, meu estômago caiu como uma bola pesada ao pensar nele nos braços de outra mulher.

Porque era brega e me fazia sentir uma vagabunda, claro. Porque criava riscos de saúde. Não porque eu tinha um apego emocional a ele. Não porque

estava com ciúme.

A questão era que esse nosso caso aberto e privado precisava ser mais discutido.

Pegando meu celular, tirei uma foto de sua obra de arte em minha boceta. Depois digitei uma mensagem para ele:

Eu: Podemos conversar?

Tendo quase certeza de que ele não iria responder a menos que eu falasse sua língua, anexeï a foto e enviei.



Na segunda, Donovan ainda não tinha respondido.

Eu tinha chegado à conclusão de que, ou eu não podia convocá-lo, ou nosso acordo tinha terminado ou ele queria me fazer contorcer — algo que eu sabia que ele gostava.

Bom, se era esse o objetivo, estava funcionando. Não apenas eu estava ficando doida esperando sua resposta, mas também sentia sua falta fisicamente. Estava desesperada pelo sabor de seus lábios. Desejava a brutalidade de como me pegava. Ansiava pela forma arrebatadora com que ele fodia minha boceta.

Me deixou desesperada e distraída o dia inteiro. Algumas vezes, até tentei passar por seu escritório, mas ele sempre estava em reunião, e tinha ido embora quando finalizei meu trabalho.

Deitada na cama naquela noite, tentei lhe enviar mensagem:

Eu: Estou pensando coisas indecentes com você.

Anexei uma foto do frasco que ele tinha me falado para usar como consolo alguma vez, quando transou comigo em meu apartamento.

Eu me dei três orgasmos antes de acabar.

Donovan nunca respondeu.



— Tom — eu disse, impedindo meu funcionário de sair da sala de conferência depois de nossa reunião matutina de líderes às quintas. — Estou bem impressionada com a maneira como lidou com os detalhes da apresentação para SummiTech na Think Expo de amanhã à noite. Foi jogado para você sem muita informação, e seu time fez tudo sem deixar nada passar.

Eu não falava com Tom Burns em particular desde que ele quase pegara Donovan me beijando semanas antes na sala de estratégia. Mesmo depois de ele ter falado gentilmente sobre mim para Weston, eu não queria que as coisas fossem esquisitas. Porém, ele tinha mostrado um trabalho bom e consistente com seu time e, quando SummiTech pedira a Reach para criar uma publicidade e materiais para lançar seus produtos mais recentes, eu sabia que Tom era o cara para liderar a parte do marketing.

— Obrigado — ele disse, parecendo surpreso com a declaração. — Agradeço o elogio.

— Por nada. Vou passar lá amanhã à noite, mas sei que não vai precisar de mim.

Ele reuniu os itens que trouxera para a reunião e começou a sair, no entanto, de repente, parou e se voltou para me encarar.

— Sabe, Sabrina, tenho uma confissão a fazer... Pensei que não fosse gostar de você.

— Estou ouvindo. — Eu me endireitei, me preparando para o que ele diria em seguida. A sala tinha se esvaziado, e agora só estávamos nós dois. Isso poderia chegar a qualquer lugar, e não estava começando de forma muito promissora.

— Principalmente depois que vi Donovan Kincaid tentando ficar íntimo de você naquela noite em que trabalhamos na campanha de Phoenix. Eu tinha certeza de que deveria ter sido por isso que ele te contratou.

— Como assim? Tipo, tinha certeza de que eu estava dormindo com ele?
— Não estava, na época. Mas eu não tinha conseguido o emprego por dormir com Weston?

A culpa revirou meu estômago. Eu negaria. Era qualificada para estar ali. Poderia ter chamado sua atenção tirando minhas roupas, mas não significava que não merecia o cargo.

Pelo menos era isso que falava para mim mesma.

— É zoadado — Tom disse, arrependido. — Sei que soa sexista, mas foi o que pareceu. Sabe?

Assenti, porque sabia exatamente o que parecia, e sim, era sexista. Mas a verdade não era muito melhor, então não podia falar muita coisa para me defender.

No entanto, Tom podia.

— Mas você realmente provou seu valor. Trabalhou muito mais com o time do que eu esperava. Sei que não sou o único que gostou disso.

— Obrigada. — O nó se desfez um pouco em minha barriga. — Agradeço o elogio também.

De novo, ele começou a sair, porém, com minha ansiedade um pouco agitada, percebi que as coisas não batiam.

— Espere um instante, Tom. Estou confusa. Naquela época, você não falou bem de mim para Weston?

Ele coçou a nuca, com os olhos arregalados.

— É, mas foi só porque Kincaid ameaçou meu emprego se eu não o fizesse.

Hum.

— Ah, é?

Ele olhou para cima, analisando meu estado de choque.

— Você não sabia. Eu não tinha certeza.

Não, absolutamente não sabia que Donovan o tinha obrigado a fazer isso.

— O que ele falou para você?

— Falou que ele que tinha dado em cima de você e que foi inapropriado. Então disse que você merecia ser respeitada por todo seu trabalho duro, e deixou claro que espalhar boatos sobre você não seria respeitoso. Sugeriu que eu fizesse o resto do time te apoiar se quisesse que o departamento continuasse funcionando tranquilamente.

Meu coração estava batendo rápido, minhas mãos, tremendo.

— E falou que te demitiria se não fizesse isso?

— Não nessas exatas palavras, mas eu sabia o que significava.

Minhas faces coraram.

— Ah, meu Deus, eu não fazia ideia. Sinto muito! — Era muito injusto ele ameaçar meu funcionário. Tom era inocente. Eu estava envergonhada.

Mas ao mesmo tempo...

O que significava?

Passei a mão na testa, enxugando a gota de suor que tinha parado em cima da sobrancelha. Por que Donovan teria feito isso? Estava preocupado de que Tom dificultasse meu trabalho? Estava preocupado com minha reputação?

— Você não sabia — Tom disse, consolando. — Por que está se desculpando? *Eu* deveria me desculpar. Presumi que entendia a situação, e nunca nem perguntei se você estava bem. — Ele deu um passo cauteloso em minha direção e baixou a voz. — Não quero passar do limite, mas precisa de alguma ajuda com ele?

— Não — garanti a ele. Era quase engraçado pensar que eu precisasse ser resgatada de Donovan. — Não, estou bem. Nós estamos bem. — Balancei a cabeça, desejando não ter dito *nós*.

E, porque falei isso, senti necessidade de falar mais. De explicar a situação para Tom não ter dúvida de que não tinha nada com que se

preocupar.

— Aquela noite foi estranha. Donovan e eu nos conhecemos desde a faculdade, e...

Parei de falar. Como achava que poderia explicar? Não era nem uma coisa que eu quisesse explicar.

Só então, olhei pelas paredes de vidro da sala, e meus olhos viram alguém familiar do outro lado do andar. Alguém com que, depois dessa informação recente, eu estava desesperada para falar.

— Desculpe. Pode me dar licença? Vi alguém com quem preciso conversar.

Peguei minhas pastas e passei rápido por Tom, saindo correndo no corredor para alcançar Donovan. Ele tinha desaparecido na curva e, quando o segui, vi que ele pegara o elevador. Olhava para cima enquanto as portas começavam a se fechar.

— Espere — gritei.

Seus olhos encontraram os meus, entretanto, ele não segurou as portas.

Mastiguei o lábio por muitos segundos, tentando não tirar conclusões precipitadas. Donovan não era transparente, e havia muitas possibilidades do que estava se passando em sua mente. Mas eu tinha que consertar isso. Queria conversar com ele sobre Tom Burns, e queria saber, com certeza, se ele estava me evitando.

Peguei o próximo elevador, fui para minha sala e liguei para a secretária de Donovan na linha da empresa.

— Posso saber, por favor, quem está falando? — Simone perguntou depois de eu pedir para conversar com ele.

— Sabrina Lind, do Marketing.

— E qual é o assunto?

— Gostaria de falar com ele sobre um funcionário de meu departamento. — Ele estava no comando de Operações. Se não conversava comigo sobre nosso não-relacionamento, deveria, pelo menos, falar comigo sobre trabalho.

— Espere só um segundo, por favor.

Esperei vários longos segundos, batendo o pé, nervosa com a música de espera da empresa, dos anos noventa.

Em certo momento, Simone retornou.

— O sr. Kincaid perguntou se falou com o RH sobre o assunto.

— Não falei com o RH, não — soltei. — Não é um assunto para o RH. É um assunto para o sr. Kincaid, te garanto. — Eu sabia que Simone só estava fazendo seu trabalho, mas estava ficando brava, e era ela que estava me impedindo de falar com a pessoa com quem estava brava.

— Claro, srta. Lind. Só um instante, por favor. — A espera foi mais curta dessa vez. — Posso marcar uma hora para a senhorita falar com ele, se quiser.

— Sim, por favor. — Finalmente!

— O próximo horário vago dele é na quinta às duas.

Meu peito se apertou.

— Não tem nenhum mais rápido? Tudo de que preciso é uma ligação. Pode falar diretamente para ele que só preciso de alguns minutos com ele?

— Sinto muito, srta. Lind. Já falei. Ele disse para lhe dar o primeiro horário disponível.

— Esqueça. — Desliguei antes de ela ter a chance de responder.

Bom, lá estava minha resposta. Donovan estava, definitivamente, me evitando. Eu sabia que ele era um cretino, mas isso tinha ido longe demais.

Eu me recostei na cadeira e belisquei o canto interno de meus olhos, me recusando a chorar no trabalho. Podia entender por que ele queria me tratar como qualquer outro funcionário, me fazendo esperar até ter um horário vago em sua agenda para não parecer que eu tinha tratamento preferencial. Mas com certeza isso não parecera uma preocupação no dia em que entrei e deixei que ele enfiasse o pau em minha garganta. Por que agora, de repente, ele estava interessado em seguir o protocolo?

Brincar com meus sentimentos no quarto era uma coisa. No escritório, era uma história completamente diferente. Principalmente quando eu tinha

muito mais a perder do que ele.

Na verdade, ele não tinha nada a perder.

Será que era por isso que era tão fácil para ele me ignorar?

Qualquer que fosse o motivo — se era porque ele queria jogar ou me ensinar uma lição ou porque estava cansado de nosso lance —, não importava.

Eu tinha me cansado dele.



CAPÍTULO 21

Na noite seguinte, corri para casa depois do trabalho a fim de vestir algo apropriado para a Think Expo. Tom e seu time não precisavam de mim, mas eu queria mostrar meu apoio e me certificar de que tudo corria como planejado. Escolhi um simples tubinho preto e saltos com tiras e segui para o Distrito Financeiro.

Peguei um táxi para o hotel e segui as placas para a Expo, que estava acontecendo convenientemente nos salões de festa do primeiro andar. O dia todo, inovadores tinham apresentado novas ideias no mundo da tecnologia para investidores e entusiastas da tecnologia. Um coquetel no salão fechou a noite. O corredor levando ao evento tinha os maiores expositores demonstrando seus produtos. TVs enormes competiam por atenção dos convidados vestidos em smokings e vestidos chiques conforme seguiam para a festa. Nosso cliente estava entre esses competidores.

Encontrei a exibição de SummiTech com bastante facilidade, a produção ousada de mídia facilitou chamar minha atenção para o estande deles. Funcionários da empresa entregavam panfletos e falavam com convidados que passavam. Vi alguns membros do meu time de lado a fim de monitorar a situação e fui até eles para garantir que tivessem levado material de marketing suficiente e para ter um feedback inicial dos itens que Reach havia criado.

Depois de estar satisfeita que o evento estivesse tranquilo e de que tudo que tínhamos pensado estivesse dando certo, comecei a procurar Tom.

— Aqui está você — eu disse, quando o vi dentro do salão com uma taça de champanhe na mão. — Estava te procurando.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Estou encrocado?

— Claro que não. Vi a apresentação de SummiTech ao entrar. O estande estava ótimo. Como acha que está indo?

Seus ombros relaxaram visivelmente.

— Falei com Munns há uns quinze minutos, e ele estava bem feliz, então diria que está indo bem.

— Excelente. — Roberto Munns era nosso cliente, o CEO de SummiTech. — Contanto que ele esteja feliz, então Reach deve ficar feliz.

— É exatamente por isso que estou bebendo. — Tom ergueu sua taça para enfatizar. — Deveria se juntar a mim.

Uma taça de champanhe não era uma má ideia. Tinha sido um longo dia. Corrigindo: tinha sido uma longa semana. Por mais que minha carga de trabalho estivesse sendo bem flexível, um estresse mental e emocional tinha acabado comigo, e eu queria uma fuga.

Álcool não era o tipo de fuga que estava esperando, porém, já que eu tinha banido meu não-relacionamento da minha vida no dia anterior, tinha que fazer o que podia.

— Definitivamente, vou me juntar a você se conseguir encontrar um garçom. — Olhei o salão, procurando o garçom mais próximo.

— Vou encontrar um. — Tom, que era muito mais alto do que eu, mesmo que eu estivesse de salto, fez sua própria busca. — Eu não sabia que Kincaid estaria aqui.

Meu coração parou.

— Ele está?

— Acabei de vê-lo conversando com aquele cara da Hudson Pierce.

Assim que me virei, eu o vi. Era impossível não vê-lo. Obviamente, ele tinha vindo direto do escritório porque ainda estava usando a mesma roupa de quando o tinha visto do outro lado do corredor mais cedo. E, droga, ele estava lindo. Donovan Kincaid usava um terno melhor do que uma sala cheia de homens em smokings.

O que não era bom, considerando minha resolução de me cansar dele.

De repente, queria ter escolhido uma roupa melhor. Preto era tão entediante. Não tinha nem adicionado joias. Minha lingerie era bonita, mas nada chique.

E nada disso importava porque não iria dormir com ele.

O que ele estava fazendo ali, afinal? Não tinha motivo para alguém do nível dele participar desse tipo de coisa em nome da Reach. Ele nem estava vestido para o evento. Obviamente, tinha vindo de última hora. Será que algo tinha dado errado? Ele veria como meu time estava?

Estava ali por mim?

— Oh, Deus.

Virei as costas para ele. Não conseguia diminuir o frio na minha barriga. Eu queria que ele estivesse lá por mim, apesar de tudo que me fizera passar, e não somente isso estava me agitando para o pior tipo de decepção naquela noite, mas também para o pior tipo de decepção em muito tempo.

Eu tinha que sair dali.

— Me faça um favor? — Depois de nossa conversa do dia anterior, eu tinha quase certeza de que Tom me ajudaria. — Se ele perguntar de mim, diga que não me viu.

Eu já estava mapeando mentalmente minha fuga. O salão era pequeno, e eu tinha que passar por Donovan para chegar às portas da frente, porém tinha que ir por esse caminho porque o armário de casacos era no fim do salão.

— Sim. Claro. Mas... — Como fez no dia anterior, a voz de Tom se encheu de preocupação. — Tem algum problema em que precisa de ajuda?

— Não. Juro. E você é ótimo por perguntar. Só, como eu disse, Donovan e eu temos um... — Busquei uma palavra que não fosse *relacionamento*. — Uma convivência complicada, e só não estou no clima de lidar com ele esta noite, então vou sair de fininho antes que alguém me veja.

— Ah. Entendi. Já tive uma dessa também. — Ele ergueu a taça de champanhe de novo, porém, desta vez, ele deu uma batidinha no dedo onde usava a aliança, indicando que a paquera com sua mulher tinha sido *complicada*.

— Acho que entendeu errado — eu disse, indignada pela conclusão a que ele chegara. — Donovan e eu mal somos amigos.

— Entendi, Sabrina. — Mas ele estava sorrindo como se guardasse um segredo. — Agora vá antes que ele te veja.

— Ok. Obrigada, Tom.

Ainda incerta quanto a passar a impressão errada ao meu funcionário, hesitei por mais um instante. Então pensei em minhas prioridades e saí.

Saí apressada, uma mulher com uma missão, passando pelo corredor de exposição o mais rápido que conseguia para chegar ao armário dos casacos. Felizmente, não havia ninguém na fila quando cheguei, e consegui apresentar meu ticket e sair de lá rapidamente. Mas, assim que me virei, vi que Donovan também tinha saído da festa.

Ele ainda não havia me visto, mas eu não conseguiria passar pela entrada principal do hotel sem cruzar seu caminho, então entrei em um corredor menor depois do armário de casacos e descobri uma porta lateral. Abri para sair e me vi em um beco.

Perfeito.

Exceto por, assim que a porta se fechou atrás de mim, perceber como o beco era escuro e estreito e me arrepender imediatamente da decisão de ter ido por ali. Voltei e coloquei a mão na maçaneta da porta. Estava trancada. Claro.

Suspirei, me repreendi por não ter meu spray de pimenta e olhei para ambos os lados, buscando a melhor forma de chegar à rua principal. Havia muitas latas de lixo encostadas na parede de um lado de mim, mas a luz da rua parecia estar do outro lado.

Comecei a caminhar passando pelas latas de lixo.

Algo se agitou no chão à minha direita — tipo o vento soprando uma lata de refrigerante ou algum objeto, mas era misterioso, mesmo assim. Apertei mais meu casaco no corpo e andei mais rápido. Mais sons atrás de mim imploraram minha atenção. O som de uma porta? Passos? Minha imaginação sendo fértil?

Estava assustada demais para olhar.

Não, havia alguém atrás de mim, definitivamente.

Os passos ficaram mais altos e mais próximos. Apressei meu ritmo, mas meu pé se prendeu em uma rachadura no chão e, assim que comecei a cair, alguém me segurou pela cintura.

Inspirei fundo, preparando-me para gritar.

— Que porra está fazendo? — Donovan perguntou grosseiramente antes de eu conseguir emitir som.

— Ah, meu Deus, é você. — Desabei em seus braços, aliviada por ver que meu perseguidor era alguém familiar.

— Mas poderia não ter sido — ele disse rudemente. Seu aperto em mim era carinhoso e possessivo ao mesmo tempo. Seus dedos se enfiaram em minha cintura como se tivesse se esforçado para me alcançar. Ou como se não quisesse soltar.

Foi bom.

Muito bom.

Então me lembrei de tudo durante a semana. Como ele tinha sido um cretino completo. Como eu tinha jurado que estava cansada dele.

— Mas era você. Então me solte. — Saí dele, sentindo sua falta instantaneamente.

— Sério, Sabrina. O que estava pensando ao sair aqui sozinha? Se quisesse ser estuprada, poderia simplesmente ter me ligado. — Mesmo com as palavras provocativas e sombrias, sua fala foi um sermão.

— Na verdade, eu não podia. Já que não está atendendo minhas ligações nem respondendo minhas mensagens. Se me der licença, vou... — Comecei a me virar, porém ele segurou meu braço, enfiando os dedos em minha pele de maneira dolorosa, mesmo através do tecido grosso de meu casaco.

— Você não vai a lugar nenhum sozinha. — Seus olhos estavam pretos no beco escuro, seu tom era derradeiro.

Arranquei meu braço dele. Depois de uma semana me evitando, agora ele iria me dar seus dois centavos? De jeito nenhum.

— Você não pode me falar o que fazer.

Ele colocou as mãos nos bolsos de seu casaco e zombou.

— Não sei, não. Tenho uma calcinha em meu criado-mudo que diz o contrário.

Encarei-o, incrédula, por meio minuto. Nada disso era sério para ele. Era apenas como na faculdade, quando ele fodeu minhas notas para sua própria

diversão.

— Seu maldito cretino, Donovan — chiei. — Não fale comigo. Não encoste em mim. Não se dirija a mim no trabalho.

Ele semicerrou os olhos.

— Você está muito brava. Está me fazendo desejar te foder.

A fúria fervilhava dentro de mim. Antes de pensar no que estava fazendo, minha mão voou para lhe dar um tapa.

Ele foi rápido demais. Segurou meu antebraço antes de eu chegar à sua bochecha. Um sorriso se abriu diabolicamente em seu rosto.

— Guarde isso para o quarto. Gosto quando você luta.

— Isso não é uma preliminar! — Tirei minha mão. — Pode ter suas regras de não-relacionamento, e vou segui-las, mas não pode me ignorar como se eu não fosse nada e ainda esperar que me jogue em seus braços no minuto em que estiver no clima.

— Não espero isso. Prefiro que você rasteje.

Não havia nada a dizer. Ele não estava ouvindo. Nunca ouvia ou, quando ouvia, não se importava. Palavras não significavam nada para ele. A única coisa com que ele se importava eram seus malditos jogos.

Com os olhos queimando, virei de costas para ele mais uma vez.

— Sabrina, você não vai sair andando daqui sozinha. — Ele seguiu bem atrás, no entanto, quando tentou me segurar, tirei a mão.

Eu o ouvi suspirar.

— Não estava te ignorando.

— Até parece que não — resmunguei, irritada por ele ter me provocado. Mas continuei andando, apenas a metros da rua agora.

— Não estava te ignorando *exatamente*. Eu tinha um prazo enorme nesta semana. Exigia toda minha atenção.

Não consegui me conter. Por mais que estivesse brava, por mais que estivesse cansada dele, não consegui me impedir de reagir. Era isso que ele fazia comigo — era isso que sempre fazia comigo —, ele me fazia *sentir*.

Girei para encará-lo.

— Então aja como uma pessoa decente... lembra de como disse que nós dois éramos? E você só perderia dez segundos para explicar isso para mim em uma porra de uma mensagem.

Antes de ele poder falar alguma coisa, virei-me de volta e continuei a ir até a rua.

Mas, desta vez, Donovan me segurou, envolvendo ambos os braços em mim por trás. Lutei com determinação, dando cotovelada nele.

— Jesus Cristo, Sabrina — ele exclamou, me apertando. — Pare!

Briguei por mais segundos depois me rendi, me odiando por desistir tão facilmente. Contudo, eu não era páreo para sua força, e quanto mais ele me segurava, mais eu adorava a sensação de seus braços firmes, e a maneira como ele pressionava o corpo duro em minhas costas, pressionando a cabeça na minha.

— O quê? — perguntei, despedaçada. — O que tem a dizer?

Ele expirou, sua respiração aquecendo meu pescoço, sua boca em minha orelha.

— Você me distrai — ele disse baixinho, honestamente. — Se eu passar algum tempo com você, não consigo me concentrar por dias. Você enviou aquela foto da sua bocetinha linda, e não consegui olhar para meu celular a semana inteira sem ficar duro. Te evitei porque foi o único jeito que soube como lidar com você.

Fechei os olhos e absorvi suas palavras, deixei que elas se acomodassem entre os fatos que eu já tinha, as coisas que havia decidido que eram verdades, as coisas que desejava que fossem verdade e as coisas que ele dissera que eram verdade antes, mas não conseguia criar um padrão que fizesse sentido.

Não conseguia fazer essas palavras significarem o que eu tinha quase certeza de que ele estava dizendo e ainda lembrar do que ele dissera no passado.

E essas eram as palavras que eu queria que significasse. Mais do que eu pensara.

Temendo dar o passo errado, temendo entender errado, disse a ele:

— Não sei o que está me falando no momento.

— Estou falando para vir para casa comigo.



CAPÍTULO 22

O carro de Donovan estava no estacionamento do hotel. Não era o carro em que seu motorista normalmente me levava. Era um Tesla prateado. Não podia dizer definitivamente, já que eu sempre estava no banco de trás do outro, mas tinha praticamente certeza de que este era o carro mais moderno e sofisticado em que já entrei, e ver Donovan manejá-lo de maneira experiente pelas ruas da cidade era cativante e esplêndido.

Andamos em silêncio, a energia entre nós era elétrica e perfurante, tornando doloroso ficar sentada. Meus seios doíam. Minha boceta latejava. Minha pele queria tocar e ser tocada, meu corpo queria ser fodido, arrasado, machucado e jogado.

Ainda tinha raiva dentro de mim. E dor. Eram sentimentos fortes que pesavam em minha excitação, e precisavam sair. Donovan tinha jurado, sem palavras, dar um alívio quando me convidara para ir para casa com ele, e a ansiedade crescia exponencialmente a cada segundo que passava.

Conforme seguíamos em direção a Midtown, a ansiedade levou meu cérebro ao modo pensativo. Fiquei pensando em coisas triviais, como: será que ele só tinha um motorista para as mulheres com quem ele não queria lidar ou às vezes ele mesmo usava esse serviço? E onde guardava os carros?

Havia muitas coisas que eu não sabia sobre Donovan Kincaid. Tantas coisas que eu queria saber e, mesmo assim, não precisava saber. E, se eu soubesse, perderia a atração? Conhecimento bania o medo. Se o entendesse, será que perderia o medo que me atraiu nele em primeiro lugar?

Já sabia a resposta, e era quase tão assustadora de encarar quanto a pergunta.

Porque, dentre os pensamentos banais, outros vinham, mais vagos quanto à forma e mais pesados. Pensamentos de como as coisas que eu sentia sentada ao lado dele, no momento, eram mais amplas e profundas do que luxúria e desejo. Elas não paravam no que já compartilhávamos — o sexo selvagem, as fantasias indecentes. Aprofundavam-se em outras áreas. Ele tinha cuidado de mim no escritório. Tinha se preocupado comigo sozinha no beco escuro. Tinha ido lá esta noite por mim — eu tinha certeza apesar de ele

não ter dito isso. Eu *gostei* que ele tinha vindo por mim. *Gostei* que ele tinha se preocupado. Se de repente não o fizesse, eu ficaria magoada.

Donovan Kincaid tinha o poder de me machucar.

E não apenas com as mãos ou o jeito brusco com que tratava meu corpo — essas formas possíveis sempre me fascinaram. No entanto, ele também podia me machucar não se importando, podia me cortar mais profundamente. Podia deixar uma cicatriz em mim mais permanente. Percebia isso agora. E era aterrorizante.

Então ainda estava com medo. Ele ainda me assustava. Só que agora me assustava por diferentes motivos.

Em certo momento, paramos em frente a um edifício luxuoso em Upper Midtown chamado Baccarat. Eu nunca tinha ido ali, porém parecia ser um hotel. Uma pequena linha de decepção entrou na rede de emoções dentro de mim. Tive a impressão de que Donovan estava me levando para sua casa, que estávamos indo em direção a algo mais íntimo entre nós.

Mas não foi exatamente isso que ele havia dito.

Já estava acontecendo. Eu já estava me abrindo para ser machucada presumindo que estivéssemos nos tornando outra coisa além do que ele declarava de forma tão enfática que éramos.

Eu estava vulnerável demais.

O pânico começou a preencher e se contorcer em meu peito.

Deixamos o carro com o serviço de estacionamento e, conforme entramos pelo lobby chique, decorado com cristal, ele pegou minha mão na dele. Encarei nossos dedos entrelaçados, de repente consciente de como o ar estava denso em meus pulmões e como meu coração batia tão alto quanto meus saltos no piso de mármore. Após assentir para o porteiro, entramos no elevador. As portas se fecharam, e estávamos subindo quando percebi que não havíamos feito check-in.

O elevador parou no quinquagésimo sexto andar, e Donovan me levou para as portas da suíte quase que logo em frente. Solto minha mão para pegar um cartão-chave em sua carteira e abriu para mim.

Assim que passei pela soleira e ele acendeu as luzes, percebi que estava

enganada sobre a questão do hotel.

— Você mora aqui? — perguntei enquanto ele me ajudava com o casaco.

Não o deixei responder e já fui para as janelas do teto ao chão do outro lado do espaço aberto atrás dele. Era um residencial luxuoso, não um quarto de hotel. O espaço principal era branco e grande com uma lareira enorme, pouco mobiliado com poltronas e uma sala de estar. O piso era de madeira escura coberto de tapetes chiques.

Mas o ponto alto era a vista. Mesmo no escuro, podia ver que as janelas emolduravam o Central Park perto dali.

O lugar era chique e masculino e, apesar de eu ter esperado que Donovan tivesse mais preto em sua cartela de cores, sabia que era a casa dele antes que respondesse.

Ele respondeu de qualquer forma.

— Sim. Moro aqui.

Ele morava ali. Aquelas eram suas janelas, suas poltronas. Era a vista dele. A lareira era dele.

Analisei mais o apartamento. Havia uma sala de jantar formal no lado oposto ao espaço principal, e a cozinha vinha depois. Uma escadaria levava ao piso superior onde imaginei que ficava o quarto. Não havia porta-retratos, mas havia algumas obras de arte decorando as paredes. Uma pintura impressionista de pinheiros ficava acima da lareira. Uma tela em óleo, abstrata, de lírios d'água alaranjados preenchia a parede da sala de jantar.

As pinturas poderiam ter sido escolhidas por um designer de interiores, mas nenhuma delas eram o que eu imaginava para um homem como Donovan. E havia algo em cada uma delas — a solidão gritante dos pinheiros, a franqueza dos lírios —, algo em relação à sua honestidade que me fazia ter certeza de que ele mesmo as escolhera.

Não deveria saber isso sobre ele.

Não deveria saber algo tão íntimo sobre um homem com quem era para apenas transar.

Essas coisas o expunham, porém me faziam sentir que era eu a exposta.

Como se ele entendesse que quanto mais eu soubesse sobre ele, mais nutriria sentimentos por ele. E quanto mais nutrisse sentimentos por ele, mais ele poderia usar minhas emoções como seu brinquedo.

Meu coração começou a acelerar. Minhas mãos começaram a suar. Eu queria fugir. Queria ficar. Precisava escapar, mas precisava dele também — com cada parte de meu ser, precisava dele. Precisava que ele me preenchesse, me fodesse, me abaixasse e me partisse, e, oh, iria doer quando o fizesse.

Precisava fugir.

Eu me virei e o vi parado atrás de mim, observando enquanto eu analisava seu apartamento. Havia tirado o paletó e soltado a gravata. Seus olhos se estreitaram e brilharam, focados em mim como um coelho pela mira de um rifle. Como se ele conseguisse interpretar cada pensamento que percorria minha mente. Como se soubesse que eu queria escapar. Contudo, cada ruga em seu rosto dizia que estava determinado a não me deixar.

Deu um passo devagar em minha direção.

Dei um passo para trás como precaução.

Outro passo para longe dele. Nem foi um passo, foi mais uma hesitação.

Bati os calcanhares, pronta para sair correndo. Um vislumbre rápido de meus arredores dizia que eu não iria longe sem ele me pegar, o que não importava. Eu *queria* que ele me pegasse. Só... não conseguia mais ficar parada, não conseguia ficar congelada em sua armadilha enquanto o pânico, o medo, a luxúria e o desejo se apossavam de mim. Não conseguia ficar ali esperando que ele me pegasse. Precisava me mexer.

Então corri.

A adrenalina percorreu minhas veias conforme corri em volta da mesa de centro e passei pela poltrona. Ele estava bem atrás de mim enquanto eu corria pelo espaço aberto. Havia duas rotas na sala principal — uma que parecia levar à cozinha e a outra que levava ao segundo andar. Fui para as escadas.

Ele me seguiu praticamente de perto conforme dei a volta depois do primeiro lance. Avançou para me pegar, e sua mão segurou meu quadril, provocando um arrepio em mim, e caí.

Ele pegou, mas tentei fugir, meus dedos arranhando o tapete do degrau acima de mim. Não conseguia segurar direito, e seu outro braço envolveu minha cintura, me virando de costas conforme me arrastou para baixo por dois degraus para poder me colocar debaixo de seu corpo.

— Não pode fugir de mim — ele disse cruelmente, prendendo minhas mãos acima da minha cabeça.

— Vá se foder — soltei. Eu não sabia como tinha tanta certeza de que ele sabia que isso era um jogo, mas tinha. Tanta certeza quanto que ele sabia que parte disso também era real.

— Não se preocupe, você vai.

Com um joelho apoiado no degrau ao meu lado, ele segurou meus punhos com apenas uma das mãos para poder começar a erguer meu vestido.

Minha boceta latejava de ansiedade. Ele estava tão perto de me tocar ali, e estava tão devagar.

Mas esse jogo exigia que eu lutasse da melhor forma.

Eu me chacoalhei de novo, exatamente como fiz na faculdade quando nos enfrentamos em seu escritório. Dessa vez, tentei descer, mas ele segurou meu cabelo e o puxou tão forte, que gritei enquanto caía com força de costas na escada.

Automaticamente, sua mão veio cobrir minha boca. Fechou-a com firmeza. Exatamente do mesmo jeito que Theo cobriu minha boca quando tentara me estuprar.

A lembrança física do ataque de Theo era tão vívida, tão recente em minha memória, que era difícil diferenciar Donovan e a lembrança. Meu coração acelerou como se eu estivesse realmente sendo estuprada, minha garganta se apertou, mas todo lugar que tocávamos estava pegando fogo, queimando com desejo e excitação. Minha calcinha estava molhada. Meus mamilos estavam dolorosamente eretos.

Donovan ficou rígido, e me preocupei de que ele fosse parar. Principalmente quando tirou a mão de minha boca. Eu já estava preparando todas as coisas para falar para ele continuar.

— O quanto quer que eu te machuque? — ele perguntou.

Nossa, quase gozei. Ele *sabia*. Sabia que isso era excitante, que isso trazia lembranças difíceis, mas sabia que eu ainda queria jogar.

— Quer que eu te fale para parar? — Nunca falaria para ele parar. Eu tinha certeza de que aguentaria o que ele quisesse me dar.

Ele se abaixou sobre mim para eu poder sentir sua ereção, gostosa e dura contra minha pélvis.

— Quero que *implore* para eu parar.

Um arrepio percorreu meu corpo.

— Palavra de segurança, então.

Eu nunca tinha usado uma palavra de segurança. Nunca nem tinha pensado em uma. Em todas minhas fantasias, nunca foi necessário, e não era como se eu tivesse pensado que jogaria esses jogos de verdade.

Mas eu conhecia o conceito. Só precisava escolher uma palavra — qualquer uma —, a primeira que viesse à mente, que normalmente não falaria em uma situação sexual. No entanto, sob pressão, as coisas em que meu cérebro pensava eram esquisitas. Talvez fosse porque a cena lembrava muito do passado. Talvez fosse por isso que minha mente finalmente parou naquela palavra.

— MADAR — eu disse com firmeza.

Sua mandíbula se flexionou, mas, além dessa leve mudança de expressão, ele não se moveu.

— Donovan?

Ele ficou paralisado.

— Por que escolheu essa?

Claro que ele não sabia como a fundação MADAR tinha tirado minha bolsa de Harvard. Poderia nunca ter ouvido falar na fundação. Ele nascera com riqueza e privilégio e não precisava dos serviços de tal organização.

Até parece que eu iria explicar agora.

— É uma longa história. É o motivo pelo qual não pude voltar a Harvard. É uma palavra que significa “fim” para mim. — Tudo que

importava era que eu não iria dizê-la sem querer dizer mesmo.

Ele continuou me olhando estranhamente, sem se mexer para continuar.

— Só... continue.

Ele ainda não se moveu, como se estivesse perdido em pensamento ou analisando minha escolha de palavra de segurança.

Eu me remexi debaixo dele.

— Por favor, Donovan!

De forma abrupta, ele se movimentou. Colocou a mão de volta em minha boca, mais forte e mais firme do que antes.

— Se não puder falar, estale os dedos. — Seu tom era cruel e frio agora. — Estale agora para me mostrar que entendeu, mas, assim que o fizer, isso começa. Entendeu?

Nem hesitei. Apenas estalei os dedos.

Imediatamente, ele recomeçou de onde parou. Ergueu a mão sob meu vestido, indo na direção de minha boceta. Apertei as coxas, tentando negar-lhe o acesso, mas ele conseguiu chegar onde queria com facilidade. Assim que conseguiu segurar a parte da frente de minha calcinha, torceu-a forte e puxou, fazendo o cós dela cortar dolorosamente meu bumbum e, então, se rasgar. Jogou a calcinha arruinada por cima do ombro.

Putá merda.

Tinha sido tão primitivo e inovador de testemunhar que eu parei de lutar por um instante, indignada e excitada. Mas, então, comecei a lutar ainda mais, porque, por mais que fosse excitante ver sua força, também era exatamente o que me assustava.

Chutei. Balancei o quadril. Girei e arranhei. Todo meu esforço só o ajudou — meu vestido se acumulou na cintura, deixando minha boceta totalmente nua para ele. Seus olhos brilhavam na luz baixa da escada, como um animal. Como se tudo que ele conseguisse enxergar fosse o alvo, o prêmio que não era um ser ou uma pessoa, mas, sim, algo para dominar e foder.

E apesar de ser perverso e errado, eu adorava. E apesar de significar que

eu era doente e vergonhosa, eu abracei.

Fiz uma última tentativa de fugir quando ele me soltou para tirar a calça. No entanto, só consegui subir um degrau antes de ele subir em mim com seu corpo inteiro. Eu teria marcas pela manhã, sabia disso. Marcas que recebia e desejava. Quando ele foi abrir o zíper, foi mais esperto. Colocou um joelho em meu peito, me prendendo. Doeu. Não conseguia respirar. Fiquei zonz, como se fosse desmaiar.

Assim que ele tirou o joelho de cima de mim, inspirei ar desesperadamente. Entretanto, não tive muito tempo para me recuperar. Seu pau estava para fora agora — enorme e ameaçador —, e senti um pouco do medo que às vezes sentia em meus pesadelos, nos que Donovan não parava meu abuso, e era obrigada a encarar o pau horrível de Theo. Esses eram os piores pesadelos. Aqueles dos quais acordava suando frio. Aqueles que tinha que apagar com fantasias de Donovan me fodendo e me fazendo dele.

Exatamente como faria agora.

Eu estava com tanto medo e tesão, que não conseguia mais me explicar.

— Você quer isto — Donovan provocou do mesmo jeito ameaçador que Theo tinha me provocado. Ele esfregou a cabeça pela entrada dos meus lábios. — Garotas como você sempre querem.

Eu queria. De todas as formas que não quisera Theo, queria Donovan agora. Apesar de querer lutar contra ele até o fim.

Bati nele. Arranhei. Ouvi meu vestido rasgar. Flexionei os joelhos e os uni rápido, negando-lhe a entrada em meu buraco, mas ele enfiou os dedos em meus joelhos, separando-os. Da próxima vez que tentou, ergueu sua coxa entre minhas pernas e, então, colocou seu corpo no espaço que criou enquanto, de novo, segurava meus punhos nas mãos.

— Agora fique parada, cacete — ele rosnou, bravo e excitado. Com meus punhos presos, ele usou a outra mão para guiar seu pau à minha abertura e, então, empurrou de repente.

Eu estava tão molhada, tão excitada, tão envolvida na fantasia que tivera por anos, que gozei instantaneamente, a intensidade tirando meu fôlego. Ele entrou de novo conforme a força de meu orgasmo tentava expulsá-lo. Ele continuou investindo com uma determinação agressiva, lutando contra meu

corpo se apertando em volta dele.

Assim que terminei, gozei de novo, meu corpo estremecendo conforme o segundo clímax me percorria.

— Nossa — ele disse, admirado. Forçou-se para dentro de mim mais uma vez, entrando mais fundo e com mais agressividade do que nunca.

Ele trabalhava tão rápido, que era irregular, implacável e enlouquecido demais para chamar de ritmo. Estava deitada quase totalmente parada, deixando-o me invadir do jeito que quisesse. Eu estava delirante, atordoada e já acabada, mas ainda tão sensível e excitada, que ele me deu mais dois orgasmos antes de ir mais devagar e, então, parar, esvaziando-se em mim com um grunhido longo.

Caiu em cima de mim com um barulho, como se toda sua energia tivesse sido usada. O peso dele era grande e bem-vindo, como um cobertor grosso de inverno, e, no conforto daquele momento, pensei se isso era o que teria acontecido naquela noite, se esse tivesse sido o resultado — se Donovan tivesse tentando me estuprar e tivesse conseguido —, seria que eu teria gostado igual? Isso teria mudado tudo sobre o que aconteceu na época?

O que isso queria dizer sobre mim? Significava que eu *queria* ser estuprada? Sabia que tinha uma diferença. Sabia que havia um motivo para minha fantasia não ser igual a realidade, mas, em minha alegria eufórica bêbada de orgasmo, não conseguia identificar em minha mente.

Contanto que Donovan estivesse deitado em cima de mim, eu não estava a fim de pensar nisso. Estava satisfeita. Protegida. Era vulnerável, mas apenas para ele.

Porém, ele não ficou ali por muito tempo. Após alguns minutos, rolou e ficou de costas ao meu lado, deitado ali encarando o teto até recuperar o fôlego.

— Sabrina? — ele perguntou em certo momento, virando de lado com uma urgência em sua energia.

Ele estava verificando, e eu sabia o que ele precisava ouvir.

— Estou bem.

Só que percebi que havia lágrimas escorrendo por meu rosto. Tinha

chorado um pouco durante nossa luta, mas essas estavam frescas. Assim que as reconheci, elas caíram ainda mais rápido, transformando-se, então, em rios.

Sem falar nada, Donovan se sentou e me pegou em seus braços, me embalando conforme os choramingsos se transformaram em soluços. Ele me deixou chorar assim, passando a mão em meu cabelo, desembaraçando os nós que ele criara, nem tentando me calar nem me questionar.

Eu não poderia ter explicado se ele tivesse perguntado, mas sabia que tinha a ver com Theo. Em parte, era porque ainda estava confusa. Confusa quanto ao que tinha de errado em mim ao querer que Donovan reencenasse essa coisa horrível que aconteceu comigo. Por que eu gostava quando ele era bruto, maldoso e animalesco. Por que me excitava tanto.

E, em parte, era porque realmente estava me lembrando de Theo. Meu corpo se lembrava dele de maneiras que minha cabeça não se lembrava. Meu medo se lembrava dele. Meu pânico se lembrava dele. E, por mais que eu não quisesse pensar nele enquanto estava com Donovan, eu pensava. Como poderia não pensar? Tinha nutrido e alimentado essa fantasia por muitos anos, e tinha ficado independente daquela noite. Mas as raízes ainda estavam enroladas com essa outra coisa — a coisa que Theo tinha plantado com seu abuso.

Contudo, não sabia como contar isso para Donovan.

Mas tinha que falar alguma coisa para ele. Então, quando me acalmei o suficiente para conseguir falar, eu disse:

— Eu queria isso. De verdade. Não estou chorando porque não queria.

— Eu sei. — Ele continuou acariciando meu cabelo.

Ergui o queixo de seu peito para olhar para ele.

— Como sabe disso?

Ele respirou suavemente e encontrou meus olhos.

— Porque sempre foi o que identifiquei em você.

— Porque está em você também? — Foi quase um sussurro. Quase como se eu mais esperasse do que acreditasse ser verdade.

Ele secou as muitas lágrimas de minha face antes de responder.

— É. Porque está em mim também.

Ficamos em silêncio de novo, eu encolhida em seu colo, minha cabeça debaixo de seu queixo. Acariciava, automaticamente, sua bochecha, sabendo que precisava começar a pensar em meu recompor. Não tínhamos o tipo de relacionamento em que eu poderia ficar. Não tínhamos o tipo de relacionamento em que ele ficaria me segurando.

Nem tínhamos um relacionamento.

Mas estávamos ambos nus e crus agora, embora ainda estivéssemos com a maioria de nossas roupas. Eu já estava crua. Quanto mais poderia ficar vulnerável?

— Não quero ir embora — eu disse.

Nem um segundo se passou.

— Não quero que vá.

— Ok — eu disse.

— Ok.



CAPÍTULO 23

Donovan me levou para cima para a suíte master com piso de madeira e uma parede inteira de janelas. A cama king-size ficava de frente para a vista da cidade e do Central Park. Havia uma lareira na parede mais distante, e uma cabeceira cinza atrás da cama, mas o resto era branco e claro como a sala principal do andar de baixo.

Mas o quarto não era nosso destino. Fui levada para o banheiro da suíte, onde ele abriu o chuveiro para mim. Enquanto me despia, ele pegou toalhas de um armário e as colocou no balcão.

— Demore o tempo que precisar — ele disse quando eu estava nua e a fumaça começou a enevoar o banheiro.

Queria pedir para ele ficar. Havia uma parte de mim que pensava precisar dele para me ajudar a me recuperar do que quer que estivesse acontecendo dentro de mim. E, pela maneira observadora com que ele me olhava, tinha a sensação de que uma parte dele também queria ficar. Ou pensava se deveria.

Mas não pedi. Porque não sabia o que estava se passando em sua cabeça no momento, e havia uma possibilidade de ele precisar de um tempo sozinho. Geralmente ele precisava depois de transar, afinal.

E talvez eu também precisasse de um tempo sozinha.

Sinceramente, eu não sabia *do que* precisava. Mas sabia que ainda não queria ir para casa, e estava grata por ele ter me dado um tempo antes de me expulsar, mesmo que fosse um tempo sem ele.

Perdi noção do tempo no banho. Perdi noção dos pensamentos. Não me preocupei em identificar meus pensamentos ou minhas emoções. Apenas deixei a água o mais quente que conseguia aguentar e fiquei debaixo do chuveiro, deixando a água me lavar até sentir que conseguia me mexer de novo. Então usei o shampoo e o sabonete líquido de Donovan, me lavei rapidamente e saí cheirando a ele, o que me fazia sorrir inesperadamente a cada inspiração.

Após me secar, percebi que meu vestido e sutiã não estavam lá.

Donovan devia tê-los levado para fora com ele quando saiu. Apertei a água de meu cabelo o máximo que pude e, com uma toalha enrolada no corpo, saí do banheiro para procurar Donovan e/ou meu vestido.

Encontrei Donovan primeiro, no quarto, olhando pela janela, um braço apoiado no vidro, um copo de uísque na outra mão, e, assim que o vi, o ar deixou meus pulmões. Ele tinha trocado de roupa, e agora estava usando uma calça esportiva escura que ficava solta abaixo de seus quadris, e mais nada. Seus pés e peito estavam nus, e eu não conseguia parar de encarar os quadradinhos de seu abdômen, os vales e curvas de seu bíceps e as linhas que formavam um V que desaparecia debaixo do cós de sua calça.

Era uma versão relaxada de Donovan. Desconfiava que era o mais relaxado que ele ficava. E tinha algo muito sensual nisso. Algo muito convidativo, íntimo e sedutor.

Vê-lo assim provocava coisas estranhas em meu corpo. Deixou meu sangue quente como se ainda estivesse no banho, me fez estremecer como se tivesse saído no frio.

Ele se virou quando abri a porta e me analisou enquanto eu o analisei. Provavelmente era eu quem deveria falar, agradecer pelo banho e tal, mas tinha me esquecido de tudo exceto da maneira como meu coração estava acelerado no peito.

Então foi ele quem falou primeiro.

— Se continuar me olhando assim, vou te sujar de novo.

Arrepios percorreram meus braços.

— Nunca te vi sem camisa. — Soava como uma adolescente tarada. Eu me sentia assim também.

Ele não pareceu se importar.

— Se eu soubesse que causaria essa reação, teria tirado a roupa antes — ele disse com um sorrisinho.

— Teria mesmo? — Eu tinha a sensação de que ele gostava do poder que lhe dava estar vestido quando eu não estava. Ou talvez fosse apenas eu.

— Provavelmente não. — *Foi o que pensei.* Ele apontou para uma pequena bandeja no divã. — Trouxe queijo e uvas. O que quer beber? Vinho?

Gim?

Fiquei boquiaberta por dois segundos. Tinha esperado sair do chuveiro e ser mandada para casa. Esse lado hospitaleiro de Donovan me surpreendeu. Me deixou extasiada. Quanto tempo significava que eu poderia ficar?

Com um olhar para o copo já em sua mão, respondi:

— Uísque, por favor.

Se ele ficou assustado com minha escolha, não deixou transparecer. Simplesmente sorriu.

— Então será uísque.

Colocou seu próprio drinque no criado-mudo, mas eu o fiz parar antes que desaparecesse do quarto.

— Onde colocou meu vestido?

— Pendurei. Pode pegá-lo mais tarde.

Então ele realmente não ia me expulsar... ainda.

Quando saiu do quarto, era eu quem estava sorrindo.

Observando suas roupas penduradas no encosto de uma cadeira ao lado da lareira, troquei minha toalha por sua camisa. Arregacei as mangas e peguei a bandeja de queijo e uvas e analisei o quarto para ver minhas opções para sentar. As cadeiras ficavam viradas para a lareira. Comer na cama de outra pessoa era brega.

Acabei escolhendo o chão ao lado da cama. O tapete se estendia de maneira que eu não estava sentada direto no chão, e esse era o melhor jeito de aproveitar a vista.

Donovan retornou alguns minutos mais tarde e pareceu um pouco surpreso em me ver ali. Me entregou minha bebida com a sobancelha erguida.

— Obrigada — agradei, pegando-a dele. Sem ele pressionar, me apressei para explicar minha escolha. — Queria olhar pelas janelas.

Aparentemente, esse não foi o motivo para a sobancelha erguida.

— Ofereci comida e bebida. Não ofereci roupas. — Apesar da forma

como ele me olhava agora, seu olhar viajando por minhas coxas nuas, não achava que ele se importava tanto assim.

— Você está vestido — eu o desafiei antes de levar uma uva à boca.

Seus olhos saíram dos meus e foram para meus lábios.

— Minha casa, minhas regras.

— Acho que vai ter que reforçá-las então. Porque estou bem confortável assim.

Sua mandíbula ficou tensa, mas ele não insistiu. Pegou sua bebida e se sentou ao meu lado, esticando as pernas compridas à frente.

Deus, aquelas pernas. Aqueles braços. Aquele corpo. Só sentar ao lado dele já me deixava louca de desejo. Fazia minha boceta pulsar com vontade e...

— Não usamos camisinha. — Não tinha pensado nisso até então. Rapidamente, minha mente mudou de luxuriosa para pânico.

Donovan, no entanto, permaneceu calmo. Pegou outra uva do cacho.

— Você toma pílula — ele disse antes de jogá-la na boca.

Eu *tomava* pílula. Não que já tivesse lhe contado. Mas gravidez não era o único motivo para se usar camisinha. Fiquei incomodada.

— E você presumiu...?

Ele inclinou a cabeça em minha direção.

— Você tinha uma palavra de segurança. Não usou.

Precisei pensar nisso por um minuto porque a questão era que não tinha pensado em me proteger enquanto transávamos. O que era esquisito. Nunca tinha feito sexo desprotegido.

Mas se eu *tivesse* pensado nisso, teria interrompido o jogo para falar para ele colocar?

Não. Não teria. Parte da fantasia era deixar Donovan fazer o que quisesse comigo. Deixá-lo me apossar de mim do jeito que quisesse. E, se ele não queria usar camisinha, então transaria comigo sem camisinha. Não era eu que decidia.

— Não quis usar a palavra de segurança — eu disse depois de pensar bem.

Ele me deu seu sorrisinho diabólico, aquele que dizia que sabia, o tempo todo, que eu chegaria a essa conclusão.

— Então por que está irritada?

— Não estou irritada. Só... — Parei de falar. Como deveria perguntar sobre DSTs? O ato tinha sido consumado. A única coisa que eu podia fazer agora era um exame. Envolvi meu copo com as mãos e dei um gole, tentando não pensar com quantas mulheres Donovan devia ter dormido sem camisinha anteriormente.

Os pensamentos entraram de qualquer forma, fazendo meu estômago se revirar. Doía pensar nele transando com outra pessoa, que dirá imaginá-lo sendo tão íntimo de alguém para não usar camisinha.

O que significava que eu não deveria estar pensando nisso.

Mas como poderia parar?

— Não faço sexo desprotegido há mais de dez anos — ele se voluntariou.

Minha cabeça se ergueu rapidamente para ver se ele estava brincando. Sua expressão dizia que não.

— Oh. — Desde Amanda, provavelmente. Ele tinha usado camisinhas com toda mulher com quem estivera desde sua noiva? Gostei de ouvir isso. Detestava o quanto.

— E — ele continuou — não transei com ninguém mais desde que você chegou na cidade.

Enquanto a primeira declaração tinha sido uma surpresa, essa outra foi um choque.

— Por quê? — perguntei com a voz fina.

— Você sabe por quê. — Ele me encarou com seu olhar. Inflexível. Sem desculpas.

Minha pulsação acelerou, e eu não tinha certeza se estava empolgada com suas palavras ou alarmada. Eu *não* sabia por que ele não tinha dormido

com mais ninguém. Tinha meus palpites e todos eram respostas perigosas para se pensar. Não se encaixavam no relacionamento Apenas Sexo, e isso tornava essa conversa arriscada. A coisa mais segura a se fazer era pedir para ele explicar, mas eu não estava pronta para ir tão longe nesse tópico.

Mas estava pronta para comer pelas beiradas.

— Também não dormi com mais ninguém — confessei.

— Eu sei. — Ele sorriu enquanto devorava um pedaço de queijo Gouda.

— Você é tão presunçoso.

— Sou observador. — Ele pegou a bandeja de comida, estendendo-a como se perguntasse se eu queria mais.

Declinei, confusa demais com o assunto.

— Consegue ver que não fiquei com mais ninguém? Como?

— Simplesmente porque consigo. — Ele se esticou para o divã, segurou uma perna e o arrastou até estar bem perto a fim de colocar a bandeja e seu copo agora vazio em cima.

Observei, tentando não babar conforme seus músculos das costas se alongaram e flexionaram.

— Como eu disse... presunçoso. — Confiante era mais exato. Convencido, até. Mas ele tornava isso sexy. Fazia com que eu quisesse tirar minha roupa apenas assentindo a cabeça.

Ou, neste caso, a roupa *dele*.

Ele retornou ao lugar ao meu lado, nossas costas apoiadas na cama. Nossos braços levemente se encostando conforme levei meu copo para mais um gole de uísque, e tive uma sensação de que o calor correndo em minhas veias tinha mais a ver com ele do que com a bebida. Apesar de eu mal estar comendo da bandeja de comida, me senti, de repente, estranha sem ela entre nós. Não tinha mais nada para “fazer”. Mais nenhum objeto para dar uma desculpa, e agora não havia nada para me distrair da tensão sexual que nos rodeava constantemente.

Se ele também sentia — eu tinha certeza de que sentia —, eu sabia que não iria deixar isso quieto por muito tempo; antes de decidir que essa noite

tinha acabado ou de que eu precisava estar debaixo dele. Donovan era um cara que tomava as rédeas, que era algo que admirava nele, e esperava ansiosamente que o fizesse.

Mas aquele filho da puta era tão paciente quanto o dia foi longo.

Com certeza, pareceu uma eternidade até ele se inclinar para mim e colocar a boca tão perto de minha orelha que conseguia ouvi-lo inspirar e senti a expiração em minha pele.

— Você está bem? — ele perguntou, palavras banais na voz mais sexy.

Mordi o lábio e apertei as coxas, como se isso pudesse amenizar o desejo entre as pernas.

— Estou.

Ele circulou o nariz na concha de minha orelha, não exatamente tocando-a, mas quase, provocando um calafrio na espinha.

— Com certeza vou te foder de novo, e vou precisar de uma resposta melhor do que essa.

— É meio difícil pensar em palavras mais complicadas quando fala essas coisas. Quando está tão perto.

— Deixe que eu conserte isso. — Ele encostou de novo na cama, e precisei me impedir de puxá-lo de volta para mim. A única razão de não fazê-lo, na verdade, foi porque ele estava com uma mão em minha lombar, equilibrando-me. — Mais cedo, tivemos o que certas pessoas podem chamar de sexo selvagem e, depois, você chorou em meus braços. Agora preciso saber... você está bem?

Ah. Ele estava falando de mais cedo.

Minhas faces coraram rapidamente. O quanto não era sexy uma mulher não conseguir aguentar o tipo de sexo que insiste em ter?

— Deus, isso é humilhante.

— Você me deixou te sufocar com meu pau, transou comigo para melhorar a nota e se sentou sem calcinha em um restaurante formal, e é *isto* que acha humilhante?

Isso me fez sorrir um pouco. Mais abaixo, sem ele saber, meu estômago

se contraiu. Eu tinha feito todas as coisas que ele mencionara, achando-as gostosas. Faria de novo em um segundo.

Mas o que tinha acontecido com Theo...

Eu nem sabia o que era mais constrangedor nisso. Que o abuso tinha acontecido, em primeiro lugar? Que eu tinha fantasias sobre ele? Que ainda pensava muito nele até hoje?

Coloquei meu copo no chão, flexionei os joelhos e pus as mãos no colo.

— Provavelmente ele nem se lembra de mim — eu disse, encarando minhas francesinhas. — Estava bêbado, e eu não era importante. Só uma ninguém de uma festa de faculdade que aconteceu há mais de dez anos.

— Está falando de Theodore Sheridan — Donovan disse baixinho.

O cabelo da minha nuca se arrepiou à menção do nome dele.

— É. Dele. — Donovan tinha o luxo de falar sobre ele sem seu sangue esfriar. Sem sua garganta ficar seca. — Sei que ele não pensa em mim quando anda por becos escuros. Não acorda suando frio comigo em sua mente. Não se preocupa por eu estar solta no mundo; por poder trombar em mim no banco, no aeroporto ou no Starbucks. Não tem medo de o procurar por um capricho, um dia, e tentar encontrá-lo.

Quase pesquisei sobre ele muitas vezes, mas sempre me impedia no fim. Só me daria algo novo para me ressentir, temer ou ficar preocupada, e desconfiava que não era saudável.

Mesmo assim, a restrição não me deixava *bem*. E talvez ele fosse o motivo verdadeiro pelo qual não insisti em voltar a uma boa faculdade depois que a fundação MADAR tirou minha bolsa. Porque ele não me deixou apenas com medo *dele* — me deixou com medo, ponto final.

Apoiei o queixo nos joelhos e me recusei a olhar para Donovan, determinada a não deixá-lo ver meus olhos lacrimejando de novo.

— Tenho certeza de que Theodore Sheridan não vive um único dia com medo.

Apesar de sua mão continuar em minha lombar, Donovan esteve quieto o tempo inteiro em que falei. Quando terminei, ele deixou alguns minutos de silêncio passarem antes de dizer, de maneira inflexível:

— Ele não vai vir atrás de você. Sabe disso, não sabe, Sabrina?

Dei de ombros.

— Sabrina? — Ele se inclinou para a frente, tentando me fazer olhar para ele.

Virei a cabeça e apoiei a face no joelho.

— Sei — respondi, forçando um sorriso. — Em minha cabeça, sei disso. É só que, às vezes, ainda parece que poderia acontecer.

— Ele não vai. Juro que não. — Buscou meus olhos, como se, caso procurasse bastante, conseguisse encontrar um jeito de me fazer acreditar. — Foi há anos, e Theodore Sheridan não vai procurar uma garota aleatória com quem ele cruzou em uma festa. Como falou, provavelmente ele nem se lembra de você.

Eram palavras duras. Eu era uma ninguém e fácil de esquecer. Entendi.

— Você está certo. Você está certo. Sei que está. Mas ele me deixou com medo. O tipo de medo que é muito profundo. Não se vai com facilidade, e aparece às vezes. Quando menos espero.

Eu me endireitei e enxuguei as lágrimas que escorreram de meus olhos.

— Então, estou bem. De verdade. O que fizemos esta noite apenas agitou esse medo e o trouxe à tona, mas não me arrependo, e faria de novo.

Corei, e dessa vez se espalhou por meu pescoço, não porque estava humilhada, mas porque tinha falado sobre o que fizemos. O jogo em que ele me obrigou a transar. O jogo que eu adorava.

A umidade se acumulou entre minhas pernas só de pensar nisso.

Tinha sido o melhor sexo da minha vida, e a única coisa que fiz foi chorar. Donovan, provavelmente, nem sabia o quanto eu tinha adorado.

Com as faces ainda vermelhas, olhei de lado para ele.

— Eu *quero* fazer de novo. Não agora. Não sempre. Mas definitivamente. Foi tudo que imaginei que seria. Mais, na verdade. Desculpe por ter arruinado.

Com o lábio se erguendo de forma maliciosa, ele me garantiu:

— Acredite em mim, você não arruinou.

Fiquei fixada em seu olhar, e percebi que ele me pegara. Realmente me pegara. Como um inseto preso em uma teia. De fora, parecia muito mais tênue e frágil esse efeito. Como se chegar perto dele fosse arriscado porque não prejudicaria a longo prazo, pois eu conseguiria me soltar. O que era uma teia, de qualquer forma, além de meros fios?

Mas eu estava em sua armadilha agora. Presa. E esse efeito não era nada frágil. Eu não iria a nenhum lugar até ele me libertar. A qualquer momento agora ele o faria — decidiria que não estava mais interessado em se deliciar com sua presa capturada e me libertaria de sua teia. Mas eu tinha me enrolado demais para sair sem me machucar. Minhas asas se rasgariam e quebrariam. Eu ficaria destruída.

Em um impulso, subi em seu colo, montando nele. Ele ergueu os joelhos atrás de mim, criando um assento natural. Maravilhada com a maciez de sua pele, passei as mãos nos picos firmes em seu peitoral e desci pelos quadradinhos planos de seu abdome.

— Você também me assusta — sussurrei. Um calafrio correu por minha espinha conforme seu pau se enrijeceu debaixo de mim.

Ele passou um único dedo em meu decote até a base de minha garganta. De leve, ele pressionou minha traqueia.

— Gosto disso.

— Mas é diferente.

Ele continuou subindo os dedos por meu pescoço até chegar em meu queixo. Ali ele parou e esfregou o polegar de um lado a outro por meu lábio inferior.

— Porque detive Theo? Não significa que sou *menos mau*.

— Porque eu quero que me assuste, e sabe disso. Porque o jeito que é mau combina com meu jeito. — Suguei forte seu polegar.

— Você não é maldosa — ele gemeu. Tirou o polegar molhado de meus lábios e colocou sua mão firmemente em minha nuca para poder me puxar para baixo para ele.

— Então vocês também não são — consegui falar antes de sua boca se

grudar na minha.

Nossos lábios brincaram um com o outro. Nossas línguas se enrolaram. Ele mergulhou a língua em minha boca, perdendo-se atrás de meus dentes. Me machucou com a pressão de suas mordidas em meu maxilar.

Ele estava satisfeito em apenas me beijar assim por um bom tempo. Bom, não *apenas* beijar. Minha camisa — a camisa *dele* — sumiu imediatamente, e suas mãos subiam e desciam por meu corpo. Por todo lugar. Apertando meus seios. Beliscando meus mamilos. Brincando com a fenda na minha bunda.

Eu o toquei o máximo que consegui em troca, passando as mãos em seu tronco e empurrando os quadris em sua ereção crescente. Mas o que mais fiz foi segurar em seu pescoço o tempo todo. Porque, embora não fosse a primeira vez que o beijava, montava nele ou enfiava os dedos em seu cabelo, era a primeira vez que eu estava realmente consciente do que fazia. Que, independentemente do que Donovan queria que isso fosse, eu não estava apenas transando com ele. Isso não era um não-relacionamento. Não para mim.

E, enquanto eu não sabia mais o que ele queria ou o que viria em seguida, tinha certeza de que precisava segurar.

Em certo momento, ele apertou os braços em volta de mim e se levantou. Envolvei as pernas nele, travando os tornozelos em sua cintura. Sem interromper o beijo, ele me carregou para a cama e me deitou nela. Desamarrou os cordões de sua calça, e eu fiquei de joelhos para dar uma boa olhada quando ele a jogou no chão.

Nossa, ele era grande.

Eu já tinha visto seu pau. Lógico que já.

Mas, de alguma forma, vê-lo totalmente nu, com as coxas firmes sendo um fundo de dar água na boca para a peça central, fazia sua ereção parecer ainda maior e pesada e mais considerável do que antes.

Lambi meu lábio inferior. Seus olhos brilhavam, as manchinhas verdes se enfatizando com satisfação pelo jeito que eu o olhava. Com meus olhos grudados nos dele a cada movimento, ele envolveu a mão em seu membro e o puxou para cima.

— Por favor — implorei com a voz trêmula, e nem sabia pelo que estava implorando, mas Donovan sabia do que eu precisava.

Sem falar nada, ele me colocou de lado e se aconchegou atrás de mim. Imediatamente, senti falta de poder vê-lo, mas qualquer objeção que eu tinha em relação à sua posição escolhida foi engolida quando ele ergueu meu queixo em sua direção e devorou minha boca ao entrar em mim inteiro e lentamente.

Ele me fodeu em um ritmo preguiçoso, saindo totalmente até a cabeça, depois mergulhando fundo de novo. Muito fundo. Até as bolas. Meus nervos cantarolavam pela intensidade, mas meu orgasmo não conseguia chegar com essa velocidade. Era luxuriosamente torturante.

Logo, Donovan deitou de costas, puxando-me com ele para eu ficar perto de seu peito. Era mais difícil beijá-lo assim, mas ele tinha acesso total ao meu corpo, e se aproveitou disso, brincando com meus seios e acariciando meu clitóris em círculos preguiçosos, me levando mais perto e mais perto e mais perto do clímax...

— Não goze — ele comandou.

— Eu preciso. Estou muito perto. — Já estava no limite.

— Não, Sabrina. Falo sério. — Seus dentes se enfiaram em minha orelha, um alerta.

A névoa em minha volta amenizou um pouco para eu pensar.

— Então pare de me tocar assim.

Ele ainda estava massageando meu clitóris, ainda provocando meu mamilo com a outra mão.

— Aham.

A tensão continuou a se formar como uma panela de pressão. Tentei me sentar, tentei desviar a atenção, mas ele me segurou no lugar.

— Não é justo.

— Minha casa, minhas regras. Lembra?

— Ah, porra — gemi quando seu pau atingiu um ponto sensível em particular. — Eu... Nossa. Não consigo.

— Vai conseguir.

Sem me contar quais seriam, eu sabia que minha desobediência teria consequências.

E eu queria obedecê-lo, por qualquer que fosse o motivo.

Porque estava na cama dele.

Porque o deixaria feliz.

Porque era natural.

Então lutei contra a tensão crescente, mesmo quando Donovan tornou cada vez mais impossível, aumentando o ritmo de suas investidas, pressionando mais forte em meu clitóris.

O tempo todo ameaçava em meu ouvido.

— Não, Sabrina. Não ouse gozar. Não ouse. — E ele também pode ter dito *Não ouse se apaixonar por mim*, porque logo percebi que também não fazia sentido. Tudo que ele fazia estava levando a isso. Tudo que ele fazia estava me pressionando cada vez mais e, em certo momento, para onde eu iria? Em certo momento, eu iria...

— Agora — ele rosnou.

... me apaixonar.

Simples assim, com esse comando, meu orgasmo me rasgou, me fazendo girar, girar e girar — descontrolada e frenética. Rodar tão rápido, que fiquei tonta da alegria eufórica e caótica.

Ele estava bem ali comigo, grunhindo seu clímax em sintonia com o meu. Nós dois, unidos fisicamente, mas vivendo nosso próprio êxtase separado como se fôssemos duas galáxias em espiral girando uma na outra em harmonia.

Foi lindo. E perfeito. E muito mais do que qualquer coisa que tínhamos compartilhado antes.

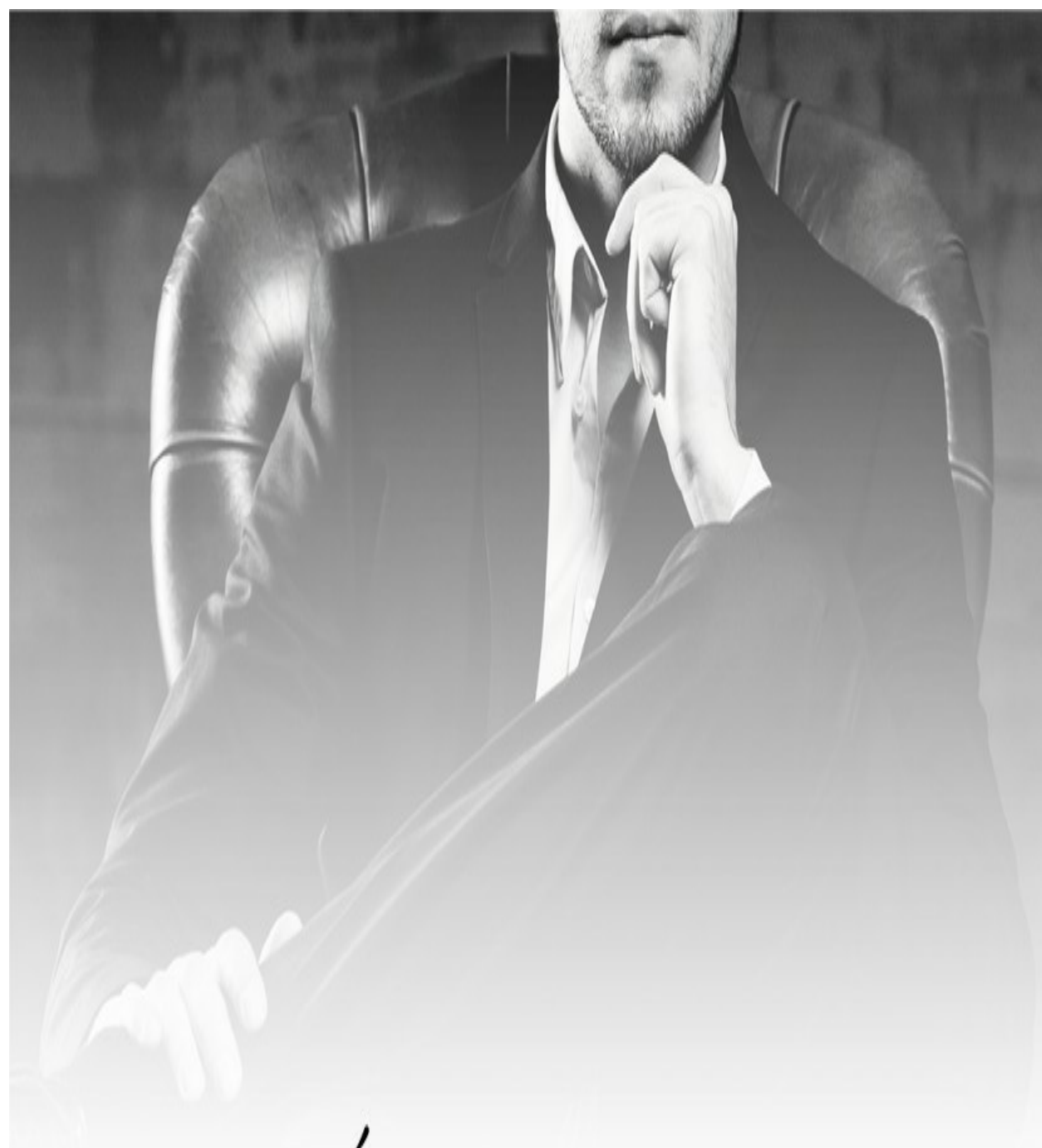
Pelo menos, para mim.

Foi uma sensação boa, um êxtase gostoso, e eu não queria interrompê-lo pensando em como foi para ele até fazê-lo.

Fechei os olhos para recuperar o fôlego.

Pareceu ser um minuto depois, mas deve ter sido mais porque eu estava meio adormecida quando Donovan me colocou debaixo das cobertas e me puxou para seus braços, fazendo conchinha. Ele foi o único com quem sonhei naquela noite, e minha cabeça não se encheu de imagens de estupro, sexo, abuso ou violência.

Em vez disso, em meus sonhos, Donovan me segurava firme e sussurrava palavras que me faziam sentir coisas. Coisas lindas. Coisas que ele nunca poderia sentir em troca. Palavras que ele nunca falaria se estivesse acordado.



CAPÍTULO 24

O cheiro de café moído na hora me acordou na manhã seguinte.

Fiquei ali deitada por muitos minutos, deixando a consciência espantar o sono. Totalmente acordada, me lembrei — eu estava diferente do que quando acordei no dia anterior. Inspirei; me deixava ajustar conforme minhas emoções abriam suas asas dentro de mim como uma borboleta emergindo de seu casulo.

Eu estava diferente.

Mas quem era Donovan?

Havia apenas uma forma de saber. Com um bocejo, alonguei meus músculos bem usados e saí da cama para encontrá-lo.

Primeiro, eu tinha que encontrar umas roupas.

A camisa que eu tinha usado na noite anterior havia desaparecido, então não tive escolha a não ser invadir seu closet em busca de meu vestido. Como ele dissera que estaria, encontrei-o pendurado no cabide diante de uma fila de ternos perfeitamente costurados. Estava obviamente fora de lugar, ainda assim, eu gostava do jeito que minha roupa ficava ao lado das dele. Passei a mão pelas mangas do terno conforme fui mais para dentro do cômodo e inspirei. Tinha o cheiro dele ali. Do pós-barba e da marca do polimento de sapatos que ele usava. Nunca me cansava desse cheiro.

No fundo do closet, ao lado das filas de gravatas perfeitamente dobradas, descobri uma prateleira com camisas brancas. Resolvi que ele não se importaria se eu pegasse uma emprestada. Ou, melhor, resolvi que não ligava se ele se importasse.

Depois de parar no banheiro para me lavar o máximo que conseguia e fazer um bochecho com o que encontrei em seu gabinete, desci a escada em direção ao cheiro do café.

Meu nariz me levou à cozinha, onde também encontrei Donovan. Ele estava de costas para mim na ilha, lendo em um tablet. Estava com uma camiseta cinza-claro e uma calça diferente do que usara na noite anterior e,

apesar de eu gostar dessa roupa nele quanto qualquer outra, fiquei levemente decepcionada por ver seu tronco lindo coberto de novo.

Ele não se virou quando entrei, apesar de eu saber que me ouviu descendo as escadas. Sabia que ele sentia minha presença igual eu sentia o calor irradiando dele em minha direção.

Ele faria com que fosse eu a quebrar o gelo da Manhã Seguinte.

Ok. Não era problema.

— Oi — eu disse, sentindo minhas bochechas corarem por nenhum motivo além de estar no mesmo cômodo que Donovan Kincaid.

Devagar, em seu próprio tempo, ele se virou. Estreitou os olhos ao olhar para mim. Com o cenho franzido, foi até um armário e pegou uma caneca de café.

— Não me lembrou de separar uma camisa para você. — Ele me entregou a caneca.

Sorri, com certeza de que ele estava brincando, mas rapidamente fiquei séria quando ele não sorriu.

— Eu estava com frio — disse em minha defesa. Agora que era dia, ele podia querer que eu fosse embora o mais rápido possível. — Vou colocar meu vestido depois do banho, se não se importar.

Ou ele me queria nua?

Prendi a respiração esperando um sinal.

— Acho que não me importo. — Mas seu tom foi neutro, e não me deu nada para continuar.

Fui até o recipiente de café e me servi, tentando ignorar o nó em meu estômago e a pressão no peito. O ar entre nós estava carregado, mas pareciam lâminas quando eu inspirava, não sabia o que eram realmente. O que aconteceria em seguida.

Geralmente, bebia meu café com creme e adoçante, mas não queria abusar de sua hospitalidade, então coloquei uma colher de açúcar e me afastei do balcão.

Donovan estava me esperando com creme da geladeira.

— Está puro. É tudo que tenho.

Minha pele se arrepiou.

— Obrigada. Puro está ótimo. — Ergui minha caneca e deixei que ele servisse, pensando se já tinha lhe contado que normalmente bebia meu café com avelã ou se ele tinha simplesmente adivinhado.

— Comi uma barrinha de proteína de café da manhã. Mas pode comer o que quiser. Tem torrada. Fruta. Ovos. — Ele abriu a geladeira e olhou dentro.

— Normalmente, só tomo... — Parei de repente quando ele me entregou um copinho de iogurte grego.

— Iogurte — ele disse.

— Iogurte — eu disse ao mesmo tempo. — Obrigada.

— Tem colher na gaveta atrás de você.

Não me movi. Adivinhar que eu tomava café com creme de avelã era uma coisa. Minha escolha de comida era outra.

— Como você...?

— Você toma seu café da manhã no escritório na maioria das vezes. — Esticando o braço, ele retirou a tampa do iogurte. — Mesma coisa todo dia. — Ele abriu um armário mais embaixo e uma lata de recicláveis apareceu. Jogou a tampa dentro e fechou.

— Você é observador. — Não tinha percebido que ele já tinha me visto comer o café da manhã. Obviamente, eu que não era observadora.

— Eu disse que sou. — Já que eu não me movi para pegar uma colher, ele esticou o braço em volta de mim para pegar uma e a enfiou em meu iogurte.

— Você *também* é presunçoso. — Dessa vez, quando sorri para ele, seus olhos brilharam como se sorrissem de volta, embora seus lábios permanecessem retos e sérios.

Encarei aqueles lábios, desejando-os. Ele já estava muito perto, a mão descansando no balcão atrás de mim, e quem se importava que eu estivesse com um iogurte em uma mão e café na outra? Só precisava da boca para dar um beijo.

Dei um passo na direção dele, mas ele piscou e recuou abruptamente.

— Olha. — Ele coçou a nuca, evitando meus olhos. — Tenho que trabalhar um pouco.

... E lá estava. A expulsão.

A decepção me percorreu como um elevador com cabos cortados.

— Vou tomar um banho rápido e sair do seu pé. — Pelo menos, daquela vez, ele foi mais educado ao pedir espaço. Tinha progredido. Só doía por ele ainda *precisar* de espaço.

Coloquei minha caneca e o iogurte intocado no balcão e, de costas para ele, balbuciei de maneira esquisita.

— Tenho umas coisas para fazer hoje, de qualquer forma. Preciso revisar o retorno dos investimentos das campanhas de mídia social do último mês, e estou atrasada em meus relatórios de análise de oportunidade. Deveria começar assim que possível, realmente, se quero finalizar.

— Não precisa ter pressa. Pelo menos termine seu café primeiro. — Sua entonação foi equilibrada.

Assenti e dei um gole da caneca. Ele tinha voltado ao seu tablet, então podia observá-lo bebendo seu café e virando as páginas do *Wall Street Journal* on-line. Como se hoje fosse um dia normal em sua vida. Como se tudo estivesse normal. Isso ainda não era grande coisa para ele? Estávamos realmente apenas em um relacionamento físico? A noite anterior não significou nada mais do que as outras vezes em que estivemos juntos?

Após minutos pesados de silêncio, ele virou a cabeça de leve em minha direção.

— Weston ainda faz você preencher os formulários dos contratos?

Ele queria falar sobre trabalho então. Certo.

— Sim. Consomem meu tempo e são o fim da minha existência. — Odiava as análises de várias páginas que Weston exigia mensalmente para toda conta em que eu trabalhava, mas faria um milhão delas se significasse que a agitação entre Donovan e eu desapareceria. — Se fossem úteis, seria uma coisa, mas a maioria apenas repete informação de mês a mês.

Ele assentiu uma vez.

— Concordo. Quando responder a mim, vou reduzir a exigência a duas vezes por ano. — Ele virou outra página em seu tablet.

Minha testa se franziu e os alarmes tocaram em meus ouvidos.

— Vou responder a você?

Ainda de costas para mim, ele explicou.

— Temos umas regras de confraternização flexíveis, mas, mesmo assim, não pode responder a Weston, já que está saindo com ele.

Quase deixei cair a caneca de café.

— Está brincando, certo?

Ele se virou para me encarar.

— Não estou, não — ele disse, áspero.

Claro que não estava brincando. Donovan não era do tipo de brincar e tudo em seu tom e linguagem corporal indicava que ele estava falando sério.

— Weston e eu conversamos disso antes de você começar a trabalhar na Reach. Decidimos esperar até estarem oficialmente namorando para fazer a transferência, mas será necessário.

Coloquei minha caneca no balcão e passei a mão na testa.

— Espere... o quê?

— Quando começar a sair com Weston — ele disse lentamente, paternalista —, você vai responder a *mim* em vez de a *ele*.

Havia algo familiar nisso. Quando eu chegara, Donovan tinha brincado comigo sobre responder a outra pessoa, mas a conversa tinha sido esquecida. Era disso que ele estava falando. Eles fizeram acordos no caso de Weston e eu decidirmos ficar seriamente.

Deus, fazia muito tempo isso.

E Donovan pensava que essa ainda era uma situação possível?

— Não — eu disse, balançando enfaticamente a cabeça, que, de repente, estava mexendo tão forte quanto meu coração batia. — Não.

— Não? — Ele cruzou os braços à frente do peito e se apoiou na ilha atrás dele.

— Não! — Fui veemente dessa vez. — Tirando que teríamos sérios conflitos com você sendo meu supervisor. — Ok, às vezes eu achava esses jogos excitantes, mas não era essa a questão. — *Não vou namorar Weston.*

— Agora não. Estamos falando de depois de ele ter anulado o casamento.

Joguei as mãos no ar.

— Não vou namorar Weston! Nem agora. Nem nunca. Como pode pensar que eu iria...? — Parei de falar, percebendo que posso nunca ter sido totalmente clara sobre isso.

Merda. Donovan estava pensando que eu ainda queria ficar com Weston esse tempo todo?

— Ok. — Expirei, tentando permanecer calma. — Eu *disse* que iria atrás dele, mas não vou. Não estou interessada nele. Ele não é o cara em que estou interessada. — Não dava para ser mais clara sem dizer de uma vez.

Donovan pensou, depois deu de ombros.

— É uma pena. — Ele pegou sua caneca de café e a levou até a pia, onde jogou o resto. — Vocês dois pareciam perfeitos um para o outro.

— Não somos nem um pouco perfeitos um para o outro! — falei alto. *Além do mais, estou saindo com você!*

Calmamente, ele encheu a caneca com água quente da torneira.

— Eu não sabia que seus sentimentos tinham mudado.

Ele estava sendo um cretino tão incrivelmente babaca. Queria muito pegar a caneca e jogar a água quente na cara dele.

— Meus sentimentos *não* mudaram, e você sabe muito bem disso. Nunca tive esses sentimentos, em primeiro lugar. Foi você que me empurrou para ele, e isso foi só porque estava se esforçando para me afastar de você.

Ele fechou a torneira e se virou para mim, me confrontando.

— Como é?

Seu tom gelado e a maneira fria com que me olhou provocou um calafrio em minha espinha.

Cruzei os braços à frente do peito, disposta a encará-lo mas sem saber se era corajosa o suficiente para falar de novo.

— Você sabe o que falei.

Ele deu um passo na minha direção, estreitando os olhos.

— Está com a impressão de que está rolando algo mais entre nós do que realmente é?

Minhas mãos ficaram suadas de repente, e minha garganta tinha um nó do tamanho de uma bola de tênis. Era minha chance. Minha oportunidade de falar para ele que as coisas tinham mudado. Aquilo *era* um relacionamento. Era mais do que *Apenas Sexo*. Não apenas para mim — para ele também, eu tinha quase certeza disso. Ele não tinha dormido com mais ninguém desde que estivera comigo. Não é isso que um relacionamento é?

Mas eu sabia aonde isso daria. Podia sentir a energia vibrando de seu corpo. Assim que admitisse isso a ele, ele teria que me abraçar ou terminar as coisas, e não tinha como ele me abraçar. Humilhação era a única coisa a ganhar com essa admissão.

Então, empinando o queixo, dei a ele a resposta mais fácil para nós dois.

— Não. Não existe “nós”. Essa é a impressão certa, não é?

Ele manteve sua postura de ataque por mais um instante.

— É.

— Então estamos bem. — Minhas mãos estavam trêmulas quando voltei ao meu café e meu iogurte, mas meu apetite sumira. — Na verdade, não estou com fome. E vou tomar banho só em casa. Pode voltar para o que quer que seja sua vida.

Cinco minutos depois, eu tinha me trocado. Ainda bem que meu casaco cobria o rasgo do vestido. Mas mesmo com o cabelo para cima em um coque e meu casaco apertado em volta de mim, eu faria uma caminhada da vergonha bem óbvia por seu lobby.

Apesar de não estarmos realmente conversando, ele me levou até a

porta.

— Meu motorista está te esperando lá embaixo — ele disse.

— Obrigada — murmurei.

Ele ficou na porta e me observou atravessar o corredor, então entrei no elevador e me virei, meus olhos fixos nos dele. A última coisa que vi antes de as portas do elevador se fecharem entre nós foi sua expressão se enrugar com arrependimento.

Só não sabia se ele se arrependia em me deixar ir ou se foi de me deixar entrar.



CAPÍTULO 25

Mergulhei no trabalho o resto do dia. Atualizar os relatórios longos e redundantes de Weston era uma desculpa para ignorar os pensamentos sobre Donovan.

Mesmo com a mente ocupada, eu não conseguia parar de *sentir*. E meus sentimentos eram como um enxame de abelhas dentro de mim. Sentia tanta coisa por ele. Tanta coisa *sobre* ele. E tudo isso pinicava quando eu analisava bem de perto.

Talvez eu não estivesse preparada para isso.

Quando tinha permitido Donovan em minha cama pela primeira vez, não pensei que seria mais de uma noite. Não percebi que iria me apaixonar tão forte e tão rápido. Não imaginei que ele pudesse mostrar sentimentos por mim e que toda vez que ele ficasse frio depois, eu ficaria arrasada.

Era melhor não analisar nada disso. Se o fizesse, teria que tomar uma decisão sobre o que fazer. Então, em vez de analisar, mantive a cabeça no laptop e focada nos relatórios de receita e custos de investimento.

No domingo à tarde, tinha terminado uma quantidade significativa de trabalho e conseguido me distrair de choros aleatórios com uma maratona de *Community* passando na TV no fundo. Meu delivery de comida chinesa tinha acabado de chegar, e eu estava prestes a me sentar e curtir um frango Kung Pao quando meu celular tocou indicando uma nova mensagem.

**Donovan: Quero sobremesa.
Quando posso passar para te pegar?**

As abelhas alçaram voo em minha barriga, voando daquele jeito que me fazia querer responder com ***Agora*** o mais rápido que conseguisse digitar. Mas seus ferrões estavam para fora, picando minhas costelas e coração e todo lugar, todo lugar, me ferindo só de pensar em estar na presença de Donovan enquanto fingia que ele não significava tanto para mim. Como poderia mentir debaixo dele, como poderia ficar nua diante dele, como poderia deixá-lo se

movimentar dentro de mim e não me apaixonar ainda mais do que já estava?

Mas qual era minha outra opção? Eu não estava pronta para terminar tudo com ele também. Provavelmente isso fazia de mim uma masoquista, algo que Donovan provavelmente já sabia sobre mim, mas não era um rótulo que eu conseguia suportar por muito tempo. Eu era forte demais. Ambiciosa demais. Disposta em depois ir buscar o que queria.

O que significava que, em certo momento, teria que confrontar isso.

Mas...

Ainda não estava pronta.

Sem responder, coloquei o celular no silencioso e o joguei na mesa de centro. Ele tinha me ignorado por uma semana inteira. Eu podia ignorá-lo pelo menos por uma noite.



Quatro horas depois, saí do banho ouvindo a batida na minha porta.

Já sabia quem era. Uma onda de calor me percorreu enquanto arrepios tomavam minha pele.

Ele tinha ido ao meu apartamento!

Caralho. Ele estava no meu apartamento.

Com um suspiro, vesti meu roupão felpudo e branco e fui atender.

— O que está fazendo aqui? — perguntei quando, como desconfiei, vi Donovan do outro lado da porta.

Ele estava usando calça cáqui, uma blusa cinza escura e uma careta que fez meu coração acelerar e meus dedos do pé se curvarem de medo.

— Não respondeu minhas mensagens.

“Mensagens” no plural. Ele deve ter enviado mais.

Essa era a parte do meu plano que ainda não tinha pensado. Ele já tinha

provado que minha secretária não era uma barreira. Deveria ter esperado isso.

Apoiei o rosto no batente da porta.

— Não é justo eu não conseguir te ignorar de forma tão eficiente como você consegue me ignorar. Tenho praticamente certeza de que seu porteiro nunca me deixaria subir sem sua permissão.

Sua mandíbula ficou tensa.

— Está me ignorando?

Obviamente não mais.

Resignada, abri a porta o suficiente para ele entrar.

— Entre.

Como fez da última vez em que apareceu em meu apartamento, entrou como se fosse dono do lugar, o que é claro que era. Abertamente, analisou o espaço de trabalho que fiz para mim mesma no sofá, minha sobra de comida chinesa ainda ao lado de meu laptop aberto.

Fechei a porta e fui até a mesa de centro para pegar meu celular, que não tinha olhado desde que o silenciara mais cedo. Havia um total de sete mensagens de texto dele.

Detestava como isso me fazia sentir especial de alguma forma.

— Por que está me ignorando? — ele perguntou, me lembrando de que estava ali em carne e osso.

— Se eu quisesse falar disso, não estaria te ignorando. — Joguei o telefone na mesa e fui para a cozinha pegar uma taça de Merlot. Tinha bebido uma mais cedo, mas o barato tinha acabado, e eu definitivamente precisava de alguma coisa agora.

Donovan se apoiou no encosto do sofá e me observou, balançando a cabeça quando lhe ofereci uma taça.

— Bom, estou aqui — ele disse com as mãos segurando o sofá — e não vou embora até você explicar. Ou até ter esvaziado meu pau na sua garganta. Você que escolhe.

Meus joelhos bambearam ao ver o sorriso malicioso. Rapidamente bebi

metade da taça para ajudar a me equilibrar.

— Não posso transar com você, Donovan.

Pareceu que ele ia discutir até eu lhe lançar um olhar fatal.

— Certo. Sexo está fora de questão — ele cedeu. — Por enquanto.

Ainda bem que ele concordou com isso. Porque eu já estava hesitando. Me sentia quente em todo lugar, por causa do meu banho, do vinho, da forma como ele me olhava — como se quisesse morder cada centímetro de minha pele.

Deus, como eu queria que essas mordiscadas se transformassem em mordidas...

Não, não podia pensar assim. Não conseguia pensar com ele na minha casa. Precisava que ele fosse embora.

— Não vou falar disso com você, Donovan. Você também não quer conversar disso comigo. Juro que não quer. — Com minha taça na mão, passei rápido por ele e gesticulei para a porta. — Então pode ir embora.

Ele não se moveu exceto para inclinar a cabeça para o lado em minha direção.

— Não pode saber disso.

Só que eu podia. Tinha certeza.

— Donovan... — implorei.

— Fale, Sabrina. Fale ou vou encontrar um jeito de te fazer falar, juro por Deus. — Tanto sua expressão quanto seu tom eram sérios. Do tipo que me aterrorizava e fazia minha boceta se contrair e molhar.

Não queria fazer isso. Não queria falar disso.

Mas acabou saindo de mim igual comida ruim que ficava no estômago por tempo demais.

— Como pode estar dormindo apenas comigo e dizer que não estamos em um relacionamento?

— O quê?

Dei a volta no sofá e comecei a andar de um lado a outro.

— Você não está transando com mais ninguém. E eu não estou transando com mais ninguém.

Ele se virou para me encarar.

— Você *quer* que eu transe com outras mulheres?

— Não. — Parei no meio da passada, o pânico se formando em meu peito. — Você quer transar com outras mulheres?

Sua expressão não me dizia nada.

— No momento, não.

Pelo menos, isso era um alívio.

— Então como pode dizer que não estamos em um relacionamento? Paramos de usar camisinha.

Ele balançou a cabeça levemente como se achasse aquela conversa ridícula.

Então, encontrando meus olhos, ele deu a volta no sofá em minha direção.

— Estamos em um relacionamento *sexual* então. Fica mais feliz com essa definição? — Ele pegou a taça de minha mão e deu um gole. — É apenas semântica, Sabrina. — Ele estendeu o vinho para mim, mas o ignorei.

— E quanto ao resto? E as coisas que você fala? — Eu *ficava* mais feliz com a palavra *relacionamento*, mas isso era muito mais que apenas semântica.

— Tipo o quê?

Comecei a andar de um lado a outro de novo.

— Tipo quando me diz que não consegue trabalhar porque não consegue parar de pensar em mim. Ou quando age às minhas costas e fala para Rom Burns me apoiar no trabalho.

— Isso foi para manter as coisas tranquilas no escritório. Ele poderia ter causado um problema infernal que não precisávamos.

Parei de andar e o analisei.

— Não sei se você só está mentindo para mim ou se também está mentindo para si mesmo.

— Oh, por favor. Não estou mentindo para ninguém. Sou muito verdadeiro e direto quanto ao que tenho com você. — Ele deu outro gole do vinho e o colocou na mesa de centro. Depois apoiou as mãos na cintura e me encarou como se me desafiasse a negar o que ele tinha dito.

Colocando meu cabelo úmido para cima de um ombro, puxei-o nervosa.

— É mesmo. Não discordo. — Ele tinha sido direto, mas não sempre educado.

Simplesmente não estava convencida de que ele estivesse enfrentando a verdade, que era a maior parte do problema.

Abaixei as mãos para as laterais do corpo.

— Mas, sabe, depois de falar que não há nada entre nós, você se contradiz com ações que sugerem exatamente o contrário. Apareceu sem ser convidado em meu apartamento esta noite quando não respondi algumas mensagens! Esse não é o comportamento de alguém que pensa que isso é apenas sexo. É confuso e não é justo, e não sei o que devo fazer ou no que acreditar.

Estávamos cara a cara, ambos frustrados, e até agora a conversa não tinha nos levado a lugar nenhum.

Sem me deixar com seus olhos, Donovan se sentou no braço de meu sofá e pareceu deixar tudo que eu dissera até então absorver, se acomodar ou se agitar. A carga entre nós era uma parede grossa, e havia espaço para ficar entre as pernas dele. Eu queria ir lá e encostar nele. Queria cheirá-lo, tocá-lo e me doar a ele como eu já tinha feito tantas vezes.

Mas fiquei onde estava, os pés plantados na percepção firme de que não seria mais suficiente.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele fez a pergunta mais importante da noite.

— Sabrina, o que você quer?

Fechei os olhos brevemente. Pareceu um *déjà vu*, mas claro que não era. Ele realmente tinha me perguntado isso antes e, na época, a resposta fora muito fácil, eu não sabia que a necessidade e o desejo que sentia por ele pudessem criar raízes dentro de mim, pudessem se transformar em algo maior.

Então tinha sido honesta quando lhe dissera que queria que ele me tocasse. E fui honesta agora.

— Quero o que já temos.

Seus ombros relaxaram um pouco, e ele estendeu o braço, segurou minha mão e me puxou inesperadamente para entre suas pernas.

— Então não entendo por que estamos discutindo. — Ele deslizou uma mão para dentro de meu roupão e encontrou meu seio nu. Esfregando meu mamilo entre o polegar e o dedo indicador, ele disse: — Agora tem mais alguma coisa que precisa dizer?

Arfei, arqueando de prazer. Mais alguns segundos disso e já era para mim. Tive que lutar para me manter focada.

— Sim. Desejo que admita que isso é mais do que aquilo que diz ser.

Sua mão caiu imediatamente, e ele murmurou algo incompreensível baixinho.

Me encarou por muitos longos segundos.

— Admita ser *o que* exatamente? Temos um relacionamento sexual *comprometido*. É isso que quer ouvir?

— É um começo. — A esperança começou a se formar em meu peito. Pelo menos, ele estava ouvindo. Estava conversando. Estava tentando.

— E o que mais?

Engoli.

— A capacidade de deixar crescer mais.

— Não — ele disse, enfático. Me afastou para poder se levantar e andou até a lareira e voltou. — Absolutamente não. Não pode crescer mais.

Eu conseguia sentir a dor de suas palavras entre cada uma de minhas

costelas. Como ele podia falar isso? Já tinha crescido tanto.

Apertei o cinto de meu roupão na cintura e fingi que meus olhos não estavam lacrimejando.

— Não acredito nisso.

Ele colocou uma mão na cintura e andou até mim.

— Está falando de *amor*? É isso que está pedindo? — Ele disse a palavra *amor* como se fosse uma doença ou um lixo para ser jogado o mais longe possível.

— Se é para chegar nesse ponto — eu disse baixinho.

Ele bufou.

— Isto não vai chegar a nenhum lugar.

Respirei lentamente, tremendo, torcendo para ele não ver o quanto suas palavras machucavam. Anos de medos e inseguranças enterrados vieram facilmente à tona. Uma vida inteira de não ser suficiente.

Se é isso que era, ele iria ter que me dizer na minha cara.

— Por quê? — Minha garganta estava apertada. — Só diga. é porque não sou boa o suficiente? é porque não sou a garota certa? É porque você nunca poderia amar alguém como eu? É só dizer. Preciso ouvir.

Sua mão caiu na lateral do corpo, sua postura se suavizando.

— Porque não posso amar ninguém, Sabrina. — Sua voz também foi mais suave. — Não posso me apaixonar.

— Não pode? — desafiei com um lábio trêmulo. — Ou não quer?

— Ambos. — Sua intensidade começou a aumentar de novo. — Não posso. Não quero. Não vou. Vivo minha vida para isso ser uma impossibilidade. Para não haver chance de alguém chegar tão perto, e não vou mudar por ninguém. Nem por você. — Ele apontou um dedo agressivo na minha direção. — *Principalmente* não por você.

Foi outra série de ferroadas. Dessa vez, em vez de só me fazer querer chorar, me fez querer ferroar de volta. Se ele não iria *me* culpar, eu iria *culpá-la*.

— Por causa de Amanda?

Ele balançou a cabeça, veemente.

— Não vamos falar de Amanda.

Eu tinha honrado seus desejos em relação à sua falecida noiva na maior parte do tempo e perguntado bem pouco sobre ela.

Mas aquelas eram as regras dele. Sob suas regras, eu iria perder automaticamente. Se queria uma chance de vencer, precisaria desafiá-las.

Me recusando a recuar, dei um passo em sua direção.

— Você a amou e a perdeu, então não vai amar mais ninguém agora. É isso?

— Eu disse que não vamos falar de Amanda. — Ele se afastou, circulando meu sofá, parecendo ir a lugar nenhum, apenas escapar.

Eu o segui.

— Tem tanto medo de amar de novo e se machucar de novo? É isso? É, não é?

— Pare, Sabrina — ele alertou. Ele não se virou. Não iria me olhar.

Pressionei.

— Às vezes, nós perdemos pessoas, Donovan. Não podemos parar de viver quando isso acontece. Só porque ela morreu...

Ele girou de repente para me encarar.

— Só porque ela morreu por *minha* causa!

Suas palavras ecoaram por meu apartamento, soando sinistras, mas, de alguma forma, vazias sem contexto. Como ele poderia dizer que Amanda morreu por causa dele?

Rapidamente, pensei no que sabia sobre sua morte. Ela tinha morrido em um acidente um ano antes de eu conhecê-lo. Outro motorista não tinha verificado seu ponto cego quando passou para a pista dela, forçando-a a ir para a faixa de carros que vinham.

Foi o que Weston me contara. Ele não tinha falado que Donovan estava

envolvido. O que significava que Donovan só estava tentando me assustar. E conseguindo. Mas não tinha falado nada em que pudesse me apoiar.

— Não sei o que está tentando me dizer.

— O acidente de carro de Amanda aconteceu por minha causa, Sabrina — ele disse, se esforçando para se controlar e falhando. — É isso que estou tentando te dizer.

— Não faz sentido. Estava no carro com ela? Também estava na estrada?

— Não. Não desse jeito. — Ele passou a mão na nuca. — Quando me apaixono, fico consumido, tão preocupado com a pessoa por quem estou apaixonado, que faço coisas que não deveria. Me envolvo. Intervenho.

— Não entendi. — Mas queria. A forma como ele falava sobre ser consumido... Queria ser a pessoa da qual ele falava assim.

— Estava tão obcecado por ela, que contratei um detetive particular para segui-la. Precisava saber onde ela estava... sempre. Ela descobriu, e nós brigamos. Ela me disse que cancelaria o casamento se eu não parasse. Mas não consegui parar. Por nenhuma outra razão, exceto que eu era viciado nela. Era viciado em saber tudo sobre ela.

Seus olhos se arregalaram e ficaram claros, como se ele fosse louco. Como se estivesse vivo.

Mas não era isso que era o amor da juventude? Sentir essa paixão? Essa preocupação por outro humano?

— Falei para ele para continuar. A morte dela não foi um acidente. Ela mudou para a faixa oposta porque estava tentando despistá-lo.

Minha mão voou para minha boca.

— Ah, meu Deus.

— Exatamente.

— Mais alguém sabe disso? — perguntei, arriscando.

— O detetive particular.

Assenti, absorvendo tudo. Puxando meu cabelo, fui até o sofá e me

sentei, tentando processar. Então os policiais tinham chamado o incidente de acidente. A forma como Donovan falou, parecia que ele acreditava ser culpado de assassinato.

E era? O que ele descreveu era... bem, não era normal. Certamente não era saudável. Mas quem era eu para bancar a terapeuta? Eu gostava de brincar de estupro com o cara que tinha me salvado de um.

Mas contratar um detetive particular não era crime. Por seja lá o que eles tivessem brigado, pelo que fosse que ele tinha ciúme ou inseguranças, ele foi levado a sentir que precisava de um — essas coisas pertenciam a um Donovan diferente. Ele era muito jovem.

E, mesmo que houvesse um detetive na estrada a seguindo naquela noite, alguém de quem Amanda estava tentando escapar, não seria ainda um acidente? Não era como se o detetive tivesse *tentado* jogá-la para fora da pista. Não era como se ele quisesse que isso tivesse acontecido.

Donovan estava se sobrecarregando.

E quanto mais eu pensava nisso, mais entendia como ele se sentia — de verdade. A morte fazia isso, desviava as coisas, construía ninhos de culpa de galhos de más intenções e negligência. Quando meu pai morreu, e eu estava do outro lado do país em Harvard, tinha me culpado por não estar por perto. Se estivesse lá para carregar o fardo de criar Audrey mais cedo, talvez ele não tivesse sentido tanta pressão. Talvez nem tivesse sofrido o ataque cardíaco que o matou.

Eu me culpava. Primeiro, o tempo todo. Não significava que o tivesse realmente matado. E, apesar de Donovan ser muito zeloso em sua paixão, ele não havia realmente matado Amanda.

Talvez ninguém nunca tivesse lhe dito isso.

Olhei para cima e vi Donovan me observando com olhos de águia, provavelmente tentando ler minha mente.

— Sei que se sente responsável, mas não foi...

Ele me cortou.

— Não foi minha *culpa*? Paguei o motorista para estar ali. Disse a ele para não perdê-la. Disse para ele ser agressivo.

Meu coração se contraiu. Ele guardara isso por todos aqueles anos. Estivera carregando esse peso sozinho.

Eu me mexi para encará-lo com todo meu corpo.

— Donovan... — eu disse gentil, suavemente, desejando poder tirar sua dor.

— E não vai acontecer de novo — ele declarou, enfático. — Enxerga agora? Como não posso deixar isso acontecer? Como não serei essa pessoa de novo?

Não consegui mais aguentar. Pulei e corri para ele.

— Não pode fazer isso consigo mesmo. — Eu me joguei nele, passando a mão em seu peito. — Não pode continuar se fazendo de refém de algo que aconteceu há mais de dez anos. Foi um acidente.

Ele se recusou a me abraçar também. Se recusou até a encostar em mim.

— Não foi um acidente. Foi minha culpa. Ela está morta porque a amei.

Ergui a mão a fim de segurar sua face.

— Não pode passar o resto da vida se punindo por algo que não tinha intenção de que acontecesse. Não pode passar o resto da vida sozinho.

Ele recuou, me tirando dele.

— Não estou me punindo por nada. — Sua expressão era firme, seu tom, mais firme ainda. — Estou me certificando de que ninguém mais se machuque. Estou mantendo voc... — Ele se interrompeu. — Estou mantendo os *outros* seguros. Como deveria tê-la mantido em segurança.

Nós nos encaramos, sem nos mexer. Estávamos em um impasse estranho. Em termos simples, eu queria algo que ele se recusava a dar. Se fosse assim tão simples, eu podia ir embora. Poderia reconhecer a futilidade de brigar por ele e daria o fora.

Mas não era tão fácil. Era um emaranhado de complicações, tantos fios entre nós, que nos teciam juntos. Mesmo quando ele tirou minha virgindade, na época em que eu era ingênua e inocente, eu sabia que sua parte quebrada se encaixava na minha.

Sofria por ele agora. Agonizava por cada dia que ele se deixara acreditar

que merecia ficar sozinho. Ficava angustiada ao pensar que ele poderia sair de meu apartamento sem que o fizesse mudar de ideia.

Não poderia deixar isso acontecer. Eu me recusava a deixá-lo ir embora sem lutar.

Mas ele já tinha me afastado, já tinha se fechado. Havia apenas um jeito que eu conhecia de alcançá-lo.

— Donovan — eu disse, desamarrando meu roupão e deixando-o cair no chão. — Toque em mim. — Eu me aproximei e envolvi uma mão em seu pescoço, massageando, com a outra, seu pau, que ganhou vida instantaneamente sob minha mão. — Toque em mim — sussurrei de novo, enquanto puxava sua boca para cobrir a minha.

Ele hesitou apenas alguns segundos, depois entrelaçou os dedos em meu cabelo e o puxou até eu gemer contra seus lábios. Então devorou meus choramingsos com a língua, lambendo-os, saboreando-os.

Logo, começou a morder meu maxilar e pescoço.

Pressionei minha boca em sua orelha e lhe disse o que ele precisava ouvir.

— Sei que estive carregando esse peso por muitos anos, e é difícil soltá-lo porque não sabe como não carregá-lo, mas tem que se livrar dele. Livre-se dele e me deixe melhorar. — *Me deixe te amar.*

Seus beijos ficaram mais lentos enquanto eu falava e, quando terminei, ele tinha paralisado completamente.

Então, de repente, colocou minha cabeça para trás de novo, forte. Mais forte do que nunca. Com a outra mão na minha garganta, seus olhos focaram em mim.

— Quem poderia perdoar um homem por uma coisa dessa? Quem iria querer um homem assim?

— Eu iria! — gritei, falando sério com tudo que tinha em mim. — Eu quero! Eu te perdoo!

Ele analisou meu rosto e, por meio segundo, pensei que o tivesse na mão. Pensei que ele tivesse entendido. Pensei que tivéssemos uma chance.

Porém, de repente, as manchas verdes desapareceram de seus olhos e eles ficaram escuros.

— Bom, eu não posso — ele disse bruscamente. — Não vou arriscar ninguém, Sabrina. Esta é a vida que escolhi, e não vou mudá-la por você.

Sem falar mais nada, ele me empurrou para longe e saiu pela porta, me deixando nua, quebrada e sozinha.



CAPÍTULO 26

Na segunda de manhã, acordei com olhos inchados e uma dor de cabeça intensa.

Café e um banho longo me ajudaram com ambos, mas embora eu soubesse que maquiagem consertaria o resto, liguei para o escritório e disse que chegaria algumas horas atrasada, então perderia a reunião de operações agendada para aquela manhã. Sabia que teria que ver Donovan em algum momento, mas não tinha que ser a primeira coisa em uma segunda-feira.

Apesar de não termos falado diretamente, eu tinha ido para a cama sabendo que, do jeito que nossa conversa terminara, provavelmente significava o fim de nosso relacionamento curto. Mesmo que Donovan pretendesse continuar nossa situação de apenas sexo, até parece que eu conseguiria. Tinha me apaixonado demais. Já doeu muito deixá-lo ir. Não podia arriscar me envolver ainda mais se ele não me daria nada em retorno.

Na luz da manhã, no entanto, encontrei clareza. Enquanto ele tinha sido resoluto na convicção de não deixar ninguém entrar, era possível que Donovan mudasse de ideia. Eu tinha quase certeza de que já tínhamos construído algo mais do que ele pretendia, e agora que ele tinha me escutado — agora que alguém havia finalmente falado para ele que não precisava continuar se punindo pela morte de Amanda —, talvez ele pudesse começar a superar. As coisas mudam. Pessoas mudam. Eu era madura o suficiente para saber disso. Afinal, tinha sido determinada em não o deixar entrar em minha calcinha quando começara na Reach, e olha o quanto tinha durado.

Mas...

Eu não podia esperar que ele voltasse atrás. Podia torcer, mas precisava estar pronta para seguir em frente.

Hoje não era o dia.

Quando finalmente cheguei ao trabalho, passei o dia trancada em minha sala organizando relatórios da SummiTech. Que melhor jeito de curar um coração partido do que mergulhar no trabalho? Além disso, era uma forma infalível de não trombar com Donovan no corredor.

Mas, no fim da tarde, tive que sair para pegar a aprovação de Weston para um projeto e precisava da assinatura física dele.

— É, é — ele disse, parecendo distraído ao folhear as páginas da proposta, e duas pessoas diferentes entraram em sua sala para deixar coisas na mesa dele antes de ele ter terminado de olhar. — Parece que está bom — afirmou, enfim, assinando seu nome nas páginas designadas. — Pode me mandar uma cópia do e-mail dos custos projetados para Audra?

— Já enviei para Barrett. — Barrett tinha um cargo similar ao meu, só que ele supervisionava Operações e Finanças. Respondia a Donovan. — É uma mudança processual?

— Só por enquanto. Ainda estamos tentando pensar em como remodelar as tarefas. Estou pegando a maior parte, como pode ver. — Outro funcionário entrou com uma pilha de correspondência e a deixou na mesa de Weston, depois saiu apressadamente. — Mas ficarei fora para o casamento e a lua de mel, então não posso assumir todas as tarefas de Donovan.

Eu estava prestes a zoar Weston pela milésima vez sobre ter uma lua de mel de verdade para um casamento de mentira, mas então registrei o resto que ele havia dito.

De repente, minha garganta se fechou.

— Como assim? Por que está assumindo as tarefas de Donovan?

Ele enrugou a testa.

— Oh, é verdade. Você perdeu a reunião desta manhã. Anunciei tudo lá. Donovan partiu para a França hoje.

Pude sentir a cor ser drenada de meu rosto embora meu coração estivesse trabalhando a mais de repente.

— O quê? Por quê?

— Para cuidar da fusão com Dyson Media. Com o casamento se aproximando, ele resolveu que deveria estar lá para garantir que tudo acontecesse tranquilamente. Digo, ele só decidiu ontem à noite que era ele quem tinha de ir, e que tem que ser agora. Deve ter sentido uma mudança nos ventos econômicos ou algo assim.

— Decidiu ontem à noite — repeti, meu estômago se contorcendo. Ele

tinha partido por minha causa. Não poderia ser coincidência.

Então ele não iria nos dar uma chance.

Engoli através do nó na garganta.

— Quanto tempo ele vai ficar fora?

Weston passou uma mão no cabelo.

— Depende. Ele pode ficar só para cuidar da fusão, o que pode ser um ou dois meses? Ou pode ficar mais se achar que é necessário. Tem que interpretar a situação quando chegar lá.

Ele colocou as mãos atrás da cabeça e se inclinou para trás, seus olhos de repente se estreitando.

— Estou surpreso por ele não ter te contado. Acho que isso significa que as coisas não estão indo bem entre vocês dois?

Virei a cabeça e encarei as paredes transparentes de sua sala para ele não ver meu lábio tremer.

— Não há nada entre nós dois.

— Vai, Bri. Não me venha com essa besteira. Isso é com Donovan, não com você.

Um dia antes, eu teria concordado. Mesmo naquela manhã, eu poderia ter confessado mais da situação para Weston. Mas era quando eu ainda tinha esperança de que algo pudesse mudar. Era antes de eu saber que Donovan não tinha nenhum interesse em se esforçar.

Encontrei os olhos de Weston e disse sinceramente:

— É a mesma resposta de nós dois.

Levantando-me, peguei os relatórios que tinha levado e segui para sair. Antes de desaparecer pela porta, minha curiosidade foi maior.

— Weston, quando Amanda morreu, Donovan disse algum dia que se culpava pelo acidente dela?

Ele inclinou a cabeça para o lado, pensando.

— Não. Não que me lembre. Ele falou isso para você?

Dei de ombros.

— Acho que foi apenas culpa de sobrevivente. — Era inútil pensar mais nisso. — Mas... — Por mais que fosse inútil, não consegui me impedir de perguntar. — Ele já mencionou ter trabalhado com um detetive particular na época?

— Ele contratou um detetive particular para investigar o acidente? — Weston perguntou, não me entendendo.

Não me incomodei em corrigi-lo. Já estava compartilhando muito dos segredos de Donovan.

— Algo assim.

— Nunca me contou nada disso.

Assenti. Era minha deixa para ir.

Só que não fui. Dei outro passo na direção de Weston.

— Se eu quisesse tentar falar com o detetive... — Talvez se eu mesma visse o laudo. Ou se conversasse com o cara que ele tinha contratado, poderia entender melhor por que Donovan se culpava.

Era burrice.

Porque, mesmo se conseguisse encontrar o detetive — era improvável, já que eu não tinha nome e fazia mais de onze anos que ele tinha sido contratado — e mesmo se ele esclarecesse o acidente, o que pensava fazer em seguida? Voar para a França e exigir que Donovan desse uma chance a um relacionamento de verdade?

Rindo silenciosamente, desisti da ideia.

— Esqueça. Essa é uma tarefa impossível. Não sei por que estou perguntando.

Comecei a ir de novo, mas Weston me fez parar.

— Sabe, se um dia Donovan contratou um detetive, ele deve ter guardado cópias dos registros. Ele é engraçado com a internet e esse tipo de coisa. Hackear, privacidade e tudo isso. E é por isso que ele usa mais armário do que qualquer um do prédio. É irritante pra caralho.

Ah, mais uma coisa que não sabia sobre Donovan. Havia muita coisa que eu não sabia. Porque eu sempre achava que seria um bom par estava além do que poderia ter.

Forcei um sorriso, de qualquer forma.

— A questão é que não sei se ele teria alguma coisa de tão longe, mas pode verificar os arquivos dele. *Deixa eu* te dar uma senha para a sala dele.

Era inútil — eu já tinha determinado isso.

Mas e se não fosse? E se *existisse* algo para encontrar?

Pensei por muitos segundos.

— Tem certeza? Não quero passar do limite.

Weston deu uma piscadinha.

— Se ele não quisesse que eu usasse, não deveria ter me dado a senha.



Weston tinha razão — Donovan tinha mais armários do que qualquer um no prédio. Mas não demorei muito para perceber que a maioria deles continha documentos padrões para o escritório, então não passei muito tempo pesquisando neles.

Era um armário de duas gavetas atrás de sua mesa que me interessava porque estava trancado.

— Acho que não tem uma chave para o armarinho? — perguntei a Weston quando ele atendeu o celular.

— Desculpe. Te dei tudo o que tenho.

— Valeu a pena tentar.

Desliguei e balancei para a frente e para trás na cadeira de Donovan. Meus olhos pairaram em uma foto de sua prateleira — a mesma que eu tinha visto da primeira vez em que conversei com ele em seu quarto na época de

Harvard. Era uma foto dele e de Amanda, uma foto do noivado, eu lembrava de pensar.

Essa era a mulher por quem ele era obcecado. A mulher por quem ele fora viciado. A mulher que ele amara.

Queria ver mais de perto. Queria *vê-la* mais de perto.

A foto estava em uma prateleira alta, então não conseguia analisar bem de onde estava. Quando a peguei, vi que a moldura estava solta, e algo caiu de trás.

Uma chave pequena, de gaveta.

Não. Era muita coincidência.

Eu já estava rindo de mim mesma, mas precisava tentar. Fui até o armário e enfiei a chave no buraco. Virei e tentei a gaveta de cima.

Abriu.

Era errado olhar em seus arquivos — eu sabia disso antes de colocar a chave na fechadura. Não era igual Weston fez, me dando a senha de Donovan. Isso era passar do limite. Era verificar as coisas pessoais dele, e eu tinha praticamente me convencido de que não iria realmente olhar seus arquivos. Só queria ver se a chave cabia e tal.

Mas, uma vez que a gaveta estava aberta, a etiqueta no primeiro arquivo chamou minha atenção. E agora não conseguia parar de olhar, porque estava escrito em letras maiúsculas em negrito: LIND, SABRINA.

A pasta era grossa, e definitivamente não era um arquivo de funcionário. Esses, na verdade, eram guardados no RH. Não havia motivo para Donovan ter um arquivo de mim. Então por que ele tinha?

Com o coração martelando, tirei-o da gaveta e o levei até a mesa. Me sentei e o abri.

Dentro, havia páginas e páginas com informações sobre mim. Todo tipo de informação. Meus trabalhos de faculdade estavam lá. Uma cópia do aluguel de meu primeiro apartamento na Califórnia. Outro documento que parecia ser um recibo da headhunter que tinha me encontrado na NOW em Los Angeles. Parecia que a conta tinha sido paga por Donovan Kincaid.

Havia mais. Muito mais. Fotos cândidas de mim ao longo dos anos. Cópias de artigos que eu tinha publicado em várias revistas de marketing. Recibos para instalações de sistema de segurança em lugares que eu morara. Uma lista detalhada de todas as coisas que os caras da mudança tinham empacotado da minha casa e levado para Nova Iorque com o dinheiro da Reach.

E, aí, havia papéis relacionados a Theodore Sheridan, uma pilha fina de documentos judiciais que mostravam que ele estava cumprindo pena por abuso sexual. A data mostrava que ele tinha sido processado há três anos. Havia recibos do advogado da vítima. Também tinham sido pagos por Donovan.

Demorei quase meia hora para ver tudo da pasta. Quando terminei, me recostei na cadeira, minha pele pinicava, meu peito apertava, minha mente estava ruidosa.

Era muita coisa para se pensar. Muitas emoções para identificar. Não sabia por onde começar e, mesmo que conseguisse entender, com certeza não sabia para onde iria dali.

Mas, por mais que fosse confuso e uma bagunça, havia duas coisas que agora eu entendia sem dúvida sobre Donovan Kincaid.

Número um — era isso que ele queria dizer quando falou que ficava obcecado pelas mulheres que amava.

Número dois — Donovan estava apaixonado por mim.



EPÍLOGO

— Quer alguma coisa, senhor?

A comissária era atraente. Seios grandes e cabelo loiro. Atraente ao estilo Barbie. Não linda como Sabrina. Nunca tinha usado serviço de bordo. Voando de última hora desse jeito, fiz o que pude.

— Vou querer um uísque, puro. Mais nada — adicionei a última parte, torcendo para ela entender a deixa de que eu não queria ser incomodado. Era um voo longo para Paris, e ela era o tipo de mulher que gostava de pensar que isso significava não haver problema em se sentir confortável com uma companhia.

— Sim, senhor. — Ela me olhou de um jeito inocente e recatado que só as mulheres mais indecentes sabiam como olhar. Essa seria encrenca. Eu já estava preparado.

Para ser sincero, houve um tempo em que teria aceitado seja lá o que ela oferecesse, apesar de eu preferir fazer a proposta. Porém, não tinha mais interesse nisso. Não quando ainda sentia o gosto de Sabrina em meus lábios. Não quando podia ainda sentir o peso de seus pedidos em meu peito.

A comissária me trouxe minha bebida, e agradei a ela com um rosnado baixo para fazê-la ir embora. Dei um gole grande, deixando o líquido queimar todos os sentimentos. Então peguei meu celular e abri a única foto que tinha de Sabrina no celular. Tinha centenas, claro, mas aquela eu mesmo havia tirado, enquanto ela dormia na minha cama. Era minha preferida. Ela estava nua, o lençol apenas até sua cintura, mas o que tornava especial era que ela estava aconchegada em meus braços.

Era a única foto que tinha sido tirada de nós dois juntos.

Se eu queria mantê-la segura, nunca mais haveria outra.

— Estamos prontos para a decolagem, sr. Kincaid, assim que o senhor estiver.

Olhei para o piloto parado diante de mim, aguardando meu comando.

Eu não estava pronto para deixá-la. Nunca estaria pronto.

Mas sabia o que tinha que fazer.

Depois de terminar meu uísque com um único gole, assenti para o piloto.

— Vamos.

AGRADECIMENTOS

Donovan Kincaid e Sabrina são personagens que me atormentaram e lutaram para contar a história deles de maneiras que nenhum outro personagem fez antes. Acho que teria enlouquecido com o incômodo deles se não tivesse tido a chance de sentar e escrever, e com certeza não teria conseguido trabalhar neste livro sem a ajuda, as ideias e o apoio de muitas pessoas. Vou tentar nomeá-las aqui o máximo que conseguir.

Primeiro e mais importante, tenho que agradecer a Billy Wilder e Samuel A. Taylor por escrever a peça *Sabrina Fair* e, então, a Audrey Hepburn e Humphrey Bogart por atuar em meu filme clássico romântico preferido, *Sabrina*. Essa história foi a inspiração para *Ricos Indecentes*. Espero não tê-lo desonrado com minha versão dos acontecimentos.

A Sierra Simone, por suportar, se exasperar e passar pelo processo de morte comigo diariamente. Provavelmente não melhora. Mas, ei! Provavelmente não piora! Pelo menos existe o Donovan. Obrigada por amá-lo o suficiente para me fazer querer continuar escrevendo-o.

A Roxie Madar, por ser uma absoluta vela em um período sombrio. E por amar D e me falar o que fiz de “errado” sem hesitar. Talvez devêssemos procurar na Nova Zelândia em vez de Austrália...

A Liz Berry, por sempre saber exatamente o que dizer e como dizer e por me falar para escrever aquele epílogo. Foi a escolha certa. Obrigada, minha amiga.

A Kayti McGee — Donovan entrou na frente de *Screwmates* e sempre vou me sentir culpada por isso. Mas te amo muito por entender e saber o que eu precisava fazer. Você carregou bem nosso bebê até o fim. Estou orgulhosa de você, Mamãe.

A Melanie Harlow, por ler antes e dizer todas aquelas coisas legais que me fizeram sentir tão especial e incrível. Atenção de uma garota bonita

sempre é bom, mas atenção de Melanie Harlow é indescritível. Você me deixa quente e pegajosa por dentro, sua vaca de coração frio.

A Ashley, por ser minha protetora, minha combatente e minha amiga. Provavelmente sempre vou falar que está errada. Ainda bem que percebeu que isso não é uma quebra de contrato e, além disso, está ficando muito boa em me convencer do contrário.

A Rebecca Friedman, por tudo que você é. É minha alma gêmea, e te amo demais. A Flavia Viotti e Meire Dias, por promoverem, alcovitarem, apoiarem e amarem meus livros. E por simplesmente serem as melhores pessoas na Terra.

A Jenn Watson, por ter uma bunda boa. Digo, por ter ideias boas. (E uma bunda boa.) Também a Social Butterfly PR. Que empresa maravilhosa. Sou muito feliz de fazer parte dela!

A Candi Kane e Melissa Gaston, por me impedir de desmoronar. Vocês são incríveis, talentosas, cheias de ideias, e tenho muita sorte de conhecer e trabalhar com vocês. Muito obrigada por fazerem parte de minha equipe.

A Lauren Blakely, Christine Reiss e Kristy Bromberg por me lapidarem e me ensinarem como fazer meu trabalho o tempo todo. Sou inútil sem vocês, meninas. E pela amizade. Significa muito neste mundo maluco em que nos encontramos.

A ShopTalkers, FYW, FUNK, WRAHM e Order e todas as mulheres e autoras que se engajam, compartilham e me ensinam diariamente. Sou grata a vocês mais do que sabem.

Aos membros de Sky Launch — amo demais vocês! Vocês me deixam animada e empolgada com seu entusiasmo. Por favor, continuem compartilhando seu amor por livros e romance. Gosto de vê-las — principalmente os homens que postam.

A todos os blogueiros e leitores que leem, compartilham, resenham e mandam mensagens — eu não teria emprego se não fossem vocês. Obrigada. Todo dia, todo dia, obrigada.

À minha pessoa preferida — meu marido, Tom, e meus três pequenos (que não são mais tão pequenos). Somos uma bagunça, mas combinamos, e sou feliz por ter vocês. Vamos superar. Eu juro.

Ao meu Deus, que vê o que não vejo e sabe o que não sei e me dá todo ar que respiro. Me ajude a lembrar que você está apenas sempre tão longe quanto o ar.

-

NOTA IMPORTANTE

O que exatamente caracteriza um crime de estupro?

De acordo com a Rede Feminista de Juristas (DeFEMde), "crime de estupro é qualquer conduta, com emprego de violência ou grave ameaça, que atente contra a dignidade e a liberdade sexual de alguém". O elemento mais importante para caracterizar esse crime é a ausência de consentimento da vítima.

Não é preciso haver penetração para que o crime se caracterize como estupro. Desde 2009 o Código Penal Brasileiro prevê, no artigo 213, que o estupro acontece quando há, com violência ou grave ameaça, "conjunção carnal ou prática de atos libidinosos", prevendo penas que variam de seis a dez anos de prisão, que podem ser agravadas caso o crime resulte em morte, lesões corporais graves ou seja praticado contra adolescentes de 14 a 18 anos incompletos.

As juristas lembram que não existe relação sexual com menores de 14 anos. "Nesses casos, o ato será sempre considerado estupro, pois crianças menores de 14 anos não possuem o discernimento necessário para consentir com a prática do ato". O mesmo acontece quando a vítima, mesmo maior de idade, não tiver condições de consentir ou resistir ao ato como, por exemplo, pessoas muito embriagadas ou desacordadas. "Praticar atos sexuais com essas pessoas é, igualmente, cometer crime de estupro, que tem pena de prisão prevista de 8 a 15 anos", explica a rede de juristas.

O que a vítima de estupro deve fazer imediatamente após o crime?

Chamar a polícia ou ir até uma delegacia. Lá, será registrado um Boletim de Ocorrência, e a vítima será encaminhada em seguida a um hospital para realizar exames e receber medicamentos antirretrovirais (para impedir a contaminação pelo vírus da AIDS, por exemplo) e a pílula do dia seguinte. O registro do BO é importante para que a vítima possa em seguida fazer o exame de corpo de delito, realizado no Instituto Médico Legal (IML).

Muitas vezes, a vítima é encaminhada para o hospital antes de ir a uma delegacia, principalmente quando está ferida. Mas é importante que o Boletim de Ocorrência seja registrado e o exame de corpo de delito feito para dar início às investigações.

"Entretanto, há uma grande crítica a esse procedimento, porque ele exige da vítima a consciência instantânea de que ela foi violentada, o que nem sempre ocorre", diz a DeFEMde. "Por isso é muito comum que vestígios materiais e lesões físicas desapareçam antes de a vítima se dar conta do que ocorreu ou, mais ainda comum, o tempo que a vítima precisa para ter coragem para denunciar - lembramos que a maior parte dos casos de violência sexual é cometida por conhecidos, e as vítimas têm medo de denunciá-los".

As juristas lembram que esse procedimento padrão não abarca a importância do acolhimento para a vítima, "que muitas vezes se encontra sozinha, culpada e com vergonha". Por isso, existem redes de acolhimento, e há centros municipais de acolhimento, como os centros de Referência da Mulher na cidade de São Paulo, por exemplo.

Para onde ela deve ir primeiro?

Recomenda-se que a vítima busque ajuda médica e realize o exame de corpo de delito no IML requisitado pela autoridade policial, a fim de colher possíveis provas do ato criminoso, para que o caso seja apurado. "Contudo, geralmente, a vítima precisa de suporte e não está preparada para tantos procedimentos burocráticos", afirmam as juristas. "Sendo assim, recomendamos amparo e acolhimento e ressaltamos que essa tendência de imputar deveres à vítima nunca pode ser compreendida como algo capaz de gerar qualquer obrigação a ela. A vítima não deve nem é obrigada a nada".

Pode tomar banho antes de procurar ajuda? Pode trocar de roupa?

Não é recomendado que a vítima tome banho antes de procurar ajuda. A rede de juristas orienta que não se lave dentro da vagina e que se preserve as roupas que a vítima estava usando no momento da agressão, "para que possa ser averiguada a presença de alguma secreção do crime". A vítima pode, porém, trocar de roupas.

Fonte: EL PAÍS_ <http://bit.ly/33CRmNi>

Caso você conheça alguém que passou por isso ou você mesma esteja passando por isso, denuncie. Busque ajuda e apoio para realizar os exames e fazer a denúncia.

Table of Contents

SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Epílogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Epílogo

[Agradecimentos](#)
[Nota Importante](#)